

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ERIK FERNANDO MILETTA MARTINS

**O percurso sócio-cognitivo das recategorizações
metafóricas:**

Construção de sentidos na retórica neopentecostal

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador(a): Prof. Dra. Edwiges Maria Morato.

**Campinas
2011**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

M366p

Martins, Erik Fernando Miletta.

O percurso sócio-cognitivo das recategorizações metafóricas: construção de sentidos na retórica neopentecostal / Erik Fernando Miletta Martins. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientadora : Edwiges Maria Morato.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Referenciação. 2. Categorização (Linguística). 3. Metáfora. 4. Sociocognitivism. 5. Igrejas pentecostais. I. Morato, Edwiges Maria, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

cqc/iel

Título em inglês: The sociocognitive path of metaphorical recategorizations: senses construction in neopentecostal rhetoric.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Referencing, Categorization (Linguistics), Metaphor, Sociocognitivism, Pentecostal churches.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato (orientadora), Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva e Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura.

Data da defesa: 28/04/2011.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

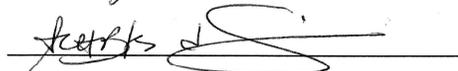
FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Edwiges Maria Morato



Anna Christina Bentes da Silva



Heronides Maurílio de Melo Moura



Solange Coelho Vereza

Mônica Magalhães Cavalcante

IEL/UNICAMP
2011

Trabalho dedicado à:
Maria Formenton
Ângela Malta Schoenmaker
Padre José Koopmans
(*In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Edwiges Maria Morato, pela contínua, produtiva e fraterna participação em minha formação acadêmica. A expressão de minha eterna gratidão será também contínua, produtiva e fraterna.

À Profa. Dra. Anna Christina Bentes (UNICAMP), por aceitar nosso convite para o exame de qualificação, para a defesa desta dissertação e pelas profícuas sugestões de melhoria em minha pesquisa. E, além disso, pelas oportunidades acadêmicas a mim oferecidas.

Ao Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura (UFSC), pelo aceite de nosso convite no exame de qualificação e na defesa desta dissertação. E, também, pelas diversas sugestões na elaboração deste trabalho.

Às Profas. Dras. Mônica Magalhães Cavalcante (UFC) e Solange Vereza (UFF), por aceitarem o convite à suplência da banca examinadora.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP): Miguel, Rose e Cláudio, pela agilidade, destreza e eficiência na condução dos trâmites burocráticos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio financeiro em minhas pesquisas de Iniciação Científica e Mestrado.

À minha mãe, Rosângela Miletta, e ao meu irmão, Paulo Miletta Martins, pela eternidade dos afetos, metamorfoseados na mais plena expressão de confiança depositada em minhas, nem sempre compreensíveis, escolhas. Ao meu pai, Manoel José Martins, pelo suporte incondicional em todos os momentos de minha vida.

À todos os Miletta que descendem do velho Galeano: Mara, Alessandra, Marisa, Marivalda, Gilmara e Galeano.

E à todos que contribuíram, de algum modo, para o desenvolvimento de minha dissertação: Amanda Rennó, pelo carinho incondicional, Amanda Bastos, Ângela Potrich, Ariel Souza, Camila Costa, Camilo Malta Schoenmaker, Carolina Hebling, Charlene Miotti, Coletivo Expurgação, “Coletivo” Vaca Verde, Daniel Wege, Deborah Regina Maia Pinto, Deo, Diego Gorla, Fábio Sakuda, Fábio Ballarati, Fernanda Mendes, Gabriela

Orosco, Guerreiro Parmesan, Guilherme Orosco, Guilherme Andreolli, Guto Leite, Helena Fonseca, Heloísa Macedo, Humberto Herrera, Isadora Machado, Junia Matos, Karina Falcone, Luís Fernando Botto, Luiz Fernando Florêncio, Marcelo Salles, Marco Domingues, Maria Teresa, Mariana Musa, Marina Peixoto Soares, Marta Morais, Marylin Lima, Nicolau Malta Schoenmaker, Patrícia Bittar, Paulo Roveri, Paulo Sérgio de Souza Jr., Pedro H. Florêncio, Pedro Leitão Angeli, Renato “Cabs”, Ramon Capelle, Rodrigo Gomes, Sérgio Zancopé, Tiago Boacnin (e família), Vanessa Bortolucce e Vinícius Guerreiro. Devo à cada um de vocês uma nova perspectiva sobre diversos aspectos da vida e muitas alegrias.

“The coldest word was once a glowing new
metaphor”

Thomas Carlyle

RESUMO

As igrejas neopentecostais brasileiras adquiriram, nos últimos anos, grande relevância e notoriedade no quadro religioso nacional. Dentre as diversas hipóteses aventadas no campo das Ciências Sociais para a explicação deste fenômeno, destacam-se, para esta dissertação de mestrado em Linguística: i-) a constituição de um campo simbólico no qual a ética neoliberal de consumo não só ganha legitimidade religiosa como é estimulada ii-) a capacidade de exploração simbólica, por parte de seus líderes, dos problemas cotidianos enfrentados por boa parte da população urbana brasileira. Em face destas hipóteses, protagonizadas pela língua, uma das motivações para o desenvolvimento do presente texto está no fato de que não há, até o momento, estudos detalhados sobre o papel das práticas linguísticas de construção de sentidos próprios a este campo. Por essa razão, nossa investigação tem por objetivo principal delimitar a função e explicar a emergência de mecanismos textuais de construção referencial, as recategorizações metafóricas, no contexto da retórica neopentecostal. Justifica-se a escolha das recategorizações metafóricas através da hipótese de que é este um mecanismo muito eficiente para o ato suasório, possibilitando o emprego de metáforas bíblicas na maneira de compreender as causas, e possíveis soluções, para as adversidades impostas por um cotidiano neoliberal. Tendo em mente estas considerações, a inscrição teórico-metodológica aqui adotada é de crivo sócio-cognitivo, cujo postulado básico refere-se à indissociabilidade entre sociedade e cognição, e de inclinação textual-interativa, cuja premissa básica fundamenta-se em torno de uma relação não especular entre língua e mundo, ensejando um modelo social de cognição na qual o papel da linguagem não é meramente representativo, mas constitutivo. Neste quadro, o *corpus* analisado é constituído por dez cultos de duas igrejas neopentecostais, sendo cinco da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e cinco da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD). Para a interpretação dos dados extraídos deste *corpus*, as recategorizações metafóricas são primeiramente discutidas no contexto religioso da enunciação – relativo, sobretudo, à abordagem dos temas de cada culto – e, em seguida, interpretadas à luz do contexto social mais amplo de composição do neopentecostalismo. Com isso, busca-se mostrar que as recategorizações metafóricas são fundamentais à constituição conceptual dos eixos argumentativos da retórica neopentecostal, aqui tratados sob a forma de “nichos

metafóricos”, um conjunto de proposições metafóricas superordenadas que permitem estabelecer com maior precisão o direcionamento da argumentação. Por fim, busca-se mostrar que sua singularidade, enquanto uma forma específica de construção de sentidos, permite uma rediscussão de conceitos fundamentais à análise textual-interativa.

Palavras-chave: Referenciação, Categorização (Linguística), Metáfora, Sociocognitivismo, Igrejas pentecostais.

ABSTRACT

Brazilian neopentecostal churches acquired, over the last years, great relevance and notoriety in the national religious board. Among the various hypotheses suggested in the field of Social Sciences to explain this phenomenon, it will be highlighted for this master's in Linguistics dissertation: i-) the constitution of the symbolic field in which a neoliberal ethics of consumption is not only legitimated but also stimulated; ii-) the capacity of symbolic exploitation, by its leaders, of the quotidian problems faced by most part of the urban Brazilian population. In the face of these hypotheses, where language is the protagonist, one of the motivations for the development of this text lies in the fact that, until now, there is no detailed study on the role of linguistic practices in the construction of the attached senses of their proper symbolic field. For this reason, our investigation has as its main objective to delimitate the function and explain the emergence of textual mechanisms of referential construction, the metaphorical recategorizations, on the context of neopentecostal rhetoric. This choice is justified over the hypothesis that this mechanism is very efficient in the persuasive act, making possible the use of biblical metaphors on the comprehension of the causes, and some possible solutions, to the adversities imposed by a neoliberal quotidian. Keeping these considerations in mind, the theoretical and methodological inscription here adopted is social-cognitive, of which the basic postulate refers to the inseparability between society and cognition, and has textual-interactive inclination, of which the basic premise is founded around a non specular relation between language and the world, giving rise to a social model of cognition in which the role of language is not merely representative, but constitutive. In this frame, the analyzed *corpus* is composed by ten neopentecostal churches cults: five from the The Universal Church and other five from the International Church of God's Grace. To interpret the data extracted from this *corpus*, the metaphorical recategorizations are firstly discussed in the religious context of the enunciation – relative, mainly, to the themes' approach in each cult – and, then, interpreted on the light of the larger social context of composition of the neopentecostalism. With that, it is showed that these mechanisms are fundamental to the constitution of the neopentecostal rethoric argumentative axis, here treated under the form of “metaphorical niches”, a set of metaphorical superordenated propositions under which is

possible to establish with greater precision the argumentative orientation. Finally, it is showed that the metaphorical recategorizations singularity, as a specific form of senses construction, allows a rediscussion over fundamental concepts to the textual-interactive analysis as a whole.

Keywords: Referencing, Categorization (Linguistics), Metaphor, Sociocognitivism, Pentecostal churches.

Sumário

Apresentação.....	17
1. O contexto das práticas linguísticas e retóricas do neopentecostalismo	23
1.1 O universo neopentecostal pela perspectiva das Ciências Sociais.....	23
1.2 O papel da linguagem no universo neopentecostal: aspectos retóricos	30
1.3 O contexto da retórica neopentecostal: direcionando inferências.....	36
2. A opção pela perspectiva sócio-cognitiva: construindo pontes.....	45
2.1 Referenciação: instabilidade das categorias e processos de estabilização.....	56
2.2 O Papel da metáfora na composição discursivo-cognitiva da Teologia da Prosperidade.....	63
3. A relevância dos mecanismos de recategorização metafórica na retórica neopentecostal: percurso teórico-metodológico.....	73
3.1 Da natureza teórico-analítica das recategorizações metafóricas: discussão e (in)definições	82
4. As recategorizações metafóricas no contexto da retórica neopentecostal .	91
4.1 Descrição da estrutura geral dos programas que compõem o corpus	91
4.2 As recategorizações metafóricas nos cultos neopentecostais: presença e relevância temática.....	95
4.3 Discussões sobre o papel das recategorizações metafóricas no contexto da retórica neopentecostal: convergências e divergências no tratamento dado à Teologia da Prosperidade.....	126
5. Considerações finais	135
REFERÊNCIAS.....	141
Anexo: Transcrição dos cultos neopentecostais	149

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação de mestrado em Linguística, oriunda de nosso projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo¹, tem como objeto de estudo os mecanismos textuais de construção referencial conhecidos por “recategorizações metafóricas”. Controvertida e discutida, essa nomenclatura busca trazer à tona a emergência e a condensação de dois processos linguístico-cognitivos: i-) a recategorização textual de referentes, geralmente operada por procedimentos fóricos indiretos, formalizados em textos através do emprego de expressões nominais remissivas definidas e indefinidas, encapsulamentos e rotulações de porções textuais, entre outros; ii-) a metáfora, fenômeno linguístico-cognitivo fundamentado no reconhecimento² de estruturas semântico-conceptuais e na instauração de sentidos pouco convencionais no emprego de certos termos e composições linguísticas.

Em virtude da ampla discussão que o tema requer e em face do posicionamento teórico a ser reivindicado, define-se, aqui e por ora, este fenômeno enquanto uma categorização³ de natureza específica, de caráter híbrido. Destarte, falar em “recategorização metafórica” refere-se, primordialmente, a um processo linguístico-cognitivo que implica não só uma estratégia endofórica de *ativação* de referentes novos por processos remissivos diversos – permitindo, ao mesmo tempo, a manutenção e construção de sentidos de um referente textual anterior, no qual está ancorado o novo –, como também implica o estabelecimento de categorias não convencionais, com efeitos de sentido específicos.

¹ FAPESP – Proc. 2009/04746-1.

² Desde a tese aristotélica da metáfora enquanto uma substituição de palavras ou transporte de características até as teses contemporâneas da definição deste fenômeno, o único consenso que há acerca de sua natureza está no processo de criação de uma referência nova fundamentada no reconhecimento que a metáfora acarreta. Como será mostrado ao longo desta dissertação, mais especificamente no capítulo 2, diversas propostas surgem na tentativa de definição do que vem a ser e como funciona este reconhecimento.

³ Na Linguística Textual, fala-se em *categorização* quando há ativação de um feixe de significações atreladas a um referente (um objeto/evento do mundo), e em *recategorização* quando aspectos deste feixe são salientados em detrimento de outros. Este processo pode ser observado quando há o emprego de elementos que permitem a manutenção em foco de um referente já categorizado, através do emprego de mecanismos de remissão, como as anáforas e as catáforas.

Um estudo adequado acerca da natureza deste recurso linguístico de construção de sentidos aponta para o desafio de trazer-lhe contornos formais e instaura o objetivo de entender seu funcionamento em situações concretas de uso. Isto decorre tanto da necessidade de uma identificação e especificação do fenômeno, como da possibilidade de revelar qual a característica e o fundamento de sua emergência no fenômeno da significação textual.

Diante destas observações iniciais, o percurso teórico e epistemológico a ser trilhado na presente investigação pauta-se pela revisão de teses advindas, por um lado, de estudos interacionistas da Referenciação no campo Linguística Textual, enquanto condição à investigação linguística da recategorização, e, por outro lado, de estudos cognitivistas sobre a metáfora, enquanto procedimento para argumentar acerca da natureza conceptual das recategorizações metafóricas. Neste percurso, busca-se mostrar que, embora abrigadas sob o rótulo de sócio-cognitivas – presas à idéia de que a cognição humana é social e culturalmente modelada e desenvolvida –, as teses que conformam os dois campos divergem acerca da natureza das categorias linguístico-cognitivas.

No capítulo 2 desta dissertação aponta-se que, apesar desta divergência fundamental, diversas similaridades e objetivos em comum entre estes campos permitem enriquecer o desenvolvimento teórico-metodológico da presente investigação. Adianta-se, todavia, que a inclinação interacionista do presente estudo revela-se não como uma escolha prévia de análise, mas como uma exigência do próprio fenômeno a ser analisado. Não relevar a dimensão interativa do fenômeno significa perder parte fundamental de sua potencialidade argumentativa, e impede de postulá-lo enquanto uma importante estratégia textual de construção de sentidos.

Isto posto, o presente estudo pauta-se pela designação de suas principais características através da observação sistemática de seu emprego por pastores em cultos de igrejas neopentecostais brasileiras. Uma das principais motivações para a escolha deste contexto de análise está no fato de que estas igrejas adquiriram, em pouco mais de trinta anos, grande relevância no quadro religioso, político e sócio-econômico do Brasil. Como é sabido, este crescimento deu-se em torno de diversas polêmicas acerca das práticas monetárias e mágico-religiosas dos líderes neopentecostais que, não raro, são qualificados

como pessoas em busca do enriquecimento financeiro por abuso da fé popular. Há de se notar, entretanto, que é justamente o enriquecimento financeiro o principal sustentáculo da Teologia da Prosperidade, conjunto de crenças pentecostais centralizadas na idéia de que cabe ao cristão atingir a prosperidade material como prova de uma relação harmônica com o sagrado. Por esta mesma razão, a Teologia da Prosperidade é aqui tratada como um importante elemento para a criação de uma “identidade neopentecostal”, responsável por legitimar, por vias religiosas, posturas valorizadas no quadro sócio-econômico do neoliberalismo, como o estímulo incessante ao consumismo.

Assim, entende-se aqui que o surgimento e expansão destas igrejas atende a uma demanda não preenchida pelas religiões tradicionais do país, uma vez que o neopentecostalismo emerge em face de uma necessidade de adequação ao quadro sócio-econômico neoliberal. Em outras palavras, o caráter religioso do discurso destas igrejas é estruturado no cotidiano de seus membros, altamente permeado por valores neoliberais, e cumpre a função de incluir o seu público-alvo na ordem sócio-econômica vigente, sendo altamente responsável pela concepção de novos atores sociais.

Diante destas considerações, não se busca defender ou atacar a crença neopentecostal, posto que orgânica e uma consequência do contexto sócio-econômico e cultural de seu surgimento. A forma como ela é conduzida, através da apresentação de soluções para os *problemas cotidianos*, permite a exploração simbólica dessa situação, e justifica as práticas mais recorrentes de seus líderes e membros.

Observar o papel da linguagem nestes ambientes revela que, para atingir certos objetivos, estes líderes abordam *via* discurso neoliberal a relação do humano com o sagrado. Disso decorre uma inevitável crítica destinada não ao uso dessa ordem discursiva na religião, mas à forma como uma postura que visa o lucro incessante, protagonizada pelo consumismo, adquire legitimidade religiosa, possibilitando, inclusive, uma abordagem sobre o dízimo – uma de suas práticas mais polêmicas – que segue os ditames de uma lógica empresarial.

Neste contexto, a recategorização metafórica, por permitir mudanças radicais na forma como a representação de certos referentes são compreendidos, cumpre importante função para que os valores neoliberais adquiram este contorno religioso. Para que isso

ocorra, muitas das metáforas bíblicas são re-interpretadas à luz de um cotidiano prenhe de valores neoliberais. É também a recategorização metafórica altamente responsável pelo caminho inverso, no qual valores neoliberais do cotidiano são interpretados à luz de diversas metáforas bíblicas.

Com base nestes princípios, este objeto será investigado como um dos principais expedientes de construção implícita de sentido, cujo direcionamento argumentativo é previamente definido em torno do eixo de valores que estrutura o discurso neopentecostal. Como consequência desta definição prévia, a recategorização metafórica será tratada também enquanto um posto de observação para o reconhecimento de intenções dos oradores neopentecostais, premissa dedutível de sua propriedade textual de construir sentidos.

Para a fundamentação deste arrazoado, no capítulo introdutório desta dissertação procura-se delimitar ao máximo os objetivos e o contexto da argumentação em cultos de igrejas neopentecostais brasileiras. Ao agregar descrições e análises deste movimento religioso oriundas de várias áreas das Ciências Sociais – como a Sociologia da Religião, a Antropologia Social e áreas afins –, nesse capítulo salienta-se a centralidade das práticas linguísticas na expansão e consolidação destas igrejas no Brasil.

Embora inclua um grande número de denominações eclesiásticas surgidas no país nos últimos trinta anos, o termo neopentecostalismo será aqui empregado como referência às duas mais influentes no quadro religioso nacional: a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus. Além de serem as primeiras denominações neopentecostais brasileiras (1977 e 1981, respectivamente), se comparadas a outras denominações evangélicas, as duas comportam o maior número de fieis, de templos e de veículos midiáticos, revelando grande expressividade no cenário religioso nacional.

Apresentada esta opção, descreve-se no capítulo 3 dessa dissertação a constituição do *corpus* da presente pesquisa, composto por cinco cultos⁴ televisionados de cada uma destas igrejas. Em primeiro lugar, remete-se brevemente à nossa pesquisa

⁴ Vale notar que à época da coleta e registro dos cultos que serão aqui analisados (2007-2008), a Igreja Mundial do Poder de Deus, de orientação neopentecostal, apenas começava a se destacar no cenário religioso nacional.

anterior, na qual foram discriminados, separadamente, os processos de referenciação e as metáforas mais relevantes para os propósitos argumentativos dos líderes neopentecostais. Com base na relevância quantitativa e qualitativa das recategorizações metafóricas no *corpus*, tratadas enquanto “categorias híbridas de análise” em nossa investigação precedente, deriva-se uma definição formal para estes mecanismos.

Do ponto de vista de sua emergência formal, as recategorizações metafóricas podem ser distinguidas em duas macro-categorias: i-) o referente sob construção forja o domínio alvo da relação metafórica estabelecida entre ele e suas formas remissivas; ii-) o referente sob modificação forja o domínio fonte desta relação. Enquanto na primeira observa-se que o referente é alvo de modificações radicais em sua conceptualização, na segunda é ele quem dá suporte para a significação metafórica, embasando alterações nos domínios referenciais de seus elementos de remissão. Entende-se que, com base nesta metodologia, é possível estabelecer algumas generalizações sobre o papel das recategorizações metafóricas na configuração da retórica neopentecostal e também sobre sua natureza e funcionamento em um plano mais geral da significação.

Assim, no capítulo 4 são exemplificadas diversas ocorrências destas formas no *corpus*, e a análise destes mecanismos de construção referencial é realizada em face de sua presença ante as temáticas abordadas nos cultos que compõem o *corpus*. Em seguida, é proposto que o papel assumido pelas recategorizações metafóricas é, em (con)textos argumentativos, de *construção* e *sustentação* de uma proposição de natureza metafórica, contextualmente estabelecida. O registro dessas proposições, conhecidas como “nichos metafóricos”, restringe a significação de sentidos implícitos e permite uma análise precisa das recategorizações metafóricas. Embora pareça mais interessante apresentar primeiro quais seriam os nichos metafóricos registrados e expor como as recategorizações metafóricas deles emergem, é mais produtivo mostrar como a indução promovida pela leitura de dados permite a dedução dessas “metáforas básicas”.

De modo geral, esta dissertação procura defender a hipótese de que as duas principais categorias da Teologia da Prosperidade, “Fé” e “Prosperidade”, são trabalhadas

de forma a estabilizarem dois nichos metafóricos: “Consumo é Prosperidade”⁵ e “Fé é Investimento”. Adianta-se, assim, que o processo geral em que comparecem as recategorizações metafóricas é de construção e veiculação destas concepções religiosas. Busca-se, com a dedução dessas proposições, apontar que elas funcionam como excelentes *frames* a que se prende o contexto enunciativo, dos quais se pode direcionar o grande conjunto de inferências que emerge ao longo de processos textuais de construção de sentido.

Por fim, no capítulo 5 são apresentadas algumas conclusões sobre a natureza textual das recategorizações metafóricas e promove-se uma discussão sobre sua importância para as investigações de crivo textual-interativo, problematizando-se, em especial, a questão da presença de formas correferenciais metafóricas.

⁵ É de suma importância apontar que o *enunciado* “consumo é prosperidade” não é metafórico, mas, enquanto uma *proposição de caráter cognitivo*, ele adquire metaforicidade quando se admite a metáfora enquanto um fenômeno relativo à percepção de uma experiência em termos de outra.

1. O contexto das práticas linguísticas e retóricas do neopentecostalismo

1.1 O universo neopentecostal pela perspectiva das Ciências Sociais

Para uma série de autores no campo da Sociologia da Religião e áreas afins⁶, as igrejas neopentecostais brasileiras, maximamente representadas pela Igreja Universal do Reino de Deus, constituem um dos mais férteis campos de investigação sobre o fenômeno da religiosidade na sociedade contemporânea. Embora recém-surgidas, estas igrejas conseguem atrair e converter um grande número de fiéis não só em seu país de origem, mas também em diversos outros⁷, implicando em grande notoriedade no cenário religioso atual. Considerando a expansão deste movimento religioso apenas no Brasil, deve-se apontar que: i-) somente a Igreja Universal do Reino de Deus conseguiu agregar mais de dois milhões de seguidores em apenas 20 anos de existência (Jacob *et alli* 2003)⁸ atingindo uma taxa média de crescimento⁹ anual de 25% entre 1991 e 2000 (MARIANO 2008: 70); ii-) tal expansão explica parte do declínio no número de católicos neste país (Censo 2000/IBGE), apontando para um movimento de reconfiguração do quadro religioso no Brasil. Para alguns autores, como Ruuth & Rodrigues (1999), o neopentecostalismo chega a ser um promotor de “mudanças de mentalidade” na sociedade brasileira, notadamente entre as camadas urbanas mais pobres (RUUTH & RODRIGUES 1999: 24).

Já para outros autores, a expansão do neopentecostalismo serve como base para combater a tese weberiana do “desencantamento” e seu principal postulado, relativo ao declínio das religiões e da religiosidade (SWATOWISKI 2007: 114) no mundo ocidental,

⁶ No campo das Ciências Sociais de um modo geral, os trabalhos mais significativos para o desenvolvimento de nossas hipóteses acerca das práticas referenciais na retórica neopentecostal são: Campos (1997), Rodrigues (2003), Mariano (1995, 2003), Siepinski (2001). Cumpre apontar, desde já, que tais estudos, em sua maioria, têm por objeto a Igreja Universal do Reino de Deus, dada sua influência em diversos campos da sociedade brasileira. Com exceção de Siepinski (2001), que tem por foco a igreja neopentecostal Renascer em Cristo. Para Mariano (2008), esta é uma igreja sem potencial para ser uma igreja de massa, pois volta sua mensagem para um público-alvo pertencente à classe média; a presença do trabalho de Siepinski (2001) é justificada pela discussão mais ampla sobre as práticas simbólicas neopentecostais.

⁷ Sobre a expansão internacional destas igrejas, ver Campos (1999) e a primeira parte do livro de Corten, Dozon & Oro (2003).

⁸ Citado por Swatowski (2007: 114).

⁹ Relativo às taxas de crescimento de outras denominações pentecostais no quadro religioso brasileiro.

em face da “desmagificação da religiosidade (...) resultante da racionalização ético-ascética da conduta diária de vida” (PIERUCCI 2005: 218).

Harvey Cox (*in* CORTEN, DOZON & ORO 2003), por exemplo, entende que a ascensão destas igrejas não deve ser observada em termos de uma “ressacralização” do mundo ocidental, como seria entendida nas linhas do postulado weberiano. Para ele, tal movimento deve ser entendido em termos de uma “transformação” (*idem*: 5) da experiência com o sagrado e da dinâmica na religiosidade contemporânea. Nesta visão, as religiões devem ser entendidas enquanto processos, enquanto “organismos nos quais a capacidade de adaptação é quase “darwiniana” (*idem*: 5). Assim, a sobrevivência de uma religião, notadamente as recém-surgidas, está atrelada à forma como ela oferece a seus fiéis “capacidades que lhes permitem encarar um mundo em plena mutação, sem, todavia, extirpar-lhes de seus mundos simbólicos tradicionais, que são suas fontes de sentido e de valores” (*idem*: 5 tradução nossa).

Nestas linhas, o termo neopentecostalismo vem sendo aplicado ao conjunto de igrejas que adotam preceitos básicos do pentecostalismo¹⁰ na conformação de seu corpo teológico, trabalhando-os com ênfases variadas, relativas à guerra espiritual de Deus contra o Diabo e à centralidade da Teologia da Prosperidade (MARIANO 1995; CAMPOS 1997; RODRIGUES, 2003; RUUTH & RODRIGUES 1999, SIEPIERSKI 2001, *inter alli*)¹¹ ao longo de suas pregações. Sob esta acepção, o termo neopentecostalismo engloba também os

¹⁰ No Brasil, o início do movimento pentecostal data do ano 1910, com a inauguração do primeiro templo da Congregação Cristã no Brasil em São Paulo, por missionários italianos e com a fundação, em 1911, da Assembléia de Deus na cidade de Belém (PA), por missionários suecos. Embora europeus, cumpre apontar, estes missionários converteram-se ao pentecostalismo nos Estados Unidos (MARIANO 2004: 123). Um segundo grupo de igrejas pentecostais instala-se no Brasil por volta da década de 1950, com o surgimento da Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada por missionários norte-americanos. Embora estas igrejas possuam em comum a referência da experiência individual do Cristão com o Espírito Santo na terra, celebrada no dia de Pentecostes, diferenciam-se por uma questão de ênfase: no primeiro grupo, há ênfase na glossolalia, termo que remete às passagens bíblicas nas quais Deus manifesta-se no homem por meio das línguas “de fogo”; já o segundo grupo enfatiza o poder de cura do Espírito Santo (MARIANO 2004: 123), relativo à conversão nas águas sagradas por meio do batismo, também ao longo da celebração do Pentecostes. Também é relevante apontar que este segundo grupo caracteriza-se por um proselitismo intenso, utilizando-se do rádio e de pregações itinerantes como estratégia de expansão.

¹¹ Descrição que também caracteriza a Igreja Internacional da Graça de Deus. Vale notar que, apesar de um conjunto de similaridades, há também grandes diferenças entre as práticas simbólicas desta com as observadas na Igreja Universal do Reino de Deus. Um exemplo importante, e que pode ser notado no *corpus* aqui analisado, refere-se à ênfase maior da primeira em assuntos como saúde e bem-estar. Já a igreja universal ganha destaque justamente por ter como um de seus principais temas o dinheiro.

movimentos neopentecostais norte-americanos. E é interessante notar que as mensagens de seus principais líderes, como Kenneth Hagin e Essek Kenyon, possuem grande influência (Cf. SILVEIRA 2007) no surgimento destas igrejas no Brasil, que tem como marco inicial a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus, no ano de 1977 na cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de suas origens norte-americanas, este movimento evangélico atualmente possui maior expressividade na América Latina, especialmente no Brasil e, segundo os referidos autores, notadamente Mariano (1995, 2003, 2004, 2008) o quadro socioeconômico latino-americano (com exceção do México, país no qual o Guadalupismo impede a expansão neopentecostal¹²) é favorável à consolidação destas igrejas. Uma das principais razões para que haja esse favorecimento está na forma como os *problemas* relativos a este quadro, bem como suas *soluções*, são simbolicamente explorados. Em termos mais específicos, a *privação*, em face ao *desejo de consumo*, é o problema a ser explorado, cuja solução encontra-se *via* discurso religioso.

Essas características, segundo a literatura que vem sendo formada sobre o tema, são fundamentais à consolidação do neopentecostalismo, posto que permitem uma maior adaptação dos preceitos pentecostais ao quadro socioeconômico neoliberal. Enquanto a Teologia da Prosperidade, crença de que todo verdadeiro cristão¹³ pode e deve ser rico, feliz e próspero em seus empreendimentos terrenos, é entendida como “própria para os novos tempos, perfeitamente articulada com os valores do mercado - uma teologia que aponta para o sucesso terreno” (CAMPOS, 1997: 374), a “guerra espiritual” (SWATOWISKI 2007: 125) permite que os problemas individuais – como a miséria e a pobreza – sejam atribuídos à presença do Diabo e/ou forças malignas na vida de uma pessoa.

Embora trabalhada de maneira a incluir outros problemas individuais, como doenças, infidelidade conjugal, violência doméstica, consumo de drogas, etc. a Teologia da Prosperidade é, no quadro do neopentecostalismo, centralizada na luta contra os problemas

¹² Cf. Doran *in* Corten, Dozon & Oro (2003)

¹³ Alguns dos termos ora empregados serão desenvolvidos com mais detalhes no capítulo seguinte, quando estas instâncias sócio-históricas serão trabalhadas na dimensão de um contexto analítico (Hanks, 2008) dos processos de significação na retórica neopentecostal.

de ordem financeira, pois, como descreve Silva (2000) em sua dissertação de mestrado, em muitos casos são deles que advêm as demais adversidades cotidianas, ou delas decorrem. É com este escopo em que são elaborados argumentos relativos às práticas dizimistas e ofertantes, adequados de premissas semelhantes à da lógica empresarial, pela qual se investe na obra divina e, conseqüentemente, cria-se uma espécie de sociedade com Deus.

Estas práticas são também equiparadas aos sacrifícios realizados por alguns personagens bíblicos. Uma metáfora como “o dinheiro é o sangue da igreja” (MACEDO 2001: 19) toma um duplo sentido: refere-se tanto a algo vital à expansão e consolidação da igreja quanto ao sangue derramado por Jesus e outros profetas em nome da humanidade.¹⁴

Esta é uma metáfora que exemplifica como líderes neopentecostais oferecem recursos simbólicos que permitem aos fiéis dessas denominações atuarem em um mundo permeado por idéias neoliberais de maneira inclusiva: não é necessário abdicar de certos valores “profanos” – ideologicamente legitimados na cultura do capital, como o investimento – para que a vida religiosa do fiel seja plena. Apesar de seu espírito protestante, esta metáfora fica particularizada nos ramos neopentecostais justamente pela forma como o dinheiro é referido: além de centralizado em seu sistema de crenças, ele está atrelado ao pressuposto de que o consumo¹⁵ é vital ao crescimento econômico. Assim, a abundância material é representada menos por acúmulo e mais pela possibilidade de fazê-la circular, de modo que o importante não é só, por exemplo, ter um carro, mas ter um carro do ano.

Nesta configuração teológica o plano sagrado e o mundano confundem-se, no sentido de que qualquer atitude individual irá ter conseqüências imediatas não só na realidade material da vida de uma pessoa, como também na sua jornada espiritual. Com isso, é o papel da igreja propor caminhos para que melhores condições de vida, o paraíso terreno, sejam alcançadas. É neste paraíso em que a abundância prepondera sobre a vida do fiel, atingindo todos os aspectos de seu cotidiano. Em face disso, e diante da necessidade de

¹⁴ Não por acaso, esta metáfora é amplamente empregada no livro do Bispo Edir Macedo intitulado “O perfeito sacrifício”.

¹⁵ Evidentemente, em qualquer variedade do sistema econômico capitalista, o consumo adquire caráter central. Todavia, no quadro neoliberal, este adquire um caráter quase “divinizado”, “sacralizado” (RODRIGUES 2003), enquanto justificativa da não-intervenção estatal na economia. O crescimento econômico só é possível através do consumo desenfreado.

adaptação a certas práticas neoliberais, as igrejas neopentecostais destacam-se das demais por uma menor “rigidez ascética” – característica que estigmatizou os pentecostais, ou “crentes”, no Brasil (MARIANO, 2004). Deste modo, a ênfase na Teologia da Prosperidade é entendida como uma:

acomodação da mensagem pentecostal a um novo estágio sócio-econômico da sociedade ocidental que gera não mais uma ética de poupança e investimento, como descreveu Weber, mas uma ética de consumo (CAMPOS 1999: 364-365)

Diversos processos fundamentam a relação entre as práticas pentecostais – em especial aquilo que é chamado de Confissão Positiva (referência à prática de determinação da vontade divina conquistada pelo verdadeiro cristão) – e as práticas sociais, culturais e econômicas do neoliberalismo, tido por alguns autores enquanto força ideológica “mais importante da contemporaneidade” (RODRIGUES, 2003: 30). No quadro neoliberal, o discurso sobre o consumo prende-se ao “mito do crescimento econômico” (BEAUGRANDE, 1997: 3), sustentado pela idéia de que o volume e o valor de bens produzidos e consumidos aumentarão infinitamente, gerando distribuição de riquezas e possibilitando ascensão social a todos.

A valorização das capacidades individuais presentes nestes dois campos permite aos oradores persuadirem o fiel a entrar em uma relação mais simétrica com Deus, no sentido de que lhe é possível demandar uma qualidade de vida melhor. Neste contexto, o dízimo e as ofertas comparecem como índices de investimento na qualidade dessa relação com Deus: quanto mais o fiel investe, maior a sua proximidade com Deus e, quanto mais próximo, mais próspero.

Outro percurso relevante a esta sacralização funde a premissa neoliberal relativa ao consumo com o poder de cura do Espírito Santo: além de um poder de determinação da vontade de Deus, as igrejas pentecostais precedentes dão muita ênfase à capacidade de cura de enfermos, um dos milagres mais notáveis de Jesus Cristo. Todavia, nas denominações neopentecostais, este poder de cura não está restrito à patologia fisiológica, mas estende-se à esfera espiritual, de forma que é possível aos oradores, por exemplo, afirmar que uma pessoa com problemas financeiros está com algum tipo de doença espiritual, causada por

entidades demoníacas. Cabe a Deus, portanto, “operar” sobre a vida das pessoas miseráveis, curá-las destes males. Isso tende a variar, inevitavelmente, com a proximidade que um fiel tem de Deus.

Neste quadro, é relevante para o desenvolvimento desta investigação ter em mente que a ênfase dada pelos ramos neopentecostais à Teologia da Prosperidade não se prende só à prerrogativa de que almejar e atingir as riquezas materiais de Deus na terra é um dom natural e um direito do cristão. Para os líderes destas denominações, há necessidade de fruição dos bens adquiridos e, por consequência, uma necessidade de estímulo ao consumo, trabalhado enquanto um investimento dos fiéis em si e em seu *status* social, enquanto um resultado da fé e uma maneira de “resplandecer a glória de seu Pai” (MACEDO, 1996: 17).

É importante frisar também que não há predestinação de cunho calvinista para os membros destas denominações. Todo cristão verdadeiro, batizado nas águas do Espírito Santo, ajusta-se às práticas neopentecostais e adquire o direito de reivindicar uma melhoria imediata em sua vida, uma vez que herdeiro das riquezas manifestas de Deus na Terra. Nas palavras do maior representante do movimento no Brasil, o bispo Edir Macedo, líder e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus:

ser cristão é ser filho de Deus e co-herdeiro de Jesus; dono, por herança, de todas as coisas que existem na face da Terra; proprietário de todo o Universo. Isto não é arrogância nem utopia; pelo contrário, é ocupar a posição que Deus quer que ocupemos, viver na real condição de filho de Deus, manifestando a Sua glória e exuberância. (MACEDO, 1996: 17).

Diante destas colocações do Bispo Macedo, uma investigação voltada para o estudo da significação no referido contexto deve admitir que parte do ato suasório dos oradores destas igrejas consiste na construção da imagem do “verdadeiro cristão”, ou seja, aquele que, ainda em vida, é agraciado com a benção da prosperidade. Esta construção, vale notar, prende-se muito à própria organização empresarial (CAMPOS, 1997) destas igrejas, no sentido de que a promoção da imagem do verdadeiro cristão é um de seus principais produtos e o carro-chefe da organização do *marketing* neopentecostal. Isso fica mais claro

quando são considerados também os testemunhos veiculados nos programas televisivos destas igrejas; são relatos que narram o percurso entre uma vida repleta de problemas – ocasionados por entidades malignas – e uma vida abundante, abençoada.

De modo geral, tais colocações devem servir enquanto índices da orientação argumentativa das práticas linguísticas observadas no ambiente retórico conformado nos cultos destas denominações. São, ainda, importantes índices de restrição para a interpretação de recursos linguísticos pautados na indeterminação (Cf. MOURA 2002), como a metáfora mencionada há pouco.

De maneira ampla, a linguagem verbal constitui-se como um dos principais veículos semióticos para que os líderes destas igrejas ofereçam recursos simbólicos de legitimação religiosa às práticas seculares neoliberais, por meio da intersecção forjada entre os dois campos simbólicos (HANKS, 2008) supracitados. Uma consequência interessante na conformação deste ponto de intersecção está no fato de que a relação entre adorador e divindade fundamenta-se à maneira empresarial, ensejando um esquema *do ut des*¹⁶ (CAMPOS, 2008) entre Deus e o fiel. É partindo desta fundamentação, por exemplo, que os oradores empregam termos como “aliança”, “sociedade”, “patrocínio” ou “parceria” para qualificar e nomear estas relações.

Como se nota, a linguagem é um importante indício do funcionamento do conjunto de crenças e das práticas neopentecostais; por meio dela é possível enxergar reflexos das ideologias a que subjazem estas crenças e práticas. Também é por meio dela em que é possível deduzir alguns aspectos mais gerais do código de ética impingido nestes ambientes, dentre outras características. A linguagem, no universo neopentecostal, também é um dos espaços privilegiados para a observação do processo de adaptação da mensagem pentecostal ao quadro neoliberal, posto que nela pode-se entender como o discurso destas igrejas é capaz de “impregnar de sentido religioso diversos espaços da vida social” (SIEPIERSKI 2001: 194).

¹⁶ A expressão latina *do ut des* refere-se a um tipo de contrato estabelecido, nas religiões romanas antigas, entre divindade e o ser humano e significa, *grosso modo*: “dê para que lhe seja dado”. Optamos por mantê-la em Latim pois este caráter contratual perde-se junto à tradução.

Contudo, à linguagem não cabe somente o papel de um posto de observação do discurso neopentecostal, ou um lugar de comprovação de observações já realizadas pelas Ciências Sociais. Como será tratado doravante, o papel da linguagem é fundamental à estabilização do sistema simbólico que sustenta a Teologia da Prosperidade.

1.2 O papel da linguagem no universo neopentecostal: aspectos retóricos

Os argumentos supracitados são protagonizados pela idéia de que a linguagem constitui as bases de uma pregação da “ética religiosa de consumo”. Com isso, pode-se afirmar que, aliado ao tipo de organização empresarial característica dessas igrejas (CAMPOS, 1997), bem como ao emprego de um proselitismo agressivo (através do uso intensivo de rádio e televisão), os recursos linguísticos empregados em seus cultos e outros espaços de propagação de sua mensagem (programas televisivos temáticos, livros, jornais, etc.) são altamente responsáveis não só pelo crescente índice de adesão a estas denominações, como também pela manutenção de seus seguidores.

Essa hipótese encontra seus primeiros fundamentos nas próprias práticas neopentecostais conhecidas como Confissão Positiva. Preconizada pelo norte americano Essek Kenyon (1867-1948), esta crença sustenta a idéia de que ao fiel compete afirmar positivamente, com fé em Deus, a presença de uma benção em sua vida, para que ela seja materializada. Nas palavras de um dos propagadores dessa visão, Kenneth Hagin, a Confissão Positiva adquire os seguintes pressupostos:

1. Tenha a fé de Deus;
2. Diga o que você quer;
3. Não limite Deus;
4. Recuse duvidar; declare o que você acredita;
5. Acredite que o que você pede será dado;
6. Acredite que está concedido;
7. Seja impositivo;
8. Acredite que o que você diz na oração é a vontade de Deus;
9. Nunca diga “se” quando Deus o prometeu;

10. Tenha um coração e uma vida limpos com Deus e com o homem. (HAGIN, 2007 apud SILVEIRA, 2007, p. 31)

A “Confissão Positiva”, enquanto via para a prosperidade, é um forte elemento nas pregações dos cultos neopentecostais, fortalecendo a idéia de que alterar categorias cognitivo-discursivas, relativas à postura de um cristão, é um procedimento necessário para que haja eficácia na argumentação.

Outro ponto relevante para a sustentação da hipótese de que a linguagem é assunto central para a compreensão do fenômeno neopentecostal está na observação de que a pregação da “Confissão Positiva” busca atingir um público específico, geralmente “mais suscetível aos tipos de prédica” (MARIANO, 2004) ali trabalhado. Em sua maioria, como propõem as diversas descrições e análises da origem sócio-econômica de seus fiéis (CAMPOS, 1997; MARIANO, 1995, RODRIGUES, 2003, *inter alli*), este público é definido e socialmente categorizado como pertencente às classes menos privilegiadas¹⁷, em termos sócio-econômicos, das comunidades urbanas brasileiras, concentradas nas periferias dos centros urbanos, com baixa escolaridade e, geralmente, oriundo dos grandes êxodos rurais das décadas de 1970 e 1980.

Tendo-o como foco principal, e para que ocorra a “adesão dos espíritos” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECHA, 1996 [1958]), a linguagem empregada em seus meios de expansão, como cultos, programas de televisão e rádio, panfletos, etc., deve adequar-se ao “mundo simbólico” (COX *in* CORTEN, DOZON & ORO 2003), ao conjunto de práticas cotidianas e ao sistema de valores deste público. Como bem aponta Marcuschi (2008): “Em geral, o autor tem em mente certo público, mas não elimina outros. Isso repercute diretamente sobre a forma de organização dos materiais linguísticos e as condições de processamento” (MARCUSCHI, 2008: 243).

Notadamente com relação às práticas dizimistas, objeto de infinitas discussões e polêmicas, esta adequação resulta na aplicação da noção neoliberal de consumo pela dimensão retórica do *logos*, no sentido de que há um constante esforço racional em se

¹⁷ Com exceção da Igreja Renascer em Cristo, que tem como público-alvo fiéis de classes sociais mais altas (SIEPIERSKI 2001: 8).

constituir o dízimo enquanto uma espécie de consumo tão positivo quanto comprar um carro novo. Pela dimensão retórica do *pathos*¹⁸, o orador incorpora em seu discurso os problemas financeiros (responsáveis pelos outros problemas cotidianos, de acordo com Silva (2000)) mais comuns ao cotidiano de seu auditório, como a privação face ao desejo de consumo. Pode-se afirmar que, em face dessa categorização social dos membros de sua audiência, estabelece-se um conjunto de restrições importantes para o fenômeno da significação nestes ambientes.

Nos termos dos estudos em Retórica desenvolvidos por Michel Meyer (2007), há uma projeção do *pathos* no discurso do orador, do qual ele extrai os julgamentos do que é relevante para a fundamentação da sua argumentação. Neste caso, nota-se, por exemplo, como o orador insere pautas relativas à solução dos problemas típicos enfrentados pelo público alvo, como a miséria, a violência e as diversas enfermidades. Como citado na seção anterior deste capítulo, a “guerra espiritual” permite ao orador atribuir estes problemas à presença de entidades demoníacas na vida de uma pessoa.

Relevante para os estudos por nós desenvolvidos, esta noção de *pathos* projetivo revelou-se como uma ferramenta interessante para a observação da influência, por exemplo, da teledifusão dos cultos destas igrejas sobre a organização textual-interativa nestes ambientes (MARTINS 2010). Uma de suas principais contribuições consiste em explicar que o alto uso de formas de reelaboração textual, como as paráfrases, resulta tanto da necessidade de adaptar as interpretações neopentecostais dos conteúdos bíblicos à realidade dos fiéis *in loco* quanto da necessidade de persuadir, no caso de cultos televisionados, um público em potencial a comparecer aos templos. Desta forma, o *pathos* projetivo é um importante recurso teórico-metodológico para melhor compreender como é realizada a leitura dos valores que o orador possui de seu auditório e, por consequência, as estratégias empregadas no ato suasório, dentre as quais podem ser observados os recursos

¹⁸ As expressões gregas “*logos*”, “*pathos*” e “*ethos*” são amplamente empregadas em nossa dissertação dada sua especificidade conceitual dentro do estudos da Retórica, da qual são extraídos uma série de raciocínios e reflexões. Já em Aristóteles estes termos eram empregados para diferenciar os tipos de argumento a que pode recorrer um orador. O *pathos* e o *ethos*, referem-se à argumentos pertencentes à afetividade: o primeiro voltado ao tipo de sentimento que o orador deseja despertar em seu auditório, o segundo ao caráter assumido pelo orador para despertar a confiança de seu auditório. Já o *logos* refere-se, sobretudo, à esfera racional da argumentação.

linguísticos empregados para que haja a transição entre mensagens veiculadas a estes dois tipos de seu auditório particular (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECHA, 1996 [1958]).

Enxerga-se, por esse caminho, que a constante releitura do cotidiano deste público em termos religiosos – transformar benefícios diversos em bênçãos e adversidades em ataques demoníacos – é um bom motivo para a *adesão* à parte significativa das teses propostas pelos oradores.

Outro aspecto notável da retórica neopentecostal está na constante proposta de união de seus membros; é por meio dessa manobra, por exemplo, que os oradores buscam criar uma identidade para o verdadeiro cristão. Há, assim, o estabelecimento de uma nova categoria e instruções para adequar-se a ela, referente a um “cristão modernizado”, cujas práticas no quadro sócio-econômico neoliberal, fundamentado na extrema valorização das práticas de consumo, são religiosamente legitimadas. Desta forma, estabilizar esta categoria é um dos principais movimentos retóricos que compõem a argumentação nestes ambientes.

Ao se considerar a afirmação de que “existe adesão porque há identidade” (MEYER, 2007, p.52), pelo viés da composição desta nova categoria, a seguinte observação, proposta no campo da Sociologia, é formulada:

é possível que a Teologia da Prosperidade tenha uma função específica na sociedade brasileira: fornecer um meio para as classes médias pentecostais atribuírem-se uma identidade (CORTEN, 1996, p.146 citado por RODRIGUES, 2003, p. 25)

A Teologia da Prosperidade, assim, protagoniza a proposta de resolução dos problemas de seu público alvo, através de uma perspectiva que prestigia a fruição de bens, revestida de um “invólucro sagrado” (*idem*), e firmada pelo diálogo com o quadro neoliberal atual, na qual a abundância exercita papel fundamental quando:

sedimenta as interrelações entre idéias religiosas que transitam no espaço religioso estudado e as idéias econômicas que alimenta e sustentam filosófica e ideologicamente a lógica de mercado e o *ethos* de consumo no contexto do capitalismo contemporâneo (RODRIGUES, 2003: 78)

Até o momento, algumas propostas para a análise da linguagem neste ambiente, em face do processo de adaptação das mensagens pentecostais ao quadro neoliberal, foram realizadas: i-) por meio da constituição do edifício retórico de seus cultos, com foco na presença linguístico-discursiva da Teologia da Prosperidade (SILVEIRA, 2007); ii-) pela análise da composição semântico-discursiva de seus programas televisivos, identificando como certas “contradições argumentativas” funcionam como elemento de sustentação (OLIVEIRA, 1998) de suas teses; iii-) e pela análise crítica do discurso da Teologia da Prosperidade na Igreja Universal (PEÑA-ALFARO 2005), de modo a explicar como algumas estratégias de persuasão apontam para a interdiscursividade e para certa colonização das ordens do discurso religioso iurdiano por parte dos sistemas de economia e mercado.

Embora colaborem para uma compreensão mais aguçada do discurso neopentecostal, ao atestarem a sua conformação com o discurso neoliberal, esses trabalhos pouco contribuem para explicar como a recorrência de certos mecanismos linguístico-pragmáticos possui papel decisivo na criação da relação conceitual entre práticas teológicas pentecostais e práticas econômicas neoliberais. Isso decorre, em parte, por darem pouca atenção à dimensão da instrução das práticas linguísticas e retóricas destes oradores.

Deve-se entender que a relação conceitual mencionada acima é altamente responsável para que haja atribuição de sentido religioso às práticas cotidianas dos fiéis, especialmente diante de um processo de “racionalização ético-ascética da conduta de vida diária” (PIERUCCI, 2005: 218) e de uma sociedade que valoriza o usufruto e o conforto material.

Uma das razões para que isto ocorra prende-se ao fato de que tais propostas dão pouca ênfase ao processo em que é estabelecida uma relação dialética entre os dois principais conceitos que constituem e sustentam o universo discursivo do neopentecostalismo: a fé, enquanto um modo de superação para os problemas individuais, e a prosperidade, enquanto prova material e espiritual desta superação. Fulcrais para a compreensão do fenômeno da linguagem no referido contexto, estes conceitos são os principais responsáveis pela modelagem de um determinado “eixo de valores”, ou um feixe de significações relevantes, para os membros destas denominações.

Com exceção da tese de Peña-Alfaro (2005), os trabalhos mencionados acima dão pouca atenção a um aspecto central para a análise da linguagem no contexto da retórica neopentecostal: a necessidade de constante expansão e crescimento da igreja. Sob a premissa de que a verdade ali pregada deve atingir o máximo possível de pessoas, o missionarismo¹⁹ constitui-se enquanto importante elemento pragmático de sua argumentação – tanto em termos performativos²⁰ (AUSTIN, 1962), intencionalidade e implicatura (GRICE, 1975), bem como em termos de uma “identidade linguística” (Cf. RAJAGOPALAN, 2001).

Há de se notar que a tese de Peña-Alfaro (2005) aborda este assunto já em termos dos efeitos perlocutórios desse missionarismo, revelando como este aspecto é essencial ao direcionamento argumentativo dos enunciados veiculados nestes ambientes.

Assim, as referidas propostas dão pouca relevância aos aspectos linguístico-cognitivos – relativos ao papel da linguagem na construção das categorias e conceitos que devem orientar as ações dos fiéis neopentecostais – da argumentação nestes ambientes retóricos, uma vez que a linguagem ali empregada está claramente atrelada a determinados tipos de ação que os oradores desejam que seu auditório realize.

Outro ponto importante, resultante da adoção de um ponto de vista que privilegia a linguagem como resultado de processos cognitivo-discursivos, está em tomar a dimensão do contexto de análise linguística majoritariamente em sua perspectiva “macro”, isto é, o contexto do neopentecostalismo é focado a partir de suas formações discursivas, condições de produção e do entorno sócio-cultural. As práticas sociais, neste caso, reduzem-se a processos aos quais a linguagem vai se adaptando, e a língua, mesmo admitida enquanto uma prática social (PEÑA-ALFARO 2005), adquire sua potencialidade

¹⁹ As próprias designações de muitas destas igrejas apresentam predicados que deixam claro este aspecto, como, por exemplo: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Bola de Neve Church, Missão Cristã Pentecostal, entre outras. Pode-se entender que a escolha destes nomes, por exemplo, reforça a idéia pregada nestes ambientes de que todo e qualquer ser humano pode ser agraciado com a glória de Deus, desde que devidamente batizado e convertido.

²⁰ Cumpre apontar que o trabalho de Silveira (2007) cita a obra de Austin, empregando-a para argumentar sobre a nomenclatura destas igrejas e não como um *thelos* argumentativo que constitui boa parte de seus enunciados.

de transformação somente em relação ao discurso, especialmente no que toca aos efeitos ideológicos desta prática, como a normatividade e a hegemonia (HANKS, 2008).

Diante do tipo de reflexão até agora exposta, há de se entender que o recorte aqui proposto não admite o contexto como um *locus* de análise da produção linguística, um complemento do texto-objeto; aqui este conceito deve ser trabalhado como parte integrante do texto. A partir dessa resolução, o processo de análise de ocorrências de fenômenos textuais, como o emprego de mecanismos fóricos, acolhe o conceito teórico de contexto não só como restritor de sentidos, mas como algo que os constitui no momento da própria ação verbal.

Como será demonstrado na próxima seção, o conceito de contexto, dada sua relevância na dimensão teórico-analítica desta dissertação, será discutido e modelado dentro do quadro da retórica neopentecostal.

1.3 O contexto da retórica neopentecostal: direcionando e organizando inferências

De acordo com as reflexões até aqui esboçadas, percebe-se como o contexto é fundamental não só para a investigação dos fenômenos mais gerais da significação na retórica neopentecostal, como é também um ordenador interpretativo nos processos de compreensão textual (Cf. MARCUSCHI, 2008: 244). A importância desta dimensão aqui ganha força pelo fato de que os atos suasórios dos oradores neopentecostais são “pouco transparentes”, no sentido de que derivam de um texto que é altamente figurado e polissêmico, a Bíblia Sagrada. Por consequência, um grande número de inferências emerge ao longo da produção linguística nestes ambientes, o que poderia sugerir interpretações analíticas que, em muitas vezes, implicariam em uma compreensão obtusa dos fenômenos de significação relevantes.

Uma característica de suma importância, que é pouco relevada nos trabalhos dedicados ao papel da linguagem no discurso e na retórica neopentecostal, refere-se ao *docere* no ato suasório: não basta somente convencer e persuadir a platéia; é necessário instruí-la, fornecer a ela novos pontos de vista para compreender e agir em seu cotidiano. Entrevê-se, pois, que o efeito desta dimensão atinge planos mais sutis, em termos

conceituais e pragmáticos: as alegações teológicas, propostas como verdade inconteste e universal, devem fazer parte do sistema de pensamento de todos os membros da igreja, para que o missionarismo tenha efeito.

Vê-se, pois, o quão imprescindível é considerar o contexto como constitutivo das práticas referenciais neopentecostais, para que as nossas análises – não restritas à produção textual – possam tanto considerar o “horizonte mínimo” (MARCUSCHI, 2008: 258) da compreensão textual, relativo a paráfrases das proposições dos oradores, como o “horizonte máximo” (*idem*: 259) desse processo, relativo às demandas inferenciais e às atividades de geração de sentidos implícitos, implicaturas e pressuposições.

No contexto da retórica neopentecostal é necessário agregar informações presas não só à produção linguística atrelada a um discurso – do qual são derivadas as inferências – mas também às possibilidades de restrição na compreensão textual – pelas quais são direcionadas as inferências. Se este procedimento não permite levar em consideração o que o auditório compreende de fato, permite ao menos levar em consideração aquilo que o orador deseja que seu auditório compreenda. Isso é fundamental para entendermos quais são seus propósitos argumentativos e nos ajuda a explicar o emprego de certas estratégias de construção textual de sentido. Assim, as diversas informações e considerações trazidas do campo da Sociologia e, em menor medida, da Antropologia, têm a função de fornecer indícios de qual é o percurso mais interpretativo mais relevante no desenvolvimento da argumentação observável no contexto da retórica neopentecostal.

Desta forma, releva-se fortemente a interface entre as noções de “inferência” – mormente empregada na análise de processos de compreensão linguístico-textual - e “contexto” – mormente empregada na análise da produção linguístico-textual. Complementares, estas noções são aqui relevadas simultaneamente, pois, por meio delas extraem-se os índices que possibilitam explicar, por exemplo, como o valor neoliberal de consumo está, muitas vezes, implícito nos enunciados que serão aqui analisados. Há de se notar, assim, que o contexto sociológico contribui sobremaneira na organização das inferências presas ao contexto religioso da retórica neopentecostal.

Observa-se, desta maneira, que o contexto da retórica neopentecostal pode ser dimensionado em duas categorias: uma primeira, concernente ao contexto sociológico,

possui um caráter conjuntural, e contribui para a explicação de questões presas à incorporação dos valores neoliberais ao discurso pentecostal. Uma segunda, concernente ao contexto religioso da enunciação, possui um caráter mais estrutural, e contribui para a explicação de fenômenos de significação presos à emergência destes valores no discurso religioso.

Esta reivindicação bidimensional de contexto fundamenta-se na definição do termo proposta pelo autor norte-americano Willian Hanks (2008). Este autor explica que o contexto é, no âmbito das diversas ciências sociais, humanas e da linguagem, trabalhado sob, pelo menos, duas grandes acepções. Uma primeira trata-o como “uma estrutura radial cujo ponto central é o enunciado falado...” (HANKS 2008, 171), privilegiando certo “individualismo metodológico”, no qual o indivíduo é priorizado sobre o social, de forma que as estruturas sociais são epifenômenos de comportamentos individuais. Nesta perspectiva, este conceito também se torna, concomitantemente, local de conversação e de interação, efêmero e centrado sobre o processo da emergência momentânea da situação de fala.

O quadro de referência e de explicações resultantes desta acepção são as atividades individuais de fala e as interações verbais nas quais ocorrem. Assim, perspectivas comunicacionais, como a Teoria dos Atos de Fala, a Teoria da Relevância e as máximas de Grice, bem como perspectivas sócio-interacionais, dentre as quais estão inclusas a Análise da Conversação e a etnometodologia, são qualificadas por Hanks (2008) como pertencentes a esta categoria.

Uma segunda acepção trata o contexto como global e duradouro, com escopo sócio-histórico maior que atos localizados. Nesta acepção, o conceito está assentado em uma teoria social ampla e na História: “os sistemas de referência explicativos são as condições sociais e históricas que são anteriores à produção do discurso e que o restringem.” (*idem*, 172). De modo geral, adotam esta concepção perspectivas discursivas, como as derivadas dos trabalhos de Foucault e da Análise Crítica do Discurso, que dão pouca atenção a certos aspectos intersubjetivos da enunciação no momento próprio da interação. Como esboçado na seção anterior, esta é a dimensão a que dão atenção os

trabalhos na Linguística dedicados ao estudo do neopentecostalismo e da Teologia da Prosperidade.

Na primeira acepção, encontram-se abstrações analíticas (falante idealizado) e na segunda, coletividades (comunidades, classes, redes sociais, tipos de agentes definidos por sexo, idade, profissão, etc...). A polarização encontrada em qualquer uma dessas abordagens, como argumenta Hanks (2008), dá origem a exageros, ao tornar obscuro como articular diferentes níveis de contexto analiticamente. Como será detalhado no próximo capítulo, estas críticas são coerentes com o ponto de vista epistemológico aqui reivindicado e, por esta razão, o modelo bi-dimensional de contexto proposto por este autor torna-se um rico ambiente para o tipo de análise aqui proposta, uma vez que permite articular os diversos níveis aqui mencionados. Para este autor, são duas as dimensões fundamentais à análise contextual: i-) Emergência; ii -) Incorporação.

1.3.1 A dimensão contextual da emergência

A emergência deve ser entendida como um elemento que designa aspectos do discurso que surgem da produção e da recepção, enquanto processos em curso. Diz respeito à atividade mediada verbalmente, à enunciação, à interação, à co-presença, à temporalidade, em um contexto restrito como um fato sensível (em termos fenomenológicos) social e histórico: “A emergência está em tudo relacionada à estrutura e descrever o contexto como emergente implica assumir que ele é estruturado” (*idem*, 183).

A interação, para este autor, aproxima-se à proposta de Schegloff (*apud* HANKS, 2008), que a entende como local primordial da socialização, indicando a propensão humana ao engajamento com os outros. Para Tomasello (1999), sob uma perspectiva sociocognitiva, esta “propensão” resulta da faculdade filogenética de reconhecimento de seus co-específicos, através da qual um ser humano é capaz de colocar-se no lugar do outro. Por meio dela, o homem compreende o outro como um ser “intencional e mental como si” (TOMASELLO, 1999: 10)

Em linhas semelhantes, ao definir a sua proposta de análise do contexto, Hanks (2008) trata do assunto apropriando-se da visão de Schutz, que tem por base a sociologia da

ação, a fenomenologia de Husserl e a sociologia weberiana. Há também, na sua proposta, algumas idéias baseadas no pragmatismo de William James e na psicologia Gestalt: “para todos os propósitos práticos, cada participante pode colocar-se no lugar do outro, assumindo ou mais ou menos levando em consideração a perspectiva do outro²¹” (*idem*, 176).

Nestas linhas, o autor define a estrutura da interação em três partes; a situação, o cenário e o campo de significação, consideradas emergentes na medida em que se desdobram no tempo:

1. Situação: fundamentado nas proposições de Goffman (1972 citado por HANKS, *idem*), para quem a situação é um espaço de possibilidades mútuas de monitoramento, Hanks alega que ela é “minimamente estruturada, logicamente anterior a qualquer enunciado e desprovida de qualquer objeto além da co-presença dos participantes” (*idem*; 178). Para este autor, a situação é também um campo de possibilidades de monitoramento mútuo, no qual os co-ocupantes percebem-se e prestam atenção uns aos outros. No ambiente dos cultos neopentecostais que serão aqui analisados, a delimitação da situação dá-se pela clara assimetria entre os participantes: enquanto ao orador cabe instruir, à sua platéia cabe (esforçar-se em) compreendê-lo.

2. Cenários relevantes: esta camada da interação é responsável por estabelecer os sistemas de relevância que revelam os atos socialmente identificáveis, as expectativas e a compreensão mútua entre as partes. Tal unidade de análise é o que permite julgamentos, por parte dos interactantes, do que é relevante dentro da situação, e ilustra a sua conversão para o formato de um cenário social, mais estruturado. Estes julgamentos implicam, por sua vez, em um tema ou ponto de interesse onde a relação de relevância é estabelecida, relação ancorada em experiência prévia dos sujeitos sob as quais emergem o interesse mútuo. O tema implica em horizonte do qual se distingue e funciona como ponto central, implicando que qualquer contexto no qual a relevância

²¹ Tais considerações sobre a noção de interação, cumpre ressaltar, estão muito próximas a uma visão sócio-cognitiva (KOCH & CUNHA-LIMA, 2004) da linguagem, que, dentre suas principais premissas, evoca uma noção de cognição enquanto fruto da vida em sociedade, seja pela teoria da “mente social” exposta por Vygotsky (citado por MARCUSCHI, 2008), seja pela teoria do co-específico, fundamentada por Tomasello (1999).

temática opera há uma estrutura com dois níveis (plano/segundo plano e tema/horizonte). Ao introduzir a noção de relevância ao contexto, este se torna uma estrutura hierárquica. Esta unidade de análise é ainda composta de três tipos de relevância:

i. Topical: centra-se no objeto ou assunto para o qual os sujeitos dirigem sua atenção.

ii. Interpretativa: está relacionado com quais aspectos do objeto são relevantes para a questão em pauta e quais partes do conhecimento de mundo são colocadas em relação a ele.

iii. Motivacional: diz respeito aos propósitos prospectivos dos sujeitos e às condições passadas que possibilitam a emergência daqueles propósitos.

3. Campo de significação: Destaca-se aqui a noção de campo simbólico, pois concerne às escolhas lexicais e aos conceitos aos quais elas remetem. Entram aqui elementos de operação referencial vários, como as anáforas indiretas e os encapsulamentos (Cf. KOCH, 2004). Também no campo de significação está presente o campo demonstrativo, que é o cenário interpessoal no qual um enunciado é produzido. Resumido por meio de dêiticos prototípicos (“aqui-agora-eu”), o campo demonstrativo é responsável por colocar em primeiro plano a relação do cenário com o sistema linguístico dos participantes, de forma a convertê-lo em um campo de símbolos relevantes.

Com base nessa estruturação da dimensão interativa do contexto da retórica neopentecostal, deve-se ter em foco a idéia de que a fusão entre os campos simbólicos relativos às práticas pentecostais e às práticas seculares neoliberais torna-se emergente na retórica neopentecostal a partir do momento em que os campos simbólicos evocados herdam todas as características de cenário acima apontadas, transformando-as por meio dos signos (simbólicos, indiciais e icônicos), por suas relações (sintáticas, semânticas e pragmáticas) e pela presença dos objetos significados.

Ao trazer à tona certas práticas cotidianas em seus enunciados, como a aquisição de bens e o enfrentamento de problemas diversos, algumas estratégias de referenciação (MARCUSCHI & KOCH, 2002) têm justamente o propósito de salientar que

há uma relação constante entre os elementos centrais da Teologia da Prosperidade, como o dízimo, a fé e a prosperidade terrena, com o valor neoliberal de consumo. É também na dimensão da emergência que podem ser observados os processos locais de constituição das categorias fundamentais ao universo discursivo ao qual remetem e sobre o qual atuam os oradores neopentecostais.

A relação acima descrita adquire sua estabilidade nessa dimensão do contexto, ou seja, é na dimensão da emergência em que as categorias fundamentais à Teologia da Prosperidade são reorganizadas. Contudo, deve-se entender que este processo emerge em face das possibilidades de construção de sentido evocadas pela “exploração simbólica” (MARIANO 2008), *via* discurso religioso, de elementos próprios do quadro neoliberal. Essas possibilidades emergem, pois, da instabilização, ou desestabilização, dos campos de significação que compõem os dois campos sociais próprios ao neopentecostalismo: o neoliberalismo e o pentecostalismo.

O processo contextual de “incorporação”, concernente à decisão analítica de definição dos valores emergentes, provenientes de cada campo social, é o responsável por prover os elementos que garantem que esta desestabilização resulte em um campo de significação relativamente estável, sobre o qual atuam os oradores neopentecostais.

Pela conjunção destas dimensões, portanto, é que se pode fazer uma análise do contexto que não seja somente presa às significações locais, mas que também requer que se leve em consideração aspectos mais globais do contexto.

1.3.2 A dimensão contextual da incorporação

A incorporação é a dimensão do contexto que não se dá de maneira imediata, como no caso da emergência. Antes, ela designa a relação entre aspectos contextuais relacionados ao enquadramento (*framing*) do discurso, sua centração ou assentamento (*groundedness*) em quadros teóricos mais amplos. Destarte, é relativa aos “aspectos contextuais e pragmáticos do enquadramento ou encaixamento social dos interactantes e seus enunciados e enunciações” (MORATO, 2008: 84). O discurso neopentecostal enquadra aspectos elementares do pentecostalismo, enfatizando a Teologia da Prosperidade

e o poder de mudança das vontades de Deus por parte de um fiel. Ao mesmo tempo, enquadra práticas próprias ao neoliberalismo, não só, mas principalmente, no que concerne à questão do consumo.

Para os fins da retórica neopentecostal, a coerência de certos enunciados resulta desta incorporação, responsável por tornar acessíveis referentes criados na intersecção entre aspectos básicos da Teologia da Prosperidade – como a possibilidade de determinação da vontade de Deus, que, ao mesmo, quer que todo cristão seja próspero e rico em seus empreendimentos terrenos – ao quadro ideológico mais amplo do neoliberalismo instalado no Brasil em meados da década de 1990. É dentro deste raciocínio que se deve entender a seguinte afirmação:

O enunciado “prosperidade” associado ao significante “posse” estão fortemente ligados a questões concretas de indivíduos na esfera material, aplicada a contextos sócio-históricos específicos e vinculados ao usufruto real de bens não apenas simbólicos, mas concretos, materializados, produzidos na sociedade capitalista (RODRIGUES, 2003; 24)

Outro aspecto relevante da dimensão de incorporação diz respeito ao campo social. Retomando a noção de campo demonstrativo (relativo ao contexto de enunciação socialmente definido) a pouco exposta, deve-se entender que este elemento incorpora um ou mais campos sociais, assim definidos:

Espaço delimitado de posições e tomadas de posição por meio das quais circulam valores, no interior do qual agentes possuem trajetórias ou carreiras e se engajam em vários *footings* (competitivos, colaborativos, estratégicos...) (HANKS, 2008: 187)

O campo demonstrativo, segundo este autor, não é autônomo em função das características impostas pelos campos sociais incorporados. Isso o ajuda a explicar que práticas linguísticas como a referência, a descrição, atos ilocucionários e efeitos de implicitude e indiretude são entendidas como formas de tomadas de posição em um campo. Assim, os valores ali circulantes são variados, a depender do campo social ao qual são incorporados.

Retomar a noção de cenário, por sua vez, traz à tona o papel social assumidos pelos interactantes, e é um “acordo” entre estes que permitem a um referente-objeto ocupar uma posição socialmente definida e de relevância interativa. Para os propósitos desta investigação, é justamente a posição socialmente definida de consumo dentro do discurso neoliberal – enquanto mecanismo regulador da economia e responsável pela resolução dos problemas sociais – que tende a ser incorporada às práticas elementares do pentecostalismo. Em outras palavras, a realidade simbólica de um cotidiano permeado por valores neoliberais é incorporada aos preceitos religiosos pentecostais.

Assim, e considerando que o campo simbólico herda as características do cenário para significá-lo, muito da significação própria às recategorizações metafóricas estará, muitas vezes, prenhe de significações incorporadas a esta noção de consumo.

Consideradas estas duas dimensões do contexto de emprego das recategorizações metafóricas, torna-se possível evocar certos processos que não estão à luz do texto por si só, mas que fazem parte de uma parcela significativa do (re)conhecimento de práticas que deve ativado para que os propósitos enunciativos dos oradores sejam razoavelmente atingidos, ou, ao menos, expostos pelo analista.

Diante destas questões, com vistas à elaboração de um sólido campo teórico referente à relação entre língua/linguagem e cognição e tendo por pano de fundo alguns aspectos da retórica neopentecostal, o próximo capítulo desta dissertação é dedicado à exposição do ponto de vista epistemológico que sustenta as interpretações aqui realizadas e dá base às nossas hipóteses sobre o funcionamento de certos mecanismos de manutenção e construção referencial.

2. A opção pela perspectiva sócio-cognitiva: construindo pontes

Diante dos problemas levantados no capítulo anterior, referentes aos procedimentos de análise da significação na retórica neopentecostal, as hipóteses sócio-cognitivas (Cf. KOCH, CUNHA-LIMA, 2005; SALOMÃO, 1999, 2005; TOMASELLO, 1999; MORATO, 2008, *inter alli*) acerca da estruturação, funcionamento e aquisição da linguagem, apresentam alternativas que permitem considerar a multiplicidade de aspectos relevantes para uma análise produtiva da construção dos sentidos no referido ambiente.

Ao admitirem o postulado segundo o qual a linguagem funciona como “operadora da conceptualização socialmente localizada” (SALOMÃO, 1999: 64), estas hipóteses permitem atribuir maior relevância ao papel da linguagem na consolidação das igrejas neopentecostais no contexto sócio-econômico e cultural brasileiro.

Este argumento encontra ainda mais respaldo ao se apontar que, nesta perspectiva, a linguagem é tomada como um “dispositivo para a construção do conhecimento” (FAUCONNIER, 1997: 190)²² e “indissociável de outros aspectos da cognição humana” (MORATO, 2008). Isso significa, em outras palavras, que a linguagem, principalmente quando observada a recorrência do emprego de certos mecanismos linguísticos – como será visto mais adiante – possui influência decisiva enquanto lugar e convite à persuasão, à adesão ao discurso (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECHA, 1996 [1958]) como também, por meio dela, procura-se promover mudanças sistemáticas nas formas de conhecimento (relativas ao pensar e ao agir) atribuídas ao auditório, ao proporcionar aos fiéis novos pontos de vista sobre a realidade que os cerca.

Outro argumento que fortalece a opção por essa perspectiva para a análise e estudo da linguagem humana está na “ênfase equilibrada em todas as fontes de conhecimento possíveis” (SALOMÃO, 1999: 65).

Como afirmado acima, observar diversos elementos “heteróclitos” contribui substancialmente para uma explicação adequada dos processos de significação no contexto

²² Citado por Salomão (*Op. cit.*: 75).

da retórica neopentecostal; são fatores levantados por outras áreas do conhecimento, como a Sociologia e a Antropologia.

É relevante, todavia, entender que tais fatores não devem ser agregados à explicação como uma espécie de “adição contextual” para a análise linguística neste ambiente: em última instância, estes fatores mudam o próprio contexto no qual a análise é desenvolvida, atribuindo uma nova configuração à interpretação de dados linguísticos, notadamente mais precisa e rica. A título de exemplificação, veja-se o que ocorre com o seguinte enunciado, observado em um culto²³ da Igreja Universal do Reino de Deus:

- “para que o Teu nome seja glorificado na vida dela... para que... o perfume teu... Jesus... seja sentido pelos amigos desta pessoa...” (Bispo Edir Macedo)

Este enunciado faz parte de um trecho de oração, que sucede o sermão, justificando a presença dos vocativos e das formas subjuntivas. É um momento de evocação da presença divina nos templos. Considerando os fatores levantados pelos estudos sócio-antropológicos sobre o neopentecostalismo, neste enunciado pode-se entrever:

i-) a presença da Teologia da Prosperidade e sua conformação com o universo discursivo-referencial do neopentecostalismo, que emergem junto ao verbo “glorificar”. O estabelecimento da relação conceitual entre fé (caminho) e prosperidade (resultado) dá-se pela interpretação que é mais apropriada a este campo simbólico (HANKS, 2008), no qual o emprego deste verbo, na sua forma substantiva, deve ser associado à idéia de “posse” e/ou de “abundância”. Assim, “ter o nome de Deus glorificado” equivale algo similar a atingir a prosperidade, tal qual pregada neste ambiente retórico. Já a conformação com o universo discursivo-referencial deve ser atribuída ao movimento interpretativo que torna este o sentido mais relevante, encadeado por processos de natureza inferencial (Cf. MARCUSCHI, 2007; KOCH, 2008), que conduz à presença destes elementos.

²³ O culto em questão foi transcrito para o desenvolvimento de nossa pesquisa de iniciação científica, intitulada “A ‘fabricação’ da prosperidade neopentecostal: uma perspectiva sócio-cognitiva da referência” (FAPESP nível IC: proc. 2007/52393-5). Nesta dissertação, como será detalhado mais adiante, a utilização deste *corpus* concentra-se nos mecanismos de recategorização metafórica empregados nestes cultos.

ii-) A reiteração da idéia de expansão contínua, o missionarismo. O item lexical “perfume”, empregado metaforicamente na composição deste enunciado, deve portar consigo dois sentidos básicos: o primeiro aponta para a presença de itens materiais, entendida enquanto a própria manifestação divina na vida do fiel; o segundo refere-se à idéia de notoriedade social adquirida pela superação de problemas individuais, especialmente do estado de pobreza econômica. São sentidos co-ocorrentes e ambos devem ser levados em consideração nos estudos dos processos de significação na retórica neopentecostal. Neste raciocínio, a idéia principal condiz com a proposta de expansão contínua das mensagens neopentecostais, e a melhor forma de isso acontecer é por meio de resultados visíveis, que possam “ser sentidos pelos amigos”, como a abundância material.

Esta metáfora, quando interpretada da maneira acima, fornece *insights* interessantes acerca do funcionamento da linguagem nestes ambientes. Vê-se, pois, que reivindicar conhecimentos de outros campos não é só uma maneira de agregar interpretações à análise destes tipos de dados, separadamente. Antes, este procedimento revela-se como uma maneira constitutiva de interpretá-los, precisando quais restrições semântico-pragmáticas devem ser consideradas relevantes. Neste quadro, eis o porquê da proposta de Hanks para a análise bidimensional de contexto apresentar-se como uma excelente alternativa para a conjugação destas dimensões, uma vez que permite manter o foco da análise tanto na composição discursiva quanto no emprego de estratégias de construção e manutenção de sentidos registrados no ambiente da retórica neopentecostal:

O foco sobre o discurso requer análise detalhadas dos fatos linguísticos e etnográficos emergentes localmente, (...) ao passo que o foco nos sistemas linguísticos e sócio-culturais requer análise (...) das regularidades formais e funcionais...” (HANKS, 2008: 174)

Em consonância com estas idéias, o sócio-cognitivismo movimenta-se em torno de uma agenda que pressupõe a necessidade do desenvolvimento de modelos de cognição que sejam “socialmente constituídos”, pautando-se, para isso, em investigar as maneiras pelas quais a sociedade dá forma à cognição (Cf. KOCH & CUNHA-LIMA, 2005).

Diversas aspirações de crivo cognitivista e internalista, diferenciadas muitas vezes pela tendência à formalização sobre as operações cognitivas atinentes à linguagem,

podem ser alocadas sob tal descrição, como a teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]; LAKOFF, 1993), e a teoria dos espaços mentais, desenvolvida por Gilles Fauconnier (Cf. SALOMÃO, 2005).

Agrupadas sob o rótulo de Linguística Cognitiva californiana (Cf. SALOMÃO, 1999; MORATO, 2008), estas teorias desenvolvem-se a partir da premissa de que os conceitos humanos são significativa e qualitativamente determinados por instâncias sócio-culturais e históricas (Cf. MARTINS, 2002). Todavia, como aponta esta autora, a perspectiva desenvolvida pela Linguística Cognitiva tende a trabalhar a linguagem enquanto reflexo de instâncias cognitivas superiores – neste caso, a linguagem apenas apontaria para processos cognitivos mais amplos.

Uma boa exemplificação do funcionamento desta vertente sócio-cognitiva está na definição de metáfora dada por Lakoff & Johnson (2002 [1980]): “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]: 48). Nesta postulação, o termo metáfora aplica-se a processos mentais: “metáfora significa conceito metafórico” (Idem; 48) e a maioria dos autores que se filiam à teoria emprega o termo “metáfora” para tratar de metáforas conceptuais, e aplica o termo “expressões metafóricas” para as estruturas linguísticas consideradas metafóricas (LAKOFF, 1993: 207). Ao unir a questão da objetividade com a da subjetividade, os autores propõem uma síntese experiencialista, de forma que uma metáfora seria uma “racionalidade imaginativa” (LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]: 302). Isso significa dizer que “os nossos raciocínios diários envolvem implicações e inferências metafóricas, a racionalidade ordinária é, pois, imaginativa por natureza” (*idem*: 302).

Há, neste quadro teórico, uma separação entre metáforas conceptuais, que organizam a representação e categorização o mundo, e as metáforas linguísticas, que correspondem à materialização de uma estrutura conceptual subjacente. Esta estrutura é formalizada em letras maiúsculas; por exemplo, a metáfora conceptual amplamente difundida no Ocidente, DISCUSSÃO É UMA GUERRA, daria base a metáforas linguísticas como “se você usar esta estratégia, ele vai esmagá-lo”.

Segundo Martins (2006)²⁴, um dos problemas desta perspectiva é justamente tomar a linguagem como algo que aponta para o funcionamento de estruturas cognitivas, implicando uma relação estanque e autônoma com a linguagem. Como esboçado há pouco, a perspectiva aqui reivindicada entende que o papel da linguagem é indissociável de outros aspectos da cognição; tal reivindicação pressupõe, portanto, uma visão sobre a linguagem enquanto elemento constitutivo da cognição humana, especialmente se tomada enquanto “espaço privilegiado de cristalização e transformação dos consensos precários que regulam os assuntos humanos de modo geral” (MARTINS, 2002: 89). Em outras palavras, adota-se aqui uma dimensão similar à apontada por Salomão (2005), ao reivindicar o “*trabalho ecológico do sujeito cognitivo, do sujeito discursivo*” (SALOMÃO, 2005: 153 *grifo nosso*) para a compreensão dos processos de significação no contexto, no caso desta dissertação, da retórica neopentecostal.

Há de se notar, contudo, que tomar esta postura não implica adotar o relativismo linguístico²⁵ como fundamento epistemológico – o que levaria à velha dicotomia fundacionalismo x relativismo – na interpretação de dados extraídos dos cultos das igrejas neopentecostais. Assim, entender que a linguagem é constitutiva e indissociável de outros aspectos da cognição humana (como a categorização e a memória) não quer dizer que a linguagem recorta o mundo e determina o pensamento dos indivíduos, postulando-se, por consequência, a sua primazia na cognição humana: admitir esta premissa significa, somente, atribuir-lhe um papel mais importante do que o de mero reflexo de processos cognitivos. Assim, propõe-se aqui, junto a certas vertentes sócio-interacionistas, que há “inter-relação funcional” (MORATO & KOCH, 2003: 86) entre linguagem e cognição.

Apesar dessas críticas, uma contribuição substancial da Linguística Cognitiva Californiana²⁶ para o tipo de estudo aqui desenvolvido consiste na possibilidade de

²⁴ Citada por Vereza (2007).

²⁵ Uma tendência similar a aqui evocada, surgida dentro do quadro da Linguística Cognitiva, busca mostrar qual é o papel da linguagem na modelagem do pensamento: testes psicolinguísticos de natureza transcultural, realizados por Lera Boroditski e seu grupo de estudos com falantes de línguas tão diferentes quanto o Inglês, Mandarim, Hebreu e Russo, buscam mostrar como a linguagem é responsável pelas diferentes concepções de tempo (BORODITSKI, 2001), espaço e cor (BORODITSKI *et alli*, 2007) dos falantes destas línguas.

²⁶ “Linguística Cognitiva Californiana” é um termo empregado por Salomão (1999) e Morato (2008) para referirem-se ao conjunto de teorias desenvolvidas, sobretudo, a partir dos trabalhos seminais de Lakoff &

observação sistemática – e, quiçá, um esboço de formalização – de certas regularidades formais e funcionais para a composição de um sistema linguístico-conceitual próprio à retórica neopentecostal. Pelo viés da análise do contexto, especialmente pela dimensão da incorporação, estes argumentos ganham ainda mais força, principalmente ao se considerar a demanda atual²⁷ desta vertente sócio-cognitiva em se firmar também como uma ciência empírica, na qual o contexto, linguístico²⁸ (KÖVECSES, 2009) ou interpessoal (GIBBS, 2006), é um elemento altamente restritivo para a interpretação de enunciados metafóricos.

Vê-se, pois, que falta oferecer bases sócio-cognitivas para análise de enunciados sob a outra dimensão teórica do contexto da retórica neopentecostal, referente à emergência de fatos linguísticos e etnográficos ao longo da interação que se dá nos ambientes analisados.

Deve-se, para a abordagem desta dimensão, proceder a um movimento que permita interseccionar os estudos e contribuições da Linguística Cognitiva com outra linha de estudos abrigada sob o rótulo de sócio-cognitiva: o sócio-interacionismo vygotkiano (Cf. MORATO, 2008). Além da indissociabilidade da linguagem em relação a outros aspectos da cognição, hipóteses sócio-interacionais comumente admitem também que:

A cognição, tomada sempre em inter-ação (uma tese vygotkiana) e na presença constitutiva da natureza enunciativa, intersubjetiva, dialógica da linguagem (outra tese vygotkiana), é também considerada nessa perspectiva como encarnada (embodied), isto é, indissociável de práticas corporais e gestuais (MORATO, 2008: 160)

Em certa consonância com o construtivismo proposto pela Linguística Cognitiva – relativo, sobretudo, às experiências dos seres humanos no mundo (LAKOFF &

Johnson (2002 [1980]). Assim, o termo refere-se menos a uma questão geográfica e mais a um nucleamento teórico e um programa de investigação científica.

²⁷ Representada mais fortemente nos nomes de Gibbs (Cf. 2006, 2007) e Kövecses (Cf. 2009).

²⁸ Apesar de referir-se à importância de níveis diferentes da interação, como o interpessoal, neste trabalho o autor desenvolve uma análise que se fundamenta somente no contexto linguístico do emprego de certas metáforas.

JOHNSON, 1999) – o sócio-interacionismo²⁹ entende que o objeto de estudos das ciências da linguagem não é a realidade abstrata da língua (enquanto sistema independente), tampouco a realidade subjetiva dos falantes³⁰; o objeto a ser estudado localiza-se na dimensão intersubjetiva, na qual o acordo sobre a realidade é fruto de constantes negociações e ratificações estabilizadas pelo *uso* da linguagem. Ou seja, para esta linha de estudos, este acordo implica em restrições sobre a percepção da própria realidade, construída, mantida ou alterada não apenas nomeando-a, mas, sociocognitivamente, na forma como o ser humano interage com ela (KOCH, 2005).

Uma consequência deste deslocamento consiste no ressurgimento de uma profunda discussão sobre as propriedades daquilo que na relação triádica da significação é chamado de “referente”³¹, bem como sobre sua relevância e complexidade no fenômeno da significação.

De acordo com Blikstein (1983), há um movimento heterogêneo³² de “captura do referente”, culminando, por exemplo, na possibilidade de se considerar esse construto teórico como um elemento que não coincide com o real, mas altamente responsável pela forma como este é percebido. No seio deste movimento, postula-se que parte do objeto de estudos das ciências da linguagem não corresponde à realidade de maneira ontológica – a língua não é uma etiqueta do mundo – por ser um objeto de estruturação da realidade, promovido pela interpretação humana (Cf. COSERIU, 1977)³³.

Ao definir-se o referente não mais como um elemento do real, mas como um elemento cognitivo de definição do real, algumas questões centrais sobre a significação adquirem uma tonalidade diferente. Um bom exemplo está na discussão sobre a relação entre as categorias de organização do conhecimento sobre o real e a língua. Se antes deste movimento as categorias de organização do mundo eram definidas em termos das

²⁹ Para Salomão (1999), a diferença entre estas perspectivas é uma questão de ênfase. Como será visto, no entanto, o problema de como as categorias de organização do mundo são tratadas por cada perspectiva aponta para divergências epistemológicas mais profundas.

³⁰ Raciocínio depreendido a partir do trabalho seminal de Bakhtin-Voloshinov (1979 [1929]), que, *grosso modo* atribui à interação, ao uso concreto da língua, o verdadeiro objeto de estudo das ciências da linguagem.

³¹ Para mais detalhes sobre a problemática do referente no triângulo da significação, ver Blikstein (1983).

³² Expresso pelas considerações de autores que trabalham com perspectivas diversificadas como E. Coseriu, J. Greimas e E. Benveniste (Blikstein, 1983).

³³ Citado por Koch (2004) e Blicsktein (1983).

propriedades necessárias e suficientes dos objetos/eventos que as conformam, alguns quadros teóricos surgidos após essa “captura do referente” entendem que as propriedades constituintes das categorias não coincidem com propriedades intrínsecas comuns de objetos, mas resultam de um discurso sobre eles. Tornam-se, quando em uso, *objetos de discurso* (Cf. MONDADA & DUBOIS 2003 [1995]), e a língua, enquanto participante ativa no discurso, tem papel estruturante na organização interna e externa destas categorias.

Diante do exposto no capítulo anterior, a opção por uma perspectiva que se insere neste quadro, em que a língua contribui na organização das categorias, é altamente produtiva para que haja uma compreensão mais rica do movimento de “sacralização do consumo”, fundamental à retórica neopentecostal. Assim, o pressuposto anti-referencialista de que há uma instabilidade, constitutiva da língua, entre as palavras e as coisas, é de fundamental importância para uma compreensão aguçada do movimento entre as categorias de enquadramento do mundo propostas pelos dois campos simbólicos (Cf. HANKS, 2008) referidos – o pentecostalismo e o neoliberalismo – e seus pontos de fusão, abrindo espaço para um terceiro, e novo, campo de significação.

É justamente por observar e admitir a uma maior dinamicidade na relação entre língua e cognição um impeditivo para que as análises aqui realizadas adquiram um tom mais “cognitivista”. De modo geral, isso decorre em boa parte da “diferença de ênfase” mencionada por Salomão (1999), e implica que certos fundamentos epistemológicos diferenciam-se no que toca às premissas teórico-metodológicas adotadas por cada vertente.

Um bom exemplo que afasta estas premissas refere-se à adoção, na Linguística Cognitiva Californiana, do modelo de protótipos proposto por Eleanor Rosch (1978). Basicamente, a Teoria dos Protótipos proposta por essa autora admite que as diferentes categorias de organização do mundo não possuem fronteiras nítidas, posto que a categorização resulta em um *continuum*. De acordo com esta teoria, existem alguns elementos mais centrais às categorias, como no caso das aves, em que uma andorinha seria um exemplo mais prototípico do que um pinguim.

Nos trabalhos de George Lakoff – um dos principais autores desta vertente – a questão da categorização, nos moldes propostos por Rosch, adquire muita relevância para o desenvolvimento dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF 1987), comumente

empregados para a explicação dos processos de *blending* (ou mesclagem) conceitual (COULSON 2006), enquanto conjunto de operações cognitivas para a combinação de diferentes domínios conceptuais.

Como exposto há pouco, um dos problemas da visão adotada por essa vertente está em enxergar a língua como mero ponto de observação destes processos cognitivos, e não como constituinte da cognição humana. Isto sugere, por exemplo, que as categorias, apesar de relacionadas por gradiência, são estáticas, no sentido de que não são influenciadas pelas práticas linguísticas de construção de sentido. Assim, surge o argumento de que:

a análise de Rosch se limita a uma concepção que reduz a língua a uma nomenclatura, e a denominação a uma cartografia direta dos nomes (rótulos) para as coisas (mesmo quando as coisas se tornam mentais via protótipo) (MONDADA & DUBOIS, 2003: 42 [1995])

Através de uma discussão dos conceitos de “sentido literal” e “polissemia”, Marina Rakova (2003) também critica a adoção deste modelo pela Linguística Cognitiva, argumentando que esta teorização deriva de um amplo quadro que propõe a noção de sentido literal como um sentido primário, fundamentado no sistema percepto-cognitivo individual e do qual derivam outros fenômenos semântico-pragmáticos, como as metáforas e a polissemia. Para esta autora, há mais literalidade na língua do que pressupõem as asserções propostas pela Semântica e pela Pragmática. Embora fuja ao tipo de reflexão e raciocínio aqui expostos, esta crítica dá base a um argumento “anti-essencialista”, fundamental a quem deseja observar a dinâmica de organização das categorias sócio-cognitivas.

Por mais que elabore uma crítica importante e apresente *insights* interessantes à discussão sobre o papel da corporeidade para a compreensão dos fenômenos da cognição humana, a autora, por reivindicar uma “perspectiva do produto” (RAKOVA, 2003: 166) também não dá atenção a certos movimentos que a própria língua efetua sobre a organização dos sentidos ao longo da enunciação. Isto dá base a um tipo de ênfase que

enxerga a língua, em especial o léxico, como um sistema mobilizado por indivíduos, cujas ações na organização do próprio léxico são irrelevantes.

Um fundamento importante para o tipo de crítica que vem sendo aqui elaborado refere-se ao fato de que o presente estudo observa aspectos performativos da linguagem (AUSTIN, 1962), tomando-se fenômenos linguístico-pragmáticos como foco de análise e adotando o texto como unidade básica de seu estudo em situações interativas, nas quais, por sua vez, a presença da intencionalidade é indiscutível. Isto posto, a argumentação, enquanto “ato linguístico fundamental” (KOCH, 1987: 19), permeia a própria interação e a linguagem deve ser entendida como um tipo de “ação intersubjetiva” (VILELA & KOCH, 2001: 413).

Tomar a linguagem como um tipo de ação intersubjetiva requer que a relação entre as inferências e o problema da intencionalidade seja destacada. Para Gumperz (1992; 1998 [1982]; 2001), as inferências são sugestivas e baseadas em pressuposições, delimitadas pelo contexto, e através das quais os interlocutores obtêm acesso às intenções comunicativas uns dos outros. Ao fundamentarem-se em pressuposições culturais específicas (GUMPERZ, 2001: 216), as inferências devem ser tomadas como arraigadas no discurso e nas circunstâncias locais para que haja eficácia na interpretação das intenções.

Outro autor que pode contribuir com o aprimoramento desta questão é Tomasello (1999). Para ele, os símbolos linguísticos humanos possuem uma natureza dupla: são intersubjetivos e “perspectivais”. A natureza intersubjetiva destes símbolos, socialmente compartilhada, funciona como uma matriz pragmática na qual muitas das inferências sobre as intenções comunicativas são realizadas. Já a natureza perspectival destes símbolos permite que as escolhas realizadas dentro desta matriz direcionem a atenção dos interactantes para uma maneira específica de construção dos eventos e participantes (TOMASELLO, 1999: 213). Assim, as escolhas lexicais, por exemplo, devem ser tomadas como as escolhas de perspectivas adequadas aos propósitos enunciativos dos interlocutores.

Derivada de diversos quadros teóricos – notadamente enunciativo-pragmáticos– esta premissa norteia parte dos estudos de natureza textual-interativa mais recentes. Aqui, como delineado até o momento, a premissa da primazia da argumentatividade na linguagem

é exibida por meio dos componentes télicos no contexto das práticas linguísticas neopentecostais.

Admitida pela linha teórica dessa dissertação, a crítica à perspectiva da Linguística Cognitiva não permite que a investigação tome rumos semelhantes ao já citado trabalho de Coulson (2006), que versa sobre metáforas retoricamente motivadas no campo da religião, com foco no *blending* conceitual de “modelos culturais”. Isso decorre porque estes são tipos de Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), e, como exposto há pouco, a noção de categoria adotada por este autor é alvo de críticas acerca de seu processo de composição. Apesar de apresentar considerações bastante interessantes sobre certos movimentos de construção referencial operado pelas metáforas religiosas, o percurso inferencial dos processos de significação aqui registrados é observado através de concepções de cognição social diferentes das adotadas por Coulson, por exemplo.

De um ponto de vista interacional, há maior dinamicidade na composição das categorias, há mais ação social sobre a forma como o mundo está organizado, especialmente quando se observa que há um esforço de estabilização de sentidos em ambientes específicos. Este esforço, quando circunscrito a um campo de análise que tem dimensões retórico-pedagógicas, permite mostrar claramente como se dá a construção de um tipo de conhecimento a ser partilhado por e em seu auditório, para que certos propósitos argumentativos sejam alcançados.

O conhecimento partilhado é altamente responsável pelos diversos processos atribucionais que conduzem a produção de sentidos e guia o percurso inferencial de compreensão dos enunciados. Assim, essa noção teórica é altamente responsável pela coerência textual, aqui tratada enquanto uma “condição de acessibilidade intersubjetiva entre os produtores e receptores de discursos” (MARCUSCHI, 2006: p. 17).

Admitir a instabilidade das categorias cognitivas revela-se, portanto, como uma necessidade premente desta pesquisa, dada a natureza do objeto. Apesar de ser uma perspectiva processual (RAKOVA, 2003: 166) e empírica, os argumentos e conclusões aqui expostos seguem uma linha que não se prende a processos individuais de compreensão/produção da linguagem, pois toma como foco o “trabalho social nas relações intersubjetivas” (MARCUSCHI, 2004: 271), responsáveis pela composição histórico-

cultural das categorias de organização do mundo que guiam, por sua vez, o conhecimento partilhado em determinado contexto de uso da língua.

Busca-se, com isso, um modelo dinâmico de análise da linguagem que cria uma interface entre as restrições linguísticas, cognitivas e sociais para a compreensão de como é constituído o conhecimento compartilhado (BEAUGRANDE, 1997) pelos membros destas denominações.

Nas duas próximas subseções deste capítulo são discutidos os conceitos analíticos de construção referencial que atuam neste processo que constitui a visão de mundo proposta por líderes neopentecostais: i-) a referenciação textual-discursiva e ii-) e o papel da metáfora neste processo.

2.1 Referenciação: instabilidade das categorias e processos de estabilização

Contrapondo-se à noção de correspondência entre representações simbólicas e seus referentes, esta perspectiva teórica enfatiza que a especularidade entre o referente e a sua referência – visão adotada especialmente na semântica linguística oriunda da filosofia analítica, que pressupõe uma base realista e um acesso direto entre as estruturas linguísticas e os objetos do mundo – é ilusória. No desenvolvimento desta crítica, um de seus principais argumentos está em certa “petição de princípio” adotada nesta definição, especialmente porque não esclarece, como apontam Lakoff & Johnson (1999): “em que consiste ou como se produz esta correspondência” (LAKOFF & JOHNSON, 1999).

Blikstein (1983), configurando uma resposta a este problema, sugere que entre a realidade e a sua representação simbólica está a dimensão social da *práxis*: através do “conjunto de atividades humanas”, responsáveis pelas condições de existência de uma sociedade (concepção marxista de *práxis*), os sistemas percepto-cognitivos dos indivíduos seriam modelados. Notadamente semiótico, este modelo³⁴ – particularmente suas premissas

³⁴ Nomear a proposta de Blikstein enquanto um “modelo” permite mostrar que neste texto a recepção destes postulados difere-se, por exemplo, da de Koch (2002, 2004), que os admite enquanto uma notória constatação: “se o referente é fabricado pela prática social, o que dizer da prática sociocognitiva-discursiva...” (KOCH, 2004: 53). Uma das razões dessa sutil diferença na recepção destas idéias está na pouca ênfase dada

teóricas – será aqui tomado na dimensão das práticas sociais discursivas, pois nelas pode-se observar movimentos de discretização entre uma referência e seu referente. Esta opção, cumpre apontar, insere o presente trabalho na linha de pesquisas desenvolvida pela Linguística Textual brasileira, em especial com a produção de L. A. Marcuschi e Ingedore Koch, que postula uma “discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem”. (KOCH, 2005: 34). Nestas linhas, é altamente coerente admitir que o texto deve ser tomado como sistema instável, no qual a estabilidade é sempre um estado transitório de adaptação, altamente relacionado a um objetivo em determinado contexto. (MARCUSCHI, 2008: 243)

Já nas palavras de Mondada & Dubois (2003 [1995]), deve-se atentar para este processo de discursivização enquanto “construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas de mundo” (MONDADA & DUBOIS, 2003[1995]: 20).

Em harmonia com o quadro teórico delineado, a proposta³⁵ de Mondada & Dubois (2003 [1995]) de se entender um referente enquanto um *objeto de discurso* comparece na presente pesquisa como uma via interessante para a observação das práticas discursivas no contexto da retórica neopentecostal, pois releva a dimensão interacional destas práticas. É um movimento que permite considerar toda a dinâmica própria da instabilidade entre as palavras e as coisas e os movimentos intersubjetivos de estabilização, pois postula que “... as categorias constituem-se no processo de pelo menos duas mentes convergindo sobre a melhor forma de construir uma dada proposição diante do mundo...” (MARCUSCHI, 2007: 136).

Admitir a instabilidade das categorias como uma “dimensão intrínseca do discurso e da cognição” (MONDADA & DUBOIS, 2003 [1995]: 21), coloca a possibilidade de se entender a construção referencial enquanto um acordo local, enquanto ratificação ou resolução de um “problema” gerado localmente, pautado nas restrições de sentido impostas pelo discurso. A esta atividade discursiva, que permite a um sujeito

pelo autor àqueles aspectos da cognição dito “internos” por Morato (2008), relativos a certas características biológicas do ser humano e propriedades dos objetos do mundo.

³⁵ Vale notar ainda que as nomenclaturas propostas por estas autoras são amplamente empregadas por renomados pesquisadores da Linguística Textual Brasileira.

escolher a forma mais apropriada para concretizar seus propósitos enunciativos, dá-se o nome de *referenciação*: “escolhas do sujeito em função de um querer-dizer” (Koch, 2004: p. 61).

Neste arrazoado, entende-se que o processamento textual-discursivo dos sujeitos é estratégico, implicando em escolhas significativas a partir dos recursos linguísticos que lhes são oferecidos para a concretização de sua proposta de dizer, ao longo da interação verbal (Cf. KOCH, 2002, 2004, 2005).

Assim, uma observação sistemática dos processos de *referenciação* permite trazer à tona dados linguísticos emergentes no contexto da retórica neopentecostal, fundamentais para o ajuste de um foco no discurso – tomado como uma prática social (HANKS, 2008) – promovido por estas igrejas.

Uma possibilidade de sistematização está em observar o “comportamento” de alguns dos elementos responsáveis pela coesão textual, como os mecanismos fóricos. Desta forma, anáforas e catáforas são formas linguístico-discursivas que denunciam o funcionamento da referenciação em um texto, uma vez que mantêm um *objeto de discurso* em foco na memória discursiva (KOCH, 2002, 2004), possibilitando sua (re)construção.

Do ponto de vista da progressão referencial, a inserção de um *objeto de discurso* no texto resulta da categorização de um referente e implica em restrições discursivas, relativas ao contexto. Estas restrições dependem do domínio referencial que emerge ao longo da interação, enquanto um conjunto de formações e relações lexicais ou conceituais, contextualmente delimitadas, que são atribuídas a um referente. Este conceito, fundamental ao desenvolvimento desta dissertação, permite observar os enquadres cognitivos e textuais que restringem a significação referencial a um determinado conjunto de feixes significativos, inseridos no contexto da promoção da visão de mundo para os líderes e oradores neopentecostais.

Para Koch (2002, 2004), os processos fóricos de referenciação ocorrem por meio de três operações básicas:

i-) ativação ou construção³⁶ do *objeto de discurso*, responsável pela inserção/introdução de elementos novos no texto;

ii-) reativação ou reconstrução do *objeto de discurso*, na qual um “nódulo cognitivo” permanece em foco, sendo ativado pela memória operacional ou de curto termo.

iii-) de-ativação ou desfocagem, operação responsável pela introdução de um novo nódulo, sendo que o anterior fica latente no texto. No caso do modelo textual, o nódulo que ficou parcialmente ativado adquire o estatuto de inferível (Prince, 1981)³⁷.

Tais operações podem ser realizadas de três maneiras: *referir*, *remeter* e *retomar*. A primeira corresponde à atividade geral de designação realizável por meio da língua, a segunda a uma atividade indexical na co(n)textualidade e a terceira é responsável pela continuidade de um núcleo referencial, mantendo, ao menos parcialmente, uma relação de co-referência. Ao longo da progressão referencial (Cf. KOCH, 2008), estas estratégias³⁸ (MARCUSCHI & KOCH, 2002) de designação de um referente promovem o estabelecimento de uma cadeia referencial, garantindo não só o elo de coerência entre um *objeto de discurso* e seus “designadores”, como atribui uma orientação argumentativa a um texto – especialmente no emprego de expressões nominais referenciais (Cf. KOCH, 2004, 2005).

Ao admitir que um texto constitui-se como uma “forma de cognição social que permite ao ser humano organizar cognitivamente o mundo” (KOCH, 2002: 157), observar as expressões nominais referenciais permite constituir boa parte do “projeto de dizer” de um interlocutor, pois as seleções dos núcleos lexicais (KOCH, 1987) que compõem estas

³⁶ Embora apontem para o mesmo processo, os termos “ativação” e “construção” (bem como “reativação” e “reconstrução”) implicam em pontos de vista diferentes sobre a referenciação: enquanto ao primeiro fica atribuída uma noção mais presa aos aspectos cognitivo-discursivos (Cf. KOCH, 2004) de seu processamento textual, ao segundo fica atribuída uma noção atrelada à sua própria dinâmica e funcionamento em um texto (Cf. KOCH, 2002).

³⁷ Citado por Koch (2004).

³⁸ Em nossa pesquisa anterior, de Iniciação Científica, analisamos as estratégias de referenciação em cultos destas igrejas, e atestamos as observações no campo das Ciências Sociais de que há uma relação intrínseca entre práticas valorizadas no quadro socioeconômico neoliberal e a atual configuração da Teologia da Prosperidade – como também apontam Silveira (2007) e, em certa medida, Oliveira (1998). Por meio de sua sistematização, pudemos esboçar o processo de estabilização de sentidos necessário a esta reconfiguração no quadro teológico do pentecostalismo brasileiro.

formas imprimem ao texto “determinados posicionamentos discursivos, apontando-se um princípio de interpretação” (CARVALHO, 2005: 59).

Na perspectiva aqui reivindicada, estas formas linguísticas são admitidas em sentido “largo”, presas à dinâmica textual e à construção de *objetos de discurso*, enquanto uma perspectiva construtivista da noção de referência (APOTHELÓZ & REICHLER-BÈGUELIN, 1995). Fala-se em certo alargamento, ou extensão, da noção de anáfora na Linguística Textual, pois nas discussões semânticas³⁹ (Cf. KLEIBER, 2001 *apud* CAVALCANTE, 2003) acerca de sua natureza, o seu papel é majoritariamente representacional e de construção. Esse argumento, cumpre notar, decorre destas propriedades discursivo-interativas, afastando a perspectiva de asserções semânticas “roschianas” acerca da natureza das categorias.

Assim, observar os processos fóricos nominais permite entender como estas formas não só evidenciam relações discursivo-referenciais já estáveis, como permitem criar novas relações, notadamente em processos de recategorização de referentes. No plano geral, correspondem à *progressão referencial* as estratégias de designação⁴⁰ de um referente, promovendo o estabelecimento de uma cadeia referencial, que por sua vez garante não só uma progressão referencial coerente, mas, de acordo com Koch (2008) exerce papel relevante na orientação argumentativa de um texto, bem como, por decorrência, na construção textual do sentido.

Quando empregadas como anáforas indiretas⁴¹, as expressões nominais possibilitam a progressão textual e a coerência global do texto por meio da ativação de um novo referente, “ancorado” (MARCUSCHI, 2005) no *objeto de discurso* sob construção. Quando focalizado, há a ativação de uma rede conceitual (Cf. KOCH, 2004) – ou, nos termos de Marcuschi, um “universo referencial emergente” (MARCUSCHI, 2005: 58) – da

³⁹ Para Marcuschi (2005) e Koch (2002, 2004), os fenômenos léxico-esterotípicos, como as anáforas associativas, constituem apenas parte de um grupo maior, as anáforas indiretas.

⁴⁰ Reporta-se aos processos de introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada ou remissão dos referentes.

⁴¹ A única exceção seria o caso de anaforização por repetição lexical; todavia, como bem apontam Marcuschi & Koch (2002), mesmo neste caso de retomada há mudança informacional sobre o *objeto de discurso*, relativa aos processos anteriores de significação.

qual os elementos que vão sendo introduzidos estão semântica ou conceitualmente atrelados.

Um bom exemplo para elucidação desta característica do funcionamento textual da língua ocorre em uma relação do tipo: “Comprei um **livro**, mas *as páginas* estavam rasgadas” ou “Comprei um **livro**, mas *o preço* não foi justo”. Em ambos os casos, a ativação de “livro” permite evocar expressões nominais definidas como “as páginas”⁴² e “o preço”⁴³ sem prejudicar a compreensão do enunciado⁴⁴. São, neste sentido, estratégias de ativação de novos referentes que emergem sob o modo do dado (*idem*: 53); sua dependência interpretativa está sujeita quase que exclusivamente aos sentidos estabilizados pelo uso, enquanto conhecimentos (supostamente) partilhados pelos falantes de uma língua ou, ao menos, de uma comunidade linguística⁴⁵. O contraste que é estabelecido entre as categorias estáveis do *objeto de discurso* e as de suas formas remissivas, nestes casos, restringe domínios semânticos de um referente ativado para pontos periféricos de sua significação “original”.

Por outro lado, há processos fóricos que permitem uma alteração nas próprias relações discursivo-referenciais entre *objetos de discurso*. Casos mais emblemáticos seriam aqueles em que a remissão dá-se por meio de rotulações (*Cf.* CARVALHO, 2005), nas quais há uma recategorização do conteúdo da predicação precedente (KOCH, 2004: 78). Em um exemplo do tipo: “X foi preso ontem. O *problema*...”, a sumarização do conteúdo precedente (ser preso) pelo rótulo “problema”, possibilita enxergar uma avaliação do falante e uma nova categorização do conteúdo precedente, implicando em uma recategorização do *objeto de discurso* “ser preso”. Sua configuração é muito diferente de “livro-página/preço”, pois o percurso inferencial é outro: enquanto em “livro-página/preço” há uma relação meronímica prévia, dependente de conhecimentos dos interactantes e que

⁴² Relação meronímica, ou léxico-estereotípica (*Cf.* KLEIBER, 2001; citado por Koch, 2004).

⁴³ Diferentemente da anterior, essa relação não é estabelecida lexicalmente. Neste caso, a dependência interpretativa está relacionada a “esquemas cognitivos” ou “frames”.

⁴⁴ Percebe-se como este processo está altamente ligado a algum tipo de economia cognitiva, pois não há necessidade de explicar que livros possuem páginas e têm um preço.

⁴⁵ Seria possível pensar em casos nos quais ocorre processo semelhante, mas altamente dependente de conhecimentos muito específicos: como em uma relação de ancoragem entre “livro” e “lauda”, por exemplo.

apenas aspectualiza o referente, em “problema-ser preso” a relação torna-se inferível ao longo da construção referencial.

Nestes casos, a seleção lexical é fundamental para a recategorização e uma alteração no núcleo sintagmático implicaria em relações de outra ordem: se, ao invés de “problema”, o núcleo fosse “evento”, “caso”, “solução”, etc., as relações discursivo-referenciais desenvolvidas ao longo deste processo agregariam informações de naturezas diferentes ao *objeto de discurso* “ser preso”.

O *objeto de discurso* é construído através de sua inserção em domínios de significação que não se restringem às categorias inscritas na língua, de forma que o conjunto de inferências necessárias à coerência e progressão textual exige não só conhecimento da língua, mas um conjunto de conhecimentos de ordem pragmática, textual-discursiva e/ou conceitual. Ao longo do encadeamento textual, o contraste entre as categorias dos referentes (Cf. MONDADA & DUBOIS, 2003 [1995]) permite, desta maneira, que lhes sejam atribuídas novas propriedades, uma vez que sua significação depende da estabilidade das categorias da forma remissiva.

Assim, em termos de continuidade e progressão, a reativação de um *objeto de discurso* por meio destes mecanismos consiste justamente na possibilidade de recategorização de um referente, o que pode implicar em alteração situada dos domínios referenciais a que pertence. Isto ocorre porque a recategorização implica em uma ampliação, delimitação, ou alteração das vias inferenciais possíveis que se apresentam para a construção do sentido; nas palavras de Marcuschi & Koch (2002):

a recategorização de referentes envolve seleções de natureza semântica ou cognitiva e se baseia em inferências fundadas em índices lexicais contextualizados (MARCUSCHI & KOCH, 2002: p. 46).

Mas os procedimentos fóricos, como apontam Mondada & Dubois (2003 [1995]), não ficam restritos à construção localizada e à ilustração da progressão referencial: seu papel também é de “estabilizar ou de focalizar uma denominação particular, excluindo para isso outras possibilidades” (MONDADA & DUBOIS, 2003 [1995]: 43). Com isso,

estas formas textuais, quando analisadas a sua frequência e recorrência temática, permitem entender como se dá a convencionalização de certos usos categoriais, especialmente em um campo simbólico bem definido como o da retórica neopentecostal. Entende-se, pois, que há uma estabilidade “aberta” (SOUBBOTNIK, 2007) das formas linguísticas, pois a relação de significação entre o significado e o significante é construída no rumo da interação.

Com base nestas considerações teóricas, a recategorização emerge como um rico expediente analítico para uma investigação voltada à significação no contexto da retórica neopentecostal. Por meio de sua observação sistemática, é possível entender com maior precisão e acuidade a questão primária apontada no início deste texto, atinente à relevância da construção de uma relação conceitual entre as duas principais categorias trabalhadas no discurso neopentecostal: a fé e a prosperidade.

O fato de pertencerem a domínios abstratos da experiência humana “facilita” o trabalho, por parte destes oradores, de “remodelagem” conceitual destas categorias por meio da construção e estabilização de sentidos na retórica neopentecostal. E, como será discutido doravante, a presença de enunciados com algum grau de metaforicidade permite uma clara observação destes processos, posto que a metáfora aponta também um tipo de construção referencial.

2.2 O Papel da metáfora na composição discursivo-cognitiva da Teologia da Prosperidade.

Das relações entre os estudos atuais sobre a metáfora e a retórica que podem ser estabelecidas, interessa para a presente investigação não só o papel clássico que tal fenômeno linguístico assume em termos de elocução (*Elocutio*), isto é, em termos de escolha de palavras que visam à “sentimentalização”, ao *deletare* e ao embelezamento de um discurso retórico. No discurso religioso, há que se relevar mais a sua dimensão cognitiva, capaz de fundamentar, como será visto, parte dos sistemas de ação e pensamento que os entusiastas da Teologia da Prosperidade propagam como legítimos em relação ao sagrado e ao mundo.

Um estudo sobre a metáfora neste campo religioso deve debruçar-se sobre a maneira pela qual ela garante um *status* de verdade à alegação cognitiva de caráter religioso (TRACY 1992 *in* SACKS), de que é a vontade de Deus a riqueza e a prosperidade de todos

os cristãos “verdadeiros”, através de termos que são valorizados em uma sociedade neoliberal. Neste raciocínio, como exposto, o consumo é tido como reflexo de riqueza – não estrangulado como em ramos pentecostais⁴⁶ precedentes – e o empreendimento financeiro é tido como meio de alcançar a prosperidade, seja este termos tomado em sentido estritamente profissional, próprio de sua organização empresarial (CAMPOS 1997), seja ele empregado no sentido de um empreendimento divino, no qual o dízimo e as ofertas são única moeda aceita no mercado sagrado.

Para a proposta aqui realizada, atenta-se para a maneira pela qual a metáfora *produz* “algo completamente novo” (HARRIES *in* SACKS 1992, 77), enquanto reflexo das premissas teológicas que permitem a este ramo religioso incorporar os valores da sociedade neoliberal, notadamente o desejo de consumo e a livre circulação de mercadorias, atribuindo-lhes um “invólucro sagrado” (RODRIGUES 2003). Desta forma, busca-se verificar a eficácia de seu “efeito-surpresa” (GOODMAN citado por MARCUSCHI 2007c: 130), quando os oradores veiculam propostas sedutoras para aqueles que se encontram afetados por adversidades próprias do quadro nacional, como a miséria e a exclusão social.

Há de se notar que o *insight* cognitivo que a metáfora propicia ao atribuir um estatuto novo a um referente (KITTAI 1987) faz parte de um “convite” à conclusão durante o ato suasório, como no entimema (MEYER 2007: 82); contudo, a metáfora deste se diferencia por se dar em outro nível referencial. Ou seja, ela é fundamental à argumentação não só por permitir uma fusão analógica do “elemento do foro com o elemento do tema” (PERELMAN & TYTECA 1996 [1953]), mas também por apresentar-se como um elemento que “associa universos de discurso nunca antes associados, colhendo-os numa nova síntese, que exprime revelação cognitiva e catarse emocional” (LOPES 1986: 100).

Acerca desta natureza construtiva da metáfora, Marcuschi (2007c) transfere o problema de seu processamento como não sendo relativo à comparação ou transposição, propondo que em seu fundamento está em uma capacidade cognitiva de criação e

⁴⁶ Parte do estudo de Silveira (2007) dedica-se a mostrar que as igrejas pentecostais, como a Assembléia de Deus, vêm se apropriando de uma visão muito próxima à propagada pelos ramos neopentecostais, embora ainda não dediquem tanto espaço para essas mensagens.

composição. Para isso, apóia-se na observação de Vygotsky (1974 *apud* MARCUSCHI, 2007) de que a metáfora refere-se a algo “anterior à razão e serve para aferir a capacidade criativa do homem”, como observa Peña-alfaro (2005: 134). Para Marcuschi:

O conhecimento novo que ela nos sugere é fornecido por uma intuição e por um pensamento que não se baseia em comparação alguma e foge a explicação lógica. Neste sentido a metáfora como que produz a comparação e não a formula simplesmente: a comparação é resultado da metáfora e não o contrário. A comparação é um fenômeno *postfestum*. É um sistema cognoscitivo que entra em ação e não uma atividade lógica. A metáfora é síntese *a priori*, funda-se na capacidade criadora intuitiva e não no pensamento analítico ou lógico. (MARCUSCHI, 2007c, 13-14).

Seguindo estes raciocínios, o esquema básico da metáfora na argumentação, formalizado como “ $x = y$ ” (MEYER 2007: 83) não é descartado, desde que se considere que ela não se refere à transposição de significados, mas sim a um processo composicional. Para Van Dijk (*apud* PEÑA-ALFARO 2007) as metáforas ocupam funções ideológicas dentro do discurso, de forma que a estas variáveis estão submetidos não só elementos do co-texto, mas também do contexto sócio-cognitivo mais amplo que circunda um ambiente retórico e restringe seu campo de significação. Assim, uma metáfora altamente recorrente nos cultos da Igreja Universal, como “aliança com Deus”, possui uma função de compor o seu universo discursivo com elementos relevantes para seus propósitos mais específicos de expansão e consolidação.

Há que se notar, como aponta Amossy (2000), que a metáfora na argumentação possui um “potencial pedagógico tanto quanto persuasivo” (AMOSSY, 2000: 158). Assim, o fato de ter este caráter pedagógico coloca a metáfora enquanto um fenômeno linguístico-cognitivo responsável por instruir, no sentido de que revela pontos de vista novos sobre os referentes. E, em face das premissas epistemológicas que compõem o quadro teórico mais amplo do sócio-cognitivismo, algumas observações sobre este fenômeno no quadro da Linguística Cognitiva devem ser relevadas. E, em certa medida, será mostrado como estas observações podem contribuir na explicação do percurso metafórico que visa à criação e sustentação de pontos de vista particularizados no contexto da retórica neopentecostal.

Como citado na primeira sessão deste capítulo, a Linguística Cognitiva trata da metáfora como um fenômeno ubíquo da mente humana (Cf. LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]; LAKOFF, 1993), de forma que o termo teórico “metáfora” aplica-se a processos cognitivos amplos de geração de sentido para a linguagem, posto que deriva do entendimento de uma experiência⁴⁷ em termos de outra. Em sua gênese, a metáfora contribui para o desenvolvimento das teses acerca da materialidade corporal, da cognição incorporada, no desenvolvimento da mente humana (LAKOFF & JOHNSON, 1999), quando há transferência de planos concretos, em termos sensório-motores, para planos abstratos da experiência.

Para estes autores, há uma organização em torno de conceitos simples que estruturam e dão base conceptual através de um mapeamento de experiências concretas acumuladas e “expostas” na língua através das expressões metafóricas, tais como AMOR É UMA JORNADA/VIAGEM, uma experiência concreta “viagem” que dá base a uma experiência abstrata, o “amar”.

Lakoff & Johnson (2002 [1980]) classificam cinco tipos de metáforas conceptuais: i) estruturais, responsáveis por estruturar um conceito metafórico a partir de outro (DISCUSSÃO É GUERRA); ii) orientacionais, responsáveis pela organização de todo um sistema de conceitos com relação a outro (PARA CIMA/PARA BAIXO); iii) convencionais, responsáveis pelo sistema conceptual ordinário de nossa cultura, o qual se reflete em nossa linguagem do dia-a-dia; iv) ontológicas, referentes à nossa experiência com objetos físicos e substâncias; v) de personificação, que permitem compreender experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.

Por decorrência dessas relações de ordenação entre as estruturas supracitadas, a teoria destes autores encontra um de seus mais fortes argumentos na idéia da “economia cognitiva”, que *grosso modo* afirma que a mente humana se apropria, ou empresta, certas estruturas semânticas de conceitos considerados mais simples para organizar os aspectos

⁴⁷ O conceito de “experiência” adotado pelos autores refere-se a estruturas multidimensionais que caracterizam *gestalts* de dois tipos; experienciais, que são os conjuntos estruturados nas experiências humanas recorrentes; multidimensionais, as maneiras de se organizar as experiências em blocos estruturados.

de conceitos mais complexos. Os conceitos simples seriam, segundo Lakoff (1993), as categorias “superordenadas”, ou seja, categorias que no processo de mapeamento realizado durante a realização/interpretação de expressões metafóricas estão situadas em um “nível superior” do processo cognitivo; “...são as categorias superordenadas usadas no mapeamento...” (LAKOFF, 1993: 7).

As teorias destes autores são alvos de diversas críticas, como a exposta por Moura (2002), ao defender que a interpretação de certas metáforas conceptuais depende do conhecimento lexical associado às palavras usadas: “não é o léxico que produz as metáforas, mas a língua, organizada no léxico, tem um papel importante na interpretação das metáforas” (MOURA, 2002; 160). Ou seja, para este autor, é a língua que organiza o quadro pelo qual damos sentido às metáforas. Essa crítica se dá com base na idéia de que para o cognitivismo clássico o léxico não possui estrutura interna, logo, as relações semânticas só adquirem sentido quando relacionadas a esquemas conceptuais. Com esta crítica, a análise se dá no entrecruzamento entre as operações linguísticas e conceptuais em jogo, pois é neste momento que “os falantes, em situações concretas de uso, tentam delimitar um sentido para a metáfora a que são expostos” (*idem*; 160).

No entanto, Morato (2008) critica uma perspectiva estritamente linguística, pois considera que ela “não leva em conta ainda aspectos pragmáticos, interacionais, contextuais, intersemióticos, sócio-cognitivos de sua construção”, o que implica que “as restrições atinentes à interpretação da metáfora não são apenas linguísticas, mas pragmáticas, sócio-cognitivas” (*idem*).

No que toca aos aspectos culturais do desenvolvimento das metáforas, este quadro teórico também é criticado em uma análise do cognitivismo lakoffiano, feita por Leezenberg (2001):

não se pode reduzir fatores sócio-culturais a biológicos (...) imagens e categorias de nível básico são culturais – e dependem da linguagem, e, portanto, não podem ser inteiramente preconceituais ou biologicamente determinadas. (LEEZENBERG *Apud* LOPES, 2005; 40).

Desta corrente de pensamento, vale notar, a presente pesquisa também se distancia quanto ao método de investigação dos fenômenos, especialmente se

considerarmos que os exemplos trazidos por autores como Lakoff & Johnson (1980, 2002) são *ad hoc*. Seguem-se aqui trilhas propostas por autores como Gibbs (2006), que entende que a compreensão deste fenômeno deve considerar aspectos contextuais (como a dinâmica interpessoal, por exemplo).

A perspectiva adotada por Gibbs (2006), entre outros autores da Linguística Cognitiva que propõem um fortalecimento da noção de contexto para a compreensão do fenômeno da metáfora, entende que a organização de conceitos abstratos não se dá nem por uma relação direta com conceitos concretos ou, tampouco, recebe influência indireta destes. Para ele, aquilo que pode ser chamado de “metáforas conceptuais” corresponde em parte ao conhecimento sobre o qual o falante opera na criação de conceitos abstratos. Desta forma, o papel da metáfora conceptual serve muito mais como uma base processual para a compreensão das metáforas linguísticas do que necessariamente sua base de criação/interpretação: “as metáforas conceptuais sustentam o processo cognitivo pelo qual nós entendemos a linguagem figurada” (MCGLONE, 2007; 116).

Gibbs (2006) aponta para trabalhos que criticam a teoria da metáfora conceitual dada sua incapacidade em explicar a aparente diferença que certas metáforas possuem em sua maneira de embasar as experiências. Por exemplo, na metáfora conceptual “MORE IS UP” (MAIS É PARA CIMA), há um processo de embasamento que seria bem diferente de LOVE IS A JOURNEY (O AMOR É UMA JORNADA). O autor questiona também o porquê de tal teoria não explicar como certos componentes do domínio fonte são mais improváveis de aparecerem em expressões metafóricas⁴⁸, como no caso em que soaria estranho enunciar “essa teoria não tem janelas”, apesar do fato de que TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES/PRÉDIOS (GIBBS, 2006: 8). Aqui, diferente de Grady (1997 *apud* KÖVECSES 2009), propõe-se que a constituição de tais domínios não pode ser apenas resultado de uma separação entre metáforas primárias e secundárias, mas que é o próprio

⁴⁸ Ao tentar preencher estas lacunas, Grady (1997 *apud* KÖVECSES, 2009) propõe a existência de metáforas primárias e de metáforas complexas; as primeiras seriam as responsáveis por estruturar o caráter genérico das metáforas, de forma que elas seriam restritivas às experiências “secundárias”, ou seja, não é qualquer experiência sensorio-motora que dá base à metáfora, mas sim um conjunto de bases independentes e diretas da experiência.

contexto de emprego capaz de constituí-los. A análise de Kövecses (2009) deixa claro que o texto é grande responsável pelo processo de significação da metáfora.

Ao propor o conceito de “engenhosidade semântica”, Pires de Oliveira (2007) contribui para o desenvolvimento dessa proposição. Para autora, a teoria desenvolvida pela Linguística Cognitiva depende da existência de universais, apreendidos diretamente através do nosso corpo em interação do homem com seu entorno sócio-cultural. Todavia, como expõe a autora, “É muito difícil (...) afirmar quais seriam essas categorias...”(Pires de Oliveira, 1997).

Também na proposta desta autora encontram-se bases para o aprimoramento de certos aspectos teóricos da presente investigação, relativos aos parâmetros restritivos do julgamento de metaforicidade de enunciados:

O julgamento de literalidade ou metaforicidade, assim como a própria interpretação, é guiado pela combinação de uma série de parâmetros: o conhecimento da língua, o conhecimento de mundo, a referência a um tópico conversacional, o conhecimento sobre as condições da enunciação, o conhecimento mútuo entre os interlocutores... Um intérprete atribui a outro intérprete toda uma gama de crenças e conhecimentos. Não há necessidade de uma coincidência estrita entre as teorias do falante e do intérprete. Para nossas interações no mundo, o melhor é que haja sempre um trabalho de interpretação, uma defasagem entre as teorias que os intérpretes se atribuem (Pires de Oliveira, 1997).

Com base, assim, no desenvolvimento destas críticas e no quadro textual-interativo do sócio-cognitivismo, a significação por meio das metáforas é um fenômeno que, quando observado em *uso*, requer uma série de conhecimentos e convenções. No que concerne ao julgamento de metaforicidade, a visão de Ariel (*apud* MARCUSCHI, 2008) parece ser coerente com algumas reivindicações do sócio-cognitivismo interacional. Para esta autora, não há relação rígida entre o sentido literal e o sentido não-literal, e o que os diferencia está no fato de que o sentido segundo exige, além de um contexto para ser interpretado – tal qual o sentido literal – certa convenção para que seja compreendido.

As teorias que fundamentam o problema da metáfora no quadro da Linguística Cognitiva, apesar de limitações apontadas por vários autores, podem fornecer subsídios

importantes para uma compreensão do processamento textual, notadamente da linguagem figurada. A questão de como se dá a estruturação predicativa (x é y) dos processos metafóricos, e de alguns de seus aspectos inferenciais, surge como um ponto interessante para se entender o caráter multilinear dos sentidos implícitos nos próprios textos.

Acerca desta questão, Vereza (2007) propõe, por admitir uma relação mais estreita entre estas teorias cognitivas da metáfora e seus efeitos textual-argumentativos, a noção teórica de “nichos metafóricos”:

um grupo de expressões metafóricas, inter-relacionadas, que podem ser vistas como desdobramentos cognitivos e discursivos de uma proposição metafórica superordenada normalmente presente (ou inferida) no próprio co-texto (VEREZA, 2007: 496)

A categorização de conceitos bastante abstratos, como “fê” e “prosperidade” ocorre em muitos casos por meio de construções indiretas de sentido, em especial quando se deseja atribuir a eles um entorno considerado “profano” para os ramos pentecostais precedentes. A noção teórica de nicho metafórico, em especial no que se refere às “proposições inferíveis”, pode oferecer indícios interessantes do processo citado, pois permitem apontar como a abordagem de certos tópicos discursivos permite a manipulação e a construção indireta destas categorias.

Como afirmado na apresentação desta dissertação, o percurso sócio-cognitivo que se dá para fenômenos de referenciação que possuem natureza metafórica deve considerar que há muitas divergências epistemológicas entre as perspectivas sócio-cognitivas. Se é um fenômeno que emerge em textos, é ponto incontestado que a inclinação teórica de sua investigação deva pender para a ênfase de seus aspectos textual-interativos.

Esta mudança de ênfase, por exemplo, afasta a presente investigação de estudos como os elaborados por Lima (2007) e Leite (2007)⁴⁹. A reivindicação forte de uma noção

⁴⁹ Também interessados no funcionamento de metáforas no corpo de um texto, estes autores propõem que a sua investigação da metáfora deve ser feita ou com base na Teoria da Mesclagem Conceptual (LIMA, 2007) ou com base em propostas da semiótica textual aplicadas a teses da Linguística Cognitiva (LEITE 2007). Como será detalhado no próximo capítulo, o tratamento aqui dado à noção de contexto e às premissas epistemológicas do sócio-cognitivismo dá um tom diferente ao surgimento de metáforas em um texto.

de contexto, como algo constitutivo da significação destes fenômenos, resulta em tratamentos diferentes de noções teóricas afeitas a eles, como as inferências.

Uma questão que deve ser frisada, antes de finalmente adentrarmos o ponto central deste texto, refere-se à motivação por um estudo sobre as recategorizações metafóricas. Como será demonstrado no próximo capítulo, a emergência destes mecanismos de construção de sentido revela-se enquanto clara necessidade de aprofundarmos a discussão sobre a sua natureza e funcionamento.

3. A relevância dos mecanismos de recategorização metafórica na retórica neopentecostal: percurso teórico-metodológico da Iniciação Científica à Dissertação de Mestrado

Como apontado em diversos outros pontos deste texto, entende-se que as duas principais categorias cognitivo-discursivas que fundamentam a Teologia da Prosperidade são a prosperidade e a fé. Estudar os movimentos que as estabilizam permite mostrar como algumas práticas valorizadas no discurso neoliberal estão incorporadas à significação estável de diversas formas linguísticas significativas (itens lexicais, expressões idiomáticas, jargões, clichês, etc.) e recorrentes no universo discursivo da retórica neopentecostal. É o caso de se perguntar se tais significados estabilizados não são uma maneira de mostrar que este processo revela referências virtuais – isto é, eventuais referências de um segmento da realidade (MILNER, 2003; 86) – particularizadas em um contexto.

Como reforçado no capítulo anterior, o ponto de vista aqui adotado não admite que são segmentos da realidade que estão sendo referidos, mas objetos cognitivo-discursivos. Apesar desta diferença fundamental entre o ponto de vista de Milner neste texto e o aqui reivindicado, a maneira como ele trata a relação linguagem-mundo seja talvez menos importante do que a sua proposta teórico-metodológica, que oferece ao linguista uma maneira eficaz de tratar o conjunto referencial emergente, e implícito, na ativação de certos itens lexicais em um contexto específico de práticas

Estas categorias (Prosperidade e Fé), dada sua importância para a retórica neopentecostal, serão aqui tomadas enquanto “noções”, a partir da definição de cunho enunciativo proposta por Culioli (*apud* SOUBBOTNIK, 2007): “Conjunto de complexo de representações, elas também complexas, de coisas e estados de coisas” (SOUBBOTNIK, 2007: 166). Tomá-las enquanto “noções” é uma estratégia interessante para permitir, a partir de um ponto de vista enunciativo, articular às práticas linguísticas elementos das práticas sociais neopentecostais. E possibilita, ainda, dentro de um ponto de vista cognitivo-conceitual, tomar estes itens lexicais como categorias da experiência complexamente representada, que evoca certas práticas, especialmente se considerarmos que estes

complexos resultam de “atividades inseridas em culturas, ou seja, em forma de vida” (*idem*: 166).

Inserida na linha teórica adotada nesta dissertação, nossa pesquisa de iniciação científica⁵⁰, atestou uma série de observações no campo das Ciências Sociais, dentre as quais se destaca a relação intrínseca entre práticas valorizadas no quadro socioeconômico neoliberal e a atual configuração da Teologia da Prosperidade – como também apontam Silveira (2007) e, em certa medida, Oliveira (1998). Por meio de sua sistematização, foi possível entender como ocorre o processo de estabilização de sentidos necessário a esta reconfiguração.

Nessa pesquisa, foram analisadas as recorrências de duas práticas referenciais em cultos destas igrejas, de modo a sistematizar a construção da relação acima referida: i-) as determinações referenciais acerca de elementos atrelados a estes dois “pilares conceituais” da Teologia da Prosperidade, pertencentes a domínios referenciais como “riqueza/pobreza”, “consumo”, “dízimos/ofertas”, “posse”, etc.; ii-) o emprego de enunciados metafóricos que possuíssem em pelo menos um de seus domínios analógicos (fonte ou alvo) a presença de elementos que conduzissem à esta relação.

Para o desenvolvimento destas análises, configurou-se um *corpus* constituído de dez cultos – cerca de 30’ cada – registrados áudio-visualmente e transcritos de acordo com normas adaptadas do Projeto NURC (*Cf.* KOCH, 2004), de duas igrejas representativas do movimento neopentecostal no Brasil: cinco cultos extraídos do programa televisivo “O Santo Culto em seu lar” realizado pela Igreja Universal do Reino de Deus; cinco cultos extraídos do programa “Show da Fé” realizado pela Igreja Internacional da Graça de Deus.

Por meio da análise interpretativa do *corpus*, de cunho semântico-textual, adotou-se um sistema de notação que permitisse detectar um repertório lexical e um conjunto de enunciados que fornecessem determinações referenciais e alusões metafóricas sobre *objetos de discurso* fundamentais à teologia adotada por estas igrejas, como se vê na seguinte tabela:

⁵⁰ FAPESP, IC: proc. No. 2007/52393-5.

Tabela 1: Sistema de detecção dos processos (MARTINS, 2009)

Ferramenta de detecção dos processos	Processo destacado	Exemplificação
NEGRITO	Objetos de discurso em foco	“... Diabo , é o <i>espírito do Inferno</i> , é o inimigo de Deus e do Homem, que volta contra você. O <i>espírito imundo</i> que atua nesse mundo...”
<i>ITÁLICO</i>	<i>Elementos fóricos de determinação referencial</i>	
<u>SUBLINHADO</u>	<u>Metáforas e/ou enunciados metafóricos</u>	“...você <u>toma posse da vontade de Deus...</u> ”
<u>SUBLINHADO</u> ²	<u>Expressões formulaicas</u>	“... <u>o mapa da mina...</u> ”

Empregando este sistema de detecção, os dados foram distribuídos pela macrocategoria “estratégias de referenciação” (Cf. MARCUSCHI & KOCH, 2002), que compreende dois grandes movimentos referenciais: refocalização e alteração. A primeira constitui-se por dois mecanismos co-referenciais e um não co-referencial, a segunda constitui-se apenas por mecanismos não co-referenciais. As seguintes formas compõem os dois movimentos e são devidamente exemplificadas, com base no sistema de detecção acima exposto:

➤ Estratégias de refocalização:

- Anáforas Nominais: representadas pelo emprego de repetições lexicais, sinonímias e paráfrases. No exemplo (I), pode-se ver um exemplo de paráfrase, no qual o *objeto de discurso* “relacionamento com Deus” é reformulado em termos de uma “dependência de Deus”.

I. ...ela passa a viver é...em **relacionamento com Deus...** em *dependência de Deus*” (Culto 1 – IURD, p. 151, L. 24-25)⁵¹

- Nominalização: Representada geralmente pelo emprego de formas deverbais, no caso de remissão a um nome, ou denominais, no caso de remissão a verbos. Como aponta Koch (2004), entram nesses casos processos de transformação de proposições em entidades⁵² de um modo geral. No exemplo abaixo a referência textual abstrata ATIVIDADE, referente ao enunciado “ser patrocinador”, é colocada em saliência pela remissão feita com o verbo “assumir”, funcionando como um sinônimo⁵³ para a forma imperativa do verbo que poderia ter sido escolhida, como “patrocine” ou “seja patrocinador”.

II. “se ele não chama você para **ser patrocinador...** nem eu quero que você seja patrocinador... mas se ele chama... não deixa pra depois... hoje... *assuma*” (Culto 2 – IIGD. p. 189, L. 23-25)

- Descrição definida: seleção dentre as propriedades – sejam elas reais, contextualmente determinadas ou atribuídas pelo locutor – daquela(s) que julga de importância para a concretização de suas propostas de sentido. Semelhante às nominalizações, esta estratégia possui função cognitivo-discursiva de reativar na memória determinados elementos sugeridos pela ativação de um *objeto de discurso*. Das que se diferem, contudo, por nunca ocorrerem sem um determinante, e também porque não há condensação de informação e sim realce de características. No exemplo abaixo, ao ativar o referente “ladrões”, o orador estabelece uma relação de causa e consequência em que evoca dois aspectos atrelados a este: “roubado” e “vítima”. Este enunciado, vale notar, possui alto

⁵¹ A referência dos enunciados no *corpus* (transcrição completa em anexo) segue o esquema: Culto X, Igreja (Universal do Reino de Deus – IURD; Internacional da Graça de Deus – IIGD), Página W, Linha Z.

⁵² Referentes textuais abstratos como ESTADO, FATO, EVENTO, ATIVIDADE (Koch, 2004: 71).

⁵³ Apothéoz (2003) reporta casos em que há nomeação por sinonímia quando a língua não oferece base morfológica para a derivação deverbal ou denominal; embora não seja o caso de falta de base morfológica para a derivação, ainda assim entendemos que o exemplo (II) se encaixe mais nessa estratégia do que na de emprego de sinonímias, casos em que não há mudança na estrutura sintática.

poder argumentativo, pois neste culto o Bispo Edir Macedo propõe que não praticar o dízimo é como um roubo à propriedade de Deus.

III. Todos **os ladrões** de hoje... amanhã serão **os roubados** ... serão *as vítimas*” (Culto 2 – IURD: p. 156 L. 24-25)

➤ Estratégias de alteração referencial:

- Inserção de hiponímia/hiperonímia/meronímia: fundamentam-se, de modo geral, nas relações do tipo classe/membro ou parte/todo através de especificações, individuações e seleções que permitem alocar um referente dentro de um conjunto. No exemplo abaixo fica claro o funcionamento desta estratégia, quando o orador procura definir o *objeto de discurso* “vida de qualidade”:

IV. que todos nós tenhamos **uma vida de qualidade...** *uma vida com saúde... uma boa família*” (Culto 1 – IURD, p. 152, L 29-2)

- Emprego de relações indiretas: Explicitam vínculos referenciais que não se situam no plano da língua, mas das representações conceituais/ relações cognitivas (MARCUSCHI, 2005: p. 62) que estão vinculadas a determinado *objeto de discurso* por modelos mentais de mundo, como *scripts* ou *frames* (KOCH & CUNHA-LIMA 2004). A recategorização do *objeto de discurso* não se dá pela evocação de traços semânticos do referente, mas opera pela atribuição de características novas que se estabelecem no contraste entre as categorias estáveis tanto dos referentes ativados, quanto de suas formas remissivas. No exemplo abaixo, observa-se a inserção do item remissivo “administrador” se ancora tanto em “autoridade” como no enunciado “comunhão de Deus com o homem”:

V. **a autoridade suprema na Terra** era do homem... Deus havia passado *essa autoridade...* e havia **comunhão de Deus com o homem**... do homem com Deus...

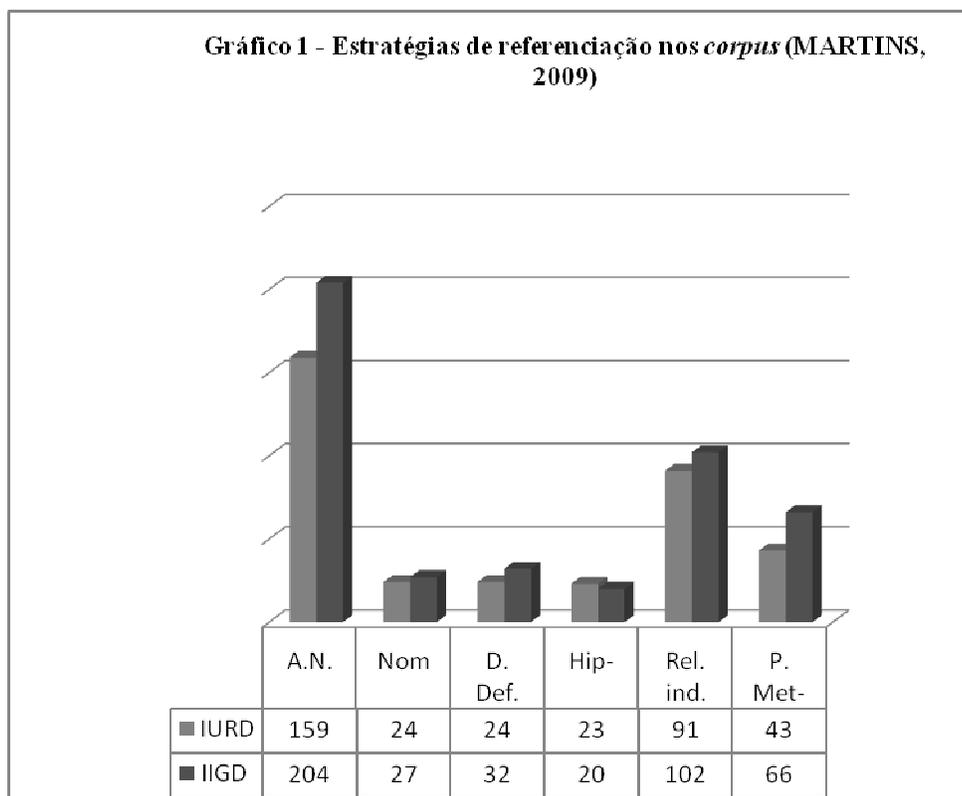
porque o homem era *administrador* de tudo que Deus havia criado... (Culto 2, IURD. P. 159, L. 11-14)

- Explicações ou definições: Consideram-se aqui procedimentos meta- que introduzem “objetos clandestinos” (KOCH 2004) responsáveis por categorizar, inclusive, o ato enunciativo ou a porção textual seguinte ou anterior. Por esta razão, adotou-se a etiqueta “procedimentos meta-” para a classificação destes dados. No exemplo abaixo fica claro como o *objeto de discurso* “aprender a viver com Deus” é tratado como um tipo de “conhecimento”:

VI. “você **aprende a viver com Deus**... em comunhão com Ele. *Isso* que Deus quer... por *isso* que nós pregamos o evangelho... por *isso* nós abrimos igrejas... para levar às pessoas *esse conhecimento*...” (Culto 1 – IURD, p. 152, L. 19-21)

Com este aparato metodológico, constatou-se uma predominância de formas co-referenciais (notadamente pelo emprego de sinónimas e paráfrases) e de mecanismos etiquetados como “relações indiretas”, como se vê no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Estratégias de referência nos *corpus* (MARTINS, 2009)



A significativa presença das formas co-referenciais – 363 registros, ou aproximadamente 45%⁵⁴ do total – foi atribuída à dimensão retórica da instrução (*docere*); os propósitos enunciativos dos oradores neopentecostais, como exposto no primeiro capítulo, fundamentam-se em oferecer a seus seguidores recursos simbólicos de legitimação religiosa às práticas seculares neoliberais. Com isso, entendeu-se como estes oradores procuram sempre ensinar qual a interpretação religiosa mais adequada para os fatos cotidianos, geralmente circunscritos, com base em seu público-alvo, a temáticas que envolvem problemas, sejam eles financeiros, conjugais, de saúde, etc. e à sua superação. Em um dos cultos registrados, o próprio Bispo Edir Macedo deixa claro que é esse o papel da igreja na vida dos fiéis:

⁵⁴ Não à toa, o discurso neopentecostal é comumente qualificado como “repetitivo e enfadonho” (Cf. CAMPOS, 1997)

... você... naturalmente... vem aqui na igreja em busca de um resultado pra sua vida... você quer uma melhora na qualidade de vida que você tem... você quer resolver os seus problemas econômicos... seus problemas de saúde... seus problemas sentimentais... familiares...
(Culto 3 – IURD)

Desse modo, notou-se que o emprego destas formas co-referenciais era a principal estratégia de referenciação para que os oradores conseguissem trilhar um percurso argumentativo de: i-) definição das causas dos problemas pessoais; ii-) definição das causas do sucesso ou insucesso das pessoas em resolvê-los; iii-) proposição de soluções, baseada nestas causas e em interpretações de passagens bíblicas. Postulada em termos da “guerra espiritual”, a definição destas causas adquire um caráter altamente metafórico, originando, ao longo da distribuição dos dados, um problema: como classificar dados de progressão referencial em que comparecem metáforas?

A solução mais interessante, com base nas ferramentas empregadas, estava em considerá-los como dados “híbridos”, isto é, pertencentes a mais de uma classificação. Assim, toda ocorrência de determinação referencial com um índice metafórico era também classificada como uma “relação indireta”, de modo que uma paráfrase metafórica, por exemplo, adentrava tanto no conjunto “Anáforas Nominais”, pois remetiam a um mesmo conteúdo (Cf. KOCH, 2004) quanto em “Relações indiretas”, já que estabeleciam vínculos referenciais que dependiam de “modelos mentais de mundo”. Entende-se, deste modo, porque há também um alto número de ocorrências deste tipo.

No quadro geral dos processos referenciais do *corpus*, as recategorizações metafóricas apresentaram um índice de aproximadamente 30% do total de estratégias registradas. Essa significativa presença no *corpus* revelava algo além da óbvia necessidade dos oradores em transitar entre uma linguagem sobre o sagrado para tratar de assuntos cotidianos, e uma linguagem sobre o cotidiano para tratar de assuntos sagrados: as metáforas, como mencionado no capítulo anterior, têm dentre suas características retóricas

um esquema analógico⁵⁵ subjacente com “potencial pedagógico tanto quanto persuasivo” (AMOSSY, 2000: 158).

Entendeu-se, destarte, que estes processos metafóricos de recategorização são altamente produtivos para o desenvolvimento das proposições destes oradores, pois tornam relevante um *objeto de discurso* em foco na memória discursiva – seja por retomada ou remissão – ao mesmo tempo em que lhe dão um caráter metafórico, simbolicamente singular. Tal singularidade ao longo deste processo ocorre principalmente porque uma das características mais comumente admitidas acerca da natureza da metáfora está no fato de que a sua interpretação exige algum tipo de construção (Cf. MOURA, 2002), o que atribui um estatuto novo ao referente, propiciado por um “*insight* cognitivo” (KITTAI, 1987).

Em face dos objetivos específico e das limitações próprias do escopo dessa pesquisa de iniciação científica, o papel mais específico das recategorizações metafóricas nestes contextos não pôde ser exaustivamente investigado, posto que seu objetivo inicial consistia na exposição de quadros sinópticos dos processos referenciais e metafóricos registrados na retórica neopentecostal.

Defendeu-se, mais especificamente, que a noção neoliberal de consumo, altamente valorizado enquanto responsável por uma distribuição mais justa das riquezas (Cf. RODRIGUES, 2003), era fundamental à construção das categorias de base da retórica neopentecostal, especialmente para fundamentar as alegações ético-teológicas dos pastores. Neste processo, pode-se apontar que a significativa frequência das recategorizações metafóricas poderia ser forte indício de que este mecanismo era muito importante para a “adesão dos espíritos”. Em parte, pode-se notar que a sua característica formal mais frequente, relativa à ativação de um *objeto de discurso* “em foco” (Cf. KOCH, 2004) e, ao mesmo tempo, alterando suas categorias discursivo-cognitivas por meio de metáforas, poderia ser responsável por reestruturações indiretas em categorias mais centrais à retórica neopentecostal. A sua emergência no contexto da retórica neopentecostal apresenta, assim, uma excelente oportunidade de definir teórica e metodologicamente o que vem a ser uma recategorização metafórica.

⁵⁵ Lembrando que é um lugar-comum nos estudos da Nova Retórica, entender a metáfora enquanto uma analogia condensada (Cf. PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECHA, 1996 [1958]; MEYER, 2007).

3.1 Da natureza teórico-analítica das recategorizações metafóricas: discussão e (in)definições

No domínio teórico textual-interativo dos estudos sobre os processos e práticas referenciais (MONDADA & DUBOIS, 2003 [1995]; APÓTHELOZ & REICHLER-BÉGUELIN, 1995; APÓTHELOZ, 2002; KOCH, 2002, 2004, 2005, MARCUSCHI, 2005, 2007 *inter alli*; MARCUSCHI & KOCH 2002) os processos fóricos nominais são descritos, especialmente por Marcuschi & Koch (2002), como elementos co-referenciais que implicam em algum tipo de recategorização dos referentes do discurso sem, todavia, alterá-los. Enquanto estratégias de construção do sentido referencial, estes processos apresentam-se geralmente sob duas formas: sinonímias e paráfrases.

Neste quadro, a relação entre os elementos destes processos referenciais está, pois, intimamente atrelada à estabilidade discursivo-cognitiva de seus componentes lexicais (sinonímia) ou semânticos (caso das paráfrases) dentro de um contexto linguístico, de modo que o emprego destas formas não introduz informação nova sobre o *objeto de discurso* (MONDADA & DUBOIS, 1995, 2003), uma vez que tais componentes estão de alguma forma a ele ancorados. A emergência destas formas implica num processo de refocalização deste referente, retomado sob o modo do dado, de forma que a construção da referência dá-se pela inserção de aspectos semânticos prévios ao encadeamento textual-discursivo.

Há casos, todavia, em que o emprego destas estratégias coincide com o emprego de técnicas argumentativas (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECHA, 1996 [1958]) de composição retórica do discurso, como é o caso das metáforas. Quando isto ocorre, pelo menos um dos elementos da relação referencial (o *objeto de discurso* ou seu anafórico/catafórico) deve ser interpretado metaforicamente para que o sentido do enunciado siga a orientação argumentativa desejada.

Considerando as dimensões linguístico-cognitivas deste processo, o aspecto central da metáfora em estabelecer uma relação de domínios analógicos comparece entre os componentes deste processo referencial, o que implica em sua re-estabilização discursivo-

cognitiva dentro do campo simbólico⁵⁶ (HANKS, 2008 [1999]) de práticas ao qual estão associados.

No âmbito da Linguística Textual, deve-se entender que as recategorizações metafóricas formalizadas por meio de sinonímias e paráfrases permitem rever a tese de que há somente uma relação de dependência semântica entre estes tipos de anáfora, pois introduzem informações novas ao *objeto de discurso*. Estas informações provêm da relação metafórica estabelecida entre seus componentes e, conseqüentemente, há alteração referencial deste *objeto de discurso* em face da natureza instável das categorias cognitivo-discursivas de um referente e das propriedades construtivas da metáfora.

Diante disso, pode-se afirmar que as recategorizações, quando operadas metaforicamente, merecem um estatuto singular nos estudos do texto e devem ser promovidas às categorias de análise da disciplina, uma vez que são formas específicas da construção de sentidos em um texto. Em muito colaboram Mondada & Dubois (2003 [1995]) com essa proposição, quando afirmam que:

De um ponto de vista linguístico, quando um contexto é reenquadrado (Goffman, 1974), as categorias podem ser reavaliadas e transformadas, juntando diferentes domínios, como na metáfora, na metonímia e na metalepse. (MONDADA & DUBOIS, 1995, 2003: 25)

Assim, pela mescla de domínios⁵⁷, a especificidade das recategorizações decorre justamente da possibilidade em “associar universos discursivos” (LOPES, 1986: 100), notável particularidade dos processos metafóricos. Na dinâmica textual, uma recategorização metafórica, assim como em processos de referenciação não-metafóricos, requer a manutenção do foco sobre determinado *objeto de discurso*, todavia daqueles se diferencia porque a “categoria indicada pelo veículo da metáfora é uma categoria *ad hoc*, criada no momento da enunciação” (MOURA, 2007: 420).

⁵⁶ Concernente às escolhas lexicais e aos conceitos aos quais elas remetem.

⁵⁷ Como aponta Lima (2007), as recategorizações metafóricas constituem-se, no processo de construção de sentidos, por mecanismos responsáveis por *blendings* conceituais. Como será discutido, a nossa proposta concorda com algumas premissas adotadas pela autora, como a de que são processos linguístico-cognitivos que constituem a referenciação metafórica, mas não com os modelos e métodos analíticos empregados.

O contraste entre as categorias discursivo-cognitivas a que pertencem os elementos que constituem o processo de referenciação, nestes casos, dá-se por meio do estabelecimento de um processo inferencial em que são constituídos domínios implícitos de significação: pode-se aludir, por exemplo, à construção de espaços mentais que vão sendo integrados ao longo do processo inferencial, considerando a proposta de Marcuschi (2007a).

Mas a questão da implicitude destes fenômenos é alvo de controvérsias. Para Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995), ao longo de sua proposta de definição das estratégias de designação de *objetos de discurso* por meio de processos fóricos, casos de remissão metafórica estão dentre as estratégias de recategorização lexical explícita de natureza argumentativa. Assim, dentro da proposta destes autores, não é possível haver uma recategorização metafórica que se dê em nível implícito.

Na contramão desta afirmação, processos de recategorização metafórica considerados implícitos são objeto de estudo para autores como Lima (2007) e Leite (2007). Para a primeira autora, que tem por objetivo uma classificação deste processo com base em textos humorísticos, deve-se assomar aos critérios linguístico-textuais propostos por Koch (2004) e Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995) um critério cognitivo para a compreensão do fenômeno. Este critério, segundo a autora, fundamenta-se no compartilhamento de traços perceptuais entre dois domínios conceituais (LIMA, 2007: 93), tal qual proposto por Grady (1999, citado por LIMA, 2007).

Tais considerações, no entanto, são insuficientes para o tipo de *corpus* aqui analisado, uma vez que em textos de natureza argumentativa, percebe-se que as recategorizações metafóricas, implícitas ou explícitas, são responsáveis, em muitos casos, pela instauração de traços perceptuais novos, de modo que as similaridades entre os domínios conceituais são forjadas situadamente. Este argumento ganha força com a consideração de Kövecses (2009) de que o contexto provê uma fonte de motivação para o uso de muitas metáforas novas, concluindo que “estas metáforas não são, de acordo com a classificação de Grady (1999), casos de correlação ou semelhança” (KÖVECSES, 2009, p. 23 *tradução nossa*).

Esta insatisfação com a proposta de Lima (2007) decorre também das especificidades de cada *corpus*: a autora analisa textos humorísticos, dos quais deriva suas hipóteses mais gerais sobre a forma e o funcionamento das recategorizações metafóricas na língua. Além disso, a análise da autora remete a muitos exemplos em que há presença de metonímias na regulação do processo referencial, ponto em que discordamos radicalmente da autora, uma vez que a metonímia requer um tipo de inscrição lexical, codificada na língua, como aponta Moura (2002), enquanto a metáfora exige algum tipo de construção. Embora ambas baseiem-se em convenções de composição que requerem algum tipo evocação de referentes implícitos, os processos de construção entre ambos diferem-se radicalmente ao longo deste percurso.

O trabalho de Leite (2007) também aponta para o fato de que Lima (2007) não leva em consideração pistas co(n)textuais responsáveis pela ancoragem da metáfora. Tais pistas, para Leite (2007), são responsáveis pelo fenômeno da metaforização textual, termo que deve ser empregado para designação das recategorizações metafóricas. Embora seja possível concordar que exista um processo a ser chamado de “metaforização textual”, relativo aos processos de compreensão dos segmentos metafóricos, não há como concordar, diante do exposto até aqui, com a afirmação de que as recategorizações metafóricas são fenômenos “impossíveis de serem definidos” (LEITE, 2007: 121).

Como citado, relevar o contexto de sua produção implica em divergências teóricas com a proposta de Lima (2007), referentes a questões presas à implicação e à inferenciação, conceitos que aqui não são tratados como parte de um critério estritamente cognitivo, dada a relação inter-funcional entre língua e cognição aqui reivindicada.

Assim, em prol de uma interpretação com foco na argumentatividade do fenômeno da metaforicidade na significação, evoca-se aqui a seguinte afirmação de Booth (*in* SACKS, 1992) :

o sentido total da metáfora não pode ser determinado sem referência a uma situação retórica. Que *aquilo* é uma metáfora todos perceberão sem contextualização. *Aquilo* que diz ou faz depende de uma situação retórica. (BOOTH *in* SACKS, 1992, 57).

Nossa perspectiva, fundamentada em postulados que admitem a concepção de argumentação enquanto “...o ato linguístico fundamental” (KOCH, 1987: 19), a interação social caracteriza-se pela argumentatividade. Isso significa que, ao avaliar uma determinada situação, o ser humano cria juízos de valor, e, se desejar influir sobre o comportamento de outros, o faz por meio do discurso, “ação verbal dotada de intencionalidade” (*idem* 19) ao qual “subjaz uma ideologia”. Isto posto, propõe-se aqui que é na argumentação o lugar de emergência do fenômeno das recategorizações metafóricas. Reforça nossa proposta a afirmação de que uma das funções das expressões nominais referenciais de caráter metafórico é fornecer uma orientação argumentativa aos textos (KOCH, 2004: 77).

Um autor que pode contribuir com o aprimoramento deste posicionamento é Tomasello (1999). Como mencionado no capítulo 2, este autor entende que os símbolos linguísticos humanos possuem uma natureza dupla: são intersubjetivos e “perspectivais”. A natureza intersubjetiva destes símbolos, socialmente compartilhada, é a matriz pragmática na qual muitas das inferências sobre as intenções comunicativas são realizadas. Já a natureza perspectival destes símbolos permite que as escolhas realizadas dentro desta matriz direcionem a atenção dos interactantes para uma maneira específica de construção dos eventos e participantes (TOMASELLO, 1999: 213). Deste modo, entendemos que os critérios sócio-cognitivos para o estudo das recategorizações metafóricas devem ter por ponto de partida a premissa de que as escolhas realizadas dentro da matriz pragmática derivam e implicam em um processamento estratégico do discurso. Por meio destas escolhas, o falante busca impingir sobre os interlocutores o ponto de vista que julga mais adequado sobre como compreender e agir no mundo.

Assim, as escolhas dos itens lexicais que compõem os núcleos das formas nominais fônicas devem ser tomadas como as escolhas de perspectivas adequadas aos propósitos enunciativos dos interlocutores. Do ponto de vista de uma análise que também é argumentativa, como a aqui realizada, Amossy (2000) dá maior consistência este quadro teórico-metodológico ao afirmar que: “certos lexemas (...) possuem em si um valor axiológico (implicam em um julgamento de valor). Ao manifestarem a inscrição da

subjetividade na linguagem, eles conferem imediatamente ao enunciado uma orientação argumentativa” (AMOSSY, 2000: 146⁵⁸).

A opção metodológica pela análise das escolhas lexicais serve também como pano de fundo para a evocação da relação entre inferência e contexto. Segundo Gumperz (1992), as escolhas lexicais são pistas de contextualização⁵⁹ fundamentais para o desenvolvimento do processo inferencial; nestas linhas, o autor fornece um argumento que solidifica a proposta aqui veiculada: as categorias que organizam o mundo “extralinguístico” sofrem mudanças ao longo da interação, pois este conhecimento é constantemente reinterpretado para adequar-se à situação (Cf. GUMPERZ, 1998: 230). É, pois, uma visão ecológica do problema da interpretação. O vínculo entre inferência e contexto permite dar maior flexibilidade na relação entre os aspectos situados do contexto com seu quadro contextual mais amplo, uma vez que este campo simbólico de atuação promove um sistema de relevância interspectival.

No campo de relações entre inferenciação e referenciação pode-se tomar a seguinte afirmação de Schnotz & Strohner (1985 *apud* KOCH, 2008): “Uma inferência é a geração de informação semântica nova a partir de informação semântica velha num dado contexto”. Marcuschi (2008) também oferece uma interpretação coerente com o ponto de vista aqui reivindicado:

Na realidade, as inferências na compreensão de um texto são processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica (MARCUSCHI, 2008: 249)

Pode-se propor, com base no exposto até o momento, que as recategorizações metafóricas devem ser vistas como elementos de *construção* e *sustentação* de uma proposição de natureza metafórica, contextualmente estabelecida.

⁵⁸ “Certains lexèmes (...) ont en soi une valeur axiologique (impliquent un jugement de valeur). En manifestant l’inscription de la subjectivité dans le langage, ils confèrent d’emblée à l’énoncé une orientation argumentatif” (*tradução nossa*).

⁵⁹ “Pistas de contextualização são todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais (...) os significados das pistas de contextualização são implícitos (...) o seu valor sinalizador depende do reconhecimento tácito de seu significado por parte de seus participantes” (GUMPERZ, 1982, 1998: 100)

No próximo capítulo, procura-se explicar como as recategorizações metafóricas apresentam e constroem/elaboram as proposições metafóricas superordenadas inferíveis (VEREZA, 2007) no contexto da retórica neopentecostal.

Tendo estas considerações como base teórica para a argumentação da dissertação, há ainda que destacar que a recategorização metafórica é um lugar privilegiado para um melhor entendimento da posição teórica reivindicada por Apothélos e Reichler-Béguelin (1995), ao postularem que o discurso constrói aquilo a que faz remissão (metadiscurvidade), ao mesmo tempo em que é tributário desta construção. Deste modo, cabe-nos explorar um pouco mais, para a versão definitiva da dissertação, o caráter meta desse tipo de recategorização: seria ele meramente linguístico? Meramente conceptual? Linguístico-conceptual, como prevêem teorias semântico-pragmáticas da metáfora?

Tal reflexão, cumpre adiantar, tem início em nossas observações de que as recategorizações metafóricas conjugam características básicas da referenciação e características básicas da construção referencial metafórica, por meio da forja de domínios analógicos entre *objetos de discurso* relativos a campos simbólicos distantes. Nestas linhas, deve-se assumir que um *objeto de discurso* focalizado na produção textual-discursiva pode estar situado tanto no domínio fonte da significação metafórica, caso em que o próprio *objeto* apresenta o suporte da significação e do qual derivam as interpretações de seus elementos de remissão, como estes *objetos* podem estar situados no domínio alvo da representação metafórica, caso em que os anaforizantes oferecerão o suporte para a significação metafórica.

Tendo em vista essas observações teóricas acerca do fenômeno textual em foco, busca-se mostrar como este atua neste ambiente e é por ele favorecido. Nosso objetivo é mostrar que as recategorizações metafóricas ali encontradas são, além de um recurso recorrente na estruturação argumentativa do discurso religioso de uma maneira geral, um expediente de reinterpretação do referente textual. Não se trata, pois, de mera renomeação do referente ou de operação referencial ligada ao gênero em questão. Trata-se, antes, de demonstrar que as recategorizações metafóricas são um processo sócio-cognitivo de apropriação ou incorporação de conhecimentos e práticas culturais (cf. HANKS, 2008),

uma “representação das ‘representações’ comunicativamente encenadas na forma da rede de construções linguísticas (léxicas e gramaticais)”, como afirma Salomão (2005:164).

Assim, com base nestas características das recategorizações metafóricas, e em face do contexto da retórica neopentecostal, as duas perguntas abaixo guiam o capítulo seguinte, no qual são analisados dados atinentes às problemáticas até então expostas:

- Considerando a lógica do *do ut des* (Cf. CAMPOS, 1999) adotada por estes ramos, como este mecanismo contribui para que a persuasão funcione no sentido das práticas dizimistas e ofertantes? Qual seu papel no estabelecimento de uma lógica de investimento dentro da mensagem bíblica?
- Qual a função das recategorizações metafóricas diante do quadro de construção e estabilização de sentidos no discurso da Teologia da Prosperidade, do ponto de vista do neopentecostalismo? Qual seu papel no processo de reconstrução do discurso neoliberal em face das proposições teológicas do pentecostalismo?

4. As recategorizações metafóricas no contexto da retórica neopentecostal

Neste capítulo, busca-se expor como as recategorizações metafóricas, pormenorizadas no capítulo precedente, emergem no contexto da retórica neopentecostal.

A estratégia de análise a ser aqui empregada observa a presença destes mecanismos dentro de contextos mais específicos da enunciação, em face, sobretudo, da abordagem temática dos cultos neopentecostais. Esta abordagem, cumpre notar, é cotejada com aspectos mais globais do contexto, relevando-os quando necessário à explicação de fenômenos de significação implícitos e indiretos.

Também é por meio das recategorizações metafóricas que se busca discriminar o padrão argumentativo mais geral da retórica neopentecostal, exposto em termos dos nichos metafóricos.

4.1 Descrição da estrutura geral dos programas que compõem o corpus

No plano geral de sua estrutura, existem algumas semelhanças entre o “Santo Culto em seu Lar” (Igreja Universal) e o “Show da Fé” (Igreja da Graça), como a presença de um sermão (que corresponde à cerca de 90% do programa), de uma oração e de testemunhos, nos quais fieis relatam as melhorias de vida após a conversão. No sermão, há a interpretação de fatos cotidianos e a proposição de soluções e na oração o orador evoca a presença do sagrado para a solução de problemas cotidianos, abordados ou não nos cultos. Neste momento, a configuração do auditório altera-se; os fieis presentes estão agora contritos, introspectivos, ouvindo palavras que se dirigem ao “coração”; é empregada neste momento uma linguagem extremamente emotiva.

É importante frisar que o papel enunciativo dos pastores/missionários é diferenciado nestes dois contextos; no sermão, os oradores são vistos enquanto pessoas que detêm o conhecimento adequado sobre a realidade, através de sua exegese bíblica. Na

oração, os oradores “aproximam-se” da platéia, no sentido de que busca “integrar todos os presentes no processo de exteriorização-interiorização da fé” (CAMPOS, 1997: 94).

No “Santo Culto em seu lar”, o programa é realizado em estúdio, conta com uma apresentadora e o culto realizado no templo é parte do programa. Já o “Show da fé” é apresentado diretamente no templo pelo Missionário R.R. Soares, de forma que o próprio culto também constituiu o programa televisivo. Dessa maneira, fica evidente que a própria organização do culto não é só para o fiel que está presente no templo, como também para o telespectador do programa.

4.1.1 Programa “O Santo Culto em seu lar”

O programa “Santo Culto em seu lar”, tem no total uma hora de duração e possui uma apresentadora que introduz de maneira geral o tema a ser abordado. Cerca de metade deste tempo é dedicado à apresentação de um culto dominical realizado na Catedral da Fé, situada na cidade de São Paulo, ou no Templo Maior, localizado na cidade do Rio De Janeiro. A outra metade consiste na apresentação em estúdio, na qual comparecem testemunhos de mudanças ocorridas nas vidas de fiéis que começaram a frequentar a Igreja. Embora estes trechos sejam relevantes para a especificação da temática dos programas, foi transcrita somente a parte referente ao culto, uma vez que nela está a configuração interacional pertinente à pesquisa: a condução do culto, ministrado por um pastor, destinado para uma platéia *in loco*.

Diante dessa configuração, os cultos registrados podem ser divididos em três partes, considerando que o item III aparece em momentos variados:

I. Preâmbulo: há neste trecho uma espécie de preparação para o culto, no qual o pastor convoca a presença de Deus no templo. A oração pode ser intercalada com cânticos;

II. Sermão: é o “momento pedagógico” dos cultos, na qual se faz uma leitura bíblica comentada. Há aqui uma configuração textual própria, na qual observamos que o pastor está dirigindo-se diretamente aos fiéis atentos da platéia, por meio de uma abordagem interpretativa dos fatos cotidianos.

De modo geral, o orador busca atribuir à presença do Diabo os problemas enfrentados pelas pessoas e à força da fé em Deus a superação destes. A abordagem sobre o tema é construída persuasivamente, de forma a atingir uma determinada meta. Há um foco, que concerne à proposição de soluções para os problemas da vida cotidiana, e um ponto de vista, que parte de trechos bíblicos para a retirada de modelos aplicáveis ao foco. A título de exemplificação, um dos cultos trata da importância da prática dizimista. Para atingir seus objetivos retóricos, o orador interpreta três versículos, que contam parte da história dos filhos de Jacó e de como estes eram considerados rebeldes de modo a criar uma analogia mais profunda com o não pagamento dos dízimos. Em outro momento, aborda a história do fruto proibido, e de como ele representava a propriedade “roubada” de Deus pelos homens, de modo a explicar que não pagar o dízimo é como furto de Deus..

III. Oração de intercessão e louvor: neste momento, no qual é realizada uma prece pelo pastor, observa-se uma mudança na configuração interacional; o pastor já não se dirige somente aos fiéis; num clima entre emocional, dirige-se também a Deus, rogando que este intervenha na vida dos fiéis, que estão agora em pé, contritos e reunidos todos em frente ao altar.

4.1.2 Programa “Show da Fé”

Há algumas semelhanças e diferenças em relação ao “Santo Culto em seu lar”. Há certas semelhanças estruturais, como mencionado. Diferentemente deste, em que podemos observar um programa televisivo gravado em estúdio, e da qual o culto é uma parte, no “Show da Fé” todo o programa é um culto gravado para fins televisivos; esta é uma diferença fundamental, uma vez que parte da argumentação elaborada pelo Missionário parte da apresentação de vídeos diversos. Interessa-nos, portanto, quase todo o programa. Podemos apresentá-lo com as seguintes partes:

I. Sermão: Apresenta uma configuração textual muito semelhante à do “Santo Culto em seu lar”. São apresentados problemas em foco, que são solucionados a partir do ponto de vista da exegese bíblica realizada pelo Missionário. Dura em média 20 minutos.

II. Exibição de vídeos: geralmente são exibidos três vídeos (3’ a 7’ cada) que são comentados pelo missionário ao longo do programa. São transmitidos tanto para a

televisão aberta quanto para os espectadores da platéia por diversos monitores que estão espalhados pelo templo, e comentados pelo missionário:

- “Novela da vida real”; conta com testemunhos gravados de pessoas que passavam por problemas diversos e que conseguiram solucioná-los após começarem a frequentar a Igreja da Graça (a depender do programa, o tema abordado pelo vídeo pode estar mais, ou menos, ligado à temática abordada durante o sermão). Há ainda uma entrevista breve realizada no templo pelo missionário com a pessoa do testemunho.

- “Missionário responde”; há a apresentação de perguntas feitas nas ruas, que geralmente repousam sobre temas gerais que são abordados pela igreja.

- “Abrindo o coração”; conta com a leitura de uma carta enviada por alguma pessoa que esteja em situação de dificuldades. Não há, no entanto, entrevistas ou a identificação do autor da carta.

III. Ministério de Deus: em todos os programas há um trecho sempre muito semelhante, que é o da chamada para o ministério divino para o patrocínio, no qual R. R. Soares busca convencer os fiéis a patrocinar a igreja, via dízimo. Neste momento, argumenta em cima do tema do culto para convencer os fiéis a tal empresa. Após apresentar as razões de porque de se tornar patrocinador, o Missionário apresenta um boleto bancário e explica os procedimentos de pagamento e preenchimento de uma ficha para receber bênçãos e a revista da igreja, em seguida, convoca membros da platéia que são patrocinadores para falar sobre a guinada em suas vidas após apoiarem o Ministério de Deus.

IV. Momento musical: Músicos vinculados ao selo musical vinculado à Igreja, o “Graça Records”, cantam músicas populares (rock, forró, sertanejo). São geralmente músicas bem alegres e festivas, com temáticas que são levantadas pela IIGD (libertação, atitude, poder da palavra de Deus)

V. Oração de intercessão e louvor: Assim como o Sermão, apresenta configuração textual bem semelhante à da realizada pela IURD, ou seja, é um momento em que o Missionário fala diretamente com Deus, de forma que este “opere” na vida dos fiéis. É interessante notar que, diferentemente da IURD, o pastor também fala aos demônios, de forma repreensiva, e toca bastante em questões de cura de doenças físicas: “...você que

colocou esse mal terrível na garganta dessa pessoa, o doutor está desesperado e quer extrair este órgão, pois eu ordeno agora, saia...”

A seguir, são detalhadas as temáticas abordadas nos cultos, bem como são trazidos diversos exemplos do funcionamento da dinâmica argumentativa e referencial de cada uma das igrejas:

4.2 As recategorizações metafóricas nos cultos neopentecostais: presença e relevância temática

4.2.1 A Igreja Universal do Reino de Deus

Com relação aos cultos da Igreja Universal, os sermões são trabalhados com relação aos seguintes temas: miséria/riquezas (Culto 1 e 5), práticas dizimistas/sacrifício (Culto 2, 3 e 4). Aponta-se que os três primeiros são ministrados pelo líder desta igreja, o Bispo Edir Macedo, já os outros dois são ministrados por aquele que vem sendo considerado o seu braço direito, o Bispo Romualdo Panceiro.

A análise geral e temática dos cultos visa a salientar os principais aspectos abordados em cada um e, embora o foco esteja nas recategorizações metafóricas, alguns exemplos não metafóricos contribuem para esta descrição.

Tendo em vista nossa proposta de estudo, destacam-se algumas ocorrências de recategorizações metafóricas dentro da rede argumentativa que é criada em cada culto, pois podem fornecer indícios de um “nicho metafórico”, tal qual proposto por Vereza (2007). Tal nicho, como visto, é constituído de expressões metafóricas que são inter-relacionadas enquanto desdobramentos cognitivos e discursivos que suportam uma tese, central ou periférica, de natureza metafórica. Assim, trazendo essa conceituação aos nossos interesses, apresentaremos exemplos em que se configurem metáforas de forma a relacioná-las com os temas dos cultos em que foram registradas. Para a explicitação da cadeia referencial relevante aos propósitos desta dissertação, optou-se pela discriminação e interpretação de segmentos de enunciados em que há a presença das recategorizações metafóricas.

Nos cultos 1 e 5, o pano de fundo da argumentação é a “guerra espiritual”⁶⁰, e concerne às diversas maneiras de compreender e (des)mistificar os problemas cotidianos, sugerindo uma postura religiosa coerente de ação com relação a eles, conferindo-lhe aspectos de ação externa – quaisquer entidades metafísicas que prejudiquem a qualidade de vida do cristão – que precisa ser combatida pela força da fé. Nestes dois cultos, a categoria “fé” é inserida nesta lógica enquanto o percurso que leva à superação, representada pela prosperidade, destes problemas cotidianos.

No culto 1, mais especificamente, o orador não se dedica a interpretar algum versículo bíblico para a abordagem do assunto “problema/sucesso em sua resolução”; antes, ele se pauta em exemplificações extraídas do próprio cotidiano para exemplificar a fé. Há apenas uma menção bíblica que decorre ao longo de uma exemplificação, como um complemento do argumento - “...é como Ele falou: “a terra que eu planejei pra vocês... é uma terra de leite e mel... comereis fartamente... e louvareis o nome do Senhor teu Deus” amém pessoal?”. Esta menção é importante para fixar o quadro de análise deste culto na promessa de prosperidade material, num contexto de abundância.

Neste culto, os problemas, especialmente os relativos à miséria econômica, tendem a ser categorizados em termos de dependência de outras pessoas, como no exemplo (1)⁶¹, pelo recurso à estratégia de anaforização nominal por sinonímia, ou de pensamentos negativos, como em (2), pelo recurso à estratégia de descrição definida:

1. “Você deixa de ser **miserável**... *dependente dos outros*...” (IURD – CULTO 1, p. 152, L.15-16)

2. “**a maior miséria do pobre** não está fora... *não é a sua situação crítica... não é a falta de condições econômicas...mas... o que está dentro de sua cabeça*...” (IURD – CULTO 1: P. 151, L.29-3)

⁶⁰ Ver no capítulo 1 uma definição mais precisa do termo “guerra espiritual”.

⁶¹ Além da notação empregada para a detecção dos fenômenos, nos exemplos aqui analisados são indicadas a sua página e linha de ocorrência no *corpus*.

Já a prosperidade, enquanto superação da miséria, é uma categoria ativada tanto em anteposição às categorias de “miséria”, como “abundância” e “fatura” (evocada por uma cena e diversos predicados), como emerge na significação incorporada de termos como “vontade de Deus”, (3):

3. “**vida com abundância**” – então é *a vontade de Deus* que você... que todos nós tenhamos uma *vida de qualidade... uma vida com saúde... uma boa família... você comer abundantemente... amém?* ((platéia: amém)) comer com fatura... amém ((platéia: amém)). **Ter fatura na sua casa** – “*ah... tô com vontade de comer isso... num tem problema... tem aqui... ah quero comer aquilo... num tem problema*” – *num é isso que você gostaria*” (IURD – CULTO 1, p. 152, L. 1-2).

No exemplo (4), a primeira recategorização metafórica relevante deste culto, há a ativação de um *objeto de discurso* não lexicalizado, relativo aos efeitos da fé enquanto uma leitura direcionada da Bíblia (referida por “pensamentos de Deus”). A progressão referencial dá-se com foco na relação de causalidade entre o segmento metafórico (I), que permite a ativação do referente “fé” enquanto relevante no domínio referencial emergente, e o segmento (II), que recategoriza este referente em termos de seus efeitos:

4. “quando **você abre o seu entendimento para os pensamentos de Deus** (I)... *descobre riquezas incalculáveis* (II)... *riquezas extraordinárias*..” (IURD – CULTO 1, p. 152, L. 1-2)

Embora implicitado na emergência destas metáforas, o *objeto de discurso* “fé” adquire relevância central na argumentação deste culto, pois a ele é atribuída uma gama de significados que levam a entender que uma pessoa pode passar de um estado de miséria econômica para um estado de riqueza pelo viés de sua prática incondicional. No culto, essa abordagem é feita pela recategorização do item lexical “fé” por meio de atributos indispensáveis à sobrevivência em um mundo neoliberal. Assim ocorre com os exemplos

(5) e (6), respectivamente, uma metáfora de personificação e uma ontológica (Cf. LAKOFF & JOHNSON, 2003 [1980]):

5. “é a **fé inteligente** ... (I) é ***a fé que produz efeito*** ...(II) ***que faz a gente ter a visão do que Deus quer da nossa vida..***(III)” (IURD – CULTO 1, P. 151 L. 8-10)

6. “**A sua fé é a ponte entre você e Deus**...(I) quando você ***usa essa fé*** (II)... quando você ***atravessa essa fé..***(III)” (IURD – CULTO 1, P. 151 L. 27-28)

A metáfora de personificação veiculada em (5) atribui à “fé” uma propriedade humana pelo emprego adjetivo de “inteligente”; uma restrição fundamental para a interpretação desta metáfora está na incorporação de um aspecto da inteligência que é valorizado no quadro neoliberal: a racionalidade prática. A progressão referencial do item atesta essa observação: quando retomado no segmento (II), uma paráfrase do segmento (I), ele perde a metaforicidade e direciona a interpretação da metáfora para um campo mais estável de significação, no qual a fé tem efetividade imediata (produz efeito). Já em (III) ocorre um movimento muito interessante: a retomada (elíptica) de “fé” é novamente por meio de um enunciado metafórico que, desta vez, atribui legitimidade religiosa à racionalidade prática e à fé efetiva⁶². Quando relacionado ao exemplo 3, é possível obter a informação de que “o que Deus quer da nossa vida” refere-se à fartura e à abundância, aspectos centrais à prosperidade.

Já o enunciado (6) fornece uma gama de indícios que refletem a maneira como a fé deve ser encarada para que possa ser efetiva no mundo: é uma metáfora ontológica que permite que se entenda este atributo humano enquanto algo concreto, algo que faz parte da experiência da maior parte do auditório ali presente.

O processo de progressão referencial é similar ao visto em (5), no que diz respeito à manutenção em foco do *objeto de discurso* “fé” e à intercalação de um enunciado

⁶² Por esta razão, o enunciado “a fé que produz efeito” também foi considerado como um *objeto de discurso* e por isso aparece negrito. Não é raro exemplos em que este processo ocorre, geralmente refletindo recategorizações em níveis específicos da hierarquia das categorias relativas a um *objeto de discurso*.

não metafórico (II) entre dois enunciados metafóricos (I) e (III). Todavia, neste último, o verbo “atravessar” está ancorado ao *frame* de “ponte”, operando uma recategorização metafórica operada por uma anáfora indireta. O enunciado não metafórico (II), assim como no exemplo anterior, traz a metáfora para um campo mais estável de significação, relativa ao uso da fé. Em seguida, este enunciado é, por meio de um paralelismo sintático, retomado pela metáfora em (III). Se relacionado ao exemplo anterior, pode-se relacionar o uso desta metáfora à uma certa efetividade das pontes, cujo item lexical evoca dentre os conhecimentos que lhe são atribuídos a propriedade de facilitar o acesso entre lugares separados (o fiel e Deus) por algum tipo de obstáculo, como um penhasco ou um rio caudaloso, associáveis às incursões malignas das entidades demoníacas.

O culto 2 aborda a fé e a prosperidade de maneira diferente do culto anterior, pois o foco está na categoria que funciona como “ponte” entre ambos, o dízimo.

A fundamentação da argumentação é baseada em dois trechos bíblicos, empregados com o intuito de se mostrar que o dízimo é fundamental para a manifestação de Deus na vida do fiel; a analogia com o cotidiano dá-se pelo viés do roubo: não praticar o dízimo é roubar de Deus e, portanto, amaldiçoa o fiel (7). Com esse raciocínio, também aludem à passagem do “pecado original”, de forma que dízimo é categorizado em termos de “árvore de Deus” (8); sua prática, todavia, resulta em uma “aliança com Deus” (9), pois é uma “prova” de fidelidade, que garante ao fiel inclusive o direito de questionar Deus (10).

7. “todavia vós **me roubais** e dizeis: em que te roubamos? Nos *dízimos e nas ofertas*... Malaquias capítulo 3 versículo 8... Com maldição **sois amaldiçoados**..” (IURD – CULTO 2, p. 158, L. 11-12)

8. “era uma **árvore de propriedade exclusiva de Deus** (I)... *aquela árvore*... cujos *frutos* eram de Deus... *aquela árvore* não podia ser tocada... **aquela árvore** representava o *dízimo*... **aquela árvore** tipificava o *dízimo* (II)...” (IURD – CULTO 2, p. 158 L. 27-29)

9. “ela tem que **provar** (I)... ela tem que **mostrar com fatos** (II)... ela tem que **manter seu comprometimento com Deus** (III)... **aliança com Deus** (IV)..” (IURD – CULTO 2, p. 159, L. 24-25)

10. “Então você tem o **direito de questionar Deus...** você tem o *direito de demandar com Deus...* você tem o *direito de lutar com Deus...* e Deus minha amiga... meu amigo... **vai te responder** porque você é fiel... ele é obrigado a fazer *isso...* ele é obrigado” (IURD – CULTO 2, p. 160, 2-4)

É muito interessante ver que em (8) associar a árvore do fruto proibido ao dízimo é uma importante estratégia para dizer que, se preservada, são preservados os desígnios divinos de manter o ser humano no Jardim do Éden. A recategorização metafórica em (II), por meio de uma retomada com manutenção do núcleo lexical “árvore”, permite ao orador estabelecer qual a representação mais adequada que esta árvore deve ter. A preservação desta árvore, mais especificamente, é aludida no exemplo (9), deve ser provada (I), demonstrada com dízimos (II), de modo a garantir a relação harmônica com o sagrado (a manutenção do fiel no Jardim do Éden), que é um comprometimento (III) ou uma aliança (IV).

Esta última recategorização metafórica (especialmente IV) pode fornecer indícios de uma significação incorporada de valores neoliberais, que pode ser entrevista no exemplo (10); aquele que está na aliança com Deus, adquire o direito de “voltar” ao Jardim do Éden. A relação entre Deus e o fiel, como será pormenorizado, adquire feições empresariais, pois o sagrado é obrigado a responder à empreitada do fiel.

Esta relação com Deus fica clara ao observarmos o exemplo (11), no qual a manutenção no Jardim do Éden refere-se ao poder de “administrar o mundo e as criaturas de Deus” (11). Comparado ao exemplo anterior, vê-se a emergência da incorporação da lógica de mercado do *do ut des* (CAMPOS 2008). Isso fica claro quando surge a questão de que é possível que a humanidade volte ao estado anterior ao desencadeado pelo episódio do “pecado original”, base da argumentação deste culto:

11. “a **autoridade suprema na Terra** era do homem... (I) Deus havia passado *essa autoridade...*(II) e havia **comunhão de Deus com o homem**...(III) do homem com Deus... porque o homem era *administrador* (IV) de tudo que Deus havia criado...” (IURD – CULTO 2, p. 159, L. 11-13)

A recategorização metafórica em (III) refere-se ao exemplo (9), qualificando o comprometimento com Deus, a aliança, enquanto uma comunhão. Esta comunhão, por sua vez, é qualificada em termos de uma administração, de um poder que Deus dá ao fiel que está no Jardim do Éden.

Por abordar a questão do dízimo usando a referência da passagem do “pecado original”, o pano de fundo deste culto é altamente metaforizado, e tende a criar uma dicotomia entre “antes/depois” do pecado original. Nesta linha de raciocínio, notam-se ocorrências de metáforas que categorizam o mundo em termos de inferno (13) através de emprego de metáfora por personificação, veiculada pelo verbo “nascer”:

12. **“aquela autoridade que ele tinha... o homem tinha... ele deu de graça para o diabo... aí nasceu o reino do inferno (I)... o reino do mundo (II)... é por isso que você vê hoje tantas pessoas doentes... crianças passando fome você vê toda maldade... perversidade... tudo que existe de ruim... guerras... pessoas más... perversas (III)...”** (IURD – CULTO 2, P. 159 L. 16-18)

A recategorização metafórica entre (I) e (II) permite ao orador associar que o mundo é o próprio inferno. Para qualificar esta relação, as propriedades do mundo que servem para categorizá-lo como inferno são evocadas em (III).

O culto de número 3 aborda a temática da oferta (complementar ao dízimo), e o orador apóia-se em passagens bíblicas para fundamentar a argumentação. Se no culto 2 o dízimo é tratado como uma prova de fidelidade à Deus, neste culto a oferta é associada ao sacrifício de Jesus pela humanidade. O sacrifício, como será visto, é categorizado em termos de um cotidiano no qual “nada é de graça”, no qual “tudo tem um preço” (13). Desta forma, os fiéis, para que obtenham resultados expressivos em sua busca por uma melhoria de vida (14), precisam exercer um sacrifício semelhante à de muitos outros personagens bíblicos, que, apesar de ricos e prósperos, submeteram-se ao sacrifício de entrega total de si para Deus para atingirem a glória, não só em vida como eterna (15).

13. “**tudo que você quer de Deus... tudo tem um preço...tudo tem um preço... nada é de graça...**” (IURD – CULTO 3, p. 161, L. 13-14)

14. “você... naturalmente... vem aqui na igreja em busca de **um resultado pra sua vida...** você quer *uma melhora na qualidade de vida*” (IURD – CULTO 3, p. 161, L. 11-14)

15. “Mateus... ele era um coletor de impostos...e ele estava trabalhando com **salário extraordinário... magnífico... ele tinha uma vida de conforto... de riqueza... ele tinha o respeito das autoridades... ele tinha tudo...** mas ele imediatamente deixou tudo pra segui-lo...” (IURD – CULTO 3, p. 165, L. 2-4)

Para a construção da relação triádica entre o sacrifício destes personagens, a entrega material e a conseqüente melhoria da qualidade de vida de um fiel, o orador recorre aos mecanismos de recategorização metafórica para estabelecer as analogias necessárias à concretização de sua proposta enunciativa e retórica. É o que se depreende dos enunciados (16) e (17). Neste último, o *objeto de discurso* lexicalizado “vida” (I) é evocado para fazer referência à entrega incondicional, ao sacrifício (II) similar aos dos prósperos profetas (18). As recategorizações metafóricas em (19) tendem a mostrar que a transformação (II) refere-se ao resultado do sacrifício (IV), como algo similar a uma vida com sabor, com fruição. Em (20), observa-se que o resultado desta entrega (a presença de Jesus, com todas as bênçãos e boas implicações) é metaforizado por “perfume”.

16. “ ... **deixe a sua oferta na mão de Deus...** e *deixe que ele venha recolher...*” (IURD – CULTO 3, p. 165, L. 11)

17. “suponhamos que você... que está **dando toda sua vida para ele** (I)... diga –“olha meu Deus... **tudo o que eu tenho...** *tudo o que eu sou...* (II) tudo... tudo... eu quero colocar no teu altar agora” (IURD – CULTO 3, p. 164, L. 29-30)

18. “Por que que o Deus de Abraão... de Isaac e de Israel ainda não se materializou na sua vida?” (IURD – CULTO 3, p. 163, L. 17-18)

19. “**a minha vida num modifica!** (I) *Ela num é transformada* (II)... tá **faltando algo em mim...** (III) tá *faltando sabor...* tá *faltando sal...* (IV)” (IURD – CULTO 3, p. 163, L. 13-14)

20. “**para que o teu nome seja glorificado na vida dela** (I)... *para que... o perfume teu... Jesus... seja sentido pelos amigos desta pessoa...* (II)” (IURD – CULTO 3, p. 165, L. 18-20)”

Este último enunciado merece ser destacado, pois evidencia uma série de relações implícitas que foram construídas pelo orador ao longo deste culto. Este exemplo faz parte da oração – o que explica a presença dos vocativos – e aponta o papel argumentativo da recategorização metafórica, cujos mecanismos inferenciais são altamente complexos: é necessário à interpretação deste enunciado remeter às glórias conquistadas pelos profetas – dos quais, evidentemente, destaca-se a glória máxima atingida por Jesus Cristo.

Como já apontado, estas glórias são especialmente trabalhadas em termos de possibilidade de consumo. O emprego do item lexical “perfume” deve ser associado à noção religiosa de *unção divina*, por meio da qual o regenerado é ungido por Cristo com o Espírito Santo de Deus. Observemos, a propósito, o exemplo (21), no qual há uma referência a óleo, que embasa o raciocínio acima exposto:

21. “com **a vida apagada...** por quê? Porque *tá faltando encher-se de óleo...* por que **tá faltando encher-se de óleo?**” (IURD – CULTO 3, p. 164, L. 4-5)

Observa-se que (20) faz uma referência a este enunciado: uma pessoa “cheia de óleo” é uma pessoa ungida, influenciada ou protegida pelo poder divino, glorificada; uma pessoa que exala esta glorificação. Considerando que nas igrejas neopentecostais a unção é

mais uma manifestação de Deus (como nas glossolalias descritas nas passagens pelos eventos do dia de Pentecostes) do que uma propriedade, é possível afirmar que a recategorização metafórica em (II) ajuda a construir a noção de prosperidade enquanto algo que deve ser notado pelas pessoas que estão ao redor do daquele que foi batizado, do converso, como a possibilidade da presença de bens de consumo variados, de fartura⁶³. Em uma das principais metáforas da Teologia da Prosperidade, vale lembrar que cabe ao fiel “resplandecer a glória de Deus”, de forma que este enunciado aponta-nos um dos principais objetivos dos líderes desta igreja, que é a constante expansão.

Já no culto de número 4, o dízimo é abordado à luz de um sistema cotidiano de trocas; o orador categoriza diversas vezes o famoso formulaico bíblico “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”⁶⁴, veiculando a idéia de que cada um deve receber o que merece, partindo de exemplificações diversas sobre a prática de “Dar/servir a César”.

Em (22), fica clara a intenção de que este trecho da passagem (I) deve ser interpretado metaforicamente; servir a César refere-se às práticas cotidianas de obrigações e direitos sociais, de troca de valores e bens - seja em relação aos deveres do cidadão/contribuinte com o Estado, seja em relação aos contratos sociais (conjugal, laboral, comercial, etc.), como visto no segmento (II).

Essa recategorização é muito importante para que o orador consiga estabelecer uma analogia com a prática de “Dar/servir a Deus”, referente ao dízimo. Assim como um fiel serve a César, personificado nas exigências efêmeras do mundo – isto é, procede a trocas de obrigações e direitos, como adquirir bens – ele deve servir a Deus. Para fazer esta relação, o orador afirma que dar o dízimo (servir a Deus, segmento I), garante ao fiel a aquisição de uma “cerca protetora” (23), que o protege de incursões malignas. A

⁶³ Poder-se-ia, no entanto, questionar tal interpretação, uma vez que à prosperidade pode também ser remetida a questão da saúde do fiel. A esta objeção, contudo, pode-se dizer que o papel centralizado do valor neoliberal de consumo na Teologia da Prosperidade é o mais relevante, uma vez que a miséria financeira implicaria, necessariamente, em problemas de saúde. Diversos autores dedicados ao estudo do neopentecostalismo colaboram com essa interpretação, como Silva (2000), ao afirmar que há uma relação axiológica do dinheiro nesta denominação religiosa, uma vez que: “(tal relação) é solucionadora de problemas, sejam eles de ordem conjugal, sentimentais ou profissionais, físicos e financeiros...” (SILVA, 2000, p.14).

⁶⁴ Proferido por Jesus quando questionado sobre suas razões para aconselhar os judeus a pagarem os tributos a Roma e não misturarem assuntos sagrados e mundanos.

recategorização metafórica (II), neste exemplo, cumpre a função de estabelecer esta analogia.

Em (24), o orador refere-se aos resultados de servir a Deus, à própria eficácia da aquisição dessa cerca protetora. A recategorização metafórica em (II) deixa clara essa eficácia: ela evita que o “mal” (entidades demoníacas) tenha acesso aos bens de uma pessoa. A recategorização metafórica em (III) é altamente complexa e polissêmica; para especificar essa significação, o orador aponta que a única maneira de servir a Deus, na mesa dele (sempre abundante), é por meio da prática dizimista (IV).

22. “todos vocês aqui... sem medo de errar... servem a César (I)... porque todos vocês aqui *compraram roupas... compraram casa... servem a patrão... serve a esposa... serve ao marido... serve aos filhos... paga o aluguel... paga os impostos...*” (II) (IURD – CULTO 4, p. 167, L. 7-9)

23. “**Jó dava a Deus o que é de Deus (I)**.. então *havia uma cerca protetora... é essa cerca que falta*” (II) (IURD – CULTO 4, p. 168, L. 21-22)

24. “Já pensou... **a sua casa sendo protegida (I)** do mal e *o mal não ter acesso à sua casa? os seus bens serem protegidos e o mal não ter acesso a seus bens?* (II) Num *é isso que você quer?* É possível... mas só é possível quando **você toma lugar à mesa de Deus**... e *você serve a ele na mesa dele*... (III) *isso é possível...* e *é isso que tem que acontecer...* a partir do **momento em que ela se volta para Deus...** e *o sinal é o dízimo...* (IV)” (IURD – CULTO 4, p. 169, L. 1-3)

Esta abordagem sobre o dízimo tende a destaca, assim, o seu poder de compra, a partir do raciocínio embasado na passagem bíblica mencionada. Embora não lexicalizado nos mecanismos de recategorização metafórica destacados, o percurso inferencial de construção deste *objeto de discurso* está justamente nas referências metafóricas. Mas os benefícios a ele atrelados o são, embasando a idéia de que o dízimo é única moeda aceita para que se adquira uma “cerca divina” (23).

Muito interessante é o enunciado seguinte, que fornece uma síntese que exige muitas inferências associadas à proposta que é delineada neste culto, apresentando remissões a diversos trechos anteriores, como os dos enunciados acima, além de mostrar a postura que um fiel deve ter, empregando adjetivos atribuídos a Jó – personagem bíblico famoso por sua fé incondicional – parafraseando a passagem que é o axioma do culto. Em seguida, o orador deixa claro que sua intenção é a de que as pessoas devem entender que a postura de Jacó, uma pessoa que dava a César e a Deus, é a postura adequada para que uma pessoa “sente-se à mesa de Deus” ainda neste mundo, mesa que representa uma vida farta, materialmente próspera.

Sua complexidade também se nota em seu nível argumental: recorre tanto a um *argumento por autoridade* (Cf. PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECHA, 1996 [1958]) através da citação da passagem bíblica e do exemplo de Jó, expressando uma relação de causalidade, através do emprego do articulador textual (KOCH, 2004: 134) “então”, recorrendo a um raciocínio por analogia. É um dado bastante emblemático da visão de mundo que prega a Teologia da Prosperidade e altamente valioso para nossa pesquisa.

25. **“dando a César o que é de César e a Deus o que é de Deus... sendo íntegro... reto... temendo a ele... desviando do mal... (I) então você vai estar nesse mundo sentado à mesa de Deus (II)... e na mesa de Deus não tem fome... não há doença... na mesa de Deus há fartura... (III)” (IURD – CULTO 4, P. 169, L. 20-22)**

Em (I), a paráfrase da passagem bíblica é retomada pelos resultados que a sua interpretação adequada acarreta (II). A metáfora neste segundo segmento é especificada pelas propriedades da “mesa de Deus”, permitindo a recategorização de elementos afeitos à noção de “prosperidade”, como a fartura (III).

Estes três últimos cultos (2, 3 e 4) têm por orientação argumentativa mais geral atrelar aos bens de consumo materiais certa inferioridade aos bens de consumo “espirituais”, pelo viés da necessidade de desprendimento material (como a entrega incondicional). Mas a incorporação da real validade destes bens de consumo está na relação estabelecida com a espiritualidade: se há harmonia espiritual, os bens materiais irão

comparecer na vida de um fiel de maneira espontânea, enquanto resultado da fé. Assim, estes cultos apontam como se fundamenta o *do ut des* apontado por Mariano (2008): estabelece-se uma relação de causa e consequência, pela proposição de que quanto mais um fiel (se) entrega, mais benesses ele terá.

O culto 5, como mencionado, pauta-se por temas como superação de problemas. Para isso, o orador busca explicar aos fieis que as adversidades enfrentadas devem ser entendidas em termos de outras experiências (Cf. LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]), no caso, naturais, meteorológicas. Assim, o orador estabelece uma analogia fundamental ao andamento do culto recategorizando metaforicamente o próprio item lexical “problemas” em termos de “tempestade” (26), de “ventos contrários” (27), “tormentas” (28) e de “fundo do mar” (29), estabelecendo uma anteposição àquilo que é a “vontade de Deus” (30), condicionada pela manifestação da fidelidade de um cristão (31):

26. “se com o Espírito Santo já se enfrenta **problemas...** se com o Espírito Santo já se enfrenta tempestades” (IURD – CULTO 5, p. 171, L. 23-24)

27. “não importa **o tamanho do seu problema...** não importa a força do vento que lhe é contrário...” (IURD – CULTO 5, p. 176, L. 6-7)

28. “**a tormenta...** o problema... o mal se levanta contra todo mundo...” (IURD – CULTO 5, P. 171 L. 25-26)

29. “**Jesus anda por sobre o mar**”... quer dizer o mar está embaixo e Jesus por cima... o problema está em baixo e você? Você por cima... (IURD – CULTO 5, p. 172, L. 27-28)

30. “olha a vida de.. de... **Isaac... Salomão... Davi** e tantos outros *homens de Deus que viveram uma vida próspera... de riqueza... essa é a vontade de Deus...* que você *tenha saúde...*” (IURD – CULTO 5, p. 172, L. 16-18)

31. “você vê as a pessoas aí sofrendo e dizendo que crêm em Deus... elas **não manifestam a sua fé**.. elas são vítimas de tempestades... de problemas...” (IURD – CULTO 5, p. 172, L. 1-2)

A lexicalização de “problemas” – com exceção de (30) – relaciona-se nestes enunciados de maneira a atrelar-lhe uma significação similar a forças naturais maiores, incontroláveis pelo ser humano, mas que podem ser evitadas. É uma clara analogia com as incursões malignas e com a possibilidade de proteção concedida àqueles que manifestam a fé. Em (30), a referência à vida próspera dos profetas tende a exemplificar que a fé incondicional é a única via para a superação de problemas que escapam ao controle do ser humano.

Como visto, a fé é a grande responsável para que sejam atingidas as condições necessárias ao enfrentamento das adversidades impostas pelo ambiente social (entendido em termos de um ambiente físico), de forma que aqueles que não a possuem, ou não sabem usá-la, sofrerão todos os infortúnios que podem advir destas condições naturais e superiores obstantes: são tragados pelas tempestades, barrados pelos ventos contrários (32), atingidos pelas ondas (33), ou afundam (34):

32. “se você não traz uma fé consciente então você vai ser **tragado pela tempestade**... você vai ser barrado pelo vento contrário..” (IURD – CULTO 5, p. 173 L. 19-20)

33. “agora... que você está descendo... que você está se afundando... **todo mundo se afastou de você**..... *ninguém quer sua vida..... ninguém quer tá contigo...*” (IURD – CULTO 5, P. 175 L. 25-27)

Como se pode observar, as recategorizações metafóricas comparecem nos cultos como uma espécie de função constante de atribuir sentido às experiências do cotidiano em termos de outras experiências, também cotidianas, resultantes, todavia, da

forma como se vinculam ao sagrado; é como nos aponta Tracy: “a linguagem religiosa revela certas experiências e questões-limite do cotidiano” (TRACY *In* SACKS, 1992: 98).

No caso da Igreja Universal, este processo revela-se pela interpretação destas questões-limite do cotidiano à luz de uma leitura bíblica, que tende a planificar as experiências de um mundo neoliberal e globalizado à esfera do sagrado; tal planificação resulta, inclusive, na extração de metáforas que se circunscrevem ao plano físico das ações, daí a associação constante entre dízimo e moeda de compra, sacrifício e roubo; fé e pontes, alianças, sociedades (em seu sentido mais próximo de corporação, de colaboração lucrativa) ou atributos humanos valorizados pela sociedade atual, como a racionalidade.

As adversidades cotidianas são atribuídas a ataques de entidades externas, constantes e fora do controle do homem, como os problemas, entendidos no quinto culto em termos de fenômenos meteorológicos. A função dos pastores é despertar a fé enquanto a única ferramenta eficaz no combate a essas adversidades. Essa ferramenta disponível à toda uma humanidade, como visto, é constantemente designada em termos das práticas dizimistas e, por consequência, de investimento.

4.2.2 A Igreja Internacional da Graça de Deus⁶⁵

Os cultos da Igreja da Graça apresentam abordagens diferentes dos temas centrais à proposta mais geral do neopentecostalismo, de modo que, para tratar destes assuntos, o Missionário R. R. Soares aborda temas como a inveja (Culto 1), estar na presença de Deus/morar na casa de Deus (Cultos 2 e 3), atitudes (culto 4) e “nova aliança” (Culto 5).

Observa-se que um dos efeitos mais emblemáticos desta diferença de abordagem está na qualidade e na motivação dos empregos metafóricos: enquanto na Igreja Universal podemos notar mais claramente a presença destes valores, seja em termos

⁶⁵ Como mencionado à nota 1 do capítulo introdutório desta dissertação, os trabalhos que embasam nossas reflexões sobre as práticas referenciais do neopentecostalismo voltam-se, sobretudo, para a Igreja Universal do Reino de Deus. E, como mencionado à nota 11 deste mesmo capítulo, há também um conjunto significativo de diferenças entre uma e outra. Como a Igreja Universal possui grande relevância no cenário religioso brasileiro, o conjunto de pesquisas voltadas à ela é muito maior. Com isso, busca-se justificar certa imprecisão na análise dos dados a seguir, se comparada à dos dados vistos até aqui.

discursivos como práticos⁶⁶, na Igreja Internacional deve-se observar que a incorporação de tais valores é menos direta, ou ao menos, a expressão deste processo dá-se de maneira menos evidente. Uma explicação para isso refere-se ao fato de que a prática dizimista não é, ao menos nos cultos aqui registrados, um tópico central nos sermões e orações. Como exposto na seção 4.1.2 deste capítulo, há um momento específico do programa dedicado ao assunto, fato que sugere a emergência do dízimo como um pressuposto da prática da fé.

No primeiro culto, focado sobre os malefícios da inveja, o orador parte de uma pequena narração para mostrar que as pessoas invejosas possuem estruturas morais fracas, partindo de um provérbio bíblico para estabelecer uma analogia entre estas estruturas e os ossos de uma pessoa (34): a inveja ou a cobiça prejudicam a saúde da edificação moral das pessoas. Neste exemplo, a recategorização metafórica (II) faz referência à postura de um fiel; as estruturas mencionadas, relativas sobretudo à ética de uma pessoa, devem estar saudáveis, sólidas.

Dentro deste raciocínio, é possível ao orador explicar a situação de pessoas cuja inveja funda-se em relação à prosperidade alheia (35), por meio da estratégia referencial de nominalização (I).

34. “*esse aqui é um alerta muito grande... “ o coração com saúde é a saúde da carne... mas a inveja é a podridão do ossos”... osso é que dá estrutura...quando você tem inveja...(I) você tá fazendo as suas estruturas morais... espirituais... familiares... ficarem podres... (II)” (IIGD – CULTO 1, p. 178, L. 28-30)*

35. “**movidos pela inveja**...abrir um comércio por causa de alguém que havia prosperado e estava *invejando*... (I)” (IIGD – CULTO 1, p. 181, L. 14-15)

Vê-se, com base nestes enunciados, que as recategorizações metafóricas operam através do emprego de termos que derivam da própria passagem bíblica, permitindo

⁶⁶ Os próprios mecanismos de arrecadação e administração desta igreja, considerando sua maior expressividade no quadro nacional, tanto em termos políticos, econômicos e de inserção midiática, revelam que a Igreja Universal atrela de maneira mais explícita as práticas e valores neoliberais.

um sem número de inserções metafóricas que visam a esclarecê-la para seu auditório, pelo emprego constante das metonímias referentes ao ser humano, como os itens lexicais “ossos” e “coração”. Há de se notar, nestes casos, que as próprias metonímias são empregadas em enunciados metafóricos, como em (36):

36. “se não tem o nosso coração contaminação....ele é a vida da carne...que que é isso? Ele é a saúde do corpo...o corpo paga quando **o coração não tem respeito pela palavra de Deus... é tomado com inveja...**” (IIGD – CULTO 1, p. 179, L. 11-13)

Apropriando-se de tais categorias, há ainda inserções que operam como efeito de uma relação causa e consequência da inveja, e, assim, o orador toca no tema prosperidade como resultado de uma operação de Deus, uma recategorização metafórica (I) que ter por intuito apontar que é possível remover os efeitos dessa inveja (37).

37. “pra **quem está numa situação financeira difícil**.....meu Deus... mas se o Senhor é aquele que abre a porta e ninguém fecha... e o Senhor fecha e ninguém abre.....essa pessoa precisa da tua operação...” (IIGD – CULTO 1, P. 181, L. 28-30)

O culto de número 2 trata do tema “estar na presença de Cristo” e, nestas linhas, aborda a fé enquanto paciência, enquanto uma estrada que se caminha a pé, sempre ao lado de Jesus, estrada essa que oferece diversos perigos (38). Esta abordagem é baseada em interpretação de uma passagem bíblica que narra a história de Jacó indo a Arã, que lá chegando pediu para ser casar com Raquel, sob o acordo de que seria escravo do pai desta, seu próspero tio Labão, por sete anos. Acabado o prazo, porém, foi enganado pelo sogro, que o casou com a irmã mais velha, Lia, sob alegação de que a regra era casar primeiro os primogênitos, de forma que Jacó trabalhou mais sete anos para obter a mão de Raquel, sendo então coroado com glórias eternas (39). Após este período de provação, mas ainda em vida, pôde aproveitar os benefícios do trabalho duro (40).

38. “... **nós temos que percorrer a estrada da fé...** *nós temos que ir a pé... sofrendo os perigos que uma estrada deserta que na época ofereciam... de feras... até de gente que se presta ao crime... o cansaço do dia... o frio da noite...*” (IIGD – CULTO 2, p. 185, L. 3-5)

39. “e não importou de ter de **pagar o preço...** *ficou vinte anos no tatal... servindo ao Labão... mas saiu dali rico... cheio de bens...*” (IIGD – CULTO 2, p. 188, L. 17-19)

40. “**mais do que isso...** *saiu dali de tal maneira vitorioso... que fez-se uma festa do poder de Deus por causa da vitória que ele conseguiu...*” (IIGD – CULTO 2, p. 188, L. 18-20)

Outra passagem que é importante destacar concerne à chegada de Jacó a Arã. Lá chegando, removeu sozinho uma pedra que ficava por sobre um poço. Com base nesta passagem, o orador mantém o referente “pedra” em diversas passagens como uma alusão ao enfrentamento de problemas cotidianos por parte daquele que anda com fé (41).

41. “quando você tá andando com fé... tem *um obstáculo* o homem diz “é impossível”... não pra você... se **o problema** veio à sua mão... é porque você tem condições de resolver... não importa se **é pesado...**” (IIGD – CULTO 2, p. 187, L. 5-7)

Neste percurso essas recategorizações metafóricas também comparecem com o objetivo de ressaltar aspectos da passagem bíblica (a história de paciência e perseverança protagonizada por Jacó) que o orador julga convenientes para tratar de um problema que é recorrente entre muitos fiéis: a falta de respostas por parte do sagrado. Desta forma, ele explica que o resultado da fé – trabalhada em termos de uma estrada que deve ser percorrida a pé – é também algo que remete à paciência. Assim, este caminho (42) deve ser percorrido paulatinamente – há neste enunciado um emprego de dois formulaicos que contribuem para a proposta de sentido do orador, em (II) –, e que o uso de subterfúgios para

que se chegue mais rápido ao destino desejado é danoso ante Deus (43), pois, embora o final esteja repleto de glórias, similares à de Jacó (44), os desafios que cada um deve enfrentar são uma espécie de provação da fé. Esta é uma estratégia muito interessante para que o orador consiga atenuar a ansiedade que a prática incondicional da fé pode gerar. Vale notar, ainda, que em (44), o orador emprega o termo “firme” – que pode ser associado à significação deste termo constituída no culto 1 – e o parafraseia (I) em termos de uma obediência ao desígnio divino, metaforicamente recategorizado em (II). A prosperidade, neste exemplo, é referida por meio do resultado destas práticas (III):

42. “**trilhar essa estrada a pé...** (I) *conhecendo palmo a palmo... passo a passo...* (II)” (IIGD – CULTO 2, P. 185, L. 15-17)

43. “**a estrada que Deus dá pra você...** *não negue... não deixe qualquer pessoa lhe roubar essa benção... não tente pegar um avião espiritual*” (IIGD – CULTO 2, P. 185, L. 25-27)

44. “o Jacó foi **firme...** *obedecendo o que ele ouviu lá do seu pai...(I) que ele sabia que era de Deus... que era a confirmação que Deus falou no coração dele...* (II) e não importou de ter de **pagar o preço...** *ficou vinte anos no tatal (?)... servindo ao Labão... mas saiu dali **rico...** cheio de bens... (III) e **mais do que isso...** *saiu dali de tal maneira vitorioso...*” (IIGD – CULTO 2, P. 188, L. 16-19)*

É, assim, uma maneira de explicar que os resultados (aqui referidos como riqueza em termos de bens materiais - III) proporcionados pela Igreja podem não estar em sua hora certa; controlada a ansiedade, a prosperidade almejada por todos os cristãos é apenas uma questão de tempo, como fica claro no seguinte exemplo (45):

45. “**a pessoa que é de Deus...** *se ela prestar atenção... ela anda segundo o relógio de Deus... ela não chega atrasada... e nem chega adiantada... ela chega no tempo que Deus determinou...*” (IIGD – CULTO 2, p. 186, L. 12-14)

É interessante notar que neste enunciado o orador deixa clara a mensagem de que os fiéis desta igreja, diferentemente dos da Igreja Universal, não podem cobrar de Deus uma melhora na qualidade de vida, mas tão somente esperar para que esta melhora surja naturalmente, como reflexo das ações no mundo e da postura ante o sagrado. As nuances no tratamento dado à Teologia da Prosperidade ficam bastante evidentes nesse culto: embora ambas preguem a crença de que é a vontade de Deus a prosperidade material dos cristãos, o percurso sugerido pela Igreja da Graça para a obtenção das bênçãos envolve diferentes julgamentos sobre a relação de Deus com o fiel. Neste sentido, pode-se afirmar que para a Igreja Universal, essa relação dá-se como uma verdadeira parceria comercial, há maior possibilidade de negociação. Se o fiel desta igreja não atingiu ainda a prosperidade, é porque ele está “usando a fé” de maneira errada. Já na Igreja da Graça, a imagem de Deus adquire bem menos esses traços empresariais, há alguma predestinação e Deus é um juiz das ações do fiel: se ele achar que a “estrada” de um deve ser mais longa que a de outro, cabe a este fiel manter-se firme na fé.

O terceiro culto desta igreja faz uma referência às pessoas que “moram na casa do Senhor”. Neste sermão, o Missionário conta uma longa história de uma conhecida que estava na Índia pregando o evangelho, enquanto um exemplo vivo de persistência na fé. Em seguida, aborda um trecho bíblico em que o personagem Davi, também conhecido por sua persistência na fé, ora para que habite a moradia sagrada (46), de forma que possa contemplar ao Senhor todos os dias, sendo, evidentemente, próspero (47).

Nota-se que em outra passagem desta mesma história, há alusão à idéia de que “não se pode confiar em cavalos e carros” (48), somente na fé absoluta e redenção à Cristo. É interessante observar que este exemplo permite atribuir aos bens materiais de consumo um caráter utilitário e benéfico, e há uma clara alusão às vantagens que podem ser tiradas de seu uso (49).

46. “**que eu possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida**”. Meu amigo... *este é o segredo de você se manter limpo*” (IIGD – CULTO 3, p. 191, L. 9-10)

47. “e por **não morar** você não pode contemplar o Senhor como **aquele formoso... aquele que cura... aquele que liberta... aquele que prospera... aquele que nos livra de acidentes... nos livra das balas perdidas... nos livra daquele que gosta de colocar a mão no bolso pra tirar o que é nosso...**” (IIGD – CULTO 3, p. 192, L. 6-8)

48. “**não confie em carros... use os carros... não confie em cavalos... use os cavalos...** quer dizer *as coisas normais que Deus colocou em nossa vida...* mas que que você tem que fazer? Faça menção do nome do Senhor... o nosso **Deus...** porque ele é *aquele que luta por nós...* quando você põe o nome de Jesus agindo em seu favor... o inimigo **não pode operar mais na sua vida...**” (IIGD – CULTO 3, p. 195, L. 13-16)

49. “**se graduam... fazem uma pós-graduação... um doutorado... uma livre-docência...** e passam a ser pessoas muito inteligentes... tem pessoas que têm outras **coisas que ajudam a eles...** e estão colocando a confiança deles *nessas coisas...* devemos usá-las..os cavalos do passado e os cavalos modernos... os carros do passado e os carros modernos...” (IIGD – CULTO 3, p. 193, L.22-25)

Notemos como o orador busca elucidar que a passagem interpretada alude à própria leitura da Bíblia (50), de forma que resulte na presença de um ser que protege contra qualquer ataque maligno – é muito interessante notar que nesta passagem há a presença de uma âncora que permite a continuidade metafórica com clareza máxima – tendo por consequência mais imediata a prosperidade (51). Deixando claro que há possibilidade usufruto de bens materiais, desde que haja desprendimento e confiança na “menção do nome do Senhor” (52).

As recategorizações metafóricas observadas nestes exemplos são muito ricas para entendermos algumas diferenças no tratamento dado à Teologia da Prosperidade pelas duas igrejas. Em (50), o segmento (I) traz uma metáfora que alude à certa “intimidade” com o Senhor, que pode compartilhar sua presença se o fiel ler a bíblia de maneira adequada. Já o segmento (II) faz também referência a um tipo de mente vazia, que não compreendeu a Bíblia (“aquele passarinho fazer ninho na sua cabeça”) e que se entregaria às tentações

mundanas. No contexto da “guerra espiritual”, pode-se afirmar que a figura deste pássaro remete às entidades malignas, como o Diabo.

Já no exemplo (51), a cadeia referencial ensejada pela recategorização metafórica do segmento (I) apresenta uma série de acarretamentos cotidianos do que vem a ser o “não morar” e o “não contemplar” (não ter intimidade, não compartilhar da presença do Senhor): doenças, violência e miséria econômica. A retomada de “Senhor” em (II) dá vazão à interpretação do segmento (I), por meio das exemplificações do poder de mudança que a fé possui.

Em (52), embora não haja uma recategorização metafórica em sentido estrito, o *objeto de discurso* “fé” é aludido pela idéia de que ter fé é confiar. A relação aqui posta é que a fé é reservada ao sagrado e os bens materiais devem ser usados. Estes bens, portanto, não são coisas negativas e devem ser bem aceitas; podem até derivar do divino, mas não são coisas divinas.

50. “**More na casa de Deus...** pega a Bíblia sagrada todo dia... leia... extraia alguma coisa para o seu coração... (I) creia naquilo...e quando aquele passarinho vier fazer ninho na sua cabeça... trazer aquelas tentações... (II) você diga “fora... em nome do Senhor Jesus... aqui não tem” (IIGD – CULTO 3, . P. 191, L. 30-2)

51. “pra que você quer **morar na casa de Deus?** Para que eu possa *contemplar a formosura de Deus*”...muita gente **não vê Deus curando... não vê Deus libertando...***só se desespera...*por que que acontece comigo? Porque você não mora na casa de Deus... e por **não morar** *você não pode contemplar o Senhor* (I) como **aquele formoso...** *aquele que cura... aquele que liberta... aquele que prospera... aquele que nos livra de acidentes... nos livra das balas perdidas... nos livra daquele que gosta de colocar a mão no bolso pra tirar o que é nosso... nos livra daqueles traidores... nos livra de todos os males...*(II) como é que acontece isso? Quando nós **morarmos na casa de Deus...** *contemplaremos a formosura do nosso Senhor...* (III) e... disse Davi... “aprender no seu templo”...**nós aprenderemos no templo de Deus...**” (IIGD – CULTO 3, P. 192, L 1-8)

52. “... **não confie em carros... use os carros... não confie em cavalos... use os cavalos...** quer dizer *as coisas normais que Deus colocou em nossa vida...* mas que que você tem que fazer? Faça menção do nome do Senhor... o nosso **Deus...** porque ele é *aquele que luta por nós...*” (IIGD – CULTO 3, P. 195, L. 14-16)

No quarto culto desta igreja o Missionário dedica-se a interpretar a Parábola do Semeador, na qual o personagem bíblico Mateus explica quatro tipos de atitude, semelhantes ao plantio (enquanto uma complexa referência à atitude de um fiel) de sementes. Há referência às diversas maneiras de se conduzir a fé, que se torna o *objeto de discurso* dentro da cadeia coesiva referencial a ser observada na análise das recategorizações metafóricas, permeadas, sobretudo, pela metáfora do plantio, na qual a colheita (os resultados) depende da combinação do solo (o fiel) com a semente (a fé).

Estas atitudes dizem respeito ao efeito da palavra de Deus sobre as pessoas: as que caem no meio da estrada são atacadas por aves ou são totalmente inférteis (53); as que caem entre pedregais chegam a germinar, mas, por não estarem na terra e não terem raízes, são de pouca duração (54); há outras, que caem entre espinhos; brotam, mas estão cercadas de tal maneira que não produzem frutos (55), e, finalmente, alude às que foram plantadas em boa terra, que dão frutos (56). Para estabelecer o que é boa terra, alude ao personagem Daniel, que se “humilhou perante a mão de Deus” (57).

53. “**o que foi semeado ao pé do caminho...** então... preste atenção nesta palavra... *a pessoa ouviu a palavra e não entendeu*” (IIGD – CULTO 4: P. 198, L. 26-27)

54. “**essa revelação... ela vai nos trazer também angústia e perseguição...** angústia e aperto... **o inimigo vai apertar...** porque ele sabe que foi muito rapidinho *essa brotação da revelação da palavra no nosso coração...* então nós **não tivemos muita terra...** não tivemos assim *uma preparação maior... muita oração...*” (IIGD – CULTO 4: P. 200, L. 10-12)

55. “se você é uma pessoa é... tocada por essas coisas... pelos cuidados da vida e pela sedução das riquezas... abre os olhos... isso são espinhos no seu coração... na sua terra... que vão sufocar a palavra... ela não vai produzir...” (IIGD – CULTO 4: P. 201, L. 13-15)

56. “o que foi semeado em boa terra... então *esse coração... que se aplica a compreender... a humilhar-se perante o seu Deus... esse coração ele vai dar fruto... vai dar dez mil por cento... vai dar seis mil por cento... vai dar três mil por cento...*” (IIGD – CULTO 4: P. 203, L. 12-15)

57. “qual é a **boa terra?**” – *Aquela que se aplica a duas coisas... a humilhar-se perante Deus e a compreender ...*” (IIGD – CULTO 4: P. 203, L. 26-28)

É esta quarta semente e seus frutos, o foco principal do orador: é ela a referência ao tipo de fé e ao tipo de atitude que o fiel deve ter ante o sagrado. Na Parábola interpretada, os frutos dessa semente renderam cem vezes mais do que seu custeio para quem o plantou, o profeta Isaac, do qual todos os cristãos são herdeiros (58). Nesta passagem, o orador reforça uma das mais importantes metáforas do neopentecostalismo (também muito comum nos cultos da Igreja Universal), referente a uma “aliança” de Deus com os homens (59).

58. “**plantou um e colheu cem?** tá escrito aqui... e se *aconteceu com Isaac... porque que não acontece comigo? Isaac era o herdeiro da benção...* Abraão recebeu a benção e passou pra Isaac... Jesus recebeu a benção e passou pra nós... a herança de Isaac é a nossa herança...” (IIGD – CULTO 4: P. 203, L. 19-22)

59. “... **Deus da aliança...** *Deus que prometeu à Abraão... à Isaac... à Jacó... fez a promessa*” (IIGD – CULTO 4: P. 205, L. 3-5)

É um culto que esclarece muitos aspectos da Teologia da Prosperidade, especificando seu tratamento pela Igreja da Graça, sustentando nossa hipótese de que abordagem nesta denominação é mais indireta – no que se refere à questão de como a fé deve ser compreendida – para que seja vinculada a uma espécie de entrega incondicional, se comparada à abordagem dos pastores da Igreja Universal.

A metáfora da “aliança com Deus” (59) deixa isso muito claro; enquanto na Igreja Universal ela é trabalhada de acordo com uma perspectiva empresarial, uma “sociedade com Deus”, na Igreja Internacional é trabalhada como uma condição de submissão, de um “coração que se humilha perante Deus” (63). Isso reforça a idéia esboçada anteriormente de que uma das principais diferenças entre estas denominações neopentecostais no tratamento da Teologia da Prosperidade está no percurso oferecido para que uma pessoa atinja a felicidade terrena, embora ambas não neguem a importância da adequação desta teologia ao quadro neoliberal. Em certa medida, a Igreja da Graça possui certas similaridades com as igrejas pentecostais precedentes, no tocante ao tratamento deste conjunto de crenças, mas delas difere-se pela centralização desta teologia.

Ao longo de sua interpretação da passagem, o Missionário R. R. Soares busca explicar como proceder em cada um dos casos. Com relação às duas primeiras, há uma preocupação do orador em manter a idéia de que é necessário entender a palavra (60) e mudar as condições que estão em volta da semente (fé), como a terra ou a incidência de sol (ou a forma como os fieis interpretam a Bíblia) (61). Já com relação à terceira, surge o tema da prosperidade financeira, que é trabalhado pelo viés do desprendimento (62) aos bens materiais, que podem se tornar espinhos que impedem que a planta seja frutífera – isto é, que tenha chance de se reproduzir. A quarta semente é plantada em boa terra e dá frutos rentáveis: retoma, para exemplificar este último caso, a passagem sobre Isaac, de forma deixar claro que este é o desígnio divino (63) àqueles que se humilham ante Deus.

Em (60), há uma recategorização metafórica (I) que permite atrelar a falta de produtividade (aves irão comer, pessoas irão pisar) com o local aonde uma semente é plantada (à beira do caminho). No segmento (II) deste exemplo, há uma cadeia referencial muito interessante, via contração do famoso provérbio bíblico “Tua palavra é lâmpada para meus pés e luz para meu caminho”, para o *objeto de discurso* “entendimento”.

Em (61), as condições do plantio da semente (fé) estão ligadas, sobretudo, à revelação da palavra, como visto no segmento (I). Esta recategorização metafórica amplia a referência do item “terra” que fica ligado não só ao fiel, mas também ao tipo de fidelidade que ele deve ter.

Já em (62), o orador deixa claro que é necessário o desprendimento aos bens materiais para que, de fato, haja prosperidade. Estes “espinhos” obliteram a compreensão bíblica e, com isso, não haverá uma prosperidade legitimada por Deus, como atesta a recategorização metafórica do segmento (I).

Em (63), vê-se que é somente através da compreensão adequada (I) da palavra que o fiel irá prosperar à maneira de Isaac, o herdeiro da benção. Como visto no segmento (II), o *objeto de discurso* “benção” não é de qualquer natureza, ele é relativo à produtividade do plantio (“plantou um e colheu cem”).

60. “a semente à beira do caminho... o que que vai acontecer ali? **Aves do céu vão comer... pessoas vão pisar... e não vai produzir...** (I) e Jesus diz: “vem logo o maligno e arrebatá...” –“mas missionário... se eu não tenho o **entendimento**”- não tem porque você não quer... porque se você ouvir uma palavra... e ouviu... por isso que **você tá aqui...** que abriu os olhos... compete à você agora orar... -“pai... me dá o **entendimento**”... coloca no coração... e **aquilo que você entende... é o que Deus quer que você tenha...** aquilo ali é a luz para o seu caminho... é a lâmpada para os seus pés... é a força para a sua vida... (II)” (IIGD – CULTO 4, P. 199, L. 5-10)

61. “então **não foi bem preparada...** bateu ali... já brotou... então compete a nós agora cuidar com carinho dessa revelação... porque senão quando vier **o aperto...** a perseguição por causa da palavra... **a ofensa... uma traição... uma chateação...** nós não vamos nos queimar... vem... então Jesus tá dizendo: “foi rápida a coisa em vocês? Foi... foi num abrir de olhos... abri a bíblia sagrada e ui! Descobri o que eu pedia”... abra os olhos... Deus agora me ajuda... a **me firmar...** colocar mais terra... *mais revelação...* (I)” (IIGD – CULTO 4, P. 200, L. 14-17)

62. “Deus pode chamar você pra ser uma pessoa rica... mas ele fará você... mas se você é uma pessoa é... tocada por essas coisas... pelos cuidados da vida e pela sedução das riquezas... abre os olhos... *isso são espinhos no seu coração... na sua terra... que vão sufocar a palavra... ela não vai produzir... (I)*” (IIGD – CULTO 4, P. 201, L. 12-14).

63. “**o que foi semeado em boa terra... então *esse coração... que se aplica a compreender... a humilhar-se perante o seu Deus... esse coração ele vai dar fruto... vai dar dez mil por cento... vai dar seis mil por cento... vai dar três mil por cento...* (I) que é demais pessoal... qualquer pessoa que planta um colhe trinta... que maravilha! Que negócio fenomenal é esse? Colheu sessenta? Puxa vida! Cem? Mas missionário... nunca ninguém colheu cem!” –... leia a bíblia... gênesis... cap. 26 versículo 12.. que história é essa de que nunca ninguém **plantou um e colheu cem?** tá escrito aqui... e se *aconteceu com Isaac...* porque que não acontece comigo? **Isaac era o herdeiro da benção...** (II) Abraão recebeu a benção e passou pra Isaac... Jesus recebeu a benção e passou pra nós... a herança de Isaac é a nossa herança...” (IIGD – CULTO 4, P. 203, L. 21-26)**

O quinto culto desta igreja trata mais especificamente da questão da aliança com Deus, realizada por Abraão, da qual todo homem é herdeiro. É um culto que dá respaldo às interpretações realizadas até aqui, pois aborda as temáticas anteriores.

Neste culto, o orador propõe que o caminho para se manter, ou entrar para o conjunto de beneficiários das riquezas de Deus, é pela purificação⁶⁷ (64) – similar ao visto no culto 1 – focalizando aspectos das provações que não podem abalar a fé (65), ou em atitudes que mantêm pessoas fora do inventário de Abrão, como a mentira (66), o adultério (67) e a desonestidade (68), grandes responsáveis por uma vida cheia de problemas (impurezas) sem prosperidade (69):

⁶⁷ O emprego de “a sua carne ficou limpa” aparece como uma alusão à Cura de Naaman, ao batismo, à carne que fica limpa depois de banhada no rio Jordão ou curada da lepra.

64. “**o homem** deixou a ira de lado... mergulhou pela primeira vez... segunda... terceira... quarta... quinta... sexta... tava igual sempre... mas na sétima vez... conforme a palavra do homem de Deus... **a sua carne ficou limpa**... *pura como a de uma criança*... *o general ficou muito feliz*...” (IIGD – CULTO 5: P. 209, L. 15-18)

65. “se eu fui pega... **presa**... e *trazida cativa* pra aqui... e *agora eu sou uma empregada doméstica*... *uma escrava* da mulher de Naamã... então eu não vou crer mais em Deus... porque que ele deixou fazer *essa maldade*?... eu estou aqui agora sentindo saudade de meus pais de meus irmãos... da minha gente... numa terra distante... de crença diferente... e mais humilhada agora como escrava...”... não... ela **foi uma missionária**... *plantou a semente*” (IIGD – CULTO 5: P. 208, L. 17-20)

66. “**mentiu usando o nome de Eliseu**... *criou uma situação falsa*... *estava transgredindo a palavra de Deus*...” (IIGD – CULTO 5: P. 211, L. 9-11)

67. “**não seja infiel** à sua esposa... *isso é armadilha do Satanás*... **aquela bonitinha**... **aquela charmoso**... *é tudo conversa fiada*... *aquilo é um fedorento*... *é um horrível*... *é um catigudo*...” (IIGD – CULTO 5: P. 213, L. 14-16)

68. “**não meta a mão naquilo que não é seu**... **não seja desonesto**... **não aja fora da palavra de Deus**... *seja uma pessoa completamente comprometida com a palavra*...” (IIGD – CULTO 5: P. 213, L. 16-18)

69. “**Aquele que encobre a sua transgressão jamais prosperará**”... *jamais*... *mesmo que ele chore*... *que ele jejue*...” (IIGD – CULTO 5: P. 214, L. 2-4)

Somente aqueles que se dedicam a entender a mensagem podem de fato exigir os benefícios desta herança. Pessoas que são desonestas (70) não podem, todavia, *entender* os desígnios divinos, e é necessário então passar por um ritual de cura, de salvação e/ou

conversão. As categorias que embasam as metáforas tendem a salientar também a necessidade de perseverança (71), bem como a necessidade de mudança, para que se possa entrar na partilha da herança de Deus (72)

70. “pra vocês **nunca verem a luz...** e *passarem a eternidade toda no inferno... em sofrimento... mostra uma pessoa simpática... um bonito... um atraente... um ganho fácil... não entre nessa coisa...* diga: “eu não quero... eu não preciso.. eu vou servir a Deus...” (IIGD – CULTO 5, P. 213, L. 26-28)

71. “**Mantenha-se fiel à palavra... não saia da palavra...** não deixe o inimigo enganar vocês... *isso é tentação do maligno...*” (IIGD – CULTO 5, P. 214, L. 28-29)

72. “... **aquelas que não eram salvas...** que *hoje tomaram a decisão...* elas são salvas a partir de agora... aquelas que eram... que estavam no pecado... e desonestidade e de mentira de adultério... de qualquer outro erro... **perdoa pai... escreva o nome dessas pessoa no livro da vida...** mude completamente essas pessoas... **transforma...** dê pra elas ó Deus *uma vida diferente...* como ministro da tua palavra... eu declaro... que **todos que tomaram a decisão estão na nova aliança...** a partir de agora *são herdeiras de Deus... co-herdeiras com o Senhor Jesus...* estão perdoadas e transformadas muito obrigado pai em nome de Jesus... (IIGD – CULTO 5, P.215, L. 23-26)

Diferentemente dos cultos da Igreja Universal, nenhum culto desta igreja, presente em nosso *corpus*, pautou-se diretamente sobre o dízimo, ou sobre as ofertas. Ao olharmos atentamente para a estrutura mais geral do programa, contudo, há um bloco específico do programa que se dedica à chamada dos “patrocinadores da obra divina”, tematicamente ligado à parte do sermão. Observa-se que esta é uma estratégia muito interessante para que a questão do dízimo e das ofertas não fique em foco durante os cultos. Dar menos ênfase a estas práticas durante o sermão permite abordá-las de maneira indireta, mas não menos efetiva.

No primeiro culto, que abordou a inveja, temos a presença do chamado pelo apelo a um “coração doente” (73), no segundo culto, que remete a uma história de Jacó, um “grande patriarca” (74), no terceiro culto, o dízimo, evidentemente, é imprescindível àquele que deseja morar na casa do Senhor (75). O quarto culto possui este bloco, mas está resumido somente aos procedimentos de depósito bancário que o fiel deve fazer, sem remeter à parábola do semeador. E o culto de número 5, gravado em um período de mudança da estrutura do programa, não possui este bloco.

73. “você que é **chamado para ser um patrocinador da obra de Deus**... você fica adiando... você tá adiando a sua obediência... você tá se escondendo do temor de Deus... e a mensagem é “sê no temor do Senhor”...ao invés de ter um **coração doente**... fraco... chateado... aborrecido... não realizado quando está fazendo a obra de Deus... tenha um coração firme (I)” (IIGD – CULTO 1: P. 180, L. 16-19)

74. “mas **foi um grande patriarca** porque *ouviu a Deus*... aprenda a **ouvir a Deus**... ele tem um plano para cada um de nós... e se nós não atendemos o plano dele é gorado... e ele num pode cumprir... se ele não chama você para **ser patrocinador**... nem eu quero que você seja patrocinador... mas se ele chama... não deixa pra depois... hoje... *assuma ... e seja essa bênção*. (I)” (IIGD – CULTO 2: P. 189, L. 21-24)

75. “passou três meses na casa de Deus... – ô beleza... tô curado... – mas porque **num continuou**? É escravidão? não... é liberdade (I) – por que que eu vou ficar agora voltando ao velho rudimento?... – se Jesus é bom... eu vou **falar com Jesus** de manhã... na hora do almoço... falar à tarde... à noite... de madrugada... falar a qualquer hora... se a palavra de Deus opera... onde quer que eu for eu vou estar com a palavra de Deus...**decida** minha irmã... venha pra casa de Deus... (II)” (IIGD – CULTO 3: P. 196, L. 20-24)

É muito relevante notar como a construção dos *objetos de discurso* mais centrais a estes cultos permite abordar a questão do dízimo já com sentidos mais precisos. Em (73), extraído do culto 1, a recategorização metafórica do segmento (I) propõe que um “coração doente” refere-se a uma pessoa que adia a própria obediência, que é o chamado para o patrocínio. É, diferente do que ocorre na Igreja Universal, uma maneira indireta de trabalhar a questão do dízimo, algo que tem efeito também em longo prazo, pois a remissão a estas metáforas adquire também este sentido.

O exemplo (74), do culto 2, já aborda o dízimo pela recategorização metafórica que cria a idéia de um compromisso, este, por sua vez, é tratado como uma benção para a obra do Senhor.

Já em (75), presente no culto 3, a pessoa que “mora na casa do Senhor”, aquela que compreende a bíblia de maneira adequada, paga o dízimo de maneira incondicional, fruto da decisão de “contemplar a formosura de Deus”. Também o dízimo é trabalhado enquanto uma manifestação da fé verdadeira, que incorpora, entre outras coisas, uma idéia de liberdade, como pode ser observado na recategorização metafórica do segmento (I).

Estes exemplos, cumpre notar, permitem-nos dizer que a proposta teológica desta igreja, no que se refere à conduta adequada do Cristão para atingir a prosperidade, toma, assim como na Igreja Universal, a perspectiva de um investimento. A grande diferença que se nota nos exemplos de nosso *corpus* fica por conta dos procedimentos de recategorização metafórica de certos *objetos de discurso*: o fato do líder da Igreja da Graça não trazer o tema do dízimo em seu sermão não significa que ele não esteja lá e, ao contrário do que parece, ele está muitas vezes no foco relevante da argumentação deste orador, em face não só das metáforas que são empregadas para qualificar a fé e a prosperidade, como dos processos fóricos que permitem ao orador manter um referente em foco na memória discursiva. Quando ativados ou re-ativados, as metáforas empregadas para qualificá-los permitem ao orador relevar características que forem necessárias para que sua argumentação possua efeito, características estas que, como exposto, em muitas vezes emergem da construção referencial proporcionada pela metáfora.

As recategorizações metafóricas, assim, não podem ser somente tratadas como um *locus* de observação da orientação argumentativa de um texto, como propõe Koch

(2004). Estes mecanismos, como exposto, também funcionam para que *objetos de discurso* não lexicalizados tornem-se elementos relevantes no percurso argumentativo. Esse processo de relevância dá-se com base na ativação do “universo referencial emergente” (MARCUSCHI, 2005: 58) ao qual o orador remete e atua. Uma boa maneira de se entender este processo está em demonstrar como os domínios analógicos dos processos de recategorização metafórica atuam na ativação de referentes novos e, em alguns casos, implícitos. Analisa-se, deste modo, o papel destes mecanismos no que toca aos processos de construção e de estabilização dos nichos metafóricos que compreendem as categorias centrais à Teologia da Prosperidade.

4.3 Discussões sobre o papel das recategorizações metafóricas no contexto da retórica neopentecostal: convergências e divergências no tratamento dado à Teologia da Prosperidade

De acordo com o exposto, a recategorização metafórica é definida pelo processo de construção referencial no qual a relação referencial remissiva, estabelecida no encadeamento textual, entre *objetos de discurso*, considerados relevantes às proposições dos oradores neopentecostais, e seus possíveis operadores/modificadores/direcionadores é também uma relação entre os domínios analógicos “fonte” e “alvo”. Enquanto modo de exemplificar como se dão as operações referenciais, cumpre exemplificar melhor o papel destes mecanismos na estabilização das duas categorias centrais, a “fé” e a “prosperidade”. Com os exemplos que serão expostos, busca-se respaldar o argumento de que o desenvolvimento da argumentação, claramente evidenciados pelos mecanismos de recategorização metafórica, nos cultos analisados na seção anterior também é uma maneira de estabilizar estas categorias.

Quando ativadas na rede conceitual da retórica neopentecostal, a categorização e recategorização de seus respectivos itens lexicais fornecem claros indícios do funcionamento deste processo de estabilização. Para isso, analisam-se primeiramente dois enunciados em que foi registrada a lexicalização de “prosperidade” no domínio alvo.

Algo que deve ser salientado refere-se ao fato de que a lexicalização de “prosperidade” não é tão comum quanto a lexicalização de “fé”. Uma das razões para que

isso ocorra está na gama de significados atrelados a este item. Em diversos cultos, como visto nas seções precedentes deste capítulo, a “noção”⁶⁸ de prosperidade comparece como pano de fundo para significações diversas.

A sua presença, em muitos casos, é implícita, como no exemplo em que o orador refere-se à prosperidade com a metáfora “sentar-se à mesa de Deus”. Isso decorre principalmente porque o discurso é prioritariamente religioso e, em muitos casos, é necessário abordar questões do cotidiano de maneira “elevada”. E também é por isso que a noção de “prosperidade” encontra-se majoritariamente no domínio alvo dos nichos metafóricos, pois modificar a sua concepção é um excelente expediente para que a argumentação dos oradores adquira grande poder persuasivo.

Em face disso, e na tentativa de construir uma análise simétrica entre a constituição e distribuição destes domínios entre as categorias relativas à fé, optou-se aqui pela análise de dois enunciados em que há lexicalização do item “fé” no domínio fonte.

4.3.1 “Consumo é Prosperidade”: o papel do domínio alvo na construção de sentidos nas recategorizações metafóricas

Por decorrência das considerações teóricas acima expostas, a evolução referencial, ou o processo de fabricação de um referente dá-se, no caso em que o *objeto de discurso* foi empregado no domínio alvo da metáfora, por sua abertura com relação aos domínios referenciais que podem ser abordados e trabalhados durante o percurso argumentativo, proporcionando um efeito retórico de expansão discursiva considerável, no que tange às possibilidades de adesão às teses e proposições enfocadas. Este processo parte de uma significação estável para uma significação instável, isto é, no processo de criação de sentidos, situar um *objeto de discurso* no domínio alvo da relação metafórica é uma maneira de ampliar o leque de domínios referenciais que podem a ele ser atribuídos.

Um primeiro exemplo deste caso pode ser extraído do seguinte excerto,, que cria uma relação referencial entre “prosperar” e “portas abertas por Deus”:

⁶⁸ Vale lembrar que no capítulo 3 desta dissertação foi proposto que “fé” e “prosperidade” seriam tratados enquanto “noções”: “Conjunto de complexo de representações, elas também complexas, de coisas e estados de coisas” (SOUBBOTNIK, 2007: 166).

76. ...você quer **prosperar (I)** porque o outro disse que passou a **ser patrocinador (II)** e *Deus abriu uma porta (III)*... **recebeu uma indenização que tava 20 anos na justiça... chegou agora... multiplicado... com correções (IV)**...foi *uma grande benção... (V)* (IIGD – CULTO 1: P. 179 l. 24-28)

Considerando o argumento de causalidade proposto – segmento (II) – observa-se que “prosperar” é remetido pelo sintagma metafórico “Deus abriu uma porta”, tornando-se também *objeto de discurso* da categorização realizada em seguida: “**recebeu uma indenização que tava 20 anos na justiça...**”. A paráfrase metafórica posta em (III) implica num tipo de recategorização que ampliou consideravelmente os domínios referenciais a que ele poderia se referir, ficando claro o propósito de vincular a idéia de “prosperidade” à de “porta aberta por Deus” que, evidentemente, é uma maneira de dar à riqueza material aspectos “divinizantes”, positivos. Tal julgamento, por sua vez, não poderia ser feito se nos ativéssemos somente ao que é estabelecido entre (I) e (III), pois a alta polissemia do termo “prosperidade” permite que este seja lido tanto num plano de “enriquecimento espiritual” quanto de “enriquecimento material”, fato que diminuiria o poder de nossa explicação. No entanto, o que acontece em seguida com este *objeto de discurso* atesta o propósito de se salientar a idéia de que a riqueza material é consequência de uma relação produtiva com Deus, mas estabelecida pela própria postura do cristão no mundo, especialmente perante a Igreja, à obra de Deus. Tal evidência pode ser vista na exemplificação das propriedades da prosperidade – segmento (IV) – evidenciando a necessidade de uma recategorização que permita esta interpretação. Já o segmento (V), enquanto sumarização e rotulação do conteúdo precedente, encapsula não só esta exemplificação como todo o processo referencial, através do emprego de outro nome cuja polissemia está direcionada para o sentido produzido anteriormente, “benção”.

Em outro exemplo do mesmo culto, tem-se o seguinte processo referencial:

77. ... não tenha o teu coração inveja dos pecadores...muitos deles *são bem sucedidos... (I)* muitos dos pecadores estão *tendo grandes lucros... (II)* “ah... mas

estão prosperando” (III) mas... o que é a prosperidade? (IV) É a paz no coração... (V) (IIGD – CULTO 1, P. 178, L.17-19)

Neste enunciado, percebe-se que há sumarização através de um item verbal (*vide* segmento III)⁶⁹, de um conteúdo que permite a saliência de aspectos materiais, expostos em (I) e (II), da prosperidade; em (IV) ocorre processo de nominalização que mantém “prosperidade” em foco no texto. Por meio de sua retomada elíptica em (V), o processo de predicação permite afirmar que o domínio alvo deste enunciado metafórico é justamente “prosperidade”. Há, pois, um processo de recategorização metafórica por meio de sua manutenção em foco, definido por último em termos de “paz no coração”. Este último, tomado isoladamente, merece atenção, pois deve ser entendido como altamente persuasivo no ambiente da retórica neopentecostal, já que os termos “paz” e “coração” são outros objetos de discurso relevantes aos propósitos da retórica neopentecostal, de modo que a orientação argumentativa do emprego destes é delineada pela estabilidade – provisória e sempre suscetível a modificações – de seu emprego no referido ambiente; “paz no coração”, aquele que “vai dar fruto” (71), remete a uma vida abundante.

É interessante notar que o item lexical “prosperidade”, bem como suas variações gramaticais, comparece apenas uma vez nos cultos da Igreja Universal do Reino de Deus e não faz parte de processos metafóricos de recategorização. Para explicar esta ausência, há que se entender que os cultos do programa “O Santo Culto em seu Lar” são gravados aos domingos, dia em que os assuntos gerais afeitos à Teologia da Prosperidade, que não só envolvem questões financeiras, são tratados. Mas, como visto na seção 4.2.1, as referências à prosperidade são indiscutíveis e, como mais claramente visto no culto 3 dessa igreja, quando o orador evoca práticas cotidianas, como a aquisição de bens de consumo, sua emergência é evidente.

No caso da Igreja Internacional, a estratégia de não abordar o tema dos dízimos nos sermões e orações, reitera-se, é um fator muito importante para explicar que o percurso

⁶⁹ Realizada pelo emprego de um discurso direto que seguramente toma o ponto de vista de um fiel que vê alguém que não pertence à igreja prosperar materialmente. É interessante notar que um dado como este pode aumentar a gama de mecanismos linguístico-referenciais de encapsulamento.

de construção referencial das categorias que embasam a Teologia da Prosperidade possui maior nível de implicitude. O fato de não argumentar diretamente sobre o dízimo permite a seu orador evitar o sempre polêmico assunto relativo a práticas financeiras, ponto de muita controvérsia, desconfiança e acusações de charlatanismo no âmbito da igreja Universal. Mas, como visto, enxergar o todo do processo, pela conjugação e análise pormenorizada de uma série de práticas referenciais, autoriza a dedução de que há uma semelhança conceitual entre esta igreja e a Igreja Universal no que toca ao fortalecimento do nicho metafórico “Consumo é Prosperidade”.

Diante destas explicações, como, então, explicar o surgimento do domínio fonte deste nicho metafórico?

Esta pergunta exige que nos voltemos à dimensão contextual da incorporação. Como afirma Hanks (2008), nesta dimensão há uma “circulação de valores”, relativa a tomadas de posição socialmente definidas para a abordagem de um referente-objeto. O consumo, no quadro neoliberal, assume uma posição socialmente definida: é ele o mecanismo regulador da economia e responsável pela resolução dos problemas sociais. Ou seja, quanto mais circulantes os bens produzidos em uma sociedade, maior a circulação de riquezas.

Assim, percebe-se que o consumo é um elemento altamente incorporado no discurso neopentecostal. Um dos cultos em que isso fica muito claro é, novamente, o de número 3 da Igreja Universal: para tratar indiretamente da questão da prosperidade, o orador fala o tempo todo em possibilidade de consumo.

Por essa série de razões, é possível apontar que “Consumo é Prosperidade”, uma vez que a prosperidade revela-se como a possibilidade de consumo:

O enunciado “prosperidade” associado ao significante “posse” estão fortemente ligados a questões concretas de indivíduos na esfera material, aplicada a contextos sócio-históricos específicos e vinculados ao usufruto real de bens não apenas simbólicos, mas concretos, materializados, produzidos na sociedade capitalista (RODRIGUES, 2003; 24)

Embora de baixa frequência no que toca à lexicalização do item “prosperidade”, os processos de recategorização metafóricas aqui expostos, delineados não só pelo amplo contexto de produção, revela que não é só para a Igreja Universal que à categoria de “prosperidade” imbuí-se o valor neoliberal de consumo. No caso do item lexical “fé”, cuja frequência no *corpus* é maior, opta-se pela sua observação na constituição de domínios fonte, justamente porque seu papel na retórica neopentecostal é de levar os fiéis à prosperidade.

4.3.2 “Fé é investimento”: o papel do domínio fonte na construção de sentidos das recategorizações metafóricas

No caso em que um *objeto de discurso* situa-se no domínio fonte da relação metafórica, a evolução referencial dá-se através de um fechamento, uma constrição de sentidos possíveis em sua categorização. Uma vez que ativado e categorizado no “mar da indeterminação”, o objeto sob modificação pode requerer certa estabilização para que continue situado no universo discursivo da retórica neopentecostal; é um processo argumentativo que visa esconder interpretações que interfiram negativamente na proposta enunciativo-argumentativa, ao alumiar apenas direções que levem às interpretações necessárias.

O enunciado a seguir bem exemplifica este processo:

78. *esse tipo de fé que nós cremos segundo a palavra de Deus... é a **fé inteligente** ... (I) é a fé **que produz efeito** (II)... que faz a gente ter a visão do que Deus quer da nossa vida...(III) (IURD – CULTO 1: P. 151 L. 27-28)*

Embora analisado anteriormente, este enunciado também exemplifica a necessidade surgida localmente de se estabilizar o predicado observado no segmento (I), clássico exemplo de metáfora por personificação (Cf. LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]), pois a categorização proposta poderia, por exemplo, interferir de algum modo na argumentação do orador, ao se considerar a gama de possibilidades que o vasto auditório

pode atribuir à relação entre “fé” e “inteligência”. Deve-se notar que o paralelismo sintático, destacado em (II), realiza uma operação referencial sobre a relação criada pela adjetivação (I), implicando em um campo de inferências para o adjetivo limitado à esfera da efetividade, dos resultados da aplicação da inteligência; já na paráfrase (III), há nova proposta de mudança no *objeto de discurso* “fé inteligente” de forma que este se situe num plano metafísico como resultado de uma ação terrena. Há, deste modo, uma constrição dos sentidos que poderiam derivar de (I), altamente instável e que cria uma relação remissiva metafórica em que justamente um segmento metafórico é fonte de uma relação remissiva metafórica. A recategorização metafórica, pois, ocorreu em sentido inverso ao que se observa nos enunciados (76) e (77), pois os domínios referenciais do objeto focalizado foram sistematicamente circunscritos de maneira a situá-los no domínio fonte desta relação metafórica.

Em outro enunciado, há uma relação um pouco mais complexa:

79. A sua fé é a ponte entre você e Deus...(I) quando você **usa essa fé...** (II) quando você atravessa essa fé... (III) ou essa ponte... (IV) **voce tem Deus à disposição...** *Ele está ali pronto pra atuar em sua vida...* (IURD – CULTO 1, P. 151 L. 10-12)

O que se observa neste exemplo é que há uma constante recategorização da metáfora ontológica que categoriza o item lexical “fé” em (I); o segmento (II), pelo índice verbal, já recategoriza “fé”, de forma que esta seja vinculada a alguma idéia (racional) de uso, fato muito recorrente nos cultos. Este é um dado de caráter claramente estabilizador, circunscrevendo os campos referenciais criados em (I). Nos segmentos (III) e (IV), há nova recategorização metafórica de “fé” por via de paralelismos sintáticos, e as delimitações impostas pela remissão anterior circunscrem estas metáforas ao campo do uso. Assim, da relação metafórica proposta no enunciado (I), no qual “fé” é primeiramente situada no domínio alvo, foi possível derivar as metáforas observadas em (III) e (IV). Assim, o *objeto de discurso* “fé inteligente” situa-se no domínio fonte das relações metafóricas

estabelecidas através das remissões a ele feitas. Os alvos, vale notar, pertencem ao domínio semântico-referencial forjado em (I).

Estes exemplos, cumpre notar, fornecem indícios fortes daquilo que vem sendo esboçado ao longo desta dissertação, a construção do nicho metafórico “Fé é Investimento”. Assim como no caso da proposição “Consumo é Prosperidade”, essa relação metafórica não é expressa diretamente, ela é dedutível de um conjunto de inferências, estabilizadas pelo uso contextualizado de diversos itens lexicais e categorias conceituais.

Vale notar que a força desses nichos metafóricos fica muito bem expressa na interpretação do enunciado “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. O orador apropria-se da lógica neoliberal de investimento para abordar a questão dos dízimos, conformando a seguinte tríade: “Dar a César – tributos/impostos/preços – benefícios para si mesmo”, para que consiga direcionar sua argumentação.

A referência estabelecida entre dízimos e fé segue a mesma tríade, mas mudam seus dois primeiros componentes: “Dar/servir a Deus – dízimos e ofertas – benefícios para si mesmo”. É interessante notar que os procedimentos de recategorização metafórica permitem que o último componente seja lido tanto em planos de benefícios mundanos como sagrados; pelas práticas dizimistas, é possível adquirir uma cerca que protege contra incursões malignas, bem como é possível “tomar lugar à mesa de Deus”.

Assim, os nichos metafóricos cumprem uma função argumentativa de estabelecer uma ponte entre um modo de se conceber a fé, enquanto um investimento, e a prosperidade: se você quer prosperar, você precisa investir na sua fé; investir na fé, como se nota, remete à entrega incondicional, ao sacrifício, expresso na forma de dízimos e ofertas.

Tais proposições, no discurso religioso neopentecostal, conformam as metáforas básicas que sustentam os preceitos da Teologia da Prosperidade, e dela formam um “conglomerado ou rede em que certas metáforas recorrentes tanto organizam metáforas subsidiárias quanto difundem novas” (TRACY *in* SACKS 1992: 95).

5. Considerações finais

Esta dissertação buscou aprofundar a tese sócio-cognitiva de que há uma “interrelação funcional” entre língua e cognição. Diante do exposto no ambiente retórico dos cultos neopentecostais, esta hipótese ganha muita força ante as propostas no âmbito da Linguística Cognitiva, que sugerem uma hierarquia demasiado rígida na interface entre os processos cognitivos e os processos linguísticos. Pode-se afirmar que essa rigidez ocorre, em grande parte, devido ao procedimento teórico-metodológico de estabelecer o foco analítico no produto linguístico, e não na produção, na qual a língua deve ser tomada enquanto uma prática social. Na perspectiva da Linguística Cognitiva, a questão da composição das categorias sócio-cognitivas, deslocada de um problema das propriedades iminentes dos objetos/eventos do mundo para uma questão de derivação sensório-motora, não dá a devida importância ao papel da língua, em situações interativas, na própria composição destas categorias.

Deve-se reconhecer, entretanto, que a Linguística Cognitiva fornece um aparato teórico muito consistente para o desenvolvimento das teses sócio-cognitivas. A relevância dada à experiência sensório-motora, enquanto importante categoria epistemológica, deve ser somada aos esforços das perspectivas sócio-interacionais para uma compreensão mais aguçada a respeito da cognição humana. Afirmar que proposições metafóricas conceituais são amplamente responsáveis por nossa compreensão e produção linguística reforça o argumento anti-especular sobre a natureza da referência linguística, amplamente defendido ao longo desta dissertação.

A Linguística Cognitiva, ao delimitar o problema da categorização como uma propriedade cognitiva, atribui ao referente linguístico, “descartado” (BLIKSTEIN, 1983) na semântica linguística, grande relevância para os estudos da significação interessados na relação entre língua e cognição. Por isso, a premissa de que a metáfora conceptual é uma relação entre domínios estruturados da experiência humana autoriza um diálogo coerente com a relação de contínua construção entre um referente e a sua referência, enfatizada nas perspectivas sócio-interacionais.

Por essas razões, o percurso sócio-cognitivo das recategorizações metafóricas deve tanto guiar-se pelas definições experientialistas propostas pela Linguística Cognitiva, quanto pelas definições construtivistas extraídas do interacionismo linguístico-textual, como já propunha Lima (2007). Embora diferindo de nossa proposta no tocante à ênfase aqui dada ao problema do contexto de produção das recategorizações metafóricas, este trabalho também assinala um esforço constante de avigorar o diálogo entre estas duas principais correntes sócio-cognitivas. Estes esforços, vale notar, indicam que o diálogo é uma necessidade epistemológica à ambas, claramente vista nas reivindicações de Gibbs (2006, 2008), Kövesces (2009), entre outros.

Se faz sentido considerar as categorias efêmeras, como propõem as perspectivas sócio-interacionais, não se pode desconsiderar que a recorrência das próprias interações humanas, especialmente em contextos ritualizados com fins argumentativos claros, age profundamente sobre os processos de conceptualização e estabilização das categorias a que são atribuídas um referente – processo atrelado, em especial, à memória sobre o que é relevante no histórico destas interações. E é esse o papel da Linguística Cognitiva no tipo de investigação aqui proposta: oferecer um aparato formal para dar conta, em especial, dos aspectos distribuídos da cognição humana, daquilo que é estável e compartilhado por uma comunidade linguística.

Na retórica neopentecostal, procurou-se mostrar como o conjunto de referências internas opera sempre em face de domínios referenciais mais amplos e que é necessário, para a própria eficácia persuasiva, aos oradores remeterem a estes domínios referenciais de maneira instrutiva, num constante esforço de estabilização de sentidos mais relevantes. É um percurso de construção argumentativa do mundo, por meio da ação intersubjetiva.

O *ethos* dos oradores permite, no caso da retórica neopentecostal, que esta construção dê-se com base na legitimidade por eles adquirida no que concerne à interpretação do livro sagrado. Ao venderem uma imagem de promotores de mudança na vida das pessoas, estes oradores adquirem potencial para instruir seus fieis, através do fornecimento de novas maneiras de interpretar seu cotidiano, eivado de valores neoliberais. Essa instrução, sobretudo, recai sobre a ética cotidiana, recai sobre as formas consideradas corretas de ação no mundo, em especial quando há o estabelecimento de

objetivos. Estes, por sua vez, são imbuídos de valores próprios ao cotidiano, permeado de premissas neoliberais, dentre os quais se destaca o enriquecimento ou, ao menos, a estabilidade financeira, enquanto reflexo de uma paz espiritual. De todo modo, o foco sobre o conforto material é inevitável, como pode ser visto nos diversos exemplos aqui analisados.

Interessante é entender que a perspicácia dos oradores está em sua capacidade de manutenção de uma hierarquia econômica prévia. Para eles, o trabalho da pregação é, tanto quanto os dízimos e as ofertas, uma entrega incondicional. A eficácia dessa pregação representa-se em bênçãos materiais, como justifica o Bispo Edir Macedo sempre que indagado sobre a sua fortuna pessoal. Os pastores, de acordo com a visão destes oradores, são pessoas que, além de abençoadas com uma visão de mundo metafísica, dedicam-se exclusivamente à obra de Deus e, por isso mesmo, podem enriquecer, proporcionalmente ao crescimento de seu rebanho. Como a religião está ancorada a fatores externos, como o financiamento da expansão da obra divina, e como a igreja não gera renda própria – ou, ao menos, não deveria, já que isenta de tributos sobre geração de riqueza – atribuem aos membros deste rebanho o papel de “patrocinadores”, responsáveis por manter financeiramente a igreja.

É importante destacar que a incorporação de valores neoliberais, em especial os derivados de um discurso empresarial, permite aos oradores estimularem o empreendedorismo: quanto mais rico for um fiel, sob a certeza de que foi a sua conversão à igreja responsável por isso, mais ele financiará a expansão das verdades e instruções ali propostas.

Adotar uma perspectiva de crivo textual-interativo permite evocar a dinamicidade necessária à explicação dos fenômenos da significação referencial responsáveis por este processo, na qual entram em jogo a instabilidade das categorias sócio-cognitivas e seus processos de estabilização. Diversos enunciados, à primeira vista polissêmicos, quando enquadrados em seu uso no referido contexto, ganham muita especificidade não só em face de sua função no direcionamento argumentativo, mas também em face do emprego recorrente de certas formas linguísticas neste ambiente. Há uma espécie de sedimentação de sentidos na observação da recorrência destes processos,

pois são esses sentidos que permitirão aos oradores atingirem com maior precisão os seus propósitos enunciativos e argumentativos.

Também neste quadro pode-se afirmar que o emprego de formas remissivas metafóricas contribui no estabelecimento de traços que não eram antes compartilhados, implicando em atribuição de traços e elementos novos aos próprios domínios e redes conceituais. Como visto no exemplo (78), o *objeto de discurso* “fé”, além de entendido em termos de “ponte”, é algo que deve ser usado em termos de uma travessia, havendo combinação destes traços por meio do emprego de um paralelismo sintático, estabelecendo co-referência entre os termos “usar – fé – atravessar – ponte”. Este processo estabelece semelhanças, e a identificação dos traços é resultado da composição metafórica que cria a comparação, permitindo a “inauguração” de domínios referenciais novos. Estes, por sua vez, irão ancorar a introdução de metáforas novas, inserindo-as em novos domínios conceituais, fundamentais às verdades que sustentam a retórica neopentecostal.

Nas recategorizações metafóricas, percebe-se uma remissão altamente complexa a elementos emergentes e incorporados ao contexto que se fundiram em domínios conceituais novos, e somente traços deles são aproveitados para metaforicidade deste enunciado. Esta fusão comparece claramente quando há emprego de mecanismos formais de correferenciação com sentidos metafóricos, como no caso das paráfrases e sinonímias. O alto emprego destas formas co-referenciais está ligado a um aspecto muito importante da retórica neopentecostal: a repetição e fixação de conteúdos, fundamentais à instrução de ação no mundo (aspectos éticos), revelando um aspecto pedagógico importante na configuração textual-interativa dos cultos.

Este alto emprego está preso à circunscrição de referentes específicos e importantes à persuasão, como “miséria”, “riqueza”, “dízimo”, etc., de forma que a progressão referencial de um objeto de discurso dê-se pela invocação de formas alternativas que o aspectualizam e/ou avaliam. Também se pode afirmar que a escolha por formas remissivas co-referenciais é maior por ser uma estratégia que permite a manutenção de um referente na memória discursiva (KOCH, 2002) sem recorrer à repetição lexical, permitindo que se trabalhe sobre um mesmo tema abarcando pontos de vista diferentes, mas que não fogem ao escopo argumentativo. Quando empregadas com metáforas, estas estratégias

correferenciais adquirem um caráter singular: a manutenção do próprio objeto de discurso na memória discursiva é feita por meio de uma construção, por meio da transposição de um tipo de conhecimento para outro tipo de conhecimento.

Em suma, junto com Koch (2004), pode-se afirmar que mecanismos de recorrência de estruturas ou conteúdos semânticos têm função retórica por manterem a mensagem na memória de forma que se induza o interlocutor a “criar um hábito ou aceitar sua orientação argumentativa” (KOCH, 2004: 83). No caso das recategorizações metafóricas, tais mecanismos permitem o emprego de formas alternativas de significação, e podem contribuir decisivamente para uma construção que tenta abarcar pontos de vista únicos à ótica neopentecostal.

No caso dessas relações metafóricas aqui apresentadas, este potencial é aproveitado para a criação ou delimitação de domínios referenciais de determinados *objetos de discurso*, empregados na tarefa de estabelecimento de uma coerência religiosa, definidora de regimes de ação. Há que se notar, como já delineado, a existência de uma relação de conformação entre os processos de construção dos *objetos de discurso* e a estabilização de seus domínios referenciais: ao mesmo tempo em que a construção é responsável pela estabilização, a própria estabilidade dos domínios referenciais garante a significação mais precisa na construção dos *objetos de discurso*. É uma clara relação dialética entre língua e demais processos cognitivos.

Tais considerações ganham mais respaldo ao se considerar a afirmação de que “toda teologia não somente nasce da vida prática, como também exerce sobre o cotidiano uma notável força de conformação” (CAMPOS, 1997, p. 376). Como visto no quadro da retórica neopentecostal, a vida prática é ressignificada à luz das metáforas bíblicas. Todavia, o percurso dessa construção parte da extração do sentido figurado dessas metáforas: elas são empregadas na atribuição de sentidos à vida prática.

Pode-se afirmar também que o papel destas estratégias metafóricas de referenciação, na retórica teológica das duas igrejas aqui analisadas, é de agir sobre a Teologia da Prosperidade, dando-lhe contornos inéditos, com vista à sua adequação ao conjunto de práticas neoliberais. Centralizadas na premissa de que o consumo é a principal

prática de manutenção saudável da economia livre, este conjunto adquire legitimidade religiosa e é estimulado pelos pastores.

Por meio desse papel das recategorizações metafóricas no conjunto de crenças assinaladas, pôde-se mostrar como as metáforas básicas aqui sugeridas, “Prosperidade é Consumo” e “Fé é Empreendimento”, atribuem traços de uma racionalidade secular e empresarial no tratamento dispensado à Teologia da Prosperidade.

No contexto da retórica neopentecostal, que tem por pano de fundo a possibilidade dada aos indivíduos de agirem sobre o seu destino no plano terreno e espiritual, transforma-se a categoria pentecostal que propunha uma ética de estrangulamento do consumo advindo das riquezas geradas durante a “ascese intramundana”, de forma a elevá-la à condição necessária à prosperidade.

Na concepção dialética e bidimensional de contexto aqui adotada, a incorporação (Cf. HANKS 2008) de recursos simbólicos de legitimação religiosa às práticas seculares neoliberais dialoga com a emergência do princípio *do ut des* entre adorador e divindade (CAMPOS 2008) na criação do quadro religioso do neopentecostalismo.

Dado o escopo desta dissertação, outras questões afeitas ao núcleo teórico da Linguística Textual apareceram em nosso horizonte teórico, e devem servir como guia para os próximos estudos sobre as práticas linguísticas do neopentecostalismo. Um dos pontos que merecem discussão profunda está em entender qual a relação entre as recategorizações metafóricas e seu papel na reestruturação de determinados *frames* de conhecimento. Outro ponto que merece ser frisado está na possibilidade do delineamento de um gênero (ou um sub-gênero) religioso neopentecostal, de caráter híbrido (pedagógico e argumentativo), diante da manifestação sistemática da recategorização metafórica enquanto uma prática discursiva (MARTIN & ROSE, 2003 *apud* VEREZA, 2007).

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. **L'argumentation dans le discours**. Nathan, Paris. 2000.

APOTHÉLOZ, D. Référencer sans expression référentielle: gestion de la référence et opérations de reformulation dans des séquences métalinguistiques produites dans une tâche de rédaction conversationnelle. **Pragmatics in 2000: selected papers from the 7th International Pragmatics Conference, Antwerp. Vol. 2.** 2000. p. 30-38.

_____. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (orgs.) **Coleção clássicos da linguística: Referenciação**. Contexto. São Paulo. 2003. p. 53-84.

_____. & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. Construction de la référence et stratégies de désignation. **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**. Université de Neuchâtel. 1995. p. 227 – 271.

AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. Clarendon Press, Oxford. 1962.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Editora Hucitec. São Paulo. 1979 [1929].

BEAUGRANDE, R. **New Foundations for a science of text and discourse**. 1997. Versão eletrônica disponível em **Error! Hyperlink reference not valid.**

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. Cultrix, São Paulo. 1983.

BORODITSKY, L. (2001) Does language shape thought? English and Mandarin speakers' conceptions of time. **Cognitive Psychology**. n.43 vl.1. 2001. p. 1-22.

_____. Comparison and the development of knowledge. **Cognition**. n. 102. vl1. 2007. p. 118-128.

CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Vozes. São Paulo. 1997.

_____. A Igreja Universal do reino de Deus, um empreendimento atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). **Lusotopie**. 1999. p. 355-367.

CAVALCANTE, M. M. (2003) “Expressões referenciais – uma proposta classificatória” In **Cadernos de estudo linguísticos**. n. 44. Campinas. 2003. p. 105-118.

CORTEN, A. DOZON, J-P. & ORO, A. P. **Les nouveaux conquérants de la foi**. Karthala. Paris. 2003.

COULSON, S. Conceptual blending in thought, rhetoric and ideology. In: KRISTIENSEN, G. et al. **Cognitive Linguistics: current applications and future perspectives**. Mouton de Gruyter, Berlin. 2006. p. 187-210.

GIBBS, JR. (2006) Cognitive linguistics and metaphor research: past successes, skeptical questions, future challenges. **DELTA** vl. 22. São Paulo. 2006. p. 1-20.

_____. Why Cognitive Linguists Should Care More About Empirical Methods. In: GONZÁLEZ-MÁRQUEZ, M. **Methods in Cognitive Linguistics**. John Benjamins. 2007. p. 2-18.

GRICE, H. P. Logic and conversation. **Syntax and semantics: Speech acts**. vl. 3. New York. 1975. 41-58.

GUMPERZ, J. Contextualization and understanding. In: DURANTI, A. & GOODWIN, C. **Rethinking context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge University Press. 1992. p. 229-252.

_____. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T. (org.) *Sociolinguística interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. AGE editora. Porto Alegre. (1998 [1982]). p. 98-119.

_____. Interacional Sociolinguistics : a personal perspective. In: SCHIFFRIN, D. TANNEN, D. & HAMILTON, H. E. (Eds.). **Handbook of Discourse Analysis**. Blackwell. Malden (MA). 2001. p. 215-228.

HANKS, W. O que é contexto. In BENTES, A. *et al* (trad.) **Língua como prática social: das relações entre língua, sociedade e cultura a partir de Bourdieu e Bakhtin**. Cortez. São Paulo. 2008.

KITTAY, E. **Metaphor: its cognitive force and linguistic structure**. OUP. Oxford. 1987.

KOCH, I. G. V. **Linguagem e argumentação**. Cortez. São Paulo. 1987.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. Cortez. São Paulo. 2002.

_____. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. Martins Fontes. São Paulo. 2004.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. G. V., MORATO, E. M. e BENTES, A. C. (Orgs.) *Referenciação e discurso*. Ed. Contexto. São Paulo. 2005. p. 33-52.

_____. Progressão referencial, progressão temática e progressão tópica. **As tramas do texto**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro. 2008. p. 119-134

_____. A produção de inferência e sua contribuição na construção de sentido. **As tramas do texto**. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 2008. p. 135-150.

_____. & CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sócio-cognitivismo. In MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos, Vol. 3**. Cortez. São Paulo. 2004. p. 251-300

KÖVECSES, Z. The effect of context on the use of metaphor in discourse. **Iberica**. vl. 17. 2009. P. 11-24

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. The University of Chicago Press, Chicago. 1987.

_____. The contemporary theory of metaphor. In ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and Thought**, second ed. Cambridge University Press, New York. 1993.p. 202–251.

_____. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. Basic Books. New York.

_____. & JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. (coordenação da tradução: Mara Sofia Zanotto) – Campinas, Mercado das Letras: Educ. São Paulo. 2002 [1980].

LEITE, R. L. Da recategorização metafórica à metaforização textual. In CAVALCANTE, M. et al. **Texto e discurso sob múltiplos olhares, Vol. 2**. Lucerna. Rio de Janeiro. 2007. p. 104-122

LIMA, S. M. C. Recategorização metafórica e humor: uma proposta classificatória. In CAVALCANTE, M. et al. **Texto e discurso sob múltiplos olhares, Vol. 2**. Lucerna. Rio de Janeiro. 2007. p. 74 - 103

LOPES, E. **Metáfora: da retórica à semiótica**. Ed. Atual. São Paulo. 1986.

LOPES, M. S. **Metáforas sobre a mulher**: uma visão linguística e conceptual. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Florianópolis. Florianópolis. 2005.

MACEDO, E. **Vida com abundância**. Ed. Gráfica Universal LTDA. Rio de Janeiro. 1996.

MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social?. In NEGRI, L. FOLTRAN, M. J. OLIVEIRA, R. P.. (Orgs.). **Sentido e Significação. Em torno da obra de Rodolfo Ilari**. Contexto. São Paulo. 2004. p. 263-284.

_____. O barco textual e suas âncoras. In KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M. e BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e Discurso**. Contexto, São Paulo. 2005. p. 53-102.

_____. (2006) Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Caderno de estudos linguísticos**, n. 48. vl 1. Campinas. 2006. p. 7-22.

_____. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Lucerna, Rio de Janeiro. 2007a. p. 82-103

_____. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Lucerna. Rio de Janeiro. 2007b. p. 124-145.

_____. A propósito da metáfora. **Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Lucerna. Rio de Janeiro. 2007c. p. 124-145.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola Editorial. São Paulo. 2008.

_____. & KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão textual na língua falada. **Gramática do português falado, vol. VIII**. Editora da UNICAMP. Campinas. 2002. 31-58

MARIANO, R. **Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo. 1995.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**. vl. 18, n. 52. 2004. p. 121-138.

_____. “Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos” **REVER**. São Paulo. Dezembro. 2008. p. 68 – 95

MARTINS, E. F. M. O papel da teledifusão na organização textual-interativa da retórica neopentecostal. **Communication, Cognition and Media** (Comunicação, Cognição e Media). Aletheia - Associação Científica e Cultural da Faculdade de Filosofia da UCP. v. 2. Braga. 2010. 191-202

_____. **A “fabricação” da prosperidade neopentecostal: uma perspectiva sócio-cognitiva da referência**. Relatório final de pesquisa entregue à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Nível IC: proc. 2007/52393-5. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2009.

MARTINS, H. Sobre linguagem e pensamento no paradigma experiencialista. **Veredas** vl.6, n.1, Jan/Jun. 2002. p. 75-90

McGLONE, M. S. What’s the explanatory value of conceptual metaphor. **Language & Communication**. 27. 2001 109–126

MEYER, M. **A retórica**. Trad. Lineide L. S. Mosca. Ed. Ática. 2007.

MILNER, J. C. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (orgs.). **Coleção clássicos da linguística: Referência**. Contexto. São Paulo. 2003. p. 85-130.

MONDADA, L. & DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (orgs.) **Coleção clássicos da linguística: Referência**. Contexto. São Paulo. 2003 [1995]. p. 17-52.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In MUSSALIM, F. & BENTES. A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos, Vol. 3**. Cortez. São Paulo. 2004. p. 311 – 351.

_____. Da noção de competência no campo da Linguística. In SIGNORINI, I. (org.). **Situar a Língua(gem)**. Ed. Parábola. São Paulo. 2007. p. 39-66.

_____. “O caráter sócio-cognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com doença de Alzheimer” In **Revista de Estudos Linguísticos**, n. 1, vl. 16. Belo Horizonte. 2008. p. 157-177.

_____. & KOCH, I. G. V. Linguagem e cognição: os (des)encontros entre a linguística e as ciências cognitivas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 44. Campinas. 2003. p. 85-91

MOURA, H. M. M. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. **Veredas** V.6, N.1, Jan/Jun. Juiz de Fora. 2002. p. 153-161.

_____. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. **Linguagem em (Dis)curso**, v.7, n.3. 2007. p. 417-452.

OLIVEIRA, S. E. **Igreja Universal do Reino de Deus; uma análise da argumentação em perspectiva enunciativa**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1998.

PEÑA-ALFARO, A. A. **Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neopentecostal**. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECHA, L., L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina Galvão. Martins Fontes [Orig. *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique*, 1958]. São Paulo. 1996.

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber**. Editora 34. São Paulo. 2005.

PIRES DE OLIVEIRA, R. “A manhã é uma esponja: Um estudo sobre a engenhosidade semântica”. **DELTA** vol.13 n.2. 1997.

RAJAGOPALAN, K. The politics of language and the concept of linguistic identity. **CAUCE: Revista de Filologia y su Didáctica**. 2001. 24: 17–28.

RAKOVA, M. **The extent of the literal: metaphor, polysemy and Theories of Concepts**. Palgrave Macmillan. New York. 2003.

RODRIGUES, K. F. **Teologia da Prosperidade: Sagrado e Mercado**. Edições FAFICA. São Paulo. 2003.

RUUTH, A. & RODRIGUES, D. **Deus, o Demônio e o Homem: o fenômeno da. IURD.** Edições Colibri. Lisboa. 1999.

SACKS, S. **Da metáfora.** Trad. Leila Darin: EDUC/Pontes. São Paulo. 1992.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In **Veredas**, Vol.3, No. 1, Jan/Jun. Juiz de Fora. 1999. p. 61-79

SALOMÃO, M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sócio-cognitivo da referência. In KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M. e BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e Discurso.** Contexto, São Paulo. 2005. p. 151-168

SIEPIERSKI, C. T. **De bem com a vida: O sagrado num mundo em transformação. Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea.** Tese (doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo. 2001.

SILVA, J.B. **Igreja Universal do Reino de Deus: misticismo e mercado.** Dissertação (mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2001.

SILVEIRA, M. **O Discurso da Teologia da Prosperidade em Igrejas Evangélicas Pentecostais. Estudo da Retórica e da Argumentação no culto religioso.** Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007.

SOUBBOTNIK, M.A. Gramática dos conceitos e operações sobre as noções: a “*ubersicht*” wittgensteiniana e a linguística das operações enunciativas de Culioli. In MORENO, A. **Wittgenstein: aspectos pragmáticos.** Coleção CLE. Campinas. 2007. p. 153 – 174

SWATOWISKI, C. W. Texto e contextos da fé: o discurso mediado de Edir Macedo. **Religião e sociedade.** 27 (1). Rio de Janeiro. 2007. p. 114 – 131.

TOMASELLO, M. **Cultural origins of human cognition.** Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts. 1999.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma perspectiva discursiva. **Linguagem em (dis)curso**. Vol. 7. n.3, 2007, p. 487-506.

VILELA, M. & KOCH, I. G. V. **Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da palavra – Gramática da frase – Gramática do texto/discurso**. Ed. Almedina, Coimbra. 2001.

Anexo: Cultos neopentecostais

1. Cultos da igreja Universal do Reino de Deus	150-176
1.1 Tema: “A sua condição não importa, Deus quer fazer de você um vencedor”	
Orador: Edir Macedo (Registro: 02/06/2007).....	150-155
1.2 Tema: “Voltar-se para Deus”	
Orador: Edir Macedo (Registro: 23/06/2007).....	156-160
1.3 Tema: “Para obter as maravilhas de Deus”	
Orador: Edir Macedo (Registro: 20/10/2007).....	161-165
1.4 Tema: “Filho de Deus é aquele que tem natureza divina”	
Orador: Romualdo Panceiro (Registro: 03/11/2007).....	166-170
1.5 Tema: “A vitória sobre seus problemas está em buscar a Deus”	
Orador: Romualdo Panceiro (Registro: 25/08/2007).....	171-176
2. Cultos da igreja Internacional da Graça de Deus.....	177-215
2.1 Tema: “Sobre a inveja”	
Orador: R.R Soares (Registro: 20/07/2007).....	177-182
2.2 Tema: “Estar na presença de Cristo”	
Orador: R.R Soares (Registro: 10/08/2007).....	183-190
2.3 Tema “Morar na casa de Deus”	
Orador: R.R Soares (Registro: 15/08/2007).....	191-197
2.4 Tema: “A parábola do semeador”	
Orador: R.R Soares (Registro: 23/09/2007).....	198-207
2.5 Tema: “A nova aliança”	
Orador: R.R Soares (Registro: 25/10/2007).....	208-215

1 *Preâmbulo*

2 Ó Espírito Santo em nome do Senhor Jesus... nós pedimos para..dirigir os nossos
3 pensamentos e corações... para que saibamos qual seja tua vontade para com nossas vidas.

4 Ó meu Deus... levanta os que estão caídos na fé... faça curar os que estão enfermos...
5 liberta os que estão cativos... faça a tua obra... meu Deus... florescer **aqui neste lugar**...
6 abre a salvação nesta casa... meu Pai... liberta aqueles que estão ou têm estado..oprimidos
7 pelas dúvidas... pelos medos... pelas angústias... pelos problemas circunstanciais... eu te
8 peço em nome de Jesus... venha ao encontro da necessidade do teu povo no nome do
9 Senhor... amém...Graças a Deus

10

11 **Sermão**

12

13 Eu aprendi que do limão a gente deve fazer uma limonada... eu aprendi que...
14 quanto mais fundo é o poço que a gente está... mais forte é o grito... e para o alto... e é aí
15 que a gente tem a **experiência com Deus** ...dificilmente uma pessoa tem um encontro com
16 Deus... numa boa... estando numa boa... dificilmente as pessoas têm experiência com
17 Deus... quando tudo vai bem... porque – pra que Deus... se **tudo tá bem?** – se *há saúde*... se
18 *tem dinheiro*... se os problemas não são tão grandes... são pequeninos... agora quando os
19 **problemas** vêm... as *dificuldades*... quando vem o *sufoco*... então Deus permite... Ele num é
20 o responsável... pelo nosso *sufoco*... pelos **problemas**... pelas *lutas*. Ele num é o
21 responsável... mas Ele permite... para que nós venhamos chegar até Ele...você por
22 exemplo... que é mãe... que é pai... tem coragem de punir o seu filho com **uma provação?**
23 Hã? Você tem coragem de fazer o seu filho *doente*... *ficar com fome*... ou **ficar desalojado**...
24 *morando na rua*? Você tem coragem? Você tem coragem!? Hein? E quem é melhor? Você
25 ou Deus? Então como é que você pode/ você que é capaz de querer o melhor por seu filho...
26 imagine... imagine Deus? Então Ele num é responsável pelas *desgraças*... pelas nossas
27 *mazelas*... Ele fica esperando... Ele fica olhando e esperando a oportunidade para interferir
28 na nossa vida... Ele só pode interferir na nossa vida quando nós o permitimos... quando nós
29 chegamos a Ele... quando nós nos voltamos pra Ele. Quando **nos voltamos pra Ele**... nós
30 abrimos um espaço pra Ele interferir na nossa vida. Agora se nós não tomarmos *essa*

1 *atitude... de forma nenhuma Ele vai agir em nós... de forma nenhuma... de maneira*
2 *nenhuma... Ele sempre vai esperar uma manifestação da nossa fé... Ele sempre vai esperar a*
3 *manifestação da sua fé para poder então atuar na sua vida...então os **problemas que você***
4 ***enfrenta...** Deus num tem nada com *isso... a morte... as doenças... os filhos que num têm**
5 **culpa... são inocentes e morrem estupidamente...* Deus num tem nada com *isso...* Deus*
6 *num tem nada com *isso... o Diabo sim...* mas Deus não. Imagina... se Deus fosse o*
7 ***responsável** ... Ele num seria Deus... seria um monstro...é ou num é? Então num tem*
8 *sentido... então *esse tipo de fé que nós cremos segundo a palavra de Deus... é a **fé****
9 ***inteligente** ... *é a fé que produz efeito ... que faz a gente ter a visão do que Deus quer da**
10 **nossa vida...então por exemplo... **o pobre...** é pobre... nasceu pobre... e acha que ele tem**
11 *que **ser pobre** porque...*é a vontade de Deus... é o destino... é o karma...* cada um diz uma*
12 *coisa...*é uma provação...* enfim...então... por *isso* que ele é pobre...a **miséria** dele... a*
13 ***pobreza** dele... **tá aqui dentro** ((aponta para cabeça... 20 min 44 s)) a maior **miséria do***
14 ***pobre tá aqui dentro** ((continua a apontar para a própria cabeça))... **a maior miséria do***
15 ***pobre** não está fora... *não é a sua situação crítica... não é a falta de condições**
16 **econômicas...mas... o que está dentro de sua cabeça... e **pobre** num é só aquele que num**
17 **tem dinheiro... vive mal... come mal... tem uma vida de má qualidade ...não... tem muitos**
18 ***ricos pobres**... *miseráveis também... porque num têm visão... não têm entendimento... não**
19 **têm compreensão das coisas de Deus... são pobres e miseráveis... pobres... paupérrimos...**
20 *pobreza... aqui ((aponta novamente para a cabeça)) está aqui na cabeça das pessoas...*
21 *quando a pessoa então manifesta a sua fé em **Deus**... *no Deus de Abrão... no Deus de**
22 **Isaac... no Deus de Israel...* ela fica livre de religiões... ela fica livre do que os homens*
23 *dizem... ela se agarra ao Deus vivo... ao Deus verdadeiro... e *aí* a vida dela passa a ter uma*
24 *qualidade porque ela começa... ela aprende a viver em comunhão com Deus... ela passa a*
25 *viver é...em relacionamento com Deus... em dependência de Deus...isso é que é fé... *isso**
26 **que é fé... **fé**... é isso... a fé bíblica... a fé de Deus... a fé que faz a gente chegar a Deus... ela**
27 **é a ponte_entre você e Deus. A sua fé é a ponte entre você e Deus...* quando você **usa essa***
28 ***fé**... quando você atravessa essa fé... ou *essa ponte*... **você tem Deus à disposição**... *Ele**
29 **está ali pronto pra atuar em sua vida...* num tem nada de religião... tem é de fé... então*
30 *quando você descobre que/quando você **lê a bíblia**... quando *você entende a palavra de**

1 *Deus... quando **você abre o seu entendimento para os pensamentos de Deus... você***
2 ***descobre riquezas incalculáveis... riquezas extraordinárias...** porque você deixa de ser*
3 *pobre aqui dentro ((aponta para a cabeça))... pra **ser rico...** e aí você passa a **tomar posse***
4 ***das promessas de Deus...** amém pessoal? ((platéia: amém)) Amém? Então veja só... o que*
5 *que é preciso pra você construir uma casa? Antes de fazer o buraco... antes de fazer a*
6 *sapata... o que é que eu preciso fazer? Que que se faz primeiro? Hein? ((platéia: um*
7 *projeto)) Então primeiro **você faz um projeto...** num é *isso*? Num é *um projeto*? É ou não*
8 *é? ((platéia: é)). Então primeiro tem um projeto... **aquele projeto feito pelos engenheiros...***
9 ***os arquitetos...** *aquele projeto tá no papel.* Uma vez *colocando em prática* surge *um**
10 **edifício como esse* ((aponta para o templo)). Os **grandes edifícios** começam no papel...*
11 *começam na teoria... e são feitos... são desenhados... no papel... e depois se começa a*
12 *colocar em prática. Você quer ter uma vida de qualidade. Então aqui ((Aponta para a*
13 *bíblia)) está o projeto de Deus... na sua vida... o projeto de Deus pra aqueles quem quer que*
14 *seja... a palavra de Deus...tá bom...porque quando você toma conhecimento **disso** você*
15 *toma posse da vontade de Deus. Você deixa de ser **miserável...** *dependente dos outros...**
16 *pra ser **uma pessoa independente e rica.** Você *vai aonde você quer...* você *conquista**
17 **aquilo que você quiser...* você desenha o seu projeto... você faz o seu projeto... e você*
18 *conquista pela sua própria fé... sem depender de quem quer que seja... você *é livre.* Você é*
19 *livre por quê? Porque você **aprende a viver com Deus... em comunhão com Ele.** *Isso* que*
20 *Deus quer... por *isso* que nós pregamos o evangelho... por *isso* nós abrimos igrejas... para*
21 *levar às pessoas **esse conhecimento...** **o conhecimento que faz com que as pessoas sejam***
22 ***livres...** livres... absolutamente livres... totalmente livres. Mas começa com *essa**
23 **libertação...* né?... **Do pensamento negativo... do pensamento de que Deus é o***
24 ***responsável pela situação que a pessoa vive...** mas a palavra de Deus que traz *esse**
25 **entendimento...* *essa capacidade...* *esse raciocínio* de você **viver uma vida não na***
26 ***dependência dos outros... mas na dependência de Deus** .É revolucionário... é*
27 *extraordinário... pra quem quer usar a cabeça... agora quem quer a usar a emoção... o*
28 *coração... já fica difícil. Jesus disse - “eu vim para que tenham vida... e **vida com***
29 ***abundância**” – então é **a vontade de Deus** que você... que todos nós tenhamos uma *vida de**
30 **qualidade...* *uma vida com saúde...* *uma boa família...* *você comer abundantemente...**

1 amém? ((platéia: amém)) comer com fartura... amém ((platéia: amém)). **Ter fartura na sua**
2 **casa** – “*ah... tô com vontade de comer isso... num tem problema... tem aqui... ah quero*
3 *comer aquilo... num tem problema*” – *num é isso que você gostaria?* Num é *isso* que você
4 gostaria de dar pro seu filho? Num é *isso*? A gente num quer dar *o melhor* pros filhos?
5 Então... você acha que Deus quer o pior pra nós? Então *esses pensamentos... tacanhos...*
6 *têm* que ser eliminados de sua cabeça... pra que você possa ter...um sonho... pra que você
7 possa ter uma visão... então... pra você ser livre... da sua **miséria**... dos seus *problemas*...
8 das sua *angústias*... das suas *dores*... você tem que usar sua cabeça... num é emoção... num
9 é sentimento... é **usar a cabeça**. Então pera aí... você pensa – pô... será que Deus quer *isso*
10 pra minha vida? - Será que *essa minha vida* é a **vontade Deus**?- ...não... não acredito *nisso*.
11 Então quando **você começa em cima dessas bases**... *você passa a projetar a sua vida* -
12 bom... se num é a vontade de Deus que eu vivo **essa vida desgraçada**... então eu vou lutar
13 – aí você começa a depender de si próprio e de Deus...- ó Deus... me ajuda Senhor... me
14 ajuda...que que eu tenho que fazer? Me dá a **direção**... me dá a **inspiração**... me dá o mapa
15 da mina– e Ele vai... ele vai lhe dar... amém? ((platéia: amém)). Porque quanto mais
16 abençoado você for... mais você vai glorificar a Deus... é ou num é? ((platéia faz
17 burburinho ao concordar com o pastor)) Uma pessoa que desce à sepultura⁷⁰... pode
18 glorificar a Deus? ((nova exaltação da platéia: não)) Não...**miséria pode glorificar a Deus**?
19 ((platéia: não) não...mas quando você está bem... quando você conquista... então você está/
20 quando você **conquista alguma coisa**... você glorifica – oh meu Deus... graças te dou por
21 **essa conquista** – num é *assim*? Você num fica alegre? A gente fica alegre porque nosso
22 time ganhou...é ou num é? Imagine quando nós conquistamos... não o nosso time... mas nós
23 conquistamos...entende o que eu tô falando? Então você vai **glorificar a Deus**... e é *isso*
24 que Deus quer...é como Ele falou: “ a terra que eu planejei pra vocês... é uma terra de leite e
25 mel... comereis fartamente... e louvareis o nome do Senhor teu Deus” amém pessoal?
26 ((platéia: amém) *Isso que você tá sofrendo* é do **Diabo**... é o *espírito do Inferno*... é o
27 *inimigo de Deus e do Homem*... que volta contra você. *O espírito imundo* que atua nesse

⁷⁰ Referência à uma passagem bíblica: “: “O Senhor é O que tira a vida e a dá: faz **descer** à **sepultura** e faz subir dali” Samuel... 2...6.

1 mundo... ele que é responsável por *essa situação* toda. Eu tô jogando luz pra mostrar a
2 você... com quem você tem que lutar... amém? Você tem que lutar... você tem que **agir a**
3 **sua fé**... você tem que *tomar atitude*... que eu não posso tomar... *essa* atitude é sua... pra
4 que você venha a conquistar... amém pessoal? ((platéia: amém)). Eu quero convidar as
5 pessoas que querem *fazer um pacto com Deus*... com o Senhor Jesus... você quer *fazer dele*
6 *a pessoa mais importante na sua vida*... você quer fazer um pacto com Ele... Ele tem que
7 ser o primeiro na sua vida. Pra haver essa sintonia... essa comunhão... pra haver essa
8 cooperação... sua com Ele... Ele com você. Você tem que fazer um pacto com Ele... é um
9 casamento com Deus... você vai entregar a sua vida pra ele. Quando você entregar a sua
10 vida para ele... ele vai entregar o seu espírito pra você... Ele vai viver dentro de você... se
11 você quiser fazer um pacto com Deus... agora vem aqui na frente... as pessoas que querem
12 fazer um pacto com Deus.

13 ***Entram cantorias... que abrirão o momento da oração***

14 Espírito Santo... em nome de Jesus... agora nós falamos contigo meu pai... em favor
15 dessas pessoas que estão aqui... diante do altar... o teu altar... que representa a tua
16 presença... para entregar a sua vida... toda a sua vida... todo o seu futuro... elas querem
17 fazer **um pacto** contigo meu Senhor... elas querem **viver na tua dependência**... e *querem a*
18 *tua direção... a tua sabedoria... elas querem viver em comunhão contigo*... elas querem
19 ...meu Senhor... viver na dependência tua. Então venha meu rei... na pessoa do teu
20 espírito... o Espírito Santo... operar dentro dela agora... em nome do Senhor Jesus. Não diga
21 nada nesse instante... receba nesse momento... neste instante..... receba paz... a paz de Deus.
22 Você pode sentir essa paz... aí onde você está. Essa paz significa que **Deus aceitou você**...
23 significa que ele *perdoou os seus pecados*... significa que o seu passado já não existe
24 mais... diante dos olhos dele... ele enche o seu ser de paz. A sua mente fica limpa... não
25 importa o que você fez no passado... não importa se você matou... roubou... destruiu. O que
26 você fez num interessa. O que interessa é que agora Deus num tem nada contra você...
27 minha amiga meu amigo... ele te aceita assim como você está... ele te recebe... e te abraça.
28 E faz você sentir o que nunca sentiu até hoje. Ele faz você sentir o céu dentro de você... Ele
29 opera dentro de você... minha amiga meu amigo... de maneira toda especial...e é por isso

1 que você sente **essa emoção**... você sente *essa vontade grande de chorar* porque ele aceitou
2 você... como você está..que maravilha... que maravilha...

3 ***Fim do Culto***

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 *Preâmbulo*

2
3 Ô Espírito Santo em nome de Jesus eu quero te pedir que o Senhor venha orientar
4 nossos corações... pensamentos... porque quando o Senhor dá uma orientação... então nós
5 somos capazes de **vencer tudo...** todos os obstáculos... nós somos capazes de *conquistar* ó
6 meu pai... para a glória do teu nome. A exemplo do passado quando tu usaste mulheres e
7 homens apenas com uma **direção...** com *inspiração*. Eles **aplicaram essa inspiração...**
8 eles *seguiram a voz da fé...* e *conquistaram...* e fizeram com que o teu nome fosse
9 respeitado em suas devidas épocas. Espírito Santo eu te peço em nome de Jesus... venha dar
10 *essa orientação...* para que teu povo venha a **descobrir a grandeza da tua glória...** e
11 *conquistar para a tua glória...* para tua glória... sobretudo. E o benefício dele mesmo... em
12 nome de Jesus nós te pedimos e agradecemos e todos que crêem... digam amém

13
14 **Sermão**

15
16 Sabe...puxa vida é muito bacana...como Deus é glorioso. Eu queria que você abra
17 a sua bíblia no livro do profeta Malaquias Cap. 3 versículo 6...leia comigo...Malaquias 3 e
18 6: “porque eu... o Senhor... não mudo; por isso... vós... ó filhos de Jacó... não sois
19 consumidos” Deus está falando com quem? Com quem? Os filhos de Jacó. Deus está
20 dirigindo a sua palavra para os filhos de Jacó. Os filhos de Jacó/ você sabe que... enquanto
21 Jacó era chamado de Jacó... ele sofreu muito... ele gemeu... porque ele foi **enganador...** ele
22 foi *mentiroso...* ele foi *tapeador...* ele tapeou o pai dele... ele tapeou irmão dele... ele tapeou
23 o sogro dele...mas em compensação... ele **colheu tapeação...** ele foi *roubado...* ele foi
24 *pressionado pelos filhos...* foi *traído pelos filhos*. Jacó **sofreu o inferno...** e *essa é a*
25 *realidade*. Todos **os ladrões** de hoje... amanhã serão **os roubados** ... serão *as vítimas*
26 ...escreva o que eu estou falando... tão certo como Deus existe... tão certo como Deus
27 existe... **tudo que a pessoa faz hoje... ela vai colher amanhã**. Jacó foi *esse exemplo...*
28 então quando fala os **filhos de Jacó...** Deus está **reprendendo...** está *considerando*
29 *aquele/aquelas pessoas como rebeldes... idólatras... depravados...*enfim... *tudo que num*
30 *presta...* então Ele diz assim “eu... o Senhor... não mudo... porque eu... o Senhor... **não**

1 **mudo**... por *isso*... ó **filhos de Jacó**... não sois consumidos”...quer dizer... não são... “você
2 não são destruídos... eu não vou destruí-los... eu não vou acabar com *essa raça*... não é
3 porque/ por causa de vocês merecerem não... mas por causa das promessas que eu fiz a
4 vossos pais... Abraão... Isaac e Israel” compreende o que eu tô falando? Sim ou não?
5 Porque *naquela altura*... os *filhos de Israel*... *nessa altura aí*... *nessa oportunidade* ... *eles*
6 estavam todos **desterrados**... *exilados*... estavam *perdidos pela Terra*... *eles* estavam... *eles*
7 foram... é... escravizados... foram levados cativos para outras terras e tavam na babilônia...
8 e *eles eram escravos*... mas conservavam a tradição religiosa... mas não a fé em Deus...
9 porque *eles* praticavam a fé... ou melhor... **praticavam a tradição religiosa**... eles se
10 acomodaram... não a fé...então Deus tá falando com vocês... vocês estão longe de mim...
11 vocês estão afastados... e eu não os destruo... porque eu não mudo... o que era para o seu
12 pai... eu sou ainda hoje e serei para sempre... quer dizer... eu não mudo a **maneira de ser**...
13 a minha *conduta*... porque Deus num muda... é imutável... e continua: (Malaquias Cap. 3
14 Versículo 7) : “Desde os dias de vossos pais... vos desviastes do meus estatutos e não os
15 guardastes; tornei-vos para mim... e eu me tornarei para vós outros... diz o *Senhor dos*
16 *exércitos*” Duas coisas importantes que você tem que aprender quando você se volta para
17 **Deus**... Deus se volta para você... **quando você não se volta para Deus... Deus não se**
18 **volta para você**... você tá sozinho... *ação e reação*... se você se volta para ele... ele se volta
19 para você... se você o despreza... ele te despreza também... *toma lá dá cá*... é ou num é?
20 Então Ele diz assim: “...tornei-vos para mim... e eu me tornarei para vós outros... diz o
21 *Senhor dos exércitos*; mas vós dizeis: **em que havemos de tornar?**” (Malaquias Cap. 3...
22 versículo 7). É a pergunta... *essa aqui é a pergunta chave*... do contexto... *isso aqui... essa*
23 *pergunta aqui... é a pergunta chave da revelação de Deus para nós* “em que havemos de
24 tornar?” Quer dizer... vocês dizem – como... porque eu/ nós temos que nos voltar para ti?
25 Como... se nós somos/ se nós mantemos sua tradição religiosa... que é o que acontece... a
26 pessoa... à vezes... ela diz – não... eu creio em Deus... eu creio na bíblia - mas elas mantêm
27 afastadas da prática da palavra de Deus... num adianta nada... você pode ser a pessoa que
28 crê em Jesus com todo os seu coração... mas se você **num pratica a palavra dele**... a *sua*
29 *crença num vale de nada*... aí Deus fala o que?: “Roubará o homem a Deus?” (Malaquias
30 Cap. 3 versículo 8)...veja que... pensa comigo... Deus... *isso é importante para a sua vida*...

1 e eu não estou falando do ponto de vista econômico... não... nós estamos falando da **vida**
2 **por inteiro**... que engloba a sua *família*... que engloba o seu *casamento*... que engloba a sua
3 *saúde*... que engloba o seu/a sua *prosperidade*... *o seu sucesso*...que engloba toda a sua
4 vida... Deus fala assim : “Volte-se para mim”... e eles falam “não... porque/ o que nós
5 temos que nos voltar para ti?” como que nós temos que voltar para ti?” - “Vós me roubais”.
6 Então Deus traz... então ele fala que **ele condiciona a volta para ele** com respeito a que?
7 *Aos dízimos e ofertas* - bispo... isso é muito/ **quer dizer que pra me voltar para Deus eu**
8 **tenho que ser dizimista e ofertante? É exatamente isso.** Deus fala para eles: “Roubará o
9 homem a Deus? Todavia... vós me roubais” quem tá roubando? Aqui... quem que tá
10 roubando? Os filhos de Jacó...*aqui* (aponta para a bíblia) diz assim “todavia vós me roubais
11 e dizeis: em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas(Malaquias Cap. 3 Versículo
12 8)...Com maldição **sois amaldiçoados**... porque a mim me roubais... vós... a nação toda”
13 (Malaquias cap. 3 versículo 9) quer dizer... a nação *estava dividida... subdividida... estava*
14 *espalhada pelo mundo*... eles *estavam escravizados*... por causa de terem abandonado o
15 relacionamento com Deus. Vamos ver *aqui* ((aponta novamente para a bíblia))... em
16 Gênesis cap. 3 você vai entender agora melhor *essa explicação* de Malaquias... que diz
17 aí: “ Mas **a serpente**... mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha
18 feito... disse à mulher” Olha como é que *o Diabo* trabalha... trabalha com dúvida...é assim
19 que Deus disse: “não comereis de toda árvore do jardim? Respondeu-lhe a mulher: do fruto
20 das árvores do jardim podemos comer” mas **do fruto da árvore que está no meio do**
21 **jardim**... disse Deus: não comereis nem tocareis *nele*... para que não morrais” e o diabo
22 veio e disse à mulher: “**é certo que não morreréis**” *O diabo trabalha com dúvida... O*
23 *diabo trabalha com dúvida.* Quando vem **uma palavra de dúvida** pode ser de quem for...
24 *ela tem inspiração do diabo... ela tem toda uma unção satânica*... veja só... Deus criou os
25 céus a terra... criou um jardim... você pode imaginar o jardim de Deus? Então tinha de tudo
26 do bom e do melhor... do bom e do melhor... mas no meio do jardim colocou uma árvore...
27 e não podia ser tocada... era uma **árvore de propriedade exclusiva de Deus**... *aquela*
28 *árvore*... cujos frutos eram de Deus... *aquela árvore* não podia ser tocada... **aquela árvore**
29 representava o *dízimo*... *aquela árvore tipificava o dízimo*... dizendo o seguinte: “tudo é
30 meu” diz aqui “tudo vocês podem usar... Adão e Eva... vocês podem usar tudo que tem aí...

1 mas *essa árvore* não... isso aqui é meu... quando Adão e Eva **tocaram naquela árvore...**
2 que que aconteceu? O texto sagrado diz que eles foram expulsos do jardim...num é isso?
3 Sim ou não? Eles foram expulsos... porque roubaram de Deus... eles *roubaram de Deus...*
4 **tocaram naquilo que não pertencia a eles...** por causa *disso...* foram expulsos... agora...
5 aqui em Malaquias... Deus fala assim: “tornai-vos para mim... e me tornarei para vós
6 outros” “como que eu vou **tornar para ti?**” “*Dízimos... por dízimos e oferta*” “porquê?” ele
7 diz: “trazei todos os dízimos a **casa do tesouro** para que haja mantimento na minha casa” a
8 **casa aqui** de Deus num é simplesmente a igreja... a **casa aqui** está falando do *Reino de*
9 *Deus...* porque quando Deus criou os céus e a terra... e fez o homem... Deus deu ao homem
10 domínio sobre tudo... tudo tudo tudo tudo... ele tinha domínio sobre tudo... Deus fez os
11 animais mas quem *deu os nomes* ao animais foi o homem... porque a **autoridade suprema**
12 **na Terra** era do homem... Deus havia passado *essa autoridade...* ... do homem com Deus...
13 porque o homem era *administrador* de tudo que Deus havia criado... com *essa rebelião...*
14 *com essa desobediência* do homem... ele foi expulso da presença de Deus... obviamente
15 **aquela autoridade que ele tinha... o homem tinha... ele deu de graça para o diabo...** aí
16 **nasceu o reino do inferno...** o *reino do mundo...* é por *isso* que você vê hoje tantas pessoas
17 doentes... crianças passando fome você vê toda **maldade... perversidade... tudo que existe**
18 **de ruim... guerras... pessoas más... perversas...** há um egoísmo dentro do ser humano... que
19 é natural... já nasce com ele... porque... porque o ser humano... a humanidade... já nasceu no
20 contexto da desobediência com Deus... e quando as pessoas querem se voltar para Deus...
21 não basta que elas digam “**ah... eu creio... eu aceito Jesus como meu salvador... tá aqui a**
22 **minha vida... eu dou minha vida a Jesus**” num é... *isso num é o suficiente...* ela tem que
23 **provar...** ela tem que *mostrar com fatos...* ela tem que **manter seu comprometimento com**
24 **Deus...** *aliança com Deus...* não basta dizer “eu te amo... eu creio em ti” ela tem que tomar
25 uma atitude... e não há outra forma... não há forma mais real de tomar uma **atitude em**
26 **relação a Deus** do que começando com os *dízimos...* quando você é **dízimista fiel...** você
27 tem o *direito... o privilégio* de chegar e dizer “meu Deus... o que que tá acontecendo? Onde
28 é que está o erro? quem está errado... eu ou o Senhor? Porque eu estou **fazendo a minha**
29 **parte... *estou sendo fiel aos meus dízimos...*** agora a tua palavra diz que você vai **abrir**
30 **as janelas do céu...** e eu tô passando **privação...** *isso é justo?* A tua palavra é verdadeira

1 ou é mentirosa? Então você tem **o direito de questionar Deus...** você tem *o direito de*
2 *demandar com Deus...* você tem *o direito de lutar com Deus...* e Deus minha amiga... meu
3 amigo... **vai te responder** porque você é fiel... ele é obrigado a fazer *isso...* ele é obrigado.
4 Porque **Deus num quer que você seja apenas próspero... ou tenha sucesso econômico...**
5 *ele quer a sua vida abundante... plenitude de vida... e vida abundante num é só*
6 *dinheiro...* Você tem que ter saúde... você tem que ter a sua família... primeira coisa é a
7 família... é ou num é? Se você quiser ser um dizimista fiel... então venha aqui na frente.

8

9 **Oração**

10

11 Em nome de Jesus ó Deus... **eu quero entregar essas pessoas nas tuas mãos...** eu
12 num quero convencê-las Espírito santo... *eu quero que o Senhor venha convencê-las...* o
13 Senhor trate *disso...* eu prego a tua palavra... agora cabe ao Senhor resolver o resto. Meu
14 pai... nós temos falado a tua palavra... e eu te imploro por essas pessoas que estão aqui na
15 frente... eu te peço meu pai não somente por essa... mas por toda a igreja... **toda a igreja...**
16 *todas as pessoas que têm sido fiéis nos seus dízimos e nas suas ofertas...* eu peço Espírito
17 Santo abençoe este povo meu pai... eu quero te pedir... eu quero te suplicar... que o teu
18 espírito venha **envolver** agora... elas vem receber o teu espírito meu pai... elas vem ser
19 fortalecidas na sua fé... como a canção que nós cantamos... teu olhar nos acompanhará... e
20 *isso* não seja apenas uma canção... mas seja uma realidade... de forma que essa pessoa
21 agora... que tem vivido... de tormento em tormento... ela venha *ser visitada* ó meu pai... em
22 nome de Jesus minha amiga meu amigo... **receba o Espírito** santo aí onde você está receba
23 paz... receba paz aí onde você está... receba a paz do céu e a alegria do Espírito Santo em
24 nome de Jesus fale com Deus... agradeça a ele pela **sua vida**... agradeça pelo que *você tem*
25 *recebido...* eu sei que você tem muitas necessidades... ele sabe também... mas dê atenção ao
26 que ele já fez na sua vida... glorifique... glorifique o agora onde você está... pelo que ele
27 tem feito na sua vida... pela saúde... pela força... pela sua salvação... pelo seu
28 restabelecimento... agradeça-lhe porque ontem você estava morto... e hoje você está vivo...
29 agradeça-lhe por tudo que ele tem feito na sua vida... sim agradeça com todo o seu
30 coração... em nome de Jesus receba o Espírito santo agora mesmo em nome de Jesus.

1 *Preâmbulo*

2
3 Ó Espírito Santo... em nome do Senhor Jesus... de novo eu te peço... *venha dirigir...
4 iluminar... os nossos pensamentos... para que...**saibamos qual seja a tua boa e agradável**
5 **vontade para nossas vidas**...ó meu pai... em nome do Senhor Jesus... revela o teu filho
6 para cada pessoa... em nome do Senhor... amém ((platéia: amém))...graças a Deus...podem
7 sentar em nome de Jesus.*

8
9 **Sermão**

10
11 Preste atenção...você... naturalmente... vem aqui na igreja em busca de **um**
12 **resultado pra sua vida**... você quer **uma melhora na qualidade de vida** que você tem...
13 *você quer resolver os seus problemas econômicos... seus problemas de saúde... seus*
14 *problemas sentimentais... familiares...* enfim... você quer na realidade **tudo o que envolve**
15 **a sua vida**... física... espiritual e emocional...só que **tudo que você quer de Deus**... *tudo*
16 *tem um preço*...tudo tem um preço... nada é de graça... ou é? Tem alguma coisa de graça?
17 Tem sim... o ar que você respira.. mas... **o resultado** de uma vida abençoada *tem um*
18 *preço*... é como tudo na vida...se você quer **adquirir um objeto bom**... se você quiser *um*
19 *vestido*... ou um terno ou uma roupa boa você *tem que pagar mais caro*... não é verdade? É
20 ou não é?...se você buscar uma coisa mais barata... você vai ter a **coisa mais barata**... só
21 que *num vai ser com tanta qualidade quanto aquela que é mais cara*...sim ou não? Não é
22 assim? Tô certo ou tô errado?...muito bem...então pense no **seu relacionamento com**
23 **Deus**... pense *naquilo que você quer de Deus*... você quer de Deus o quê? – “ah eu quero//
24 ah bispo... eu quero ser feliz” – mas pra você ser feliz... você tem que **ser feliz no seu**
25 **corpo**... né? No// com *saúde... conforto*...é ou não é? Você quer **ser feliz na sua vida**
26 **sentimental**... você quer *ter uma pessoa que seja só pra você*... que lhe faça feliz... você
27 quer também *ser uma pessoa de paz... ter paz na sua vida*... na sua casa... enfim... você
28 quer **ser uma pessoa feliz**...quanto é que você acha que custa isso diante de Deus? **Quanto**
29 **é que custa** isso? *Qual é o preço que você é capaz de pagar* por tudo isso?...tem pessoas
30 que dizem assim – “ eu daria tudo... tudo tudo tudo o que eu tenho... daria até minha alma

1 pro diabo para essa mulher ser minha ou para esse homem ser meu” – ...não é assim? Tem
2 gente que faz pacto com o diabo... para ter... para possuir... uma pessoa que ama... que é
3 apaixonada...há outras pessoas que são capazes de dar um órgão seu para salvar a vida de
4 um filho... de uma filha...não é assim? Veja que **tudo tem um preço... pra você salvar a**
5 **vida de um filho... de repente você tem que dar um órgão seu...pra salvar a vida da sua mãe**
6 **do seu pai você tem que dar um órgão seu... e ficar com um só...mas é o preço...ora...**
7 pensa comigo minha amiga meu amigo...Jesus... deu a vida dele em troca da sua vida...ele
8 deu a vida dele... ele num deu metade ou uma parte... não foi um anjo que veio... **ele deu a**
9 **vida de si próprio... ele se entregou ao sacrifício** para também conquistar a sua vida...*ele*
10 *também teve que pagar o preço...eu só quero que você pense... que você raciocine... Jesus*
11 *teve que pagar um preço alto para ganhar a mim... e para salvar... ganhar a você...quanto ele*
12 *teve que pagar? ((Edir Macedo olha para a platéia e realiza um gesto em que movimenta as*
13 *mãos no sentido de que a platéia já sabe a resposta))...o pagamento que ele fez não foi só*
14 *morrer na cruz... não foi só morrer na cruz... o pagamento que ele fez foi muito além que*
15 *você pode imaginar...lá no Jardim do Getsêmani... Jesus... quando pediu aos discípulos*
16 *ajudarem-no a orar... ele disse “Ficai aqui que eu vou ali orar” e deixou Pedro... Tiago e*
17 *João num lugar e ele foi mais adiante pra orar... naquele momento ele disse “Pai... passe de*
18 *mim este cálice”...que que significa isso? “Passe de mim este cálice... contudo não seja*
19 ***feita a minha vontade... mas a tua vontade*”** que que// que que Jesus tava pedindo?
20 Pedindo pra não morrer na cruz? Não... num era isso...Getsêmani era o lugar onde eles
21 separavam o azeite da oliva... e pra ser separado o azeite da oliva... a oliva tinha que ser
22 **massacrada...** ela tinha que ser *amassada ao extremo...* então conforme a oliva ia sendo
23 *amassada... então ela ia soltando o seu óleo... deixando o seu óleo* ((gesticula com as mãos
24 e o corpo insinuando o movimento realizado no processo da liberação do azeite))...Jardim
25 do Getsêmani era o jardim onde Jesus fez *essa oração* ((linha 23))... naquele momento ele
26 teve que se separar do pai e também do Espírito Santo... ele **teve que sair da Santíssima**
27 **Trindade... ser excluído da Santíssima Trindade...** você sabe que Deus é pai... é filho e é
28 Espírito Santo... mas ali no jardim Jesus teve que sair da Santíssima Trindade e passar a ser
29 simplesmente um filho de Deus... mais nada... como nós somos... você já pensou sobre
30 isso? **Jesus se separou do pai pela primeira e única vez... por toda a eternidade...** pra

1 poder ganhar a você... ganhar a mim... *ele teve que pagar o preço...*foi barato? Não... num
2 foi barato... você verifica então que **a fé... a fé está ligada à oferta...** quando **você**
3 **manifesta a fé...** você manifesta... *você dá a oferta...* quando **você dá a oferta...** você
4 *manifesta a fé...* não significa dizer que toda a oferta seja uma expressão de fé...às vezes a
5 oferta é uma esmola... então esmola num é oferta...pra Deus a gente dá **oferta...** *expressão*
6 *da nossa fé...*às vezes... você tem dado à Deus os dízimos... você tem dado oferta... mas
7 você num tem dado o melhor para Deus... e **porque você num tem dado o melhor para**
8 **ele...** *tampouco você vai ter o melhor dEle...* porque **o melhor custa mais caro...** *o melhor*
9 *você num encontra na esquina...* você tem lojas especializadas... *o melhor tem um custo*
10 *altíssimo...* e o melhor não tem sido doado para Deus... e por isso você reclama – “poxa...
11 eu vou na igreja... eu creio em Jesus... eu já fui batizado nas águas... eu dou meus dízimos...
12 eu dou minhas ofertas... eu num faço mal a ninguém... mas **a minha vida num modifica!**
13 *Ela num é transformada...* tá **faltando algo em mim...** tá *faltando sabor...* tá *faltando sal...*
14 **tá faltando alguma coisa em mim...***eu não sou feliz...* eu vou na igreja aos domingos ... eu
15 oro... peço a Deus... eu sinto bem quando estou na igreja... eu sinto muito bem quando
16 estou na casa de Deus... mas... segunda... terça... quarta... quinta sexta... sábado... os outros
17 dias... são terríveis pra mim... por quê?” – “Por que que o Deus de Abraão... de Isaac e de
18 Israel ainda não se materializou na sua vida?” – Porque a sua oferta minha amiga meu
19 amigo com certeza não tem sido a melhor para ele... não tem sido o melhor...o
20 **importante...** *o que Deus quer... é que ele seja o primeiro em sua vida...*o que Deus quer é
21 **toda a sua vida...** *todo o seu ser* ... e de acordo com **o que você oferece...** você recebe...
22 e para Deus... o que vale... é *o que você é...* não o que você faz ... e você só vai ser quando
23 você ofertar tudo...Jesus disse assim “**Dai e dar-se-vos-á**” você sabe disso...*aqui fala de*
24 *oferta...*mas **oferta não é apenas o que você ganha e dá na oferta...** dá na igreja... *o*
25 *dinheiro...* a **oferta...** ela representa o que você é diante de Deus... a oferta tem uma
26 **representatividade...** um *simbolismo...* assim como//assim como **o candelabro** tem um
27 simbolismo ((EM posiciona-se ante um candelabro apagado que está no púlpito)) aqui são
28 **sete hastes** ((aponta para as hastes))... representa os *sete espíritos de Deus...* *representa a*
29 *cruz* ((desenha com as mãos o símbolo da cruz no candelabro)) *do Senhor Jesus* ((linha
30 11))... e tinha que **estar aceso vinte e quatro horas por dia** no templo construído por

1 Salomão... no tabernáculo construído por Moisés... que representava a presença de Deus...
2 então os sacerdotes tinha que manter-se em turnos pra manter... colocar azeite pra chama
3 não se apagar...nunca se apagava...de repente você é um cristão ou uma cristã assim ó
4 ((aponta para a vela apagada)) com a vida apagada... por quê? Porque tá faltando encher-
5 se de óleo... por que tá faltando encher-se de óleo? Porque a sua *vida é errada?* A sua
6 conduta não condiz com a pessoa de Deus ...você faz... talvez menos do que as outras
7 pessoas lá fora...as outras pessoas lá fora se prostituem à vontade... de segunda à segunda...
8 você se prostitui só//dois dias da semana...((EM solta um som nasalizado em tom de
9 pergunta “/m/?”)).então você é diferente um pouquinho dela...entendeu aonde eu quero
10 chegar? Sim ou não? Você num rouba como os outros... mas *rouba só um pouquinho...*nos
11 seus negócios... você **faz tramóias**... você *é injusto*... não como os outros lá fora... você é
12 um pouco menos injusto... você acha que Deus... que é justiça perfeita... vai se envolver...
13 vai viver no meio da injustiça? Você acha que a vida dele...Jesus deu a vida dele pra você
14 poder ser justo diante de Deus... mas você continua vivendo na injustiça... *no erro*... você
15 acha que pode haver comunhão entre a luz e as trevas? *Da injustiça com a justiça?* Você
16 acha que tem condições? Então se você quer uma **vida nova...** *transformada... abençoada...*
17 ela num vai acontecer como num jogo de loterias... você joga... e se tiver sorte você
18 ganha... e no dia seguinte você se torna rico...não... num é assim...as coisas de Deus você
19 vai tomando posse paulatinamente... *dia após dia...amém?...eu vou fazer a oração de*
20 **dedicação...** *entrega...* às pessoas que querem **tomar uma decisão...** *de mudar* a partir de
21 agora...fique de pé se você quiser

22

23 **Oração**

24

25 Ainda com seus olhos fechados ((durante os cânticos do hinário a platéia já estava
26 configurada para a oração))...eu não sei quem é quem...eu não sei quem... Deus... está
27 pedindo toda a vida...ou melhor... que está dando toda a vida pra ele (met?)...mas
28 suponhamos que você... que está **dando toda sua vida para ele**... diga –“olha meu Deus...
29 **tudo o que eu tenho...** *tudo o que eu sou...* tudo... tudo... eu quero colocar no teu altar
30 agora”...se você quiser...então... saia do seu lugar... e venha aqui no altar ((alguns fiéis

1 começam a se dirigir para a frente do púlpito))...ó meu pai amado e querido... quando o
2 Senhor chamou Mateus... ele era um coletor de impostos...e ele estava trabalhando com
3 **salário extraordinário... magnífico... ele tinha uma vida de conforto... de riqueza... ele**
4 *tinha o respeito das autoridades... **ele tinha tudo...** mas ele imediatamente deixou tudo pra*
5 *seguir-lo...o mesmo aconteceu com Zaqueu... que disse “eis que eu decido dar a metade dos*
6 *meus bens para os pobres... e **aqueles que eu defraudei... que eu roubei...** eu vou restituir*
7 *quatro vezes mais”... porque ele havia achado o tesouro mais precioso e mais glorioso*
8 *((linha 19... p.5))... minha amiga meu amigo... se você é **uma dessas pessoas...** não deixe*
9 *para amanhã o que você pode fazer agora... porque **o meu Senhor está pronto pra receber***
10 ***a sua oferta...** a sua oferta... e *glorificar você ... em nome de Jesus... não diga nada por*
11 *favor... **deixe a sua oferta na mão de Deus...** e *deixe que ele venha recolher...* em nome do
12 Senhor Jesus...meu pai... eis aí o Isaac... essa pessoa... eis aí o Zaqueu... o Mateus... eis aí a
13 oferta... que essa criatura lhe dá... receba ó meu pai... para a tua glória... para a tua glória
14 meu Senhor... ela está depositando toda a sua vida... toda a sua reputação... tudo ela está
15 depositando no teu altar... agora meu pai... venha ao encontro dela... e deposita todo o teu
16 espírito dentro dela ((fiéis começam a exaltar-se)) vem o espírito do eterno pai... aleluia... o
17 espírito do filho... venha sobre essa criatura... venha Espírito Santo fazer morada dentro
18 desta oferta... venha fazer morada dentro deste coração... desta vida... **para que o teu**
19 **nome seja glorificado na vida dela...** *para que... o perfume* (Glória? Conquistas?) *teu...*
20 *Jesus... seja sentido pelos amigos desta pessoa... os parentes... os entes queridos... que*
21 *todos venham sentir o teu perfume na vida desta criatura meu pai...ó es venha sobre o teu*
22 *povo... venha agora...***

23

24 Fim do culto

25

26

27

28

29

30

1 *Sermão*

2 ... Do livro de Marcos... no cap. 12 do vers. 17... que diz o seguinte: “Disse-lhes...
3 então... Jesus: Dai a César o que é de César... e a Deus o que é de Deus...”.. eu sempre usei
4 isso... mesmo antes de me converter... essa palavra do Senhor Jesus... “dar a César o que é
5 de César e a Deus o que é de Deus”... é muito comum entre as pessoas... sim ou não?
6 ...Principalmente no meio das **peessoas corretas... justas...** quantas vezes eu já cheguei pra
7 uma pessoa e disse assim “olha... poxa... você **tem que pagar fulano...** lembra?” Dar a
8 César o que é de César... e a Deus o que é de Deus”... “*Dar a César o que é de César*”
9 significa dizer o seguinte... que quando nós... estamos... por exemplo... **atendendo uma**
10 **necessidade física...** eu *estou dando a César o que é de César...é um ser que a gente*
11 *serve...*a figura de César é um ser que a gente serve... até a gente mesmo... por exemplo...
12 por exemplo o banho que você toma... você... **banhando-se... você tá fazendo um bem ao**
13 **seu corpo...** você tá fazendo o que? *Dando a César o que é de César...* se você tá fazendo o
14 seu exercício... se você tá fazendo uma ginástica... aquele exercício... aquela ginástica... o
15 que você tá fazendo... você tá fazendo e de uma forma ou de outra **você tá trazendo a**
16 **você?:: um benefício...** então *você tá servindo?:: A César...* dando a César o que é de
17 César... quando você compra um carro... **aquele carro ali num vai lhe ser útil?** De uma
18 forma ou de outra? *Num é um bem de consumo que vai beneficiar você?* No momento em
19 que **você compra aquele carro** você tá?:: *dando a César o que é de César...* quando **você**
20 **compra uma casa e você mobilia aquela sua casa... do seu jeito...** *a forma que você*
21 *quer...* o que eu que você tá fazendo?:: *você tá dando a César o que é de César...* você
22 **paga a sua luz...** num paga?:: *você tá dando a César o que é de César...* hein?:: você **paga**
23 **o seu gás... o telefone** que você usa... *você tá dando a César o que é de César...* então **a**
24 **figura de César...** *é alguém que você?:: serve...* ainda que seja você mesmo... deu pra você
25 entender? Tá claro até aqui? Sim ou não? Quando você comprou essa camisa aí que você tá
26 usando... sabe esse sapato que você tá usando? Quando **você comprou essa calça** que você
27 tá usando... você comprou pra trazer a você **um benefício...** *é um bem de consumo...* então
28 *você está servindo a quem? A César ((linha 2))...* por exemplo... **quando você serve a sua**
29 **esposa... quando você serve o seu marido... quando você serve seus filhos...** os filhos
30 servem os pais... os pais servem aos filhos... então *você tá dando a César o que é de*

1 César... tá dando pra vocês entenderem? Os impostos que você paga... os impostos que
2 você paga... **todos esses impostos que nós pagamos...** *nós estamos dando a César... o que*
3 *é?:: de César...* você paga ao governo... você serve a seu patrão... o patrão serve ao
4 empregado... então... ali... está dando a César... o que é de César... vocês entenderam?...
5 todo mundo aqui... todo mundo aqui... e as pessoas que estão me ouvindo neste momento...
6 eu tenho certeza absoluta que eles servem a quem? Servem a César... todos vocês aqui...
7 sem medo de errar... **servem a César**... porque todos vocês aqui *compraram roupas...*
8 *compraram casa... servem a patrão... serve a esposa... serve ao marido... serve aos filhos...*
9 *paga o aluguel... paga os impostos...* então todos aqui... servem a quem? Servem a
10 César...eu já não posso afirmar se todos aqui... servem?:: a Deus ... *eu já não posso afirmar*
11 *aqui... que todos que estão aqui servem a Deus...* e **aí que está o problema...** porque **se**
12 **você serve a César... mas você não serve a Deus...** então **você tem a presença do**
13 **devorador... na sua vida...** como servir a Deus? Como servir a Deus? Por exemplo... o que
14 que eu to fazendo aqui agora? Eu **estou servindo a Deus...** eu ***estou dando a Deus...***
15 ***orando por você... ensinando... passando aquilo que o bispo tem passado pra mim e eu***
16 ***estou passando pra você...*** eu estou servindo a Deus... **é uma oferta** que eu estou dando a
17 Deus...terminando essa reunião... eu vou atender algumas outras... se tiverem pra conversar
18 comigo... **eu vou estar dando uma oferta pra Deus...** então *eu estou servindo a Deus...*
19 mas tratando de servir... você tem que entender que... que num é apenas o pastor ou o
20 bispo... que faz as reuniões... que atende... que faz os programas de rádio... de televisão...
21 que ora... que serve... então... de uma forma coletiva... todos os pastores servem a Deus...
22 quando **você tá dando a sua oferta...** *você tá servindo a Deus...* como eu estou servindo
23 fazendo a reunião agora... quando **você pega o que vem na sua mão e você tira dez por**
24 **cento...** e **você devolve pra Deus**... você também está fazendo o quê? *Você está servindo a*
25 *Deus* como eu sirvo fazendo um programa de rádio e de tv... ou essa reunião... então você
26 num pode pensar que o serviço a Deus... quem faz... são os pastores e bispos e auxiliares da
27 igreja... não... todos vocês ... todos vocês ... que **dão dízimos...** ***pagam o dízimo...*** e **todos**
28 **vocês que dão a oferta...** todos vocês servem a quem? *Estão servindo a quem pessoal?:: a*
29 *Deus...* deu pra você entender? Tá claro agora? Sim ou não? Então... olha o que que Jesus
30 disse aos Fariseus: “Dai a César... o que é de César... e a Deus o que é de Deus”? Tem que

1 ser dado... e você já sabe bem que é a figura de **César**... *é um ser que serve a si mesmo*...
2 você já sabe agora o que é de César e quem é César... sim ou não? Você sabe quem é
3 Deus... num sabe? talvez... você não tenha tido um encontro com Deus... talvez **você sabe**
4 **quem é Deus por informação... de fulano ... de beltrano**... dos seus pais... *você num*
5 *conhece a Deus*... mas você sabe quem é Deus... sim ou não?... você deve conhecê-lo...
6 porque ele existe... ele existe... se ele existe... então você **tem que conhecê-Lo**... você *tem*
7 *que ter uma experiência com Deus*... a partir do momento que você tem **uma experiência**
8 **com Deus**... então você tem *condições de começar tudo de novo*... eu não acredito que você
9 queira começar o ano novo... poxa... com os mesmos problemas do ano velho... então você
10 dá a César o que é de César e você dá a Deus o que é de Deus... **qual a qualidade de vida**
11 **que você vai ter?** você vai ter *a mesma qualidade de vida que Jó teve*... *ele era um dos*
12 *homens sábios da época*... **ele representava a glória de Deus nesse mundo**... *ele era*
13 *íntegro*... *ele era reto*... *ele era temente a Deus*... e *ele desviava-se do mal*... quando o povo
14 se reuniu... então diz a bíblia que o diabo veio ali no meio do povo... e Deus chegou pra
15 ele... pro diabo... e disse assim: “observaste o meu servo Jó? **Não há ninguém como ele**”...
16 olha *a satisfação que Deus tinha de tê-lo como um servo*... olha como *Deus agradava de*
17 *Jó*... a ponto de dizer “olha... no meio das pessoas não há alguém como Jó... ele é **íntegro**...
18 ele é *reto*... ele *teme a mim*... e ele *desvia do mal*” e o próprio diabo chegou pra Deus e
19 disse assim: “olha... há uma cerca” o diabo falando que Deus cercou a vida de Jó... de
20 forma que **o mal... sentia-se... se via... impotente**... ele *num podia ter acesso à vida de Jó*...
21 não podia... não podia... porque **Jó dava a Deus o que é de Deus**.. então *havia uma cerca*
22 *protetora*... é essa cerca que falta... porque quando a pessoa dá a César o que é de César...
23 mas **não dá a Deus o que é de Deus**... *não serve a Deus*... então que que acontece? Essa
24 pessoa *não tem essa cerca protetora*... e por ela **não ter essa cerca protetora**... então ***o***
25 ***diabo tem acesso à vida dela*** e ***destrói no todo***... no todo a vida da pessoa... e o próprio mal
26 disse: “olha... eu não posso tocar... o Senhor abençoou” () o Senhor vê aqui... pra ler...
27 melhor pra você... vamos ver aqui... olha só o que diz aqui a bíblia... melhor pra mim ler
28 pra você “acaso não **o cercaste com sebe**... a ele – então ele *era protegido*... era ou não era?
29 – a sua casa – então Deus protegia a Jó... a sua casa... e diz aqui a bíblia – e a tudo quanto
30 tem...? (Jó... 1... 10) ... já pensou... **você ser protegido** e *o mal não ter acesso à você?* Já

1 pensou... **a sua casa sendo protegida** do mal e *o mal não ter acesso à sua casa? os seus*
2 **bens serem protegidos e o mal não ter acesso a seus bens?** Num é *isso que você quer?* É
3 possível... mas só é possível quando **você toma lugar à mesa de Deus...** e *você serve a ele*
4 **na mesa dele...** *isso é possível...* e é *isso que tem que acontecer...* a partir do **momento em**
5 **que ela se volta para Deus...** e *o sinal é o dízimo...* do **reconhecimento do Senhorio de**
6 **Jesus...** e *eu não estou falando de dinheiro...* não estou falando de dinheiro... é dinheiro o
7 dízimo e a oferta... mas **tem um sentido espiritual...** *é um ato de fé...* num é nem pelo
8 dinheiro em si... mas é **um ato de fé** da pessoa em *reconhecer o Senhorio do nosso Senhor*
9 *Jesus...* o **Senhorio da grandeza de Deus...** amém pessoal? Entenderam... sim ou não? Então
10 se você está aqui me ouvindo... me assistindo nesse momento... dar a César o que é de
11 César... eu sei que você tem dado... mas eu não posso afirmar se você tem dado a Deus o
12 que é de Deus... eu falo por mim... eu sim... mas eu não sei você... considere isso que eu
13 estou falando... porque o espírito santo lhe trouxe aqui... e está fazendo você nos ouvir
14 nesta manhã... pra que você tenha a oportunidade de ser salvo... pra que você... pra que a
15 Senhora... pra que o Senhor... tenha a oportunidade de ser salvo... você tem dado a Deus o
16 que é de Deus?... hein? De repente você tem temido mais a César do que a Deus... está na
17 hora de você **sentar à mesa...** *tomar lugar no reino de Deus...* no reino de Deus... mas eu
18 não me refiro apenas à salvação eterna... mas enquanto você viver nesse mundo... **dando a**
19 **César o que é de César e a Deus o que é de Deus... sendo íntegro... reto... temendo a**
20 ***ele... desviando do mal...*** então **você vai estar nesse mundo sentado à mesa de Deus...** e **na**
21 **mesa de Deus não tem fome...** **não há doença...** **na mesa de Deus há fartura...** dê a César o
22 que é dele... mas dê a Deus o que é dele também... amém pessoal? Fica em pé por favor...
23 quem gostaria de **conhecer a Deus...** hein? **Dar a vida pra ele...** e **ter uma experiência com**
24 **ele?** Ah... então sai d'aonde você está ((alguns fiéis dirigem-se ao púlpito)) em nome de
25 Jesus... por favor... vem aqui na frente

26

27 ***Oração***

28

29 .. com a sua cabeça curvada e a mão no coração... eu quero dizer pra Senhora... pro
30 Senhor... pra você que está aqui... e pra você que está num presídio... num hospital... ((5s))

1 que Deus não passou... que hoje não é primeira vez que ele tem visto as suas lágrimas... ele
2 tem visto no momento em que você tem estado sozinho... ele tem visto mãe... a Senhora
3 chorando... pai... talvez você tenha chorado nos cantinhos... e não em deixado que ninguém
4 veja você chorar... e quem diria... que você homem chegaria a esse ponto de chorar...
5 porque é muito forte um homem chorando... e **essas lágrimas não são lágrimas emotivas...**
6 **é uma dor que você sente...** causada pela vida... amarga... que você vem levando... mas
7 minha amiga meu amigo... o meu Deus tá aí contigo... a porta tá aberta... porque ele disse
8 “eis que ponho uma **porta aberta**”... ela é estreita sim ... mas ela tá aberta... e é você que
9 faz **a escolha de passar por essa porta** e ir em direção àquele que tem visto o seu
10 sofrimento... a sua dor... talvez muitas vezes você tem pensado que Deus não tem lhe visto
11 ... você não pode pensar assim ... porque ele é Deus... **ele sabe do que nós não sabemos...**
12 os olhos dele passam por toda a terra... **ele tem visto o quanto você tem sofrido** meu
13 amigo minha amiga... e as mãos dele estão estendidas agora pra você... aí no presídio... no
14 hospital... desesperado em casa... eu queria que você estivesse aqui... e você que está em
15 casa tem como estar conosco... mas nesse momento o meu Deus tá aí contigo... como está
16 aqui com a Senhora... com o Senhor neste momento... ó Espírito Santo... revela o Senhor
17 Jesus neste coração apertado... angustiado... revela o Senhor Jesus que essa pessoa...
18 agora... ela possa ter uma experiência contigo... ó Deus nesse momento... minha amiga meu
19 amigo... pensa por favor... porque haveria de você não ter uma experiência com ele... se ele
20 é grande e está aqui... é pela fé – “ô bispo... eu tenho que sentir alguma coisa?” – não... o
21 que você tem que fazer é **se entregar através da fé...** *é crer que ele está aqui...* e **tem os**
22 **seus braços abertos...** e vai lhe receber... e vai mudar a sua vida... lavar o seu interior...
23 limpar as suas vestes ...e fazê-las alvas como a neve... é você crer que ele diz sim... há
24 quem tenha dito não... mas o meu Deus ele sempre diz sim... então é só você crer... e **se**
25 **entregar...** e ir pela fé... e dizer... - “toma a **minha vida...** meu Deus... *a vida que ninguém*
26 *quer... a vida que as pessoas estão rejeitando... a vida que as pessoas não querem de forma*
27 *alguma...* é o que nós te pedimos”

28
29
30

1 *Preâmbulo*

2 Em o nome do nosso senhor Jesus... nós entramos em sua presença nesta manhã...
3 nós te adoramos... te louvamos e te agradecemos meu Deus... por tudo... meu pai... pedimos
4 que o teu espírito venha dirigir os nossos pensamentos para que possamos então ajudar os
5 que aqui se encontram... que vieram em busca de **uma direção**... de *uma resposta*... visita
6 meu Deus aqueles que estão te ouvindo meu pai... num presídio... num hospital... em casa...
7 dirigindo... trabalhando... aonde quer que chegue **a nossa voz**... chegue *a luz do teu poder*...
8 para fazer possível tudo que tem sido impossível na vida das pessoas que estão nos ouvindo
9 neste momento... nós gostaríamos que elas estivessem aqui conosco ou em uma Igreja
10 Universal do Reino de Deus... meu Deus toca no coração delas agora mesmo para que hoje
11 ainda meu pai elas tenham ânimo para comparecerem a uma das Igreja Universal do Reino
12 de Deus porque eu tenho certeza que uma vez os seus pés lá colocados... então meu Deus a
13 fé será despertada... e a fé despertada então tudo será possível .. no nome do pai... do filho e
14 do Espírito Santo... nós já te pedimos e te agradecemos... e aqueles que acreditam digam
15 amém

16
17 *Sermão*

18
19 Olha... deixa eu falar uma coisa pra você que está aqui esta manhã.. nós vamos orar
20 para que o espírito do nosso senhor Jesus venha sobre todos... sobre todos.. é claro que o
21 Espírito Santo... pessoal... ele vem sobre aqueles que de fato e de verdade querem um
22 compromisso com Deus... é impossível viver sem o Espírito Santo... se com o Espírito
23 Santo já enfrenta-se **problemas**... se com o Espírito Santo já *se enfrenta tempestades*...
24 imagine sem o Espírito Santo... porque **as tempestades**... elas vêm pra todos...a tempestade
25 vem num é somente para aqueles que não vivem a fé no senhor Jesus.. não... *a tormenta*... *o*
26 *problema*... *o mal* se levanta contra todo mundo... é claro que aqueles que não vivem a fé
27 no senhor Jesus esses acabam se destruindo... o fato de ter fé ou de estar num igreja ou
28 dizer-se evangélico num quer dizer que a pessoas está vivendo a fé no Senhor Jesus... vive
29 a fé no senhor Jesus aquele que pratica sua palavra... e quem pratica a palavra de Deus está
30 constantemente manifestando a sua fé... *é isso que faz a diferença*... **a manifestação da fé**...

1 você vê as a pessoas aí sofrendo e dizendo que crêem em Deus... elas **não manifestam a**
2 **sua fé..** elas são vítimas de tempestades... de problemas... elas são vítimas de *situações*
3 *críticas...* elas não conseguem vencer... porque todos *esses problemas* eles são causados
4 pelo mal.. é o mal que causa o problema... se a senhora está tendo *problema com marido*
5 *por causa de amante...* tem um mal causando aquele problema... tem um mal que está
6 causando *o problema financeiro...* claro... porque a vontade de Deus é que a senhora não
7 tenha problema com o marido da senhora... que o senhor não tenha problemas com a m/
8 esposa e que vocês vivam bem... no **casamento...** que aliás é a base... *a base... de uma fé* a
9 base de uma vida... o seu casamento é a base... se você está mal no casamento... cedo ou
10 tarde você vai se destruir... então você tem que **procurar estar bem no seu casamento** e
11 com Deus você tem *essa oportunidade de arrumar o seu casamento...* não é **separar...** não
12 é *cada um viver.. é... um prum lado e outro pro outro...* não... lembra que a princípio eu
13 disse que tudo é possível àquele que crê? Então **a vontade Deus** é a *união da sua família...*
14 a vontade de Deus é a *libertação dos seus filhos...* a vontade de Deus é *a sua riqueza...*
15 Deus quer que você tenha *muito dinheiro...* você olha a vida de **Abraão...** olha a vida de
16 **Israel...** olha a vida de.. de... **Isaac... Salomão... Davi** e tantos outros *homens de Deus que*
17 *viveram uma vida próspera... de riqueza... essa é a vontade de Deus...* que você tenha
18 *saúde...* que você *não apenas case mas seja feliz..* **essa é a vontade de Deus** pessoal... as
19 pessoas que **vivem a fé...** que *têm a vida nas mãos de Deus...* as pessoas que *são batizadas*
20 *com o Espírito Santo...* as pessoas que trazem consigo a presença de Deus... elas também
21 são vítimas de tempestades... são vítimas *de dificuldades* mas elas vencem... elas
22 **vencem...** porque não há porta que a fé não possa abrir... não há barreira que a fé não
23 possa derrubar... não há montanhas que ela não possa ser... que não possam ser
24 removidas... diz assim na bíblia... você tem a bíblia aí? Abre por gentileza no livro de
25 Mateus cap. 14 vers. 22 “Jesus anda por sobre o mar”... “Jesus anda por sobre o mar”... o
26 que que esse mar aqui **simboliza** hein gente? Que que esse mar aqui *representa?* Esse mar
27 aqui representa um problema... “**Jesus anda por sobre o mar**”... quer dizer o mar está
28 embaixo e Jesus por cima... o problema está em baixo e você? Você por cima... de repente
29 você tem/ o problema tá em cima e você tá embaixo.. aí *você não... vê... saída...* **é**
30 **bombardeado** daqui bombardeado dali... *chega alguém e diz “num tem jeito”...* *chega*

1 *outro e fala “já era”... porque o que não falta são pessoas que chegam junto da gente pra*
2 **trazer o desânimo...** *pra fazer a gente desistir.. então diz assim na bíblia.. “Logo a seguir...*
3 *compeliu Jesus os discípulos a embarcar e a passar diante dele para o outro lado... enquanto*
4 *ele despedia as multidões” leia comigo por favor... vers. 23 “ e... despedidas as multidões...*
5 *subiu ao monte... a fim de orar sozinho... em caíndo a tarde... lá estava ele... só”... Jesus*
6 *acabou de despedir as multidões e ele foi falar com Deus... “ô Bispo... só se fala com Deus*
7 *no monte?” não... mas naquele momento Jesus quis ir pro monte.. mas você pode falar com*
8 *Deus em qualquer lugar... muito bem... vers. 24 “ entretanto... o barco já estava longe... a*
9 *muitos estádios da terra... açoitado pelas ondas” que que diz aí?... o vento era?... contrário...*
10 *muito bem.. os discípulos dentro do barco... em direção a um local... porque Jesus também*
11 *queria ir pra aquele local e o barco estava sendo açoitado pelas?... ondas... os discípulos*
12 *tinham acabado de estar com Jesus.. hein? Eles tinham acabado de estar com Jesus.. poxa...*
13 **eu saí de perto de Jesus agora...** *eu estive com ele... e olha só... foi só entrar no barco...*
14 *olha a tempestade que veio aí... saí da igreja agora poxa... e de repente você se depara com*
15 *uma? Com uma tempestade... veio a **tempestade**... veio a *tormenta* e o vento era*
16 *contrário... sabe porque que **o vento era contrário**? Você sabe o que quer dizer isso? É*
17 *você tá querendo ir prum lugar e você encontrar dificuldade é você *quere fazer uma coisa**
18 *e você encontra dificuldade... sempre vai ter _... se você é **emotivo**... se você *não traz uma**
19 **fé consciente* então você vai ser **tragado pela tempestade**... você vai ser *barrado pelo**
20 *vento contrário... se sua fé não é consciente se a sua fé é emotiva... então você vai ser*
21 *barrado pelo vento contrário... mas se você tem uma **fé consciente**... você *sabe em quem**
22 *você *crê*... você... poxa... **vive essa fé**... você *num tá de brincadeira*... com Deus... você *tem**
23 **consciência do poder de Deus dentro de você* **do que essa fé é capaz de fazer**... você tem*
24 *consciência dos *benefícios dessa fé*... então você vence os ventos contrários... porque*
25 *sempre vai haver ventos contrários... mas enquanto existirem **aqueles da fé**... sempre*
26 *também existirá aquela pessoa ou existirão aqueles que vencem os ventos contrários...*
27 *amém pessoal? Deu pra você entender? Sim ou não? Porque você pode enfrentar esse vento*
28 *essa semana... você pode enfrentar esse vento essa semana... se já não está enfrentando...*
29 *hã?... mas quanto maior for o vento ... maior vai ser a sua vitória... hein pessoal?... você*
30 *num deve olhar para ele... mas manifestar a sua fé... porque é com a sua fé que você vai*

1 vencer esse vento contrário... que **é do diabo**... pode tá certo disso... esse vento é o mal que
2 manda... vers. 25 “na quarta vigília da noite foi Jesus ter com eles andando por sobre o
3 mar... e os discípulos... ao verem-no andando por sobre as águas... ficaram aterrados e
4 exclamaram: é um fantasma! E... tomados de medo... gritaram” ((risos do pastor)) tomados
5 de quê? De medo... você sabe que quem vive a fé vai ter medo de fantasma? Hein? Mas por
6 que aquele medo? Porque a fé ainda não era uma **fé consciente**... eles não *estavam seguros*
7 *a respeito de Jesus*... tanto é que lá no último versículo dessa passagem eles dizem assim: “
8 é verdadeiramente esse é filho de Deus” olha o medo aí... olha o medo aí... nos **emotivos**...
9 nos que *vivem chorando*.. nos *sentimentais*... não porque tem *gente que num pode fazer/falar*
10 *nada com ela*... é ou não é? já o suficiente pra “ah.. fulano falou assim comigo...” tem gente
11 que é intocável.. “mas Jesus imediatamente lhes disse: tende bom ânimo... sou eu... não
12 temais. Respondendo-lhe Pedro... disse: se és tu... senhor... manda-me ir ter contigo... por
13 sobre as águas. E Ele disse: vem! E Pedro... descendo do barco... andou por sobre as águas
14 e foi ter com Jesus” ... olha o que a fé faz... tá vendo? A fé faz você fazer o que Jesus fez e
15 muito mais... Jesus mostrou que tudo é possível... olha só... Pedro estava sendo vítima das
16 ondas... agora... por causa da sua fé... ele ficou por sobre as ondas... bacana não é
17 pessoal?... “Reparando... porém... na força do vento... teve medo” reparou na força do
18 vento... esqueceu que Jesus também tava na mesma situação... mas Jesus não tava com
19 medo... hm?... mesmo sendo ser humano... você tá vendo a importância de você **nascer de**
20 **novo**? De você *ter um encontro com Deus*? Porque se você **nasce de novo** você *vai ter*
21 *consciência do pai que você tem*.. aí você num vai ter medo de nada e de ninguém... hein?...
22 você vê a importância de você conhecer Jesus? De você não apenas aceitá-lo... mas de você
23 entregar-se a ele? Porque você num vai ter medo de nada e de ninguém... Pedro **teve**
24 **medo**... reparou... teve medo... *deixou de olhar pra Jesus*... teve medo... que que diz aí?...
25 “e começando a **submergir**”... *quer dizer*... *afundou*... o medo faz a pessoa afundar por isso
26 que o mal se apresenta como uma dificuldade grande... é você olhar... ficar com medo e
27 desistir... sendo você uma pessoa da fé ou não... se você **não é da fé**... **não teve um**
28 **encontro com Deus** não nasceu de novo então você vai ficar com medo... vai afundar...
29 mas se você é da fé... se você teve o encontro com Deus... poxa... você num vai ter medo
30 não... você vai enfrentar e você vai vencer... é ou não é pessoal? Sim ou não? “ e

1 gritou: salva-me! E... prontamente... Jesus... estendendo-lhe a mão... tomou-o e lhe disse:
2 homem de pequena fé... por que duvidaste?”... aí você diz assim... “ah bispo... já entendi
3 porque que ainda não resolvi esse problema grande... é porque minha fé não é tão grande
4 quanto o meu problema”... não... num é nada disso... num é nada disso... quando fala
5 “**homem de pequena fé**” Jesus *num tá querendo dizer que se a fé de Pedro fosse grande*
6 *ele venceria... não... é qualidade de fé... qualidade de fé... **é uma fé qualitativa**...* você sabe
7 em quem você crê... você *chega a um nível de confiança total e absoluta em Deus...* você
8 *num se abala... você se permanece firme para sempre... **essa é a fé que você tem que ter...***
9 “por que duvidaste?”... olha a dúvida o que faz... “e subindo ambos para o barco... cessou o
10 vento” ((risos do pastor)) “ e os que estavam no barco o adoraram dizendo:
11 verdadeiramente este é o filho de Deus”... eu quero fazer uma oração agora... quem sabe
12 **você tá descendo?** Quem sabe você *tá se afundando?* Eu quero fazer uma oração... porque
13 o senhor Jesus está aqui para estender a mão para você... eu quero fazer uma oração para
14 você que quer conhecê-lo... quer ter um encontro com ele... por favor... venha aqui na frente
15 ((fiéis se direcionam para a frente do púlpito)) você que está nessa situação eu vou orar
16 agora... em nome do senhor Jesus... venha aqui na frente... as demais pessoas por favor
17 fiquem em pé...

18

19 **Oração**

20

21 Com seus olhos fechados... com sua mão no coração... sem chamar pessoal... a
22 atenção dos outros pra você... mas somente a atenção de Deus... pra sua vida... que diga-se
23 de passagem talvez ninguém queira.. já teve momento... já teve situações que você tinha eu
24 não digo amigos... mas muita gente perto de você... porque você tinha alguma coisa pra
25 oferecer a eles... e agora... com seus olhos fechados... que você **num tem nada**... agora...
26 que você *está descendo*... que você *está se afundando*... **todo mundo se afastou de**
27 **você**..... *ninguém quer sua vida..... ninguém quer tá contigo*... *você tem sido desprezado*...
28 *usaram você*... **você se vê... sendo abalado pelas tormentas**... *te levando de um lado para*
29 *o outro* mas o meu Deus está aqui... o senhor Jesus está aqui pronto para estender... aliás...
30 com a sua mão estendida... aí onde você está... faz a sua oração... faça o seu clamor... fale

1 com Deus aí onde você está... com seus olhos fechados... minha amiga meu amigo... é com
2 prazer que eu estou aqui pra dizer a você que o nosso senhor Jesus está aí contigo... é que o
3 mal sempre trabalhou pra você pensar que ele estava distante... não... ele não estava distante
4 não... porque ele é grande... e porque ele é grande ele está aí com você... e você pode com
5 seus olhos fechados e as mãos no coração... você pode se voltar para ele... e não importa o
6 que você esteja passando... não importa **o tamanho do seu problema**... não importa a força
7 do vento que lhe é contrário... não importa o tamanho da muralha... não importa o que
8 fulano falou ... não importa o que disseram... importa o que você crê... e você crê que Deus
9 está aqui... e você pode agora falar com ele porque não há quem possa socorrer-te... não há
10 quem possa estender a mão pra você... quem estenderia a mão pra ti? Ninguém minha
11 amiga meu amigo... quem iria lhe socorrer? Então fale com Deus aí agora... faça sua
12 oração... manifesta a sua fé... fale com Deus agora... **você que está caído... no chão**... fale
13 com Deus... faz a sua oração... porque ele é poderoso pra **te salvar**... é poderoso *pra te*
14 *livrar desta situação* ((linha 25))... fale com Deus meu amigo... não perca esta oportunidade
15 não... agarre-se a ela... você no presídio... em casa...sim eu imagino o quanto você sofre...
16 você que está aqui chorando... talvez não quis vir aqui na frente... talvez esteja lá atrás...
17 mas a sua dor é tão grande quanto a dor daqueles que estão aqui na frente comigo... não
18 importa aonde você esteja... o meu Deus é grande e ele está aí contigo... está na hora de
19 você voltar-se para ele com seu coração... fale com **Deus**...

20

21 **Fim do culto**

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 *Sermão*

2

3 Vamos aplaudir o nosso Senhor e salvador Jesus Cristo...Uma vez uma Senhora me
4 contou que ela estava em casa... com um casal visitando... e ela tava tão feliz que o esposo
5 dela tinha comprado uma meia dúzia de ternos...e ela disse ao casal – “venha aqui ver o que
6 o Joaquim comprou”...quando olhou... ela disse - “eu nunca vi uma pessoa tão invejosa
7 desse jeito...”- “Maria... segunda-feira vamo na loja” – ela falou assim – “ Meu Deus... eu
8 num acredito numa coisa dessa...- foi mostrar toda feliz o segredo...que o marido nem tinha
9 falado que comprou uma roupa bonita... ela foi mostrar... mas foi na hora...isso significa
10 que **a pessoa que tem inveja... ela num está no temor de Deus...** ela *não respeita a*
11 *palavra de Deus*. Se você é uma pessoa que tem inveja... quando você ouve falar do
12 **sucesso... da prosperidade... da alegria... da felicidade de alguém...** você sente também a
13 **vontade de ter a mesma coisa? Isso se chama inveja...** isso porque *you num anda no*
14 *temor de Deus...*vamos a Provérbios... 23... 17...o que é que o Espírito Santo que fala
15 isso...então serve como um aviso – “missionário eu tenho *esse problema...* meu coração
16 realmente *sente esse início de desgosto... de ódio...*sei lá mais de que...quando eu vejo
17 alguém **prosperar... ser feliz**”- “Não tenha o teu coração inveja dos pecadores... antes... **sê**
18 **no temor do Senhor todo dia**” que que nós entendemos? Se você *se colocar respeitando a*
19 *palavra...*porque eu tenho que acreditar o seguinte: desde que eu **entreguei minha vida**
20 **para Jesus...** e *a pessoa só é salva quando faz isso...* se você ainda **não recebeu Jesus**
21 **como seu Senhor...** você *não é salvo?* E **se ele é o meu Senhor não sou eu que vou decidir**
22 ***o que que eu vou ter... onde eu vou morar... o que que eu vou fazer...*** eu tenho que buscar a
23 **vontade do meu Senhor...**ela *abre as portas...* eu entro por elas... e **quando a fé me abre**
24 *elas não estão franqueadas...*eu não tenho que **usar subterfúgios...** de *forçadas de barra...*
25 de *desonestidade* para entrar pelas portas... elas me são abertas... se eu tenho que **forçar...**
26 que **corromper...** *não foi Jesus que abriu aquela porta... então eu não vou entrar por ela...*
27 **eu respeito a palavra de Deus...**eu estou orando e me aparece uma situação que num é
28 **clara... direita...**o que que eu faço? Eu *continuo no temor de Deus...*se eu **saio do temor de**
29 **Deus... do respeitar a palavra...** porque é ele que deve dizer o que devo fazer... o que eu
30 devo ter...até pra pregar...eu não tenho que tá ouvindo se alguém tá com sucesso... ou então

1 fazer a mesma coisa...não...Deus abençoe mais ele...vou fazer o que Deus mandou que eu
2 fizesse... porque **o sucesso** *num é a quantidade de pessoas que você ganha... ou de bens que*
3 *você adquire...o sucesso é quando você faz aquilo que foi mandado você fazer ...muitos*
4 *jovens quando vão escolher a faculdade... uma profissão – “qual que dá mais*
5 *dinheiro?...essa aqui dá... essa outra não dá...” num é assim que se escolhe não... – “qual é a*
6 *minha aptidão? Eu gosto de ajudar as pessoas? Eu quero exterminar com o sofrimento das*
7 *pessoas? Então eu gosto de medicina vou ser médico...não num gosto...mas dá dinheiro... dá*
8 *status... – o que que é isso? Isso é maldade... – onde é a minha aptidão? Vou ser*
9 *engenheiro? Vou ser isso? Vou ser aquilo outro?” – Deus chamou pro ministério ou não? –*
10 *“chamou... então vou fazer” se eu **não sou dirigido pelo Senhor**... não tenho respeito à*
11 *palavra... se ele inclina o meu coração...eu sei o que ele quer que eu faça...eu não estando*
12 *no temor do Senhor... eu **vou invejar**...se eu invejo é porque não estou...se eu tiver no*
13 *temor do Senhor todo dia... em qualquer situação...a verdade que **seguir a cristo é uma***
14 *renúncia... o diabo não desiste de nos tentar...Jesus disse que aquele que se (...) após ele... cada*
15 *dia deve tomar a sua cruz... a sua responsabilidade... a sua missão e seguir...tem*
16 *gente que segue o Senhor Jesus por muito tempo... depois **pára**... vai fazer exatamente*
17 *igual aos pecadores fazem...e se **num acordar**... vai ser destruído igual eles serão*
18 *destruídos...o **segredo** é : *estar no temor do Senhor*...não tenha inveja... não tenha o teu*
19 *coração inveja dos pecadores...muitos deles são **bem sucedidos**... muitos dos pecadores*
20 *estão **tendo grandes lucros**...”ah... mas *estão prosperando*” mas... o que é a **prosperidade?***
21 *É a paz no coração... não é o acúmulo de bens...se for **o plano de Deus**... você poderá*
22 ***acumular muito mais bens do que os outros... ter muito mais prosperidade**...mas se num*
23 *for... num adianta...agora... na hora que você não tem inveja dos pecadores...**alguns agem***
24 ***de maneira errada... outros fazem pactos com entidades... outros não respeitam o voto***
25 ***matrimonial**...não tenha inveja *desse pessoal*...mas que que eu tenho que fazer? Seja...*
26 *fique no temor do Senhor todo dia... sempre... constante... em todas as situações...o que que*
27 *a inveja causa na gente de prejuízo?...provérbios... 14... 30...*esse aqui é um alerta muito**
28 ***grande**... “ **o coração com saúde é a saúde da carne... mas a inveja é a podridão do***
29 ***ossos**” osso é que dá estrutura...**quando você tem inveja**... você tá fazendo as suas*
30 *estruturas morais... espirituais... familiares... ficarem podres...uma batida aqui dá uma dor*

1 tremenda... tá engessado...uma queda...tem gente já de idade que sofre de osteoporose...
2 uma queda leva 6... 8 meses sem sair da cama...por quê? Porque a estrutura tá fraca...
3 moralmente é a mesma coisa... quando a pessoa *não está no temor de Deus e tem inveja*...
4 *essa inveja na estrutura moral... espiritual* da pessoa... ela *é podridão*...qualquer pessoa do
5 sexo oposto que passa perto da gente com aquele olhar de peixe morto... vai um idiota
6 atrás...e depois... paga o preço...qualquer oferta de desonestidade **não pensa duas**
7 **vezes...cai... quebra... a estrutura dele não aguenta**...e isso tá acontecendo hoje com muita
8 gente...porque num aguenta?...e depois ela chora... chora - “Deus... eu não presto... eu não
9 valho nada...me levanta!” - ..recebe um alentozinho... para fazer pior logo em seguida...o
10 coração com saúde...o espírito... a nossa pessoa interior... com **saúde... bem com Deus**...
11 *sem nenhuma influência maligna* em comparação a essa...se **não tem o nosso coração**
12 **contaminação.....ele é a vida da carne**...que que é isso? Ele é a saúde do corpo...o corpo
13 paga quando **o coração não tem respeito pela palavra de Deus... é tomado com**
14 **inveja.....o espírito do homem é a verdadeira pessoa**...é ele que nos dirige...nós somos o
15 espírito criado pelo Senhor à sua imagem e semelhança...moramos no corpo... na carne...
16 temos **uma alma... mente e intelecto**...quando *esse espírito* não tem saúde... está doente...
17 **moralmente... espiritualmente**... é invejoso... e tem isso... e tem aquilo...**a carne paga**...
18 *não tem forças... não resiste*...muitas pessoas vem na igreja e descobrem que foram curadas
19 da noite pro dia... sem que até uma oração fosse feita...por quê? Porque o espírito dela tá
20 **curado... passa a respeitar a palavra de Deus... a viver alegre... contente**... e em seguida
21 descobre que **o corpo agradeceu**... *funcionou perfeito*...então o coração com saúde... é isso
22 que precisa ser feito...**seu espírito precisa estar em santidade perante Deus...não**
23 **debaixo de condenação**... *de opressão maligna*...mas **louvando a Deus... enaltecendo a**
24 **Deus...esse espírito torna-se na vida da carne na saúde de seu corpo**...aí você **quer**
25 **prosperar porque o outro disse que passou a ser patrocinador e Deus abriu uma porta ...**
26 **recebeu uma indenização que tava 20 anos na justiça... chegou agora... multiplicado...**
27 **com correções**...foi *uma grande benção*...outro fez isso... fez aquilo...eu também vou
28 ser...não!...se Deus chamou... vou ser o que Deus me chamou pra fazer...agora se nós não
29 abrimos um/ até nós pregadores... “o... tá vendo que que o pastor tal tá fazendo? A igreja
30 dele tá cheia”...o... glória Deus... Deus abençoe ele ...”mas o Senhor num vai fazer nada?”

1 vou continuar fazendo o que Deus mandou que eu fizesse..se ele quiser que a minha
2 enche..amém ...mas se quiser mandar todo mundo por outro lado... manda... e vai me dar
3 outra coisa pra fazer...mas **quem anda com Deus** sempre vai ter o *Senhor dirigindo*
4 *ele...agora deixa a inveja entrar... esse espírito maligno... que é um demônio...a estrutura*
5 **corrói... enfraquece... quebra** diante de qualquer **tentação**... de qualquer *ataque maligno*...a
6 pessoa tá *sempre sofrendo*; “- mas Deus... porque? Porque?” porque não está fazendo
7 aquilo que a palavra de Deus diz...faça e seja abençoado...

8
9 **((Segundo quadro do programa: Novela da vida real – Testemunhos sobre as**
10 **bênçãos atingidas por fiéis após começarem a frequentar a Igreja.**

11 **Em seguida o pastor R. R. Soares busca convencer os fiéis a “patrocinar” a**
12 **igreja via dízimos e ofertas. Geralmente argumenta em cima do tema do culto para**
13 **convencer os fiéis a tal empresa)):**

14
15 ...Olha... você que é chamado para ser um patrocinador da obra de Deus... você fica
16 adiando... você tá **adiando a sua obediência**... você tá *se escondendo do temor de Deus*...e
17 a mensagem é “sê no temor do Senhor”...ao invés de ter um **coração doente**... *fraco...*
18 *chateado... aborrecido... não realizado quando está fazendo a obra de Deus*... tenha um
19 **coração firme** na presença do Senhor...

20
21
22 **((Após explicar porque de se tornar patrocinador, o Missionário apresenta um boleto**
23 **bancário e explica os procedimentos de pagamento. Em seguida, convoca membros da**
24 **platéia que patrocinam a Igreja Internacional para falar sobre as mudanças em suas vidas.))**

25 26 ***Abertura da oração***

27
28 Agora eu queria **orar** com vocês para que o Senhor *Deus possa operar*...algumas
29 pessoas... não é a cura que tem que ser feita... **é preciso que o espírito da inveja seja**
30 **retirado do coração** – “missionário... *esse é o meu problema*”...você está **enfraquecendo as**

1 suas estruturas...o seu **coração invejoso** é um *coração doente*... é um *espírito fraco*... o
2 resultado *a sua carne tá pagando o preço*...na hora que você **se acerta com Deus**
3 verdadeiramente... você **faz um grande alívio**... você tira essa carga que está
4 **pressionando o seu corpo...** *fazendo você sofrer* e Deus quer operar na sua vida...se você
5 ainda não aceitou Jesus **aceite hoje como o salvador e Senhor da sua vida**...esse é o
6 primeiro passo da felicidade...você **sai debaixo do império das trevas** e **passa a andar na**
7 **presença de Deus**... *livre completamente*...enquanto você não aceita... pouca coisa adianta
8 fazer uma corrente... porque o inimigo oprime mais...mas quando você aceita... você sai do
9 poder dele... aí você passa a ser o Senhor de sua vida...fiquem em pé

11 **Oração**

13 Pai... nós entramos em sua presença... em nome de do Senhor Jesus...e eu sei que o
14 Senhor falou a muitos corações que têm sido **movidos pela inveja**...*abrir um comércio por*
15 *causa de alguém que havia prosperado* e estava invejando...existem pessoas que estão
16 casando e descasando exatamente por causa da inveja...ó meu Deus...e tem gente dizendo –
17 eu sou fraco nesse assunto... tira isso da minha vida... eu não quero... pai... tira...” há outros
18 que estão orando e dizendo: “...eu preciso da minha salvação... eu quero receber o Senhor
19 Jesus como meu salvador... o meu Senhor...” e eu peço a ajuda dos céus; pai... venha
20 **ajudar essa pessoa**... venha libertar essa vida... venha curar essa pessoa... pai...
21 completamente... espírito... alma e corpo; casamento destruído... (...) vida paz falsa (...)...as
22 pessoas tentam sorrir... mas por dentro só **tristeza... mágoa... ressentimento... ódio**...ó meu
23 pai... tira essas pragas que corroem... que destroem...ó meu Deus... que *fazem pessoas*
24 *infelizes*...muda essa mulher a ser verdadeiramente uma serva de Deus... este homem a
25 tomar um posição de homem diante de ti e não voltar mais para o erro...estamos suplicando
26 a tua ajuda... e eu sei que que o Senhor quer... e o Senhor fará isso por essa pessoa... se
27 você orar... Deus **toca**... Deus *cura*... Deus *liberta* se você pedir... Deus atende...e Deus...
28 tem gente orando agora...pra **quem está numa situação financeira difícil**.....meu Deus...
29 mas se o Senhor é aquele que abre a porta e ninguém fecha... e o Senhor fecha e ninguém
30 abre.....essa pessoa precisa da tua operação...outros existem que estão com **dores**... que

1 estão com *enfermidades*... estão com *males*...tem gente... ó Deus... que não está aguentando
2 mais...Deus... é **um mal crônico**... é *um mal que não cede*...mas a pessoa não está agindo
3 como deveria agir...**a podridão dos ossos está enfraquecendo esse espírito**... *essa inveja*...
4 *essa obra maligna está pressionando esta carne*... e essa pessoa quer a libertação (...)
5 Senhor... agora eu amarro essa força maligna... eu vou ministrar a benção agora... e em
6 nome de Jesus eu paraliso essa ação do diabo...eu te amarro espírito da derrota... *do*
7 *sofrimento*... *espírito da destruição*... você que está destruindo essa pessoa... eu ordeno
8 agora... sai daí... sai desses nervos ((a platéia começa a se exaltar... é ouvido um grande
9 burburinho)) sai com sua dor... sai com sua doença...eu estou mandando... agora... isto é
10 uma ordem! Eu determino neste momento... tire as mãos desses pés quentes... desses pés
11 que parecem que têm agulhas... tira a mão desses nervos... do alto da cabeça até a planta
12 dos pés... vai embora agora... eu te repreendo... eu te expulso espírito do sofrimento...eu
13 mando toda a dor... todo o mal... sai em nome de Jesus! ((Grande exaltação da platéia:
14 ouve-se muitos “améns”))

15

16 FIM DO CULTO

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

1 **Sermão**

2

3 e para Jesus uma bonita salva de palmas...estamos na presença do nosso Deus... e

4 vamos esperar boas coisas. - O que é **estar na presença do nosso Deus?** – alguém pode

5 perguntar... *é quando a gente está em contato com a palavra dele...* não é uma presença

6 física... nós não temos que olhar para uma gravura... para uma imagem e/ou ficar

7 concentrado – “estou na presença de Deus”- não...**quando nós estamos em contato com a**

8 **palavra...** *ela assume o lugar ausente de Jesus... aí nós estamos na presença de Deus... e*

9 **aquilo que nós aprendemos da palavra de Deus...** além de ser *a voz de Deus...* *é como um*

10 *retrato do Senhor para a nossa vida...* vamos então nos preparar porque Deus tem nos

11 abençoado bastante... e *esses retratos de Deus* é que devem nos nortear quando a gente vai

12 buscar ao Senhor. Estamos estudando sobre Jacó... a bíblia fala que ele é o Deus de

13 Abraão... de Isaac e de Jacó...ele se revelou de maneira... assim... um pouco diferente para

14 cada um deles... e eles o buscaram... e Deus os atendeu... então significa que... no velho

15 testamento... as pessoas deveriam olhar para ele *daquele jeito* com aquele tipo de resposta...

16 hoje nós não precisamos olhar para o Deus de Abraão... Isaac e Jacó... e sim para o Deus e

17 pai de nosso Senhor e salvador Jesus cristo... que é o mesmo Deus... mas ali ele tava

18 limitado assim... hoje não... ele está ilimitado...**aquilo que nós observamos na palavra... o**

19 **que ela fala ao nosso coração...** *é para nós tomarmos posse...*estamos estudando a história

20 de **Jacó...** porque que ele foi *um homem de Deus...* porque ele *venceu...* e estamos vendo... e

21 vamos ao chegar ao/o/ao ponto num sei se será neste culto... no próximo... ou em alguns

22 outros em que nós vamos entender que nós **nunca devemos desistir das lutas...** das

23 *batalhas...*quando **assim o fazemos...** **nós frustramos a Deus...** *entristecemos o poder do*

24 *Senhor...* lá no livro de Hebreus... 10... 38... diz que “os justos do Senhor vive pela fê... se

25 ele **retrocede...**”... Deus diz... “...a minha alma não tem prazer nele”...aplicação prática...

26 você está enfrentando uma batalha... uma luta... e tem hora que dá **vontade de desistir** –

27 *“olha missionário... tô cansado... dá vontade de jogar a toalha e deixar para lá”*- olha...

28 não faça *isso...* peça sabedoria a Deus que está faltando...porque **se ele permitiu essa luta**

29 **vir e está falando ao seu coração...** *essa luta é dele* então você tem que **se entregar mais**

30 **para ele...** *buscar mais dele...* pra poder enfrentar... e ele vai vencer essa luta..o Jacó tinha

1 tudo para ficar chateado... ele e seu irmão gêmeo... ele nasceu depois... então o irmão era o
2 **primogênito**... era *o herdeiro*... e... o irmão era **uma pessoa aplicada às coisas do**
3 **mundo**... vamos dizer um *homem carnal*... a bíblia chega a chamar de *profano*... e ele Jesus
4 teria que se desprender daquela semente... e como é que seria isso? (...) a herança viria de
5 Abraão... de Isaac... Isaac teve dois filhos... Jacó e Esaú... então **Deus tocou no coração de**
6 **Jacó**... porque Jacó *começou a buscar a Deus*... um dia fez um acordo com Esaú... ele tinha
7 feito um guisado de lentilha... o **Esaú**... *muito carnal* “ me dá um pouco do guisado?”... e o
8 Jacó disse “mas que que você vai me dar em troca? Você me vende o direito de
9 primogenitura?” “vendo... num vale nada mesmo... vou morrer de qualquer jeito... vou
10 morrer de/de...” por causa de um guisado... vê se pode isso...**desprezou**... *perdeu a*
11 *benção*... mas depois ele queria para si... e o Jacó... orientado pela mãe... teve que **fazer**
12 **uma engenharia**... em que *ele até simulou que era o Esaú*... porque o pai dele estava muito
13 velho... para receber a benção... o **Esaú** depois mostrou que era um *homem mal*...
14 *perverso*... porque no coração ele propôs a matar a Jacó... e... o Senhor Deus revelou... o pai
15 então mandou que o Jacó fosse até a terra da mãe dele... à casa do irmão da mãe... e
16 procurasse uma das filhas do irmão para ser esposa dele... e diz “**você não vai pegar a**
17 **esposa... a que vai casar com o filho de Canaã**” e o Jacó obedeceu exatamente... *aquilo*
18 *foi como palavra de Deus para ele*... **aquilo que o Espírito Santo pela palavra fala ao**
19 **nosso coração é a palavra de Deus para nós**...e ele então teve que deixar a sua casa...
20 andar sozinho a pé... e foi em direção à Canaã... em Canaã não... a Arã... e chegando lá ele
21 teve o sucesso que ele precisava... mas com muita luta...*essa história é muito recheada de*
22 *fatos bons*...nós vamos agora para Gênesis Cap. 29...nós estamos vendo o Jacó saindo agora
23 de Betel... onde Deus o visitou... ele teve um sonho... viu que **uma escada ia da terra até o**
24 **topo do céu**... e os anjos de Deus subiam e desciam *aquela escada*... *ela simboliza a*
25 **palavra de Deus**... *é na palavra de Deus que os anjos do Senhor executam o mandato*
26 *dele... a ação deles*...quem **despreza a palavra**... quem **não crê na palavra**... *não tem o*
27 *poder de Deus operando em sua vida*... e aqui no 29 diz assim “ então foi-se Jacó a pé... e
28 foi-se à terra dos filhos do oriente” por que que o escritor colocou que ele foi à pé? O
29 máximo que ele podia naquele tempo era no lombo de um jumento ou de um cavalo...
30 porque não havia automóveis... bicicleta... nada disso tinha naquela época... e **o Jacó foi à**

1 pé... isso aqui nos chama a atenção o seguinte... **à pé se leva mais tempo...** *mas se vai*
2 *conhecendo o terreno...* nós não podemos ir na nossa bênção... como se pegasse um avião...
3 e num instantinho estivéssemos milhares de quilômetros na frente... **nós temos que**
4 **percorrer a estrada da fé**... *nós temos que ir a pé...* **sofrendo os perigos** que uma estrada
5 *deserta que na época ofereciam... de feras... até de gente que se presta ao crime... o*
6 *cansaço do dia... o frio da noite...* o Jacó tinha de passar por isso...meu irmão... passa pelas
7 vicissitudes da vida espiritual também... às vezes tem que orar... às vezes vem **um pouco**
8 **de desespero**... uma ameaça do inimigo... mas continue *naquela missão* **que você sentiu**
9 **de Deus** e Deus quer que você execute...ele pôs-se a caminhar... a pé... e chegou até às
10 terras dos filhos do oriente... parece aqui que foi caminhada em dois dias... um dia ele
11 dormiu em Luz... que depois passou a ser Betel... e no outro dia ele tava chegando à terra
12 dele... não... aqui tá muito resumido... o Jacó passou por várias etapas... igual a gente passa
13 na vida espiritual... aqueles que não são realmente de Deus... **jogam a toalha** – não não...
14 *eu vou dar um tempo... eu não presto...é...esse marido num vale nada... essa mulher num*
15 *vale nada... eu vou mudar de vida... eu não vou bancar mais o bobo...* eu vou agora
16 **desfrutar da vida**”- *ai que tá bancando o bobo...* **ai é que está...** nós temos que **trilhar essa**
17 **estrada a pé**... *conhecendo palmo a palmo... passo a passo...* em nome do Senhor... na
18 presença de Deus conosco... claro que Deus era poderoso... pra pegar Jacó... na terra dele lá
19 em Berceba... e transportar Jacó lá pra Arã num segundo... ele fez isso com Elias... ele fez
20 isso com Filipe o evangelista... mas num era o plano de Deus...por que é que Deus está
21 demorando um pouco para responder à **sua oração?** *o que você está buscando?*...ele quer
22 que você **ganhe experiência** ((linha 4))... naquela Jacó ia como diz o salmo 26... *é...*
23 *chorando... caminhando...* e depois ele voltou com alegria trazendo os seus peixes... e há
24 uma explicação aqui muito grande... camí pra **quem está numa situação financeira**
25 **difícil**.....meu Deus... mas se o Senhor é aquele que abre a porta e ninguém fecha... e o
26 Senhor fecha e ninguém abre.....essa pessoa precisa da tua operação...**nhe a estrada que**
27 **Deus dá pra você**... **não negue...** *não deixe qualquer pessoa lhe roubar essa bênção...* **não**
28 **tente pegar um avião espiritual** pra te jogar lá na frente...- não... **ai eu tenho que**
29 **caminhar**...”- vá caminhando com o Senhor... **é bom... andar... falar com Deus...**
30 **experimentar a fidelidade**... *a proteção... o amor de Deus* durante toda a caminhada... **é**

1 muito melhor do que tentar outra coisa que não vai conseguir...ele então chegando lá... e
2 olhou... ele tava procurando – “o que é que Deus tá mostrando para mim?” – nós temos que
3 ser pessoas na vida que andemos procurando também a resposta de Deus... e peca quem diz
4 precipitadamente quem diz que é santo... – “eu vi **uma oportunidade- é de Deus** ou não? É
5 Deus que tá dando? Deus é perfeito... **se tem qualquer coisa errada ali...** não... *essa não*
6 *é...ele então... ele olhou... ele estava procurando... e eis um poço no campo... e eis três*
7 *rebanhos de ovelhas que estavam deitados junto a ele... ao poço... porque daquele poço*
8 *davam de beber aos rebanhos... e havia uma grande pedra sobre a boca do poço... e juntava*
9 *ali todos os rebanhos... e removiam a pedra de sobre a boca do poço... e davam de beber às*
10 *ovelhas... e tornavam a por a pedra sobre a boca do poço no seu lugar... e disse-lhe Jacó...*
11 *aos pastores “Meus irmãos” deviam ser vários né? “donde sois? E disseram... somos de*
12 *Arã. E ele lhes disse... conheceis Alabão... filho de Naor? E disseram... conhecemos” a*
13 **pessoa que é de Deus... se ela prestar atenção... ela anda segundo o relógio de Deus... ela**
14 *não chega atrasada... e nem chega adiantada... ela chega no tempo que Deus determinou...*
15 *se ela estiver seguindo as orientações ela não deve sentir-se desesperada... Quando nós*
16 *quisemos criar a RIT... no governo... não do Lula... mas do governo anterior... o ministro*
17 *das comunicações... eu tive um encontro com ele... e eu expus a ele o plano... ele disse “ah*
18 *pastor... desculpa... o Senhor chegou atrasado... no Brasil não há condições de se formar*
19 *uma nova rede de televisão”...“Senhor ministro... com o devido respeito... eu não chego*
20 *atrasado e nem adiantado... me perdoe... a RIT vai ser uma rede de televisão”...”vai não*
21 *pastor... num tem condições”... “não vamos discutir... eu sou um homem de fé” e a RIT*
22 *hoje é uma boa rede de televisão ((grande exaltação dos fiéis))...num tem jeito irmão... você*
23 *não precisa ser ignorante... mal educado... mas também tem que ser firme... eu disse “com*
24 *o devido respeito... nós vamos conseguir... eu ando pela fé”...e assim chegou ali o Jacó...*
25 *então eles conheciam... e disse-lhes mais “estais de bem? E disseram... está bem”...e eis que*
26 *Raquel sua filha que vem com as ovelhas e ele disse “eis que ainda é muito dia... e é tempo*
27 *de juntar o gado... daí de beber às ovelhas... e ide e apancentai-as” e disseram “não*
28 *podemos... até que todos os rebanhos se ajuntem e removam a pedra de sobre a boca do*
29 *poço... para que demos de beber às ovelhas” e eram vários... e não conseguiu remover a*
30 *pedra... estando ele ainda falando com ele... veio Raquel com as ovelhas de seu pai...*

1 porque era pastora... e aconteceu que... vendo Jacó a Raquel... filha de Labão... irmão de
2 sua mãe... e as ovelhas de Labão... irmão de sua mãe... e chegou o Jacó e retirou a pedra de
3 sobre o poço... e deu de beber às ovelhas de Labão... irmão de sua mãe...-“mas como é que
4 pode... os outros estavam esperando mais gente para remover **aquela pedra pesada**... e o
5 Jacó foi lá sozinho e removeu?”-...quando você tá andando com fé... tem *um obstáculo* o
6 homem diz “é impossível”...não pra você... se *o problema veio à sua mão*... é porque você
7 tem condições de resolver... não importa se *é pesado*... se precisa de muito mais gente para
8 remover... você vai e age... o Jacó bancou ali o educado... removeu... mas não só educado...
9 o pai dele tinha dito... “você vai lá... na casa do fulano... e a filha de fulano... você vai casar
10 com uma delas” e essa era uma filha... e Jacó olhou... e se ofereceu... e fez o que tinha que
11 fazer... ainda... e Jacó beijou a Raquel... levantou a voz e chorou... e Jacó anunciou à
12 Raquel que era irmão de seu pai... que era filho de Rebeca... que é primo dela... sobrinho
13 dela... ela tratava até de irmão... então ela correu a anunciou a seu pai... aconteceu que
14 ouvindo Labão o nome de Jacó... filho de sua mãe... correu-lhe ao encontro... e abraçou... e
15 beijou... e levou à sua casa... e contou ele a Labão todas essas coisas... e o Labão disse
16 “verdadeiramente... és tu o meu osso e a minha carne” e ficou com ele o mês inteiro...
17 depois disse Labão à Jacó “porque tu és meu irmão... não há de servir-me de graça...
18 declara qual o teu salário” e Labão tinha duas filhas... e o nome da mais velha era Leia... e o
19 nome da menor Raquel...Leia porém tinha os olhos tenros... embaçados... mas Raquel era
20 de formoso semblante e formosa vista... e Jacó amava a Raquel e disse “sete anos viverei
21 por Raquel... tua filha” então disse Labão “melhor é que eu tá dê... do que a dê a outro
22 varão... fica comigo... acordo fechado”...só que o Labão não cumpriu o acordo... o Jacó
23 amava... viu que a palavra que o pai dele havia dado não se cumpriu... não poderia se
24 cumprir... era uma jovem que lhe agradou... que poderia ser sua esposa... e se propôs a
25 trabalhar por sete anos em favor da Raquel... chegou o dia... terminou o prazo... fez-se a
26 festa de núpcias... e o Labão enganou o Jacó... deu a Leia... que era tenra de olhos... o Jacó
27 ficou bravo com ele “mas nós tratamos essa//”..”é mas aqui//mas num falou antes... aqui
28 não se faz isso... primeiro tem dar a mais velha pra pode depois dar a mais nova... você tá
29 disposto a me dar mais sete anos de trabalho pela Raquel?”...quatorze anos de escravo...
30 “estou disposto” e deu mais os sete para Raquel... por amor a Raquel...**a pessoa que é de**

1 **Deus...** ela não vê... irmão... a provação momentânea... ela olha pra frente... ela olha pro
2 cumprimento da palavra... ela olha para aquilo que Deus fala ao coração dela...e não
3 importa a provação que hoje ela tem que passar... lendo aqui... se eu for ler aqui a gente vai
4 ficar o tempo todo... eu vou tratar mais um pouco à frente no outro culto... nós vamos ver
5 que o Jacó foi *uma benção pro Labão*... **o homem enriqueceu extremamente**... nesses
6 anos que o Jacó esteve... casou-se com as duas filhas do Labão... e depois com as
7 concubinas... naquele tempo era permitido... ele teve onze filhos ali o Benjamim foi fora...
8 depois... ele esperou um tempo... e a mão de Deus esteve sobre ele...o Labão mudou o
9 salário do Jacó dez vezes... Jacó foi anotando... e *o homem foi paciente*...**paciência é um**
10 *dos atributos que a pessoa que é de Deus tem de ter*... nós não podemos **explodir**... virar a
11 mesa...jogar a toalha e dizer – “não vou”- não... Deus falou... Deus tinha um plano... **na**
12 **escola do Espírito Santo**... na qual todos nós devemos nos matricular... que ele é o mestre
13 que nos ensina todas as coisas... às vezes acontece para nós **coisas que no momento nós**
14 **não entendemos o porque**... *mas são lições para que nós demos exemplos*... e num futuro
15 próximo que nós consigamos **a benção maior**... *aquela benção que Deus tinha para nós*...o
16 Jacó foi **firme**... *obedecendo o que ele ouviu lá do seu pai*... que ele sabia *que era de*
17 *Deus*... *que era a confirmação que Deus falou no coração dele*... e não importou de ter de
18 **pagar o preço**... *ficou vinte anos no tatal*... *servindo ao Labão*... *mas saiu dali rico*... *cheio*
19 *de bens*... e **mais do que isso**... *saiu dali de tal maneira vitorioso*... que fez-se uma festa do
20 poder de Deus por causa *da vitória* ((linha 6-7)) que ele conseguiu...está você **passando**
21 **por uma crise... financeira... no casamento... de saúde**... meu irmão... *não olhe pro*
22 *Soares*... *não olhe pro Pedro*... *não olhe pra ninguém*... olhe pra **palavra**... é ali que você
23 enxerga Deus... que você tem o retrato de Deus ((linha 8))... **cumpra aquilo que você**
24 **sente no seu coração**... *não seja um preguiçoso*... *uma pessoa mole*... *faça aquilo que vem*
25 *na sua frente*... a pedra é grande ((linha 9))... tem que ter vários pastores para remover –
26 “eu vou removê-la... porque eu sou uma pessoa de Deus... um homem de Deus... uma
27 mulher de Deus” e **a pessoa que é de Deus**... *essa pessoa tem o poder de Deus na vida*
28 *dela*... jamais surgirá *um problema* ((linha 13)) na sua vida... que Deus não tenha sabido e
29 não tenha dados as condições pra você vencer... nunca... em hipótese alguma... tome a
30 decisão que os ímpios tomam... **tome a decisão que a palavra de Deus diz**... e você vai

1 *agradar Deus... faça tudo para não desagradar ao Senhor... e o seu eu sempre quer fazer*
2 *diferente do que Deus diz... faça o que Deus diz... e você *será bem-sucedido*... em nome de*
3 *Jesus...*

4
5 ((**Novela da vida real:** Neste culto é apresentada a história de uma Senhora que
6 buscou por muito tempo conseguir vender seu apartamento na periferia da cidade de São
7 Paulo, para morar no centro e ficar mais próxima à Igreja da Graça, onde era obreira. Ao
8 vender o apartamento, “benção” atribuída a Deus – “ Deus colocou essa pessoa em minha
9 vida”), ainda faltavam 3.000 R\$, captados por empréstimo parcelados em dez vezes. Sendo
10 sua aposentadoria no valor de 250 R\$, orou para que Deus lhe desse um emprego. Após
11 conseguir, atingiu não só o término do pagamento como adquiriu a mobília – “tudo foi a
12 mãozinha de Deus”, alega. Em seguida é entrevistada pelo Missionário, que começa
13 perguntando “quer dizer que havia uma pedra grande que ninguém removia... e a senhora
14 foi lá e conseguiu?”))

15
16 ... se você é uma pessoa que Deus tem chamado para **ser um patrocinador**... por
17 que ele fala ao seu coração? Porque ele num gosta de você? Porque ele quer tomar de você
18 alguma coisa...nem pensa nunca nisso... isso é o capeta que fala com você... Deus... se dá
19 para nós uma missão... como deu a Jacó... foi para melhorar a Jacó... poderia ter sido um
20 cidadão simples... ter vivido e morrido... e nem soubéssemos dele... como milhões de
21 pessoas que passam pelo mundo e não sabemos... mas **foi um grande patriarca** porque
22 *ouviu a Deus*... aprenda a **ouvir a Deus**... ele tem um plano para cada um de nós... e se nós
23 não atendemos o plano dele é gorado... e ele num pode cumprir... se ele não chama você
24 para **ser patrocinador**... nem eu quero que você seja patrocinador... mas se ele chama...
25 não deixa pra depois... hoje... *assuma* ... e seja essa benção...tem uns que Deus diz “você
26 vai dar cinquenta... outros diz cem...você dar trinta... vai dar setenta...isso é com você... e se
27 você é um chamado... hoje é seu dia...aqui de pegar a inscrição... em casa de você telefonar
28 e fazer sua inscrição hoje...((em seguida explica quais são os procedimentos... vale
29 destacar... para os objetivos da pesquisa... que ele propõe que se dedique o patrocínio a
30 algum parente ou à empresa)).

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Oração ((esta sem resumo do sermão, como visto em outros dados))

...pai... eu oro pra pessoa que está em casa... e precisa de **um toque especial... toca**
nessa pessoa... cura... liberta... pai... em nome de Jesus... põe a tua mão sobre ela agora...
para tua glória... **eu vou abençoá-la...** como ministro de Deus... **eu amarro toda a ação do**
inimigo... para toda a tua vida... e eu expulso... eu digo fora... em nome de Jesus cristo... e
você diz... graças a Deus.

Fim do culto

1 **Sermão**

2 E vamos aplaudir o nosso Senhor e salvador Jesus. Estamos na presença do nosso
3 Deus... vamos abrir bem o nosso coração... porque certamente se Deus nos trouxe a esse
4 lugar... é porque ele marcou um encontro conosco aqui... e nós vamos encontrar o nosso
5 Deus...e alguém pode perguntar onde e como. Através da pregação nós encontramos Deus...
6 através da ação na palavra dele nós vemos o nosso Deus nos abençoar. Tivemos vários
7 programas gostosos aqui essa semana... e um deles... eu até comentei no último culto... é
8 aquele do salmo 27... Vers. 4... em que o rei Davi disse “uma coisa pedi ao Senhor... e a
9 buscarei: **que eu possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida**”. Meu
10 amigo... *este é o segredo de você se manter limpo*... porque... olha... o que tem de espírito
11 maligno..e são os espíritos malignos que estão atrás de nós...pra tentar as pessoas não é
12 brincadeira... **tentar a pessoa com sujeira moral... sujeira sexual... com *todo o tipo de***
13 ***armadilha infernal*** e... infelizmente... tem muitos bobinhos que estão deixando se levar por
14 *essas tentações*... mas o Davi disse “não... eu pedi ao Senhor e eu vou buscar... eu vou me
15 esforçar” porque Davi? “Pra morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida”. **Há**
16 **peças que estão morando na casa da prostituição**... vivem em casa com a família...
17 mas a mente não está em casa... *a mente tá lá no bordel... a mente tá em coisa errada... tem*
18 **peças que vivem no adultério... até com entes queridos... *isso é uma sujeira das***
19 ***grossas... isso não pode acontecer***...tem pessoas que vivem no crime... qualquer dia desses
20 o demônio vai **completar a tentação e eles vão lá pro xilindró**...Por que tá acontecendo
21 isso? Porque não estão respeitando a palavra de Deus. O Davi disse “ eu pedi uma coisa a
22 Deus” Poxa... tem tanta coisa pra pedir...você vê as pessoas pedindo... lê **pedidos de**
23 **oração**...*eu quero riqueza... eu quero pagar as contas... é...a cura disso... eu quero isso*
24 *aqui*..e o Davi disse “eu pedi uma coisa ao Senhor” esse foi **o pedido que ele fez de todo o**
25 **coração**... *que ele pudesse morar todos os dias da sua vida na casa de Deus*...quer ser uma
26 pessoa que passe pela vida sem ter aquela repressão?...se um tempo você **caiu no**
27 **adultério**... um tempo você *foi desonesto*... um tempo você fez isso...pois é... né?...eu já
28 agora estou envelhecendo... eu lamento... eu estou chateado pelo que fiz em tal época...quer
29 passar pela vida livre disso? **More na casa de Deus**... *pega a Bíblia sagrada todo dia...*
30 *leia... extraia alguma coisa para o seu coração... creia naquilo...e quando aquele*

1 passarinho vier fazer ninho na sua cabeça... trazer aquelas tentações... você diga “fora...
2 em nome do Senhor Jesus... aqui não tem”... e o Davi explicou “pra que você quer **morar**
3 **na casa de Deus**? Para que eu *possa contemplar a formosura de Deus*”...muita gente **não**
4 **vê Deus curando... não vê Deus libertando...só se desespera**...por que que acontece
5 comigo? Porque você não mora na casa de Deus... e por **não morar** *você não pode*
6 *contemplar o Senhor* como *aquele formoso... aquele que cura... aquele que liberta...*
7 *aquele que prospera... aquele que nos livra de acidentes... nos livra das balas perdidas...*
8 *nos livra daquele que gosta de colocar a mão no bolso pra tirar o que é nosso... nos livra*
9 *daqueles traidores... nos livra de todos os males...*como é que acontece isso? Quando nós
10 **morarmos na casa de Deus**... *contemplaremos a formosura do nosso Senhor*... e... disse
11 Davi... “aprender no seu templo”...**nós aprenderemos no templo de Deus**... *na casa de*
12 *Deus vamos nos tornar sábios e vamos ser abençoados em nome de Jesus*...e você que
13 acredita nisso – olha... Deus... eu quero *essa benção*... em nome de Jesus – **é oração**...
14 pessoal...uma coisa é pedir ao Senhor (...) agora... tem que **buscar**... tem que *se*
15 *esforçar*...de vez em quando vem aquele passarinho maligno – você tá amarrado em nome
16 de Jesus... aqui não... eu sou essa pessoa que Deus destinou e a minha trajetória na vida será
17 **uma trajetória de lutas**... será **uma trajetória de benção**... eu vou *passar os dias aqui...*
18 *fazendo a vontade de Deus*... e lá na glória nós seremos recebidos para sempre na presença
19 do Senhor – e é bom ser de Deus...eu tava ainda a pouco pensando em uma pessoa que eu
20 conheci lá na Índia... é uma brasileira... ela casou com um pastor indiano... deixou tudo
21 aqui... fez sete anos que ela não volta aqui... e ela tem lá um orfanato... e cuidando das
22 crianças... mas com uma alegria tremenda... tudo pra ela tá bom... eu disse assim “Deus...
23 que beleza... ela podia tá aqui... talvez a família tenha condições... desfrutando...está lá
24 lutando pra fazer a obra de Deus...mas na glória qual será a recompensa dela? Será muito
25 grande a recompensa daquela mulher”...na minha reunião que eu fiz em Delhi... lá na
26 capital... ela levou as criancinhas do orfanato... e eles cantaram a música evangélica
27 naquele estilo Michael Jackson... faz assim com a mão ((O missionário busca imitar com
28 as mãos uma coreografia))... faz com o pé...mas que coisa linda... o indianos ficaram de pé
29 aplaudindo...quer dizer... vale a pena fazer a obra de Deus... é uma maneira...pregou
30 indiretamente...se Deus lhe deu uma missão... e Deus dá... cumpra essa missão que você vai

1 ser muito feliz...por que que ela vai pra um país de roupas estranhas... costumes estranhos...
2 cuidar de crianças órfãs que foram abandonadas pelos pais ou que perderam os pais? Ela
3 tinha muito o que fazer sim... porque ela tinha a chamada de Deus sobre a vida dela... faça o
4 que Deus está chamando...vamos abrir aqui no salmo 20... eu quero estudar com vocês
5 esses dois versículos importantíssimos que o nosso Deus está nos dando hoje... e é quando
6 nós **entramos em contato com a palavra de Deus** que *nós somos abençoados*...quem está
7 me assistindo em qualquer lugar... em casa... no trabalho... talvez numa rodoviária... no
8 aeroporto... numa loja aí... fica também ligado na palavra de Deus... agora peça a Deus e
9 busque “eu quero morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida”...aqui o rei
10 Davi...esse salmo fala muito sobre o nome de Deus...depois você pode ler ele todinho e ver
11 o que que o Davi entendia... aí ele diz no versículo 17 o seguinte: “Uns confiam em
12 carros... e outros... em cavalos... mas nós faremos menção do nome do Senhor... nosso
13 Deus”. A situação do mundo mudou muito... na época de Davi... quem tivesse **cavalo na**
14 **guerra** tinha uma *vantagem muito importante*... porque o homem andava a pé... poucas
15 pessoas guiam... temos até um juiz de Israel que foi à pé enfrentar os inimigos e Deus deu a
16 vitória a ele... ele e os soldados dele à pé... contra os inimigos com carro...carros
17 rudimentares... talvez carroças... charretes como nós conhecemos hoje... mas num tinha
18 pneu naquela época... a coisa era de madeira... as rodas... pneu é coisa mais recente... e
19 motor então... não existia... não tinha a menor condição... mas **quem tinha cavalos e quem**
20 **tinha carros**... *eram pessoas possivelmente vitoriosas*... porque *tinham o melhor*
21 *armamento da época*... hoje nós temos muito mais... o homem progrediu bastante...pessoas
22 que vão pra universidade... **se graduam... fazem uma pós-graduação... um doutorado...**
23 **uma livre-docência**... e passam a ser pessoas muito inteligentes... tem pessoas que têm
24 outras *coisas que ajudam a eles*... e estão colocando a confiança deles *nessas*
25 *coisas*..devemos usá-las..os cavalos do passado e os cavalos modernos... os carros do
26 passado e os carros modernos... mas a confiança nossa deve ser na **menção que nós**
27 **faremos do nome do Senhor**... *que é verdadeiramente crer em Deus*... “uns confiam”... o
28 Davi disse aqui... “em carros” fabricavam esses carros...é tudo que mente humana poderia
29 fazer... e eram tremendos... terríveis pra aquela época... uns então fabricavam esses carros...
30 e outros confiavam nos **cavalos**... *nas habilidades que Deus havia deixado aqui na terra*

1 *pro homem normal usar... mas tem **outra habilidade**... muito maior... que as pessoas não*
2 *estão entendendo... é fazer menção do nome do nosso Deus... olha... há uma **grande***
3 ***benção** nisso aí... quando você **pensa no nome de Deus**... você *faz menção*... você *coloca o**
4 *seu entendimento no nome do Senhor... você entende que... você nesse nome... vence. E as*
5 *forças do mal... por mais poderosas que sejam... por mais forte que elas estejam atacando*
6 *você... elas caem por terra quando você fala **no nome do nosso Deus**... *que é nome do**
7 *Senhor e salvador Jesus Cristo. Nessa história você põe por terra (Metáfora ou EF*
8 *metafórico análogo ao “cair por terra?”) todo o poder do mal... nós que trabalhamos no*
9 *ministério de libertação... pondo pessoas oprimidas... já vimos muitos casos sérios de*
10 *pessoas oprimidas... quando eu era rapaz... e ainda num era pastor... eu vi um caso na igreja*
11 *que eu pertencia que me impressionou muito... pela manifestação do demônio... e pelo*
12 *poder do nome do Senhor... uma moça... tinha ela lá seus dezessete anos... bonita... mas*
13 *nunca vi uma pessoa tão **endemoniada** quanto aquela... ela estava deitada no sofá... uns*
14 *homens seguravam no braço... outros no joelho... e outros que seguravam por aqui (aponta*
15 *para a própria cintura)... e ela quando o demônio fazia força levantava todos eles dali... e os*
16 *olhos dela pareciam que num tinham a bola preta ou azul... pela cor dela parecia que era*
17 *preta... era uma morena clara... ou castanho... e não tinha o branco... era tocha de fogo assim*
18 *(arregala os olhos)... nunca tinha visto um negócio desse... lembrava desenho animado... os*
19 *desenhos que as pessoas fazem de *pessoa perturbada*... parece que esses desenhistas viram*
20 *uma *pessoa manifestada*... e ela então levantava e dizia pro pastor assim “você não pode me*
21 *enfrentar” ((arregala novamente os olhos... personificando))... eu fiquei bem pertinho... falei*
22 *“quero ver essa libertação”... aí o pastor dizia... “então enfrente o nome de Jesus se você for*
23 *capaz... ((o missionário faz um barulho de queda/destruição com a boca))... aí caia... e*
24 *quando recobrava a força... levantava “mas você num pode me enfrentar” e o pastor dizia*
25 *“então enfrente o nome de Jesus se você é capaz”... e o bicho caia por terra... até que ela*
26 *foi completamente *libertada*... aquilo me impressionou... por duas coisas... a manifestação...*
27 *que era uma coisa que qualquer pessoa via que era sobrenatural... chegava até mudar a cor*
28 *dos olhos... nunca vi outro caso igual esse... mesmo tendo já participado de milhares de*
29 *libertações... e pelo poder que tinha o nome de Jesus... eu vibrava quando pastor*
30 *falava... mas foi umas dez vezes assim... aí o pastor no final disse “em nome do Senhor*

1 Jesus eu mando que tudo vá embora” e a moça ficou completamente libertada...hoje... meu
2 irmão... **qualquer situação... por mais séria que seja...** se você fizer menção do nome do
3 nosso Deus... que é nome do nosso Senhor e salvador **Jesus Cristo...** *que morreu na cruz*
4 *do calvário...* e que disse “em meu nome vocês expulsarão demônios”...ele nos deu o nome
5 dele para entrarmos na presença de Deus... e para **amarrarmos o mal...** *expulsarmos...* se
6 você fizer isso... *aquela situação* vai se reverter... na hora em que **você estiver em oração...**
7 *você sentir “é agora”* pode dirigir-se ao mal... por **mais sério...** por *mais violento...* por
8 *mais forte que o mal pareça ser...* e pode *repreender* ... em o nome do Senhor Jesus de
9 Nazaré... com **aquela certeza...** com *aquela confiança...* e fez isso... olha... considere a obra
10 feita... não fica olhando se foi não... saia glorificando a Deus... porque o diabo ainda pode
11 já estar a quilômetros de distância... mas tá mandando aquela mensagem através da pessoa
12 – eu estou aqui... eu não saí... você não vai me derrotar... – eu derrotei a você porque eu fiz
13 menção do nome do Senhor Jesus... – **não confie em carros... use os carros... não confie**
14 **em cavalos... use os cavalos...** quer dizer *as coisas normais que Deus colocou em nossa*
15 *vida...*mas que que você tem que fazer? Faça menção do nome do Senhor... o nosso **Deus...**
16 porque ele é *aquele que luta por nós...* quando você põe o nome de Jesus agindo em seu
17 favor... o inimigo **não pode operar mais na sua vida...** ele tem que *cair...* – uns encurvam-
18 se e caem... mas nós nos levantamos... e estamos de pé – você tá caído... então levante-se
19 hoje em nome de Jesus – eu vou sair daqui hoje levantado... – você tá em casa aí...
20 **prostrado...** *a notícia não foi boa... você concluiu que não tem mais jeito...* lembre-se: uns
21 encurvam-se e caem... mas nós **nos levantamos...** nos colocamos de pé... nós nos
22 colocamos na posição que Deus determinou para nós...e qual é **a posição que**
23 **determinou?..**Em todas essas coisas somos mais do que *vencedores em nome de Jesus* –
24 mas como? – fazendo menção do nome do Senhor... não é **citando por acaso...** não é
25 *citando de uma maneira fraca* não... mas citando fortemente – eu vou **conseguir...** essa
26 *vitória é minha...* em nome de Jesus **está decretado...** eu vou **conseguir** essa vitória... *eu*
27 *determino* agora em nome de Cristo... e... pai... muito obrigado... em nome de Jesus – Na
28 hora que você se levantar... uns estão se encurvando... estão *caindo...* eles estão
29 *prostrados...* mas na hora que você se levantar e *repreender esse mal...* *esse mal vai*

1 perder a batalha... e a vitória será sua...amém Jesus? (Platéia: amém)... digam graças a
2 Deus ((platéia: graças a Deus))...vamos aplaudir o nome do Senhor...

3

4 ((Na sequência agradece aos patrocinadores (dizimistas) que atenderam ao pedido
5 realizado nos programas anterior; dado o excesso de feriados no mês de novembro, houve
6 poucos patrocínios, e o missionário pede então que esses “atendam ao chamado de Deus”.
7 Também aqui o missionário informa sobre seu novo sistema de televisão via satélite, que
8 possui diversos canais vinculados à IIGD e outras igrejas.))

9 ((Momento “Abrindo o coração”; muito semelhante à “Novela da vida real”:
10 apresentação da leitura de uma suposta carta, na qual uma fiel conta seus problemas. Este
11 programa aborda a depressão e a síndrome do pânico, e a ajuda que a Igreja pode
12 proporcionar. Não há, no entanto, entrevistas ou a identificação do autor da carta.
13 ((Consideramos relevante transcrever e analisar o trecho que corresponde à interpretação
14 desta carta, pois nele pode-se ser observada uma dica para qual seja o “caminho para a casa
15 do Senhor”, tema fundamental ao programa.))

16

17 ((A última frase da carta é: “preciso de ajuda”))...Ajuda eu preguei aqui essa semana
18 e comentei aqui hoje no programa...é... uma coisa é pedir ao Senhor e a buscar... para que
19 eu possa **morar durante três meses na sua casa**... você *passou três meses na casa de*
20 *Deus...* – ô beleza... tô curado... – mas porque **num continuou?** *É escravidão?* não... *é*
21 *liberdade* – por que que eu vou ficar agora voltando ao velho rudimento?... – se Jesus é
22 bom... eu vou **falar com Jesus** de manhã... na hora do almoço... falar à tarde... à noite... de
23 madrugada... falar a qualquer hora... se *a palavra de Deus opera*... onde quer que eu for eu
24 vou *estar com a palavra de Deus*...decida minha irmã... venha pra casa de Deus... tome uma
25 posição...é como aquela pessoa que diz “missionário... eu estou tão bem na Igreja da
26 Graça... mas eu sou de tal religião”...então fica na religião lá... esqueça Jesus...meu irmão...
27 nós não podemos nos vender pra nada... a religião toda ela o homem inventou... e não vale
28 absolutamente nada... **a única coisa que vale** é o seu *contato com a palavra de Deus*... você
29 não tem que achar que a Igreja da Graça é boa... que aqui todo o mundo é curado...a palavra

1 de Deus é boa... fazer menção do nome do Senhor é maravilhoso... e **confiar em Deus** é o
2 *segredo dos segredos*... quem fizer isso... vencerá... em nome de Jesus.

3

4 **Abertura da oração** (síntese do sermão):

5

6 O que que você aprendeu hoje? Fazer menção do nome do Senhor. “uns encurvam-
7 se... e caem... mas nós **nos levantamos...** e *estamos de pé*” então Deus tá dizendo “quero
8 você levantado agora” talvez você **achou que aquele mal num tinha mais jeito... aquela**
9 **tentação já tinha lhe vencido...isso é mentira do inimigo...** levante-se e coloque-se de pé
10 em nome de Jesus.

11

12 **Oração**

13

14 Pai... nós entramos em tua presença agora... com alegria... na certeza de que os céus
15 e Terra passarão... mas as tuas palavras... que jamais haverão de passar...e eu te peço agora
16 em favor de todas as pessoas que **receberam a tua palavra hoje**... e que *aprenderam que*
17 *têm de fazer menção em o nome do Senhor*...ó meu Deus... **fazer menção deste nome é**
18 *fazer o inimigo cair por terra*... porque eles vão **se curvar** e vão *cair*... mas **aquele que**
19 **confia no Senhor**... ainda que esteja caído... *haverá de se levantar e de se colocar de pé*... e
20 é isso que esse povo está fazendo... e eu oro agora por essas pessoas... eu digo “diabo... em
21 nome de Jesus... e faço menção deste nome... e neste nome eu amarro toda a sua ação...
22 você que *colocou esse mal terrível na garganta* dessa pessoa... o doutor está desesperado e
23 quer extrair este órgão... pois eu ordeno agora... saia... em nome de Jesus... vá embora... e
24 não volte mais... está destruído todo o mal... em nome de Jesus Cristo”

25

26 FIM DO CULTO

27

28

29

30

1 **Sermão**

2 vamos aplaudir Jesus de Nazaré... nosso amigo... esses dias nós estamos
3 estudando... Mateus... cap. 13... estamos na parábola do semeador... já vimos outra parábola
4 que foi muito importante para nós... a parábola do joio e do trigo... essa do semeador
5 provavelmente a gente vai terminar neste culto... mas tem muito material... num sei se vai
6 dar... porque nós estamos entendendo aquilo que devemos entender.. de nada adianta... você
7 ganhar uma fazenda do governo e ganhar os equipamentos se você não entende nada de
8 plantar e de colher... qualquer você vai fazer lá? Vai plantar na hora errada... num vai
9 colher nada... e na hora de colher você vai tirar férias... você vai chegar... a produção melou
10 toda aí brotou tudo e você num colheu nada... então tem que aprender... a mesma coisa a
11 **palavra de Deus**... ela é como se fosse uma *fazenda riquíssima* para nós... agora temos que
12 entender o que é nosso... **fora da palavra não há salvação**... fora da palavra *não tem ajuda*
13 *de Deus*... fora da palavra *só tem sofrimento*... na palavra de Deus você se realiza – “mas
14 missionário... eu tenho que entender toda a bíblia sagrada?” – você tem que **entender**
15 **aquilo que da palavra Ele fala ao seu coração**... é **ali que ele vai cobrar você**... é *ali que*
16 *você se realiza*... é *isso que falta pra gente*... o que fala ao nosso coração tem que ser
17 entendido... aqui no capítulo 13 tá dizendo... que o semeador saiu a semear... lançou a
18 semente... e ele então comparou... para nós entendermos... quatro tipos de atitudes que as
19 pessoas tomam... e que faz delas pessoas diferentes... três delas a palavra praticamente não
20 adiantou nada... a primeira ele disse que uma parte caiu como se fosse na beirada do
21 caminho... em que as aves do céu vêm e comem... então ele disse que são pessoas que vem
22 na igreja e recebem a palavra de Deus... isso tá aqui no versículo primeiro... é... versículo
23 quatro... enquanto semeavam... uma parte da semente caiu ao pé do caminho... e vieram
24 aves do céu e comeram... no versículo dezenove ele explica: “ouvindo alguém falar a
25 palavra do rei e não a entendendo... vem o maligno e arrebatou o que foi semeado no seu
26 coração” este é **o que foi semeado ao pé do caminho**... então... preste atenção nesta
27 palavra... *a pessoa ouviu a palavra e não entendeu* () aqui tá **o segredo da sua vida**... *o*
28 *entendimento*... ela ouviu a palavra... os quatro receberam a mesma palavra... **ela entrou**
29 **nos corações**... Deus *deu a revelação*... então a culpa não é de Deus... ele transmitiu o que a
30 pessoa precisava saber... mas só que nós nunca fomos ensinados nisso... eu peço até perdão

1 pra você por não ter falado tão claro... recebeu a palavra... você precisa **entender essa**
2 **palavra... aqui tá o segredo...** tendo ouvido e não entendido... você **não entendeu a**
3 **palavra...** que é a mesma coisa que *a semente à beira do caminho...* o que que vai
4 acontecer ali? **Aves do céu vão comer... pessoas vão pisar... e não vai produzir...** e Jesus
5 diz: *“vem logo o maligno e arrebatá...”* –“mas missionário... se eu não tenho o
6 entendimento”- não tem porque você não quer... porque se você ouvir uma palavra... e
7 ouviu... por isso que **você tá aqui...** que *abriu os olhos...* compete à você agora orar... -
8 “pai... me dá o entendimento” () coloca no coração... e **aquilo que você entende... é o que**
9 **Deus quer que você tenha...** aquilo ali **é a luz para o seu caminho...** **é a lâmpada para os**
10 **seus pés...** **é a força para a sua vida...** você não tem querer saber o que eu entendo... o que
11 eu entendo é para mim... o que a minha mulher entende é para ela... o que o seu marido ou
12 sua esposa entende é para ele... você tem o entendimento... então Jesus tá dizendo... **o**
13 **segredo** aqui é *o entendimento...* veja o dezenove “ouvindo alguém a palavra do reino em
14 não a entendendo... vem o maligno e arrebatá” ... em não entendendo... ouvindo... ouviu...
15 ele **descobriu...** *recebeu a revelação...* mas não compreendeu como fazer... aí Jesus falou
16 da segunda semente... no versículo cinco agora: “ e outra parte caiu em pedregais... onde
17 não havia terra o bastante e logo nasceu porque não tinha terra funda”... vai pro versículo
18 21 agora: “porém o que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra e logo a recebe
19 com alegria... mas não tem terra em si mesmo... antes... é de pouca duração... e chegada a
20 angústia... a perseguição sobre a palavra... logo se ofende”... normalmente... a semente leva
21 uns dias pra brotar... pra sair... ela germina... fica toda inchadinha... estoura a casca dela...
22 vai saído ali o broto... e se tem terra... então ele vai forçando... forçando e aparece... quando
23 tem pouca terra... você pode fazer isso em casa... você pega um pirezinho... coloca algodão
24 com água... põe ali um caroçinho de feijão e ele vai brotar... mas se ele estivesse na terra...
25 pra ele aparecer... ele vai levar mais tempo... porque tem que romper a terra... então Jesus
26 disse que tem pessoas que são tão agraciadas... que de uma hora pra outra entendem...
27 ficam tão felizes... nós... quando acontece com a gente isso... pode acontecer comigo hoje...
28 pode ser com você... então brotou... mas eu não tenho terra suficiente pra aquela semente...
29 ela **brotou rápido** porque? Porque num tinha terra... e tá entre pedregais... - “agora... que
30 eu devo fazer bispo? Já que *foi de uma hora pra outra...* **meus olhos se abriram...** eu

1 *entendi... o que é que eu tenho que fazer?” - Chegar terra pra ela... ou remover a pedra...*
2 *ou então arranjar uma cobertura... como você vê assim onde tem horta... põe aquele*
3 *sombrete ali... pra poder diminuir a incidência do sol pra não queimar... ela vai crescer e vai*
4 *produzir... recado pra nós... nós estamos aqui... Deus nos deu uma revelação tão rápida...*
5 *vão acontecer duas coisas pelo menos por causa dessa palavra... o que que vai acontecer?*
6 *Eu já falei aqui... versículo 21... “**mas não tem raiz em si mesmo... antes... é de pouca***
7 ***duração... e chegada a angústia e a perseguição por causa da palavra logo se ofende”***
8 *essa revelação que Deus dá... que é verdadeira... que é bonita... que é o melhor de Deus para*
9 *nós... que vai nos fazer ser curados... prosperar... resolver o problema conjugal... que nos*
10 *fez ter muita alegria... essa revelação... ela vai nos trazer também angústia e perseguição...*
11 *angústia e aperto... o inimigo vai apertar... porque ele sabe que foi muito rapidinho essa*
12 *brotação da revelação da palavra no nosso coração... então nós não tivemos muita*
13 *terra... não tivemos assim *uma preparação maior... muita oração...* é a terra boa ela é bem*
14 *preparada... então **não foi bem preparada...** bateu ali... já brotou... então compete a nós*
15 *agora cuidar com carinho dessa revelação... porque senão quando vier o **aperto...** a*
16 *perseguição por causa da palavra... **a ofensa...** *uma traição... uma chateação...* nós não*
17 *vamos nos queimar... vem... então Jesus tá dizendo: “foi rápida a coisa em vocês? Foi... foi*
18 *num abrir de olhos... abri a bíblia sagrada e ui! Descobri o que eu pedia”... abra os olhos...*
19 *Deus agora me ajuda... a **me firmar...** colocar mais terra... *mais revelação...* orar mais um*
20 *pouco... e ficar vigiando... porque o maligno pode vir... e certamente virá... chegando a*
21 *angústia e a perseguição... logo se ofendeu... não vou me ofender... eu disse até que o*
22 *cidadão que sai daqui todo feliz... pega o carro... primeira rua que entra aqui... alguém dá*
23 *uma fechada - “ô seu infeliz!” – já perdeu a paz ((risos)) quando não vai... dá outra fechada*
24 *em cima ((missionário emite um som semelhante ao de buzina))... não... Deus te abençoe*
25 *em nome de Jesus... aí chega em casa... o marido ou a esposa que não quis ir à igreja...*
26 *ficou assistindo um programa lá que não tinha coisa boa... **ofende a pessoa** – “que que é*
27 *que eu tou indo na igreja... você não presta!” – perdeu tudo... tem que segurar a bênção... a*
28 *plantinha nova... tá entendendo? É angústia... é aperto e é perseguição por causa da palavra*
29 *–“ mas missionário... você acredita... minha mulher por nada se levantou contra mim... meu*
30 *marido se levantou... meu empregador... meu empregado...” – é ele que tá ali atrás ali... não*

1 se ofenda... não deixe a coisa acontecer... aí tem a terceira semente... “ e outra parte”
2 versículo 7 “caiu entre espinhos... e os espinhos cresceram e sufocaram-na” que espinhos
3 são esses que eu tenho no meu coração? Vamos agora pro versículo de número 22 “ e o que
4 foi semeado entre espinhos... é o que ouve à palavra... mas os cuidados do mundo... e a
5 sedução das riquezas” e Marcos falou... e Lucas falou... algum deles falou assim: “ e a
6 ambição de outras coisas” “sufocam a palavra e fica infrutífera” se você é uma pessoa que
7 **tá cuidando muito da sua vida** –“não... *eu me preocupo missionário...*” – Deus não é
8 contra preocupar... mas tá dizendo: “mas os cuidados da vida... e **a sedução das riquezas**”
9 **tudo pra você tem que ter lucro... você só vive procurando lucro...** porque... quer porque
10 *quer prosperar...* como se prosperar fizesse de você uma pessoa melhor... a bíblia adverte:
11 “quando aumentam as riquezas... aumentam os cuidados” então... Deus é contra você
12 enriquecer? Não... Deus pode chamar você pra Senhor uma pessoa rica... mas ele fará
13 você... mas **se você é uma pessoa é... tocada por essas coisas... pelos cuidados da vida e**
14 **pela sedução das riquezas...** abre os olhos... isso são espinhos no seu coração... na sua
15 terra... que vão sufocar a palavra... ela não vai produzir... e ela foi dada... segunda Isaías
16 55... 11... “assim será a palavra que sai de minha boca... e ela não voltará para mim vazia...
17 antes fará aquilo a que eu as destinei” ... ela veio com todo o poder de Deus... pra
18 transformar você... seu cônjuge... seus filhos... seus netos... toda a família... aquela nora que
19 não gosta de você... aquele sogro que não gosta de você... é pra transformar ... mas se você
20 tiver ambição de outras coisas... cuidados da vida... sedução pelas riquezas – “ô...
21 **missionário... eu faria qualquer coisa pra ficar rico... meu carro deveria ser o melhor**
22 **carro... minha casa deveria ser a melhor casa... e num sei lá mais o que**” cuidado... isso
23 é espinho que vai sufocar a palavra... ela não vai produzir... isso já vimos... agora versículo
24 seguinte... a quarta e a última... e você vai prestar bem atenção... tudo está no entendimento
25 como eu já disse... versículo 8 “ e outra caiu em boa terra... e deu fruto... um a cem... outro
26 a sessenta... e outro a trinta” mas porque que colheu assim? Vamos por versículo de número
27 23: “ mas o que foi semeado em boa terra... é o que ouve e compreende a palavra... e dá
28 fruto” um produz cem... outro sessenta... outro trinta... ouve e compreende... você pegou
29 agora? **O primeiro... no meio do caminho ... ele não entendeu nada... veio e ouviu... e só**
30 *isso* que que ele ficou orando cegamente... o outro **entendeu...** ele aprendeu como é que

1 planta... a época certa... colhe na época certa... ele aprendeu como se faz a obra... então não
2 é mais no meio do caminho... esse é boa terra... ele ouviu e compreendeu... vamos para
3 Daniel... cap. 10 versículo 12... meu irmão é tão lindo ver a palavra... ouvir a palavra... ah...
4 se todo mundo parasse de bobagem... que ficasse... dedicasse todo dia um tempo pra ouvir a
5 palavra... a diferença está aqui... Daniel 10... 12... o Daniel estava já jejuado por 21 dias...
6 pra Deus lhe dar uma direção sobre o povo dele... o anjo veio... tocou nele... versículo 12
7 “então me disse: não temas... Daniel... porque... desde o primeiro dia em que aplicaste o teu
8 coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus... são ouvidas as suas palavras...
9 eu vim por causa das tuas palavras” olha que coisa importante pessoal... a palavra caiu na
10 beira da estrada... ele ouviu... mas não entendeu... a boa terra ele ouviu e compreendeu...
11 “Daniel... desde o primeiro dia em que você aplicou o seu coração a compreender e a
12 humilhar-te perante o teu Deus... as tuas palavras são ouvidas” tira o Daniel fora...
13 “Soares... põe o teu nome... Maria... Pedro.. desde o primeiro dia em que você **aplicou o**
14 **seu coração a compreender**” – “missionário... **num fiz isso ainda hoje**... até hoje”... *sua*
15 *palavras não estão sendo ouvidas*... “ e a humilhar-te perante o teu Deus” você não sabe...
16 **você não vai ensinar a Deus**...*você não vai traçar o caminho*... assim como você vai fazer
17 não... – “ o que é que o Senhor quer que eu faça? Me mostra... me dê o entendimento”
18 desde o primeiro dia... não é se você tá dando o carro pros pobres... pra igreja... não... não...
19 tá falando nada disso... tá falando que desde o primeiro dia que você aplicou o seu coração
20 a compreender a humilhar-te perante o teu Deus... são ouvidas as tuas palavras... e porque é
21 que o **anjo** veio? “eu vim Daniel... por causa das tua palavras” e porque é que *o socorro*
22 que você precisou naquela madrugada... você gritou Deus... e não veio... porque as suas
23 palavras não eram ouvidas... - “ué missionário” não... seu coração não tava aplicado a
24 compreender... e nem humilhar-te perante o seu Deus... é sério pessoal “ Daniel... desde o
25 primeiro dia... que vê decidiu... **aplicou**... - “não... **agora eu vou compreender o que Deus**
26 **tá falando... e you me humilhar diante da mão dele**”... *as suas palavras passaram a ser*
27 *ouvidas*... não é desde o primeiro dia em que você começou a jejuar... que você fez outra
28 coisa... não...não... o dia em você aplicou o coração... aplique o seu coração... **a grande**
29 **verdade é a seguinte**... **todos nós somos criaturas de Deus**... *ninguém é melhor do que o*
30 *outro por nenhum sentido*... seja estatura... cor... cultura... isso é tudo besteira.. se Deus já

1 se revelou a alguém... e já se revelou... e tem se revelado... - “porque que não vai se revelar
2 a mim? Se eu não sou inferior à ninguém? Se Paulo... o apóstolo... é igualzinho a qualquer
3 um de nós... o que o Senhor falou com Ele que não fala comigo? Porque que Deus olhou
4 pro Moisés e não fala com a gente hoje? Se Ele mesmo diz que pra Ele não acepção de
5 pessoas?” é porque você tem o nariz pequeno... grande arrebitado... achatado? Num falou
6 nada disso... é porque você nasceu no nordeste... nasceu no sul? Nasceu aqui... nasceu na
7 Europa? Falou nada disso... todos nós somos iguais... se ele revelou a alguém... eu vou
8 buscar e vou fazer o que ele fizeram... **que que fez Daniel?** – “ah Daniel era bonitinho...era
9 rico” não... não... Daniel *aplicou o coração à duas coisas... a compreender e a humilhar-se*
10 *perante o seu Deus...* no momento em que ele falou isso... desceu um anjo... e falou “as
11 suas palavras são ouvidas no céu”.. mesma coisa... então o segredo é... voltando aqui a
12 Jesus... porque que ela produziu... trinta... sessenta... e cem por um? Versículo 23 de
13 Mateus 13... mas **o que foi semeado em boa terra...** então *esse coração... que se aplica a*
14 *compreender... a humilhar-se perante o seu Deus... esse coração ele vai dar fruto...* vai
15 *dar dez mil por cento... vai dar seis mil por cento... vai dar três mil por cento...* que é
16 demais pessoal... qualquer pessoa que planta um colhe trinta... que maravilha! Que negócio
17 fenomenal é esse? Colheu sessenta? Puxa vida! Cem? Mas missionário... nunca ninguém
18 colheu cem!” –... leia a bíblia... gênesis... cap. 26 versículo 12.. que história é essa de que
19 nunca ninguém **plantou um e colheu cem?** tá escrito aqui... e se *aconteceu com Isaac...*
20 *porque que não acontece comigo? Isaac era o herdeiro da benção...* Abraão recebeu a
21 benção e passou pra Isaac... Jesus recebeu a benção e passou pra nós... a herança de Isaac é
22 a nossa herança... gênesis 26... 12... “ e semeou Isaac naquela mesma terra e **colheu...**
23 **naquele mesmo ano... cem medidas...** porque o Senhor o abençoava” *e isso foi tão...*
24 *irmão... uma coisa assim tão surpreendente...* que todo mundo ficou abismado... e Deus
25 mandou que colocasse na bíblia... ou a pessoa planta um e colhe cem.. que produção
26 fantástica! Aconteceu... acontece comigo... acontece com você... boa terra.. – qual é a **boa**
27 **terra?**” – *Aquela que se aplica a duas coisas... a humilhar-se perante Deus e a*
28 *compreender ...* Deus diz no livro de provérbios... “filho meu... se o teu coração for sábio...
29 alegrar-se-á ao meu” Deus quer **pessoas sábias!** Deus quer pessoas... irmão... que não
30 vivam fechadas.. – “não... se Deus quiser eu vou ter... sim eu vou ter o que Deus quer... mas

1 onde é que Deus diz a vontade dele? na palavra... então eu vou buscar aqui! E se eu
2 descobro aqui... eu vou ser uma benção...”- eu acho que é primeiro crônicas... cap. 5... se
3 não você me perdoe... muito tempo que eu não prego esse mensagem... já preguei e muita
4 gente vai se lembrar dela... ah... é quatro... errei por um só... veja o versículo 9 e 10...
5 primeiro crônicas... 4... 9... 10... “ e foi Jabes mais ilustre do que os seus irmãos... e sua mãe
6 chamou seu nome Jabes dizendo ‘ porquanto com dores o dei à luz’”... o **Jabes**... ele **tinha**
7 **tudo para ser uma pessoa sofrida** na vida... o nome **Jabes** significa **nascido com dores**...
8 *aquela pessoa que quase que não nasce*... troço tão sério que a mãe colocou um nome que
9 ninguém colocaria no seu filho... nascido com dor –“ qual é que é seu nome?” olha que na
10 língua deles falavam poucas palavras... uniu tudo deu Jabes... na nossa língua é “nascido
11 com dores” –“ ah muito prazer... meu nome é Paulo e o seu?” “nascido com dores”
12 ((risos))... é isso aqui... quer dizer... *tinha tudo pra num ter sucesso na vida* ((linha 11))...
13 mas ele **foi mais ilustre**... ele ficou parado... pensando... nas **promessas**... no *que Deus*
14 *revelou*... e ele *compreendeu*... e o que que ele fez? Versículo 10... “porque Jabes invocou o
15 Deus de Israel... dizendo ‘se me abençoares muitíssimo... e meus termos amplificares... e a
16 sua mão for comigo... e fizer que do mal não seja aflito” exclamação... reticências... foi
17 falando coisas parecidas... o autor achou que não precisava repetir... mas ele foi falando
18 coisas parecidas... e **Deus lhe concedeu o que tinha pedido**... Deus quer olhar para mim...
19 e *quer que eu seja ilustre*... quer olhar pra você e quer que você seja ilustre... primeiro que
20 Jabes **meditou**... *buscou*... **entendeu**... *compreendeu*... quem era o Deus de Israel... porque
21 que ele era chamado o Deus de Israel... **o que que ele tinha prometido**... *ele viu que ele*
22 *era herdeiro daquelas promessas* ((linha 25... pág. 8))... *o que Deus disse à Abraão e à sua*
23 *descendência... à Israel e à sua dependência*... e ele era um descendente –“ mas missionário
24 eu não sou judeu” você aceitou Jesus? –“Aceitei”- você é o verdadeiro judeu espiritual...
25 **judeu é o que é na carne não... é o que é no espírito**... Gálatas 3... 14 “ que **a benção de**
26 **Israel** venha até nós”... tou te falando o que a bíblia diz... então o Deus de Abraão
27 *prometeu à minha pessoa... prometeu à sua* –“ah não... eu nasci lá no interior do Piauí”
28 meu irmão... você pode ter nascido lá no Mianmar... na África... você tem tanto direito
29 quanto se tivesse nascido em Washington... em Brasília... em qualquer outro lugar... você
30 não tem diferença nenhuma... isso é besteira... pare com esse negócio de ter que achar que

1 que nasce em um lugar tem que ficar sofrendo a vida inteira porque lá não presta.. é
2 besteira... a terra é toda de Deus... não tem certos lugares especiais não... então ele **foi**
3 **entendendo**... e *foi mais ilustre*.. no dia quando ele entendeu mesmo... ele disse “Senhor...
4 vou te invocar agora... **Deus da aliança**... *Deus que prometeu à Abraão... à Isaac... à*
5 *Jacó... fez a promessa*” – “eu entendi... o que o Senhor quer... e eu vou lhe falar e fazer o
6 seguinte “se o Senhor me abençoar” a bíblia diz “abre bem... a tua boca que eu enchei...
7 muitíssimo”... não queria pouco não... tem pessoa que agora... sem compreender vai fazer
8 essa oração e não vai funcionar... você tem que começar a buscar a Deus... vá buscando...
9 na **hora que você entender**... *que a luz brilhar*... aí **naquele momento a porta abriu**... *é*
10 *como se Jesus dissesse “pegue”*... Jesus saiu... dois cegos foram atrás dele “santa vida...
11 tende misericórdia de nós”... Ele num falou nada... foi ensinando... ensinado... pra dizer que
12 não ouvia... e excitava mais e mais... quando Jesus chegou em casa... aí eles se
13 aproximaram de Jesus.. **deixe Ele chegar em casa**... **deixe Ele se revelar a você**... **deixa o**
14 **entendimento vir**... você *compreender realmente*... aí *você pode fazer a oração do ilustre*...
15 Deus chamou de ilustre “foi mais ilustre do que os seus irmãos”... ele fez muito mais... era
16 o nascido com dores... tinha tudo para ser o menor deles... “ se o Senhor me abençoar
17 muitíssimo... e **os meus termos amplificares**” *aumentares... a minha herança “e a sua mão*
18 *for comigo*” – “eu vou precisar do Senhor... porque o sol nasce pra todos... a chuva vem
19 sobre todos... em verão tem inverno... tem primavera... tem outono... tem o dia bom e dia
20 mal... tem o tentador aí... mas **quando eu precisar do Senhor o Senhor estará comigo... a**
21 **tua mão for comigo... e fizeres me proteger que do mal não seja aflito**” reticência... *ai*
22 *fez o pacto em particular com Deus*... porque não interessava mais à nós... e porque que não
23 interessava? Entenda uma coisa... quando **Deus vem sobre a sua vida**... e *você sente que*
24 *você está sendo visitado... está em oração... está em comunhão*... naquela hora... você fala
25 com Deus e a outra não interessa... aí **é a sua aliança com Deus**... naquele momento **você**
26 **promete**... *você faz um voto... você toma uma posição... você larga o pecado*... você faz
27 isso... *você assume a benção*... não interessa mais com quem... então quando você vê
28 alguém em oração... não fica atrás da porta ouvindo não... feche... tapa o ouvido... deixa ele
29 comunhar com Deus... então ele falou mais coisas... e o resultado foi... que tudo agradou a
30 Deus... e **lhe foi concedido o que tinha pedido**... *Deus abençoou ele muitíssimo... Deus*

1 *amplificou os termos dele... Deus não deixou que ele fosse afligido pelo mal... o*
2 *guardou... o protegeu... respondeu sobre aquilo que ele havia orado... e orou sobre aquilo*
3 *que Deus havia revelado para ele... quatro tipos de pessoas existem como a palavra está*
4 *semeada como agora... algumas não tem mais... mas os outros não se conta... foi naquelas*
5 *que ouvem a palavra... **ouviram a palavra... mas não entenderam...** tudo aquilo ali vai*
6 *embora... *é como a ave do céu comendo a semente...* outras **caem no meio de pedregais...***
7 ***se alegram...** -“*já sei que que eu vou fazer... agora eu vou me realizar*” – *é verdade... é de**
8 *Deus isso... mas só que não procuram colocar terra... porque ali tem pouca terra... **o sol vai***
9 ***sair...** *a provação vai vir...* e **elas vão se ofender...** *haverá angústia e perseguição por**
10 *causa daquela revelação... o inferno soube... “opa ... temos que atacar o Rubem lá... o*
11 *Rubem vai conseguir uma benção grande... vai ser um prejuízo para nós” mas se o Rubem*
12 ***for certo...** ou a Marta... ela *puxa a terra... tira as pedras* se for possível... e se não for*
13 *muito *ela coloca ali um sombrêzinho...* pra poder não incidir muito sol ali e não queimar a*
14 *plantinha... então a plantinha vai produzir... mas ela não faz isso... **se ofende... vem a***
15 ***perseguição...** a pessoa fala com ele... *toma lá... dá cá...* aquele negócio todo... não dá certo*
16 *desse jeito... terceiro tipo de pessoas “**não tiro do coração os cuidados deste mundo... e a***
17 ***fascinação das outras coisas... sedução das riquezas**” *ai elas vão ficar infrutíferas...* **a***
18 ***palavra vai ficar estrangulada...** *não vai conseguir falar...* vai ter um bloqueio... e **a***
19 ***palavra não vai conseguir operar...** mas se elas ouvem e compreendem... tudo está em*
20 *compreender... na hora que **elas ouvem e compreendem...** o que é que lhes acontece? Elas*
21 *simplesmente **são visitadas por Deus...** *elas conseguem produção de trinta por um...**
22 **sessenta por... cem por um...* porque **não há limites...** *Deus opera segundo a vontade**
23 **deles...* e olha pessoal... *Deus tá procurando esse tipo de pessoa...* esse são **os verdadeiros***
24 ***adoradores de Deus...** ficar dizendo – “e aleluia... aleluia” e passa a noite toda chorando...*
25 *no outro dia de manhã a mente ainda tá suja... vê uma pessoa do sexo oposto –“meu Deus!”*
26 *– não dá né? Esse daí é um bobão... é uma bobona... passa a noite toda lá orando...*
27 *passando fome... jejum completo... 24... 48... 72 horas... depois num honra a palavra... pega*
28 *uma coisinha e enfia no bolso... que vergonha... num é isso que é adorar não... **adorar a***
29 ***Deus é entender a palavra e fazer como fez aqui o nosso amigo Jabes...** *orou e Deus só**
30 ***disse sim...** “*eu dei pra ele o que ele pediu... por quê? Porque ele acertou...*” Daniel... por*

1 que que você foi tão privilegiado e o anjo de Deus veio e visitou? “Porque eu **apliquei o**
2 **meu coração a compreender a humilhar-me perante Deus... Deus me deu a vitória**”...
3 faça isso meu irmão... esqueça o que Jesus falou... e quebre a cara a vida toda... e vai
4 quebrar por toda a eternidade... **pegue o que Jesus ensinou...** e você tornar-se-á uma
5 benção... amém?

6

7 *Abertura da oração*

8

9 Olha **Deus abriu seu coração hoje...** Deus quer que agora você ande nessa luz...
10 louvado seja Deus... olha pessoal... nós não estamos trazendo nada místico pra vocês... nós
11 estamos abrindo o coração e você está no **melhor seminário do mundo...** que é o
12 *seminário em que o Espírito Santo é o professor... em que você aprende com Deus... e vai*
13 **fundo**... e querendo que você seja um grande sucesso... em nome de Jesus... curve a cabeça
14 e feche os olhos

15

16 *Oração*

17

18 Pai... eu tenho certeza que aquilo que o Senhor colocou em meu coração... eu dei
19 pra essas pessoas... mexeu com muitas vidas no dia de hoje... pai... não temos mais
20 desculpa... **temos de procurar o entendimento...** *temos de compreender como se faz a sua*
21 **obra... o que é nos é dado em cristo...** e agir nesta luz... e eu te adoro por isso... há muitas
22 pessoa que estão orando em casa... que estão com problemas sérios de saúde... problemas
23 financeiros difícil... e que precisam do seu apoio... **dê meu Deus...** cura... liberta... eu vou
24 usar a autoridade que tens me dado... para abençoar esse povo... em o nome de Jesus... eu
25 paraliso toda a ação do diabo... e eu mando... “Satanás... pega tudo que é seu... dê o fora...
26 pra nunca mais voltar” em nome de Jesus... e você diz: graças a Deus....

27 Fim

28

29

30

1 **Sermão**

2 (...) estejamos sempre acordados nisso...porque Deus não se esqueceu... apesar de
3 ter passado em quatrocentos e tantos anos... ele disse: “eu levantei a minha mão e **jurei a**
4 **Abraão... fiz uma aliança...** com ele... e ele vai se lembrar sempre da **aliança que ele fez**
5 **conosco...** porque *nós somos beneficiários das bênçãos que ele deu a Abraão...* então...
6 fiquemos acordados... sempre... porque o inimigo vai fazer de tudo... pra que nós
7 **abaixemos a mão... esqueçamos da aliança...** e aí *isso é o nosso prejuízo...* aqui no cap. 5
8 de Reis... nós temos a história do general Naamã... que era comandante-em-chefe dos
9 exércitos da Síria... indo a **Samaria... Israel naquela época...** vencido o rei de Israel... em
10 que ele trouxe pra ficar com ele uma menina... novinha... pra ficar com a sua esposa... e
11 essa menina apesar de estar ali com o Naamã não ficou irada... vendo a **tristeza que estava**
12 **no lar...** porque o *Naamã descobriu que era leproso...* e lepra não tinha cura naquela
13 época... ela foi uma missionária de Deus e ela disse: “Oxalá que meu Senhor estivesse em
14 Samaria... diante do homem de Deus... e esse o restauraria de sua lepra...” ele não era uma
15 daquelas pessoas bobas... que dizem : “eu não vou crer mais em Deus... de que que
16 adiantou eu estar debaixo do ministério do profeta Eliseu... vendo ele ser tanto usado por
17 Deus... se eu fui pega... **presa...** e *trazida cativa pra aqui... e agora eu sou uma empregada*
18 *doméstica... uma escrava da mulher de Naamã...* então eu não vou crer mais em Deus...
19 porque que ele deixou fazer *essa maldade?*... eu estou aqui agora sentindo saudade de meus
20 pais de meus irmãos... da minha gente... numa terra distante... de crença diferente... e mais
21 humilhada agora como escrava...”... não... ela **foi uma missionária... plantou a semente...** a
22 mulher de Naamã falou com Naamã... o Naamã se convenceu que era verdade... falou com
23 o rei de Israel... o rei de Israel falou com o rei da Síria... o rei da Síria faz cartas ao rei de
24 Israel... dizendo que quando chegasse Naamã a ele ... ele deveria curá-lo da lepra ... o rei da
25 Síria estava como superior ali naquela época... o rei de Israel rasgou as suas vestes... “ele tá
26 de brincadeira... sou eu algum Deus? Sou um Deus pra fazer isso? Porque que ele tá
27 procurando uma ocasião contra mim?” ... o Eliseu disse: “calma... manda o homem vir a
28 mim e toda a terra saberá que há Deus em Israel... Mas porque que esse Deus não protegeu
29 a nação da invasão do sírios?... é outro assunto... eles já **estavam em pecado** e *Deus não*
30 *podia mais proteger...* há muitas pessoas que ficam questionando – “mas porque que

1 aconteceu isso se eu sirvo a Deus?” – Se realmente você tivesse servido a Deus... Deus teria
2 cumprido a palavra... se alguma coisa de errado está acontecendo... você tem que abrir os
3 olhos... acordar – “espera aí... eu não estou servindo a Deus como deveria” – quando o
4 general chegou é/ eu to citando pra evitar de ler... porque senão a gente ia passar muito
5 tempo só lendo... quando o general chegou perto da casa do profeta... o profeta mandou-lhe
6 um recado “ diga a Naamã que vá ao rio Jordão... mergulhe sete vezes... e a sua pele se
7 tornará limpa como a de uma criança... ele ficou irado... “**mas pera aí... eu pensava**” *idéia*
8 *pré-concebida* “ que ele viria falar comigo... afinal eu sou o comandante em chefe dos
9 exércitos da Síria... e ele passaria a mão sobre a carne leprosa... invocaria o seu Deus... ele
10 me manda tomar banho? tá de gozação? Quer dizer que a minha doença é sujeira? E manda
11 tomar banho nas águas barrentas do Jordão? Lá em Damasco nós temos os rios Arban e
12 Farfá de águas límpidas... se fosse água eu me banharia lá”... ele só não sabia que não pode
13 ser **águas límpidas...** *racionais...* tem que ter **inspiração...** tem que ter *um ingrediente a*
14 *mais...* e *essas águas barrentas simbolizavam isso..* foi embora... seus ajudantes o
15 convenceram: “general... se ele pedisse alguma coisa impossível o Senhor faria? Faria...
16 então general... coisa simples... mergulhe” ...o homem deixou a ira de lado... mergulhou
17 pela primeira vez... segunda... terceira... quarta... quinta... sexta... tava igual sempre... mas
18 na sétima vez... conforme a palavra do homem de Deus... **a sua carne ficou limpa...** *pura*
19 *como a de uma criança...* o general *ficou muito feliz...* tá aqui no versículo 15... que eu vou
20 mostrar pra você agora: “Então voltou ao homem de Deus... ele e toda a sua comitiva... e
21 veio... e pôs-se diante dele e disse: eis que tenho conhecido... em toda terra... que não há
22 Deus senão em Israel... agora... pois... te peço... que tomes uma benção do teu servo”
23 porém... ele disse: “ vive o Senhor... em cuja presença estou... que a não tomarei... e estou
24 como ele para que a tomasse... mas ele recusou”.. o Eliseu... ele **tinha noção da missão**
25 **dele..** *isso é uma coisa muito séria que cada um de nós deve ter...* ele sabia que ele estava
26 ali representando a Deus... o general se daria por satisfeito se o Eliseu recebesse um
27 presente... mas **a obra de Deus não precisa de presentes...** a obra de Deus *ela precisa*
28 *transformar vidas...* ele estava feliz... chegou a declarar que em nenhuma terra havia Deus
29 como Israel... e era tudo... daria o presente e **abandonaria o Deus** que o curou e *voltaria a*
30 *sua velha vida...* qualquer pessoa numa hora dessa aceitaria... é triste saber que às vezes um

1 pregador é usado pra salvar a mulher do empresário ou o próprio empresário... ou o filho do
2 empresário... e esse fica tão feliz que resolve **presentear** o pregador com **um carro... ou**
3 **com cargo** pra algum de seus familiares... e ele vai e **aceita... recebeu a glória que pertence**
4 **ao Senhor...** “Deus disse: eu sou o Senhor e esse é o meu nome... a minha glória pois a
5 outro eu não darei”() quem fez a obra é o Senhor Deus... *o louvor* tem que ser pra ele...
6 coitada da pessoa que age de maneira errada... o homem tinha muitos **dotes** pra dar...
7 muitos *presentes*... insistiu com o profeta... ele disse “não... não... vive o Senhor em cuja
8 presença ando... quando **nós andamos na presença de Deus...** *não nos falta absolutamente*
9 *nada... nós não precisamos ficar com os olhos abertos* – “não... mas... eu vou conseguir
10 mais” – se Deus quiser que nós tenhamos mais... ele dará... nós não podemos fazer
11 negócios com **a fé... com o pagamento que uma pessoa quer dar** porque foi livre **de uma**
12 **praga... livre de uma tentação... de uma consciência que acusa...** o nosso propósito é levar
13 as pessoas à Deus... o Eliseu sabia... Deus disse: “daí de graça o que de graça receberdes”...
14 não tem condição de a gente aceitar... nenhum **bem...** nenhum *pagamento*... a não ser **a**
15 **oferta que a pessoa faz a Deus da própria vida...** que *é importante*... o Eliseu recusou... e
16 veja o que isso provocou em Naamã... versículo dezessete: “ e disse Naamã: “seja assim”
17 então permita... “contudo... dê-se a este teu servo uma carga de terra e um jugo de mulas...
18 porque nunca mais oferecerá este teu servo holocaustos nem sacrifícios... a outros Deuses
19 senão o Senhor”... **se ele tivesse pego o presente** o Naamã diria que ele era como um
20 **curandeiro...** que *troca qualquer coisa por uma garrafada*... por uma prece... Eliseu
21 colocou a coisa e agora o Naamã o trata com respeito.. e disse... “deixa eu levar a carga de
22 uma mula de terra daqui?... para que eu coloque lá... e ofereça qualquer sacrifício nessa
23 terra abençoada... e nunca vou oferecer a nenhum outro Deus... a não ser o Senhor” e disse
24 mais: “ nisso perdoe o Senhor a teu servo... quando meu Senhor o rei entra na casa de
25 Rimón para lhe adorar... e ele se encosta na minha mão... o rei... e eu também me tenha de
26 encurvar na casa de Rimón” porque o rei estava ali e tal ... “quando assim me curvar na
27 casa de Rimón... nisso perdoe o Senhor a teu servo; e ele disse: vá em paz... e foi-se dele a
28 uma pequena distância” foi embora... *prejuízo* Eliseu? ((linha 7 em diante)) Não... *lucro*”
29 Eliseu fez... mas Eliseu tinha **um auxiliar** chamado Geazi... que infelizmente essa escola
30 (qual a remissão?) não foi fechada e nunca será... que *era um homem cobiçoso*... que era um

1 *homem avarento... era um homem que não via as coisas como deveria ver... infelizmente há*
2 *ainda **auxiliares** que são *cobiçosos... avarentos... e que deixa outros demônio se pegar a**
3 ***ele**... e ao invés de aprenderem *o exemplo* ((linha 7))... *agem de maneira errada... e vão**
4 *pagar um preço caro... esse **secretário** ((linha4)) do Eliseu não acreditou naquilo que ele*
5 *estava ouvindo... viu que o Naamã estava se (adistando) o Eliseu estava distraído... saiu de*
6 *fininho e correu... e foi correndo atrás... versículo 21: “e foi ao alcance de Naamã... e*
7 *Naamã vendo que corriam atrás dele saltou do carro encontrado e disse-lhe: “vai tudo*
8 *bem?” e ele disse: “tudo vai bem... e o meu Senhor me mandou lhe dizer: “eis que agora*
9 *vieram a mim dois jovens filhos dos profetas... da montanha de Efraim... dá-lhes... pois...*
10 *um talento de prata... e duas mudas de vestes”... **mentiu usando o nome de Eliseu... criou***
11 ***uma situação falsa... estava transgredindo a palavra de Deus... ultrapassando o limite... e***
12 *haveria uma punição muito grande... o general ainda não era espiritual pra sentir a coisa...*
13 *verdadeira ou não... e disse Naamã: “sê servido... **tomai dois talentos”.. ele: “não... eu não***
14 ***quero... um só basta”... ainda mostrou honestidade... “e instou com ele” insistiu “ e***
15 *amarrou dois talentos de prata em dois sacos com duas mudas de vestes... e pô-las sobre*
16 *dois dos seus moços... os quais os levaram diante dele... e... chegando ele a altura... tomou-*
17 *os das suas mãos... e os depositou na casa... e despediu aquele homem... e foram... então...*
18 *ele pôs-se diante do seu Senhor... e disse ô Eliseu: de onde vem **Geazi**? E disse “*teu servo**
19 *não foi nem a uma nem a outra parte”.. olha que capacidade... esse Geazi... era *um louco*...*
20 *irmãos... toda peessoa que anda errada... ela é *uma louca*... ela *tem o demônio da**
21 ***mentira**... que *não só mente... faz ela mentir pros outros*... mas pra si mesma... ela se*
22 *convence que aquilo que Deus faz não é real... Geazi sabia que o Eliseu tinha capacidade*
23 *pra ouvir o que o rei da Síria falava a trezentos quilômetros de distância... ele sabia*
24 *que o Eliseu *era de Deus*... e orava... Deus **mandava suprimento**... *fazia azeite**
25 **multiplicar*... o homem era do espírito de Deus... e diz na cara do homem de Deus: “teu*
26 *servo não foi a nenhuma parte”... a **pior coisa que um homem pode fazer** não é quando*
27 *ele erra... adultera... mente... rouba... **é quando ele mente**... *ele viola a coisa mais sagrada**
28 **que existe*... que é **a verdade**... a **peessoa que mente**... ela é *louca*... ela *fica depois tentando**
29 **encobrir as coisas*... a melhor coisa é **falar a verdade**... *não tem coisa mais bonita nesse**
30 **mundo*... mesmo que a pessoa errou... “você fez? Fiz... eu ainda não to nem consciente do*

1 arrependimento... mas num posso mentir... eu fiz... tem hora até que você olha pra Deus
2 “me dá um arrependimento...que num tou sentindo” ...mas mentir é a pior coisa... *o homem*
3 *de Deus... **Eliseu... andava na presença do Senhor**...* Geazi viu ele mandar um se banhar
4 sete vezes no **Jordão**... e o Geazi devia ter se banhado muitas vezes... e que não tinha
5 virtude alguma *aquele rio... é como qualquer outro rio desse mundo...* mas *ali era a*
6 *palavra de Deus... naquele momento era especial... **quando a palavra de Deus vem...***
7 *numa coisa corriqueira...* você pode fazer... porque *ali está a presença de Deus..* viu o
8 Eliseu *recusar os presentes* ((linha 11))... o Naamã se dobrar... *tomar uma decisão... sair*
9 *convertido dali...* “*não vou mais servir a nenhum Deus... só o Deus de Israel... vou levar*
10 *dessa terra... porque em cima dessa terra que eu vou oferecer meus sacrifícios*”... e o **Geazi**
11 **ficou cego... surdo e mudo que nem um idiota...** podia ter dito assim na hora : “profeta...
12 acabei de errar... o Senhor não sabe **o que que o diabo fez e mim**... me dê uma sugestão...
13 *aceitei... fui atrás desse Naamã... **criei uma situação...** menti... usei o teu nome... e tinha*
14 *um talento de prata e ele me deu dois... eu até nem queria... insisti... mas ele fez questão...*
15 *peguei duas vestes... tão ali na casa... sou miserável... faça de mim o que o Senhor quiser...*
16 *não... **mentiu** ainda: “*teu servo não foi a parte alguma*”... violou **o que mais sagrado existe**
17 *que é a verdade* – “missionário... se eu cont/ claro que eu fiz... eu vou sofrer”... mas conte..
18 uma vez um pregador... isso é muito forte ((linha 4 a 25)) o que eu vou lhe falar... (pastor)
19 de uma outra igreja me procurou... muitos anos já... “o Senhor pode me ajudar?”... “abra o
20 coração”... “eu estou **com úlcera**... *tou morrendo... não tem mais esperança*”... “que que
21 você fez?”... “a minha igreja tava **comprando um prédio**... eu *tava negociando*”... e
22 naquele tempo da inflação alta se pagava em dólar... em cruzeiro... mas se fazia o cálculo
23 na hora de pagar... em dólar... “eram cem mil dólares... era muito mais... **lutei... consegui**
24 **os cem mil**... *a igreja mandou... na minha conta...* na hora de ir pro cartório eu disse pro
25 corretor “me dê uma inspiração de ()... olha se você não conseguir um desconto aí não vou
26 pagar isso não... o dinheiro tá aí... mas não vou pagar isso não”... o corretor disse “olha... eu
27 posso criar **uma situação com o dono**... e nós **dividimos**?” Ele chegou e disse: “olha... o
28 homem *aceitou noventa e dois mil... quatro mil pra mim... quatro pra você*”... o homem
29 tremia... ele “missionário... eu aceitei... paguei noventa e dois... dei quatro pro homem...
30 quatro comprei um carro pra minha mulher... **cabou a minha paz**..... *não fico mais na**

1 *presença de Deus... não tenho mais mensagem... estou com úlcera... estou morrendo... me*
2 *ajude”... vou chamá-lo José... eu falei “José... você quer se acertar?” “quero”... “procure o*
3 *seu líder... conte pra ele exatamente o que aconteceu... “ e se ele me colocar na polícia?”...*
4 *“é onde você tem que ir... você foi desonesto... **se ele não colocar...** já *teve lucro...* agora...*
5 *antes de falar com ele venda o carro... apure quatro mil dólares chega lá e entrega...*
6 *primeira coisa... não tente **bancar o malandro** não... não chegue *esperando que ele vai lhe**
7 **perdoar.. pelo menos se você for até condenado... você vai ficar lá sabendo que você num**
8 *foi pro inferno... a lei dos homens é uma coisa... a de Deus é outra”.. ele vendeu... chegou lá*
9 *com os quatro mil... contou toda a história... o líder o perdoou... e eu ganhei um amigo...*
10 *voltou a **ser pregador...** *a ser usado por Deus... é uma bênção...* olha... eu to falando isso*
11 *pra você **abrir o seu coração...** pra você *num recusar o convite...* não deixe o demônio*
12 *tomar a sua alma... Geazi deixou... você tem lindos **testemunhos...** *tem uma nuvem de**
13 **testemunhos...* a gente tem sido aqui **sincero... honesto... pregando a palavra a você...***
14 **Deus tem falado no seu coração.. não seja infiel ao seu marido... não seja infiel à sua**
15 *esposa... *isso é armadilha do Satanás...* **aquela bonitinha... aquele charmoso... é tudo***
16 **conversa fiada... aquilo é um fedorento... é um horrível... é um catingudo... é uma**
17 **catiguda... que vai acabar com a sua vida...* **não entre nessa...** *não meta a mão naquilo**
18 ***que não é seu...** não seja desonesto... *não aja fora da palavra de Deus...* seja uma pessoa*
19 *completamente comprometida com a palavra... o dia que você levantou a mão e falou –*
20 *“pai... eu aceito Jesus como meu salvador”... Deus num deu só pra você a salvação*
21 *também não... Deus levantou as mãos deles lá no céu e disse: “**todas as bênçãos que eu***
22 ***prometi a Abraão pertencem a você”...** *isso é Gálatas... 3... 14...* Deus **não se esquece***
23 *daquele dia... Deus *tem aquele ato seu e dele vivo...* quatrocentos e poucos anos se*
24 *passaram e disse a Moisés: “eu vou plantar Israel na terra... porque um dia eu levantei*
25 *minha mão a Abraão”... uma dia ele levantou a mão pra você... e a mão dele tá dizendo:*
26 *“você se crê no meu filho Jesus será salvo você e a sua família”... o diabo não quer isso... o*
27 *diabo quer tirar você de Jesus... sua família de Jesus... pra vocês **nunca verem a luz...** e*
28 **passarem a eternidade toda **no inferno...** em sofrimento... mostra uma pessoa simpática...**
29 **um bonito... um atraente... um ganho fácil... não entre nessa coisa...* diga: “eu não quero...*
30 *eu não preciso.. eu vou servir a Deus...” Geazi... de onde você vem?... Teu servo não foi a*

1 parte alguma...” foi Geazi... Geazi... você é mentiroso... **acorda**... *você tem uma*
2 *oportunidade*... meu irmão... minha irmã... Deus tá lhe dando a oportunidade hoje...
3 **confesse** o seu erro... *não segure*... está escrito na palavra: “**Aquele que encobre a sua**
4 **transgressão jamais prosperará**”... jamais... *mesmo que ele chore... que ele jejue*... ele
5 sabe que ele errou... ela sabe que ela errou... tem que confessar o erro... “de onde você vem
6 Geazi? Teu servo não foi a parte alguma”.. que isso?... veja o que o Eliseu disse pra ele...
7 versículo 15: “então ele pôs-se diante de seu Senhor... o Eliseu: de onde vem Geazi? Teu
8 servo não foi nem a uma nem a outra parte.. porém... ele lhe disse: “porventura... **não foi**
9 **contigo o meu coração?** Quando aquele homem voltou de sobre o seu carro a encontraste?
10 Era isso ocasião para tomares prata... e para tomares veste... e olivais... e vinhas... e
11 ovelhas... e servos e servas?” por que Geazi? Você ficou louco?... cristão você ficou louco?
12 Você não é para **o espírito do adultério**... isso vai acabar com você... cristã... *acorda*... *isso*
13 *é sua derrota*... sê fiel até a morte e dar-te-ei a **coroa da vida**... Geazi... continue fiel...
14 porque Geazi? Prata... veste... alimento... servo... serva... pra que serve isso?... veja a
15 sentença agora... “portanto **a lepra de Naamã se apegará a ti a e tua semente** para sempre...
16 então saiu de diante dele **leproso**... *branco como a neve*... podia ter continuado um homem
17 de Deus... **Eliseu foi servo de Elias ... recebeu posição dobrada**... Geazi poderia ter
18 **recebido também posição dobrada**... podia ter *continuado aquele ministério* porque nós
19 somos limitados no tempo... chegou o dia de Eliseu partir Deus num deixo/ Elias não
20 deixou ele partir... chegaria o dia de Eliseu partir Deus não deixaria Eliseu partir pra
21 sempre... todos nós temos um tempo pra fazer... vamos partir como outros partiram... **ele**
22 **seria uma bênção**... poderia *ter recebido posição pela metade*... já *seria igual a de*
23 *Elias*...quem sabe o dobro de Eliseu... quem sabe outra maior medida... não... saiu leproso...
24 porque... porque era **mentiroso**... era *filho do maligno*... ele e a **família** dele... tu e a tua
25 *descendência*... que tristeza... **os céus podem escrever**... houve um homem... uma mulher
26 chamado fulano ou fulana... que **foi uma bênção** que abençoou fulano... fulana e fulano..
27 mas pode escrever aí... houve fulano... houve **fulana que foi uma maldição**... e que *trouxe*
28 *maldição* para todos os seus... o que é que Deus tá nos dizendo aqui hoje? **Mantenha-se**
29 **fiel à palavra**... **não saia da palavra**... não *deixe o inimigo enganar* vocês... *isso é tentação*
30 *do maligno*... **tentação deve ficar bem distante do povo que é de Deus**... quer ser *uma*

1 *pessoa bem sucedida?*... Paulo disse “eu combati o bom combate”... o **nosso combate** é
2 bom... ainda que às *vezes nos trazem lágrimas... dores... renúncia* todo dia tem que ter... a
3 cada dia... tem que tomar *a missão*... com a mão levantada... Satanás sabe que não pode
4 tocar em mim... tocar nos meus... não pode tocar em vocês... não deixe **Deus frustrar-se**
5 **com você**... não deixe *Deus ficar arrasado com sua decisão*... tome a posição... eu queria
6 que todo mundo levantasse agora... não vou dividir o povo não... você que assiste em
7 qualquer lugar... é a mesma coisa... aqui tem pessoas que hoje estão em adultério... vícios...
8 Deus está lhe dando a oportunidade... Deus está com as mãos levantadas lá no céu...
9 esperando a sua se levantar.. faça um pacto com Deus hoje... levante a mão... a sua mão
10 direita... e diga: “Deus... eu levanto a minha mão a partir de hoje... eu quero aproveitar a
11 oportunidade que o Senhor me dá... eu confesso... Senhor Jesus... é o Senhor da minha
12 vida...é o meu salvador... eu te peço... perdoa-me das **minhas fraquezas**... dos *meus*
13 *erros*... muda a minha vida... completamente... Senhor Jesus... eu te recebo... com meu
14 Senhor e o meu salvador”... deixa o missionário orar

15

16 ((Neste culto não há nenhum dos momentos de vídeos e a oração entra logo após o
17 sermão))

18

19 **Oração**

20

21 ... pai... **aquelas que não eram salvas**... que *hoje tomaram a decisão*... elas *são*
22 *salvas a partir de agora*... aquelas que eram... que estavam no pecado... e desonestidade e
23 de mentira de adultério... de qualquer outro erro... **perdoa** pai... escreva o nome dessas
24 pessoa no livro da vida... *mude completamente essas pessoas*... **transforma**... *dê* pra elas ó
25 Deus *uma vida diferente*... como ministro da tua palavra... eu declaro... que todos que
26 tomaram a decisão estão na nova aliança... a partir de agora são herdeiras de Deus... co-
27 herdeiras com o Senhor Jesus... estão perdoadas e transformadas muito obrigado pai em
28 nome de Jesus...

29

Fim